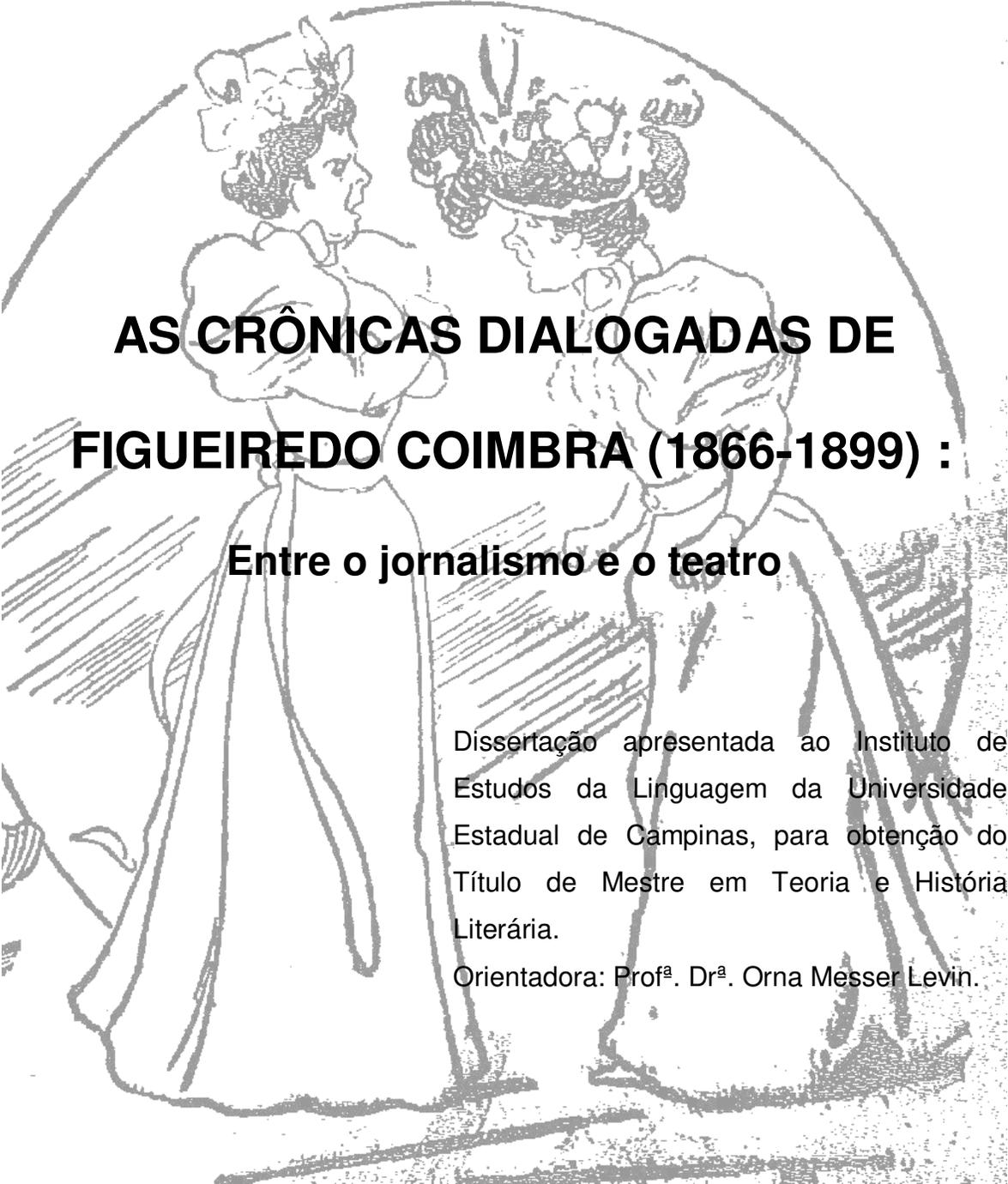


**MARCELA FERREIRA**



**AS CRÔNICAS DIALOGADAS DE  
FIGUEIREDO COIMBRA (1866-1899) :**

**Entre o jornalismo e o teatro**

Dissertação apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do Título de Mestre em Teoria e História Literária.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Orna Messer Levin.

**CAMPINAS**

**2009**

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL - Unicamp**

F413c	Ferreira, Marcela. As crônicas dialogadas de Figueiredo Coimbra (1866-1899) : entre o jornalismo e o teatro / Marcela Ferreira. -- Campinas, SP : [s.n.], 2009.  Orientador : Orna Messer Levin. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.  1. Coimbra, Figueiredo, 1866-1899. 2. Diálogos. 3. Crônicas. 4. Jornalismo. 5. Teatro. I. Levin, Orna Messer. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.
-------	---

tjj/iel

Título em inglês: The dialogued chronicles of Figueiredo Coimbra (1866-1899): between journalism and theater.

Palavras-chaves em inglês (Keywords): Figueiredo Coimbra; Diálogos; Chronicle; Journalism; Theater.

Área de concentração: Teoria e Crítica Literária.

Titulação: Mestre em Teoria e História Literária.

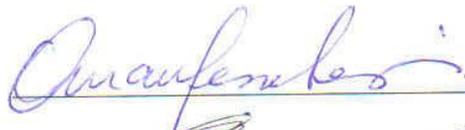
Banca examinadora: Profa. Dra. Orna Messer Levin (orientadora), Prof. Dr. Jefferson Cano, Prof. Dr. Álvaro Santos Simões Junior, Prof. Dr. Antonio Arnoni Prado (suplente), Prof. Dr. Leonardo Affonso de Miranda Pereira (suplente).

Data da defesa: 03/07/2009.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária.

**BANCA EXAMINADORA:**

Orna Messer Levin



Jefferson Cano



Álvaro Santos Simões Júnior



Antonio Arnoni Prado



Leonardo Affonso de Miranda Pereira



**IEL/UNICAMP  
2009**

*A minha mãe Luzeni, pelo apoio incondicional.*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por estar sempre presente na minha vida, me concedendo forças para seguir em frente.

Meus sinceros agradecimentos a minha orientadora Profa. Dra. Orna Messer Levin, por ter me recebido de braços abertos, pela orientação dedicada e sempre pautada na sensibilidade humana, pela leitura atenciosa dos meus textos, pela amizade e pelos importantes ensinamentos, que me possibilitaram crescimento acadêmico e pessoal.

À FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) pelo apoio financeiro, que me permitiu a dedicação exclusiva para pesquisar e escrever essa dissertação.

Ao Prof. Dr. Jefferson Cano e Prof. Dr. Antonio Arnoni Prado pelas valiosas sugestões no exame de qualificação.

Aos Profs. Drs. Jefferson Cano, Alvaro Santos Simões Junior, Antonio Arnoni Prado e Leonardo Affonso de Miranda Pereira que aceitaram participar da defesa.

Ao Prof. Dr. Alvaro Santos Simões Junior, pela paciência e atenção, pela orientação na Iniciação Científica durante a minha graduação na Unesp de Assis, por acreditar em mim e, por me apresentar o caminho fascinante dos periódicos.

A minha querida mãe Luzeni, o alicerce da minha vida, que sempre me apóia em todos os meus projetos. Obrigada pelo amor e amizade!

Ao meu irmão Danilo, pelo apoio, pelas discussões sobre a vida, pelas “conversas de comadres” em finais de tardes leves e amistosas quando eu estava em Assis.

Ao meu querido Wolney, pelo amor e carinho, por me incentivar constantemente e, pelo companheirismo, mesmo distante alguns quilômetros. Obrigada por existir em minha vida e por me ajudar a vencer esta etapa.

A minha família, em especial aos meus avós paternos e ao Tio Rodney, pelo carinho e pelo incentivo.

À Maria de Fátima do Nascimento, que se tornou minha grande amiga, um agradecimento mais que especial, pelo agradável convívio familiar, pelas discussões, pela paciência em ler meu trabalho, pelos ensinamentos, por me ajudar sempre e sempre e, pelo seu otimismo contagiante.

As minhas amigas do seminário de orientação, Vanessa Cristina Monteiro Tin, Ana Helena Cobra Fernandes, Larissa de Oliveira Neves, Elen de Medeiros, Eliane Prado, Rutzkaya Reis, Elisa Coelho, Júlia Alves Coutinho, Ana Cecília Água de Melo pelo convívio durante esses anos do mestrado.

À Danielle Crepaldi de Carvalho, pelas conversas, pelas colaborações preciosas e pelos “achados” sobre Figueiredo Coimbra.

A todos os meus amigos da Unicamp, em especial, Livia Grotto, Pablo Simpson, Carlos Augusto de Melo, Isadora Eckardt, Cristiana Vieira, Rodrigo Pereira e Danilo de Oliveira Nascimento.

Às amigas que conheci em Campinas, pelo apoio e momentos de alegria, Tia Iza, Alessandra, Luciana, D. Nair e Ivana e, às crianças Carol e Rick.

Aos amigos da graduação na Unesp que sempre me apoiaram, Luciana Medeiros, Juliana Casarotti Ferreira, Rita de Cássia Lamino, Paulo César Borgi Franco, Ana Paula da Silva, Luisa Chu, Maria Izabel Barreiros e Leidiani de Oliveira.

Em Goiás, preciso agradecer à D. Rozeli e Sr. Sebastião, por sempre me acolheram com muito carinho.

Aos funcionários do IEL, que sempre me atenderam com prontidão e um sorriso, Ana, Bel, Loyde, Madalena, Rose, Cláudio e Carlos. Aos funcionários do Arquivo Edgard Leuenroth (AEL/ IFCH/UNICAMP), Mário, Emerson e Izabel, que sempre me atenderam com competência e bom humor. À Marlene e à Bel, do Centro de Apoio à pesquisa (CEDAP – Assis), que me ajudaram no início da pesquisa com os *Diálogos*.

Obrigada a todos, que estiveram de alguma forma presentes nesses anos de pesquisa!

## RESUMO

Essa dissertação procurou mostrar como Figueiredo Coimbra (1866-1899) cria a série humorística *Diálogos*, com características da crônica e do teatro. A coluna foi publicada de julho de 1895 a janeiro de 1899 no periódico carioca *A Notícia*, somando um total de 467 textos. A temática central versa sobre o cotidiano do final do século XIX. Coimbra aproveita a sua experiência como dramaturgo para inserir em suas crônicas as estruturas e convenções que faziam sucesso no teatro. Anexadas à dissertação, encontram-se 133 crônicas anotadas, referente ao ano de 1895, que constituem o *corpus* deste trabalho.

**Palavras chave:** Figueiredo Coimbra, *Diálogos*, crônica, jornalismo, teatro.

## ABSTRACT

This dissertation aims to show how Figueiredo Coimbra (1866-1899) creates his humoristic series *Diálogos* by mixing characteristics of the genres chronicle and theater. This series was published between July-1895 and January-1899 in the Rio de Janeiro's newspaper *A Notícia*, and it reaches a sum of 467 texts. The central theme is the everyday of the end of the nineteenth century. Coimbra uses his experience as a theater writer to insert in his chronicles the structures and conventions that were successful in the theater. Enclosed to the dissertation, there are 133 chronicles from the year of 1895, which form the *corpus* of this work. These texts accompany explications concerning the themes and the characters discussed on them.

**Key words:** Figueiredo Coimbra, *Diálogos*, chronicle, journalism, theater.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>23</b>
<b>CAPÍTULO 1 – Indícios da vida literária de Figueiredo Coimbra.....</b>	<b>29</b>
<b>CAPÍTULO 2 – Tecendo crônicas: em torno de algumas características da série <i>Diálogos</i> em 1895.....</b>	<b>51</b>
2.1 – Os <i>Diálogos</i> e <i>A Notícia</i> .....	51
2.2 – Aspectos gerais dos <i>Diálogos</i> .....	56
2.3 – <i>Queres um magnífico assunto para um diálogo?</i> – O ponto de partida .....	63
2.4 – Dinamismo na crônica.....	68
2.5 – Narrador e rubrica .....	71
2.6 – Espaço e tempo .....	78
2.7 – Personagens.....	80
2.7.1 – Questão de gênero.....	86
2.8 – A Linguagem humorística.....	90
2.9 – <i>O diálogo está pronto</i> . O ponto de chegada.....	96
<b>CAPÍTULO 3 – A construção híbrida nas crônicas dialogadas.....</b>	<b>97</b>
3.1 – As estruturas consolidadas .....	97
3.2 – A tradição filosófica:o pseudônimo Platão.....	99

3.3 – O diálogo como gênero literário .....	102
3.4 – Aspectos teatrais.....	109
3.5 – Jornalismo e teatro.....	117
<b>Capítulo 4 – Temas e situações dos <i>Diálogos</i> .....</b>	<b>123</b>
4.1 – O colibri brincalhão.....	123
4.2 – Os escritores e a literatura narcótica.....	124
4.3 – <i>Para mim não há como os cavalinhos</i> . O retrato cômico do teatro ....	133
4.4 – <i>Os tempos são maus!</i> Baixos salários e desemprego.....	141
4.5 – Jogos e malandros.....	143
4.6 – <i>Tudo chega neste mundo</i> . A situação dos serviços públicos.....	147
4.7 – <i>Que beijo frio!</i> Relacionamentos Amorosos.....	150
4.8 – <i>Eu cá por mim servi a pátria</i> . A crítica política.....	154
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS – As folhas tiradas da correnteza .....</b>	<b>165</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>169</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>181</b>
Crônica 1 - 23 de julho de 1895 .....	183
Crônica 2 - 24 de julho de 1895 .....	185
Crônica 3 - 25 de julho de 1895 .....	187
Crônica 4 - 26 de julho de 1895 .....	188
Crônica 5 - 27 de julho de 1895 .....	190
Crônica 6 - 29 de julho de 1895 .....	192
Crônica 7 - 31 de julho de 1895 .....	193
Crônica 8 - 1 de agosto de 1895 .....	195
Crônica 9 - 2 de agosto de 1895 .....	197

Crônica 10 - 3 de agosto de 1895 .....	199
Crônica 11 – 5 de agosto de 1895 .....	200
Crônica 12 – 6 de agosto de 1895 .....	201
Crônica 13 – 7 de agosto de 1895 .....	203
Crônica 14 – 8 de agosto de 1895 .....	205
Crônica 15 – 9 de agosto de 1895 .....	207
Crônica 16 – 10 de agosto de 1895 .....	209
Crônica 17 - 12 de agosto de 1895 .....	211
Crônica 18 - 13 de agosto de 1895 .....	213
Crônica 19 - 14 de agosto de 1895 .....	215
Crônica 20 - 15 de agosto de 1895 .....	217
Crônica 21 - 16 de agosto de 1895 .....	219
Crônica 22 - 17 de agosto de 1895 .....	221
Crônica 23 - 18 de agosto de 1895 .....	223
Crônica 24- 19 de agosto de 1895 .....	225
Crônica 25 - 20 de agosto de 1895 .....	227
Crônica 26- 21 de agosto de 1895 .....	229
Crônica 27- 22 de agosto de 1895 .....	231
Crônica 28 - 23 de agosto de 1895 .....	233
Crônica 29- 24 de agosto de 1895 .....	235
Crônica 30 - 26 de agosto de 1895 .....	237
Crônica 31 - 27 de agosto de 1895 .....	239
Crônica 32 - 28 de agosto de 1895 .....	241
Crônica 33 - 29 de agosto de 1895 .....	243
Crônica 34 - 30 de agosto de 1895 .....	245
Crônica 35 - 31 de agosto de 1895 .....	247
Crônica 36 - 2 de setembro de 1895 .....	249
Crônica 37 - 3 de setembro de 1895 .....	251
Crônica 38 - 4 de setembro de 1895 .....	253
Crônica 39 - 5 de setembro de 1895 .....	255

Crônica 40 - 6 de setembro de 1895.....	257
Crônica 41 - 7 de setembro de 1895.....	259
Crônica 42 - 9 de setembro de 1895.....	261
Crônica 43 - 10 de setembro de 1895.....	263
Crônica 44 - 11 de setembro de 1895.....	265
Crônica 45 - 12 de setembro de 1895.....	267
Crônica 46 - 13 de setembro de 1895.....	269
Crônica 47 - 14 de setembro de 1895.....	271
Crônica 48 - 16 de setembro de 1895.....	273
Crônica 49 - 18 de setembro de 1895.....	275
Crônica 50 - 19 de setembro de 1895.....	277
Crônica 51 - 20 de setembro de 1895.....	279
Crônica 52 - 21 de setembro de 1895.....	281
Crônica 53 - 23 de setembro de 1895.....	283
Crônica 54 - 24 de setembro de 1895.....	285
Crônica 55 - 25 de setembro de 1895.....	287
Crônica 56 - 26 de setembro de 1895.....	289
Crônica 57 - 27 de setembro de 1895.....	291
Crônica 58 - 28 de setembro de 1895.....	293
Crônica 59 - 2 de outubro de 1895.....	295
Crônica 60 - 3 de outubro de 1895.....	297
Crônica 61 - 4 de outubro de 1895.....	299
Crônica 62 - 5 de outubro de 1895.....	300
Crônica 63 - 7 de outubro de 1895.....	302
Crônica 64 - 8 de outubro de 1895.....	303
Crônica 65 - 9 de outubro de 1895.....	304
Crônica 66 - 10 de outubro de 1895.....	306
Crônica 67 - 11 de outubro de 1895.....	308
Crônica 68 - 12 de outubro de 1895.....	310
Crônica 69 - 13 de outubro de 1895.....	311

Crônica 70 - 14 de outubro de 1895.....	312
Crônica 71 - 16 de outubro de 1895.....	313
Crônica 72 - 17 de outubro de 1895.....	315
Crônica 73 – 18 de outubro de 1895.....	318
Crônica 74 - 19 de outubro de 1895.....	320
Crônica 75 - 21 de outubro de 1895.....	321
Crônica 76 - 22 de outubro de 1895.....	323
Crônica 77 - 23 de outubro de 1895.....	324
Crônica 78 - 24 de outubro de 1895.....	325
Crônica 79 - 25 de outubro de 1895.....	326
Crônica 80 - 26 de outubro de 1895.....	328
Crônica 81 - 28 de outubro de 1895.....	329
Crônica 82 - 29 de outubro de 1895.....	331
Crônica 83 - 30 de outubro de 1895.....	332
Crônica 84 - 31 de outubro de 1895.....	334
Crônica 85 - 1 de novembro de 1895.....	335
Crônica 86 - 2 de novembro de 1895.....	337
Crônica 87 - 4 de novembro de 1895.....	338
Crônica 88 - 5 de novembro de 1895.....	339
Crônica 89 - 6 de novembro de 1895.....	341
Crônica 90 - 7 de novembro de 1895.....	342
Crônica 91 - 8 de novembro de 1895.....	343
Crônica 92 - 9 de novembro de 1895.....	345
Crônica 93 - 12 de novembro de 1895.....	347
Crônica 94 - 13 de novembro de 1895.....	349
Crônica 95 - 14 de novembro de 1895.....	350
Crônica 96 - 15 de novembro de 1895.....	352
Crônica 97 - 16 de novembro de 1895.....	354
Crônica 98 - 18 de novembro de 1895.....	356
Crônica 99 - 19 de novembro de 1895.....	357

Crônica 100 - 20 de novembro de 1895.....	358
Crônica 101- 21 de novembro de 1895.....	359
Crônica 102 - 22 de novembro de 1895.....	361
Crônica 103 - 23 de novembro de 1895.....	363
Crônica 104 - 25 de novembro de 1895.....	364
Crônica 105 - 26 de novembro de 1895.....	365
Crônica 106 - 27 de novembro de 1895.....	367
Crônica 107 - 28 de novembro de 1895.....	369
Crônica 108 - 29 de novembro de 1895.....	370
Crônica 109 - 30 de novembro de 1895.....	371
Crônica 110 - 2 de dezembro de 1895.....	373
Crônica 111 - 3 de dezembro de 1895.....	374
Crônica 112 - 4 de dezembro de 1895.....	375
Crônica 113 - 5 de dezembro de 1895.....	377
Crônica 114 - 6 de dezembro de 1895.....	378
Crônica 115 - 7 de dezembro de 1895.....	380
Crônica 116 - 9 de dezembro de 1895.....	382
Crônica 117 -10 de dezembro de 1895.....	384
Crônica 118 - 12 de dezembro de 1895.....	386
Crônica 119 - 13 de dezembro de 1895.....	388
Crônica 120 - 14 de dezembro de 1895.....	390
Crônica 121 - 16 de dezembro de 1895.....	391
Crônica 122 - 17 de dezembro de 1895.....	393
Crônica 123 - 18 de dezembro de 1895.....	395
Crônica 124 - 19 de dezembro de 1895.....	397
Crônica 125 - 21 de dezembro de 1895.....	398
Crônica 126 - 23 de dezembro de 1895.....	400
Crônica 127 - 24 de dezembro de 1895.....	402
Crônica 128 - 25 de dezembro de 1895.....	404
Crônica 129 - 26 de dezembro de 1895.....	406

Crônica 130 - 27 de dezembro de 1895.....	408
Crônica 131 - 28 de dezembro de 1895.....	409
Crônica 132 - 30 de dezembro de 1895.....	411
Crônica 133 - 31 de dezembro de 1895.....	413

## INTRODUÇÃO

No final do século XIX, a composição dos jornais brasileiros consistia de um caderno único composto de quatro até seis páginas impressas, contendo cada uma de seis a dez colunas. O espaço do rodapé ficava reservado aos folhetins e, nas últimas páginas dos diários, localizavam-se os anúncios. A maioria dos textos era publicada sem títulos no cabeçalho e sem a assinatura do redator. Tais características observam-se na estrutura de praticamente todos jornais diários que circulavam no Rio de Janeiro na época em que Figueiredo Coimbra criou suas crônicas.

A partir desse modelo de composição interna do jornal, percebe-se que algumas formas textuais se mostravam visualmente mais atraentes do que outras, chamando a atenção dos leitores. Esse é o caso das crônicas em forma de diálogo, que sobressaem nas páginas do diário, principalmente, por diferirem das notícias e dos textos em prosa.

Na última década do século XIX, é comum a presença de textos em forma de diálogo na imprensa. Tal presença despertou o interesse pela pesquisa que motivou a Iniciação Científica (IC) sobre a coluna *Diálogos* de Figueiredo Coimbra, executada na Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, com a orientação do Prof. Dr. Álvaro Santos Simões Júnior, e financiada pelo programa de bolsas UNESP/PIBIC/Reitoria, e, posteriormente, pelo CNPq. Observando o jornal *A Notícia* (Figura 1), constata-se como a coluna *Diálogos* se destacava das outras publicações do jornal.

O projeto de IC intitulou-se “A representação do cotidiano carioca nos *Diálogos* (1895-1899) de Figueiredo Coimbra (1866-1899)”. Propunha a leitura de toda a coluna e a seleção de textos que apresentassem construção bem realizada de personagens, articulação eficiente dos diálogos e soluções formais criativas para a representação do cotidiano carioca.



Com a leitura de *A Notícia*, realizada por meio da consulta aos microfilmes depositados no Centro de Apoio à Pesquisa (CEDAP), descobriu-se que a coluna *Diálogos* foi publicada de 23 de julho de 1895 a 20 de janeiro de 1899. O levantamento inicial dessa série revelou a quantidade de textos publicados pelo cronista a cada ano, conforme a tabela 1:

Tabela 1 – Quantidade de textos publicados.

<b>ANO</b>	<b>Nº DE TEXTOS</b>
1895	134
1896	225
1897	86
1898	18
1899	4
<b>TOTAL</b>	<b>467</b>

Dos 467 textos localizados, foram escolhidos 116 como sendo os mais representativos da coluna. A partir desses, organizou-se uma antologia que integrou a monografia entregue como relatório final da pesquisa de Iniciação Científica na UNESP/Assis.

O primeiro contato com a coluna de Coimbra fez ver que os *Diálogos* formavam uma compilação de humor, dramaticidade e de representações do cotidiano carioca bastante original e desconhecida dos leitores de hoje. Ao mesmo tempo, constatou-se que o autor usava recursos da crônica e do teatro de revista na composição de sua coluna. Dessas averiguações nasceu o projeto de mestrado, intitulado “A fusão de gêneros literários na coluna ‘Diálogos’ (1895-

1899) de Figueiredo Coimbra (1866-1899)”, desenvolvido sob a orientação da Profa. Dra. Orna Messer Levin, com o financiamento da FAPESP.

Os objetivos do projeto eram estudar a proposta criativa de Coimbra para sua coluna *Diálogos*, enfocando, principalmente, a forma dos textos, além de divulgar textos interessantes e inéditos. Num primeiro momento, a antologia, resultado da pesquisa na Graduação, compôs o *corpus* do projeto. Com o desenvolvimento do trabalho, contudo, optou-se por analisar apenas os textos publicados no ano de 1895, o primeiro da série, totalizando um conjunto de 134 *Diálogos*. Foram compilados mais 91<sup>1</sup> textos, que passaram a compor o *corpus* definitivo do Mestrado<sup>2</sup>, disponível no anexo.

Com essa ampliação, foi possível delimitar uma quantidade de crônicas para análise e fazer um levantamento dos fatos cotidianos trabalhados nas crônicas de Figueiredo Coimbra, a fim de inserir notas esclarecedoras das circunstâncias que as motivaram. O levantamento foi feito por meio da leitura das páginas d’*A Notícia*, de julho a dezembro de 1895, com o intuito de recolher informações e notícias sobre os fatos tratados nas crônicas. Foram consultados ainda *O País* e a *Revista Ilustrada*, dentre outros periódicos, aos quais a coluna faz referência constantemente. As informações recolhidas em tais veículos da imprensa encontram-se nas notas de rodapé que acompanham os *Diálogos*.

A análise dos textos de 1895 possibilitou um avanço considerável na compreensão dos escritos de Coimbra e levou a um questionamento sobre o processo criativo das crônicas, além de auxiliar na reconstituição da trajetória literária do autor, um nome praticamente apagado da nossa memória cultural.

Para tentar solucionar dúvidas a respeito da vida do escritor, foram realizadas consultas e pesquisas junto ao Arquivo Edgard Leuenroth, da Unicamp, em especial nos seguintes jornais: *O Mequetrefe*, *O Delormista*, *O Centenário*, *Gazeta da Tarde*, *Diário do Comércio*, *A Imprensa*, *O País*, *Novidades*, *Diário de Notícias*, *Gazeta de Notícias* e a *Revista Ilustrada*, publicações que datam dos

---

<sup>1</sup> Falta o texto do dia 11 de novembro que está totalmente ilegível no jornal.

<sup>2</sup> Para a antologia da IC, foram escolhidos 43 textos do ano de 1895.

anos 1886 a 1900. Além disso, a historiografia do período forneceu informações relevantes sobre Figueiredo Coimbra. Todo esse levantamento bibliográfico e de fontes primárias deu origem ao primeiro capítulo da dissertação, em que procuro revelar alguns indícios da vida literária de Figueiredo Coimbra. Indícios, porque não dispomos de dados comprobatórios, que permitam traçar uma biografia do escritor. Nem seria a intenção, na medida em que interessa desvendar, sobretudo, a inserção do cronista na vida cultural e literária da época.

O segundo capítulo tenta fazer uma exposição das principais características detectadas no processo de criação da série *Diálogos*. Primeiramente, abordo a relação entre a série e *A Notícia*, para identificar os rumos norteadores das produções do periódico e, por conseguinte, da série. Em seguida, há a explanação sobre as principais características que circundam os textos. Depois, tratar-se-á especificamente de cada elemento constituinte da crônica em si, desde o ponto de partida, ou da situação desencadeadora do diálogo, passando pelo dinamismo da crônica e por considerações sobre espaço, tempo, narrador, personagens e a linguagem humorística.

No terceiro capítulo, intitulado “A construção híbrida nas crônicas dialogadas”, apresento as estruturas consolidadas nos *Diálogos*, além de algumas considerações sobre o uso do pseudônimo “Platão” no início da série. Ainda destaco alguns aspectos do diálogo como gênero literário, na perspectiva dos manuais didáticos do século XIX, para demonstrar como o gênero era descrito no período. Nesse capítulo tento esclarecer algumas características do teatro usados nas crônicas e, por fim, mostrar como o jornalismo e o teatro estão imbricados nos *Diálogos*.

No quarto capítulo descrevo alguns temas e situações presentes nas crônicas de Figueiredo Coimbra, que representam a vida cotidiana no Brasil do final do século XIX, a saber: a literatura, o teatro, a situação dos empregados e desempregados, dos serviços públicos e da jogatina. Além da crítica política, exercida nas crônicas.

Os *Diálogos* de Figueiredo Coimbra, publicados n'A *Notícia*, só agora estão sendo estudados. Artur Azevedo já havia profetizado que somente o futuro permitiria que esses textos fossem resgatados: "Mas – quem sabe? – quando o futuro fizer o espólio da atual sociedade brasileira, em que o homem de letras é considerado fração mínima, talvez se resolva a exumar dos arquivos a prosa honesta de Figueiredo Coimbra." (AZEVEDO, 1899, p. 1).

## CAPÍTULO 1

### INDÍCIOS DA VIDA LITERÁRIA DE FIGUEIREDO COIMBRA

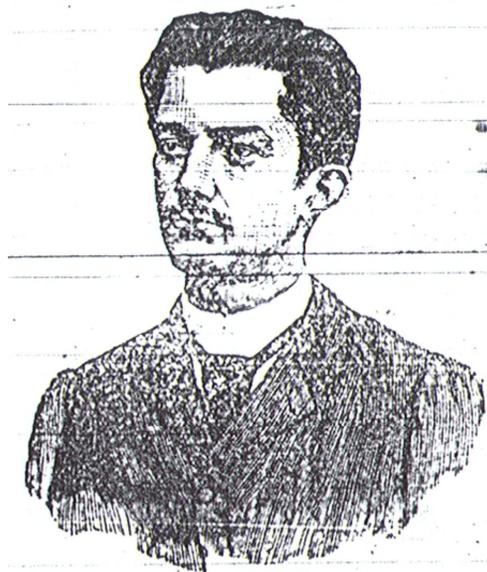
*Quem se lembra de mim?\_Aqui, sozinho,  
Minh'alma em sonhos de pesar se lança...*  
Medeiros e Albuquerque

Nas últimas décadas do século XIX, Figueiredo Coimbra frequentava as rodas literárias e convivia com escritores importantes do período, como Raul Pompéia, Olavo Bilac e Artur Azevedo. Um autêntico boêmio era conhecido no meio literário e sua vida sempre foi dedicada às letras.

Entre os anos de 1882 a 1899, publicou na imprensa poemas, crônicas e artigos; concomitantemente, nos teatros, eram representadas comédias, revistas, traduções e adaptações, sob autoria de Coimbra. Todas as produções foram esquecidas pela crítica, sobretudo pela efemeridade de seus meios de divulgação e pela ausência de uma publicação em livro.

Com efeito, a memória de Coimbra e sua contribuição para a literatura brasileira permaneceram oculta na tradicional história da literatura. Em relação à biografia do autor, restaram apenas algumas informações. Por isso, apresentaremos aqui os indícios da vida literária do autor, extraídos principalmente dos periódicos.

Figueiredo Coimbra, de nome completo Argemiro Gabriel de Figueiredo Coimbra, nasceu a 18 de março de 1866, no Rio de Janeiro. Aos 11 anos, cursou



FIGUEIREDO COIMBRA

Figura 2 – Iconografia por Angelo Agostini.

Fonte: *Revista Ilustrada*, dez. 1894.

o primeiro ano no Colégio Pedro II. Consta no livro de Escragnole Doria (1937) que “na lista dos premiados em 1877, entre outros nomes, lia-se o do 1º anista Argemiro Gabriel de Figueiredo Coimbra” (p. 138). Com o término dos estudos, obteve o título de bacharel em Letras e, conforme a tradição da época, mudou-se para São Paulo, em busca do título de bacharel em Direito.

No dia 20 outubro de 1882, a Comissão de Instrução Pública, dirigida por Rui Barbosa e Ulisses Viana, autorizou a admissão da matrícula de Coimbra e sua submissão ao exame do 1º ano na Faculdade de Direito de São Paulo, mediante a comprovação de ter frequentado as aulas daquele ano (BARBOSA, 1948, p. 151). Nessa época, o jovem estudante já se preocupava com a situação política do país, pois juntamente com Antonio dos Santos Oliveira, Antonio Guery, Arthur Carlos e Francisco Gaspar fundaram, em São Paulo, um periódico mensal de propaganda republicana e abolicionista, intitulado *Noventa e três*, que circulou pela primeira vez no dia 3 de dezembro de 1882 (FREITAS, 1915. p. 280).

Em São Paulo, Coimbra em parceria com Alberto Torres, fundaram *A Tarde*, uma folha republicana e abolicionista “que foi o primeiro vespertino surgido na capital paulista” (LIMA, 1918, p. 10). O jovem escritor fez parte da “plêiade que sustentava o estandarte abolicionista” composta por Luis Gama, Raul Pompéia, Valentim Magalhães, Alberto Torres, Assis Brasil dentre outros (MENNUCCI, 1938, p. 195).

O curso de Direito ficou incompleto; Coimbra voltou ao Rio, em 1884, sem o título. Em contrapartida, compôs uma peça – *A carta anônima* – com a qual estreou no teatro, em agosto de 1884, com menos de 20 anos de idade. Essa primeira peça do autor, considerada sua “obra-prima” [afirmação de Asmodeu (Bilac) em 1897, no periódico *A Bruxa*], era uma comédia em um ato e em verso, encenada no Recreio, com boa aceitação do público e da imprensa. N’*O mequetrefe*, do dia 10 de agosto, há uma nota na seção “Os Theatros” com observações sobre a peça: “[...] a comédia, que é bastante engenhosa, e denota no seu autor uma intuição exata das coisas de teatro, foi muito bem representada pelo Sr. Boldrini, o distintíssimo artista nacionalizado, pelo Sr. Castro e pela Sra.

Lívia” (OS THEATROS..., 1884, p. 7). Dez anos depois, a *Revista Ilustrada* (1894) publicou uma biografia de Coimbra, contendo informações d’*A carta anônima*:

A comédia era *A carta anônima* essa adorável peça literária, que é uma das mais finamente trabalhadas, de mais delicado trabalho artístico de que se pode orgulhar nosso teatro luso-brasileiro. E bem vivo está na memória de todos o alto e raro sucesso com que aquele pequenino ato conseguiu firmar-se no palco do Recreio Dramático por onde estava passando o que havia de melhor na literatura dramática da época. O simpático empresário Dias Braga esfregou as mãos de contente pela felicidade de *lançar* um escritor que tanto prometia (FIGUEIREDO Coimbra..., 1894, p.2).

A comédia representou o primeiro passo para o reconhecimento de Coimbra como dramaturgo. É a partir dela que “passa(ou) em um curto momento, entre duas salvas de palmas, da obscuridade para a grande luz ofuscante da celebridade” (*Ibidem*). Após a representação de sua primeira peça, sabe-se que Coimbra traduziu a comédia *Les petites voisines*, de Hippolyte Raymond e Jules Gastine, em 1886, e, nesse mesmo ano, colaborou no periódico abolicionista *Gazeta da Tarde*, do Rio de Janeiro.

Em 1887, Coimbra já circulava pelas rodas literárias, tanto que, no dia 12 de fevereiro, participou de uma reunião preliminar para fundar, na capital carioca, o Grêmio de Letras e Artes. Conforme Magalhães Júnior (1955):

Estiveram presentes Arthur e Aluisio Azevedo, Coelho Neto, Guimarães Passos, Rodrigo Otávio, *Figueiredo Coimbra*, Alberto Silva, Bernardo de Oliveira, Oscar Rosas, Artur Duarte, Azeredo Coutinho, Cunha Vieira, Coelho Lisbôa, Ciro de Azevedo, Rodolfo Bernardelli, Belmiro de Almeida, Paula Ney e outros, de menor expressão. Fizeram-se representar, entre outros, Machado de Assis, Eduardo Salomonde, Alfredo Gomes, Filinto de Almeida, Valentim Magalhães, Alberto de Oliveira, Alcindo Guanabara, Moraes e Silva e Luís Murat. (p. 298. *grifo nosso*)

Nessa ocasião, os presentes indicaram Machado de Assis como presidente, mas o distinto autor não pôde aceitar o cargo, em função de ter sido escolhido para a diretoria do Clube Beethoven, que, por sua vez, em seus

regimentos, não permitia desempenhar a direção em outras associações (*Ibidem*, p. 299). Sem o prestígio de Machado, e por outros percalços, o Grêmio teve a duração de apenas três meses.

Ainda em 1887, Coimbra iniciou a colaboração nos periódicos *O Mequetrefe*, *Novidades* e *Diário de Notícias*, onde permaneceu até 1894, com publicações esporádicas. N' *O mequetrefe*, de propriedade de Eduardo Joaquim Correa, manteve uma coluna de crônicas intitulada “Espécie de crônica” e o folhetim “A poesia do matrimônio”. No entanto, constantemente, publicava poesias e outros textos. Nesse mesmo ano, assumiu também o cargo de redator do periódico, no lugar de Artur Azevedo. Na redação d' *O mequetrefe*, dirigiu a seção “Teatros”, assinando com o pseudônimo “Thomé da Silva” – em substituição a “Elói, o herói”, pseudônimo de Artur Azevedo.

Provavelmente, Coimbra teria permanecido no cargo por oito meses, pois, a partir de agosto de 1887, não há textos assinados pelo autor ou por seus pseudônimos. A seção “Teatros”, por exemplo, foi publicada sem assinatura. Os textos veiculados no periódico compactuavam com a propaganda republicana e com a abolição da escravatura, portanto, os colaboradores também lutavam por esses ideais. A vida literária de Coimbra revela um autor engajado com as ideologias republicanas veiculadas antes da proclamação da República, e também a frustração com os caminhos tomados pelo novo regime, após 1889.

No círculo dos periódicos republicanos, Coimbra também colaborou, a partir de 1887, no *Novidades*, de propriedade de Sílvio Batista. De 1890 até 1892, período que Coimbra ainda era colaborador, o jornal refletia “com uma variedade extrema o ambiente da subversão literária que iria favorecer o lançamento de *Missal e Broquéis*, de Cruz e Sousa, e a cristalização do movimento simbolista no Brasil” (MURICY, 1987, p. 1267). Além de Coimbra, colaboravam Leôncio Correia, Alberto Torres, Jaime de Séguier, Benevenuto Pereira, B. Lopes, Guimarães Passos, Emiliano Pernetá, Medeiros e Albuquerque e Assis Pacheco, dentre outros (*Ibidem*).

A publicação de uma brincadeira, em 1887, revelou a grande

popularidade do escritor. No dia 4 de março, Marcelino<sup>3</sup>, na coluna “Sombrinhas”, do *Novidades*, propôs uma votação para responder a seguinte pergunta: “Dos nossos escritores qual o mais feio?”. Os votos apurados revelaram um empate entre Figueiredo Coimbra, Olavo Bilac e Carlos de Laet<sup>4</sup>.

A eleição de Marcelino, exposta em seis crônicas da coluna “Sombrinhas”, terminava relatando a possível reação dos escritores eleitos diante do resultado. Dessa forma, no dia 13 de março – segundo relato assinado por Marcelino e Marcelo –, a reação de Coimbra teria sido a seguinte:

O Sr. Figueiredo Coimbra endireitou a gravata, pôs o chapéu à banda com certo ar de brejeirice estudada, armou um sorriso, e viu-se três vezes ao espelho, piscando um olho, movendo graciosamente a cabeça... e depois de tudo isto limitou-se como bom patriota que é, a fazer sinceríssimos votos para que as urnas sempre manifestem a mesma justiça de opiniões e a mesma independência de sufrágio. É que o rapaz bem ouvia o espelho a dizer-lhe:

– Mas, Coimbra, se tu és mesmo tão feio!...(MARCELINO, MARCELO, 1887, p.1)

Deixando as questões estéticas em segundo plano, o “bom patriota” era estimado por seus colegas de profissão e pelo público leitor dos periódicos. Até 1887, não publicou muitos originais, mas foi um colaborador ativo dos jornais, alcançando a aceitação dos literatos e do público; Coimbra tornou-se a promessa de um grande escritor.

Por essa época ainda, publicou crônicas e poesias ao modo parnasiano<sup>5</sup> no periódico *Diário de notícias*, conforme se lê no poema abaixo, publicado no dia 5 de janeiro de 1887:

---

<sup>3</sup> Pseudônimo de Alcindo Guanabara.

<sup>4</sup> Marcelino tentou mudar o resultado fazendo novas votações, mas o empate era sempre mantido, mesmo quando o autor tentava fraudar os resultados. Provavelmente, a intenção do escritor era demonstrar que havia irregularidades nas eleições ocorridas naquele momento.

<sup>5</sup> Simbolista ou parnasiano? Coimbra não se filiou exclusivamente a nenhuma das duas correntes literárias. Ele escrevia poesias parnasianas, mas também colaborava nos periódicos divulgadores da corrente simbolista.

### A estrela

Eu contemplava o céu tranquilamente,  
Quando uma estrela vi sozinha, e ao vê-la  
Ouvi que ela falava. Em tom dolente  
Assim dizia a solitária estrela:

“– Ah! quem me dera a luz resplandecente  
Que, além, nos olhos divisei d’aquela  
A quem tu amas extremosamente!  
Quando eu daria para merecê-la.”

Tu ouviste-a de certo, amor... pois logo,  
A pobre estrela ao teu olhar se inflama  
Com o mais ardente e deslumbrante fogo!

Não se lhe iguala o brilho matutino,  
Nem se compara essa divina chama  
Ao fogo intenso desse olhar divino! (COIMBRA, 1887, p. 1)

Mesmo com tantos trabalhos na imprensa carioca, Figueiredo Coimbra, nesse ínterim, ainda traduziu uma opereta, em parceria com Azeredo Coutinho. Tratava-se de *La Bearnaise*, de André Messager, com libreto de Eugène Leterrier e Albert Vanloo.

O autor foi muito requisitado para tradução, adaptação e arranjos de peças estrangeiras, principalmente pela Companhia Dias Braga, instalada no Teatro Recreio Dramático. Como tradutor, brindou os palcos com zarzuelas, comédias, operetas, *vaudevilles*, dramas e revistas trazidas da França, Espanha e Itália. Dentre os autores estrangeiros traduzidos, figuram os nomes de Fernandez Caballero, Hippolyte Raymond, Reynaldo Hahn, Valabrègue, Albert Carré, Leo Delibes, Offenbach, Delacour, Lambert Thiboust, Xavier de Montepim, Jules Dornay, Emile Jonas, Alexandre Bisson, Armand d’Artois, Victor Roger, Charles Lecocq, dentre outros (GONÇALVES, 1979, p. 215-216). Até 1899, a produção teatral de Coimbra somou mais de 25 peças estrangeiras de diferentes países, traduzidas e adaptadas para os teatros brasileiros.

O sucesso das adaptações pôde ser comprovado por meio da recepção da peça *O Mundo da Lua* – viagem-revista, baseada na revista *Madrid Petit* e

encenada em 25 de setembro de 1894. Por ocasião da representação, ocorreu uma grande ovação, com “flores espalhadas, lindos *bouquets*, valiosos mimos, entusiásticos discursos, abraços efusivos...” (*Revista Ilustrada*, 1894, p.2.).

Em *Música Popular: Teatro & Cinema*, José Ramos Tinhorão (1972) avaliou *O Mundo da Lua*:

Imitação da revista madrilenha *Madrid Petit*, essa peça serve para mostrar até que ponto as revistas antecipavam o gosto da internacionalização, característico da falta de raízes da classe média, marcada pela mobilização social e, portanto, pela ausência de estrutura e caráter: a imitação de Figueiredo Coimbra tomava como modelo uma revista espanhola que, já pelo título *Madrid Petit*, indicava uma preocupação de imitar as revistas francesas. (p.61-62.)

Em relação às revistas francesas, elas eram as preferidas do público e garantiam às companhias exorbitantes lucros. Mesmo com a “depreciação” da crítica, é preciso pensar nas revistas como uma forma de entretenimento e que esse era o principal propósito das representações.

Em geral, as adaptações de Coimbra eram sinônimos de grande sucesso e rentáveis lucros para a companhia – sucesso atestado pelos críticos, principalmente nas seções dos periódicos destinadas à crítica teatral. Encenada no Teatro Recreio Dramático, a comédia *Dr. Josephino Bichard* foi outro exemplo de sucesso de Coimbra como adaptador. Conforme o *Diário do Comércio*, na seção “Palcos e Salões”, de 14 de janeiro de 1889:

[...] Figueiredo Coimbra... transportou para a nossa cena a espirituosa sátira, conservando-lhe toda a verve e adicionando-lhe, talvez, dose sofrível daquele bom humor e fina graça que nós lhe conhecemos.

[...] O público riu-se, riu-se muito, bateu entusiásticas palmas e com toda a justiça chamou repetidas vezes à cena os atores, o tradutor nosso o simpático Figueiredo Coimbra e o feliz empresário. (PALCOS E..., 1889)

Coimbra foi bem-sucedido em sua carreira no teatro, como foi afirmado

na apreciação publicada na *Revista Ilustrada*, em 1894:

A empresa Recreio encarregou-o sucessivamente de imensas traduções, adaptações, arranjos de peças. Outros empresários reclamavam trabalhos seus. E o público quase diariamente começou a assistir nos nossos diversos teatros a peças em que seu nome figurava como uma garantia de bom êxito. (p. 2)

Naquele período, as adaptações e traduções garantiam “lucros mais positivos” (*Revista Ilustrada*, dez. 1894) aos escritores. Talvez por isso, Coimbra, com um vasto trabalho de tradutor, não tenha se dedicado com entusiasmo à sua própria produção teatral, deixando apenas alguns originais<sup>6</sup>.

O ano de 1889 foi extremamente produtivo. Em 25 de janeiro, estreou a afamada peça *O Bendegó*, composta em parceria com Oscar Pederneiras – proprietário do *Diário de Notícias*, no qual Coimbra colaborava –, e cujo enredo focalizava o meteorito caído na Bahia, no rio Bendegó. Nas primeiras representações, os autores permaneceram ocultos, e a imprensa publicou artigos questionando a autoria da revista. Com a revelação do mistério, os jornais parabenizaram os autores. Segundo Paiva (1991):

Além de tomar por base o episódio da queda do famoso meteorito, que continuou a despertar o interesse da população brasileira quase tanto como o faria a passagem do cometa *Halley* em 1910, a revista era ágil, engraçada, bem estruturada e sebastianista, ou seja, a heroína era a cidade, a Dona Sebastiana, pelo seu patrono. (p. 38.)

Dessa famosa revista sobrou apenas para a posteridade, o quadro dos *compères*, que era uma figura indispensável nas revistas daquela época, transcrito em *O teatro de revista no Brasil*, de Roberto Ruiz e, as partituras: “Polca sobre os motivos populares do Bendegó”, “Polca da atualidade para piano de Abdon Milanez” e a “Habanera Nota de 200.000 falsa” encontradas na Biblioteca Nacional. Eis o quadro:

---

<sup>6</sup> Até o momento, não se encontrou nenhuma peça de Coimbra.

Não há revista que quadre  
Sem esse grande elemento;  
A revista sem compadre  
É como um balão sem vento!  
Uma luva sem botão,  
Um livro sem folhas ter!  
É como um braço sem mão,  
Como um cego que quer ver.

Consinta pois, que ora insista,  
É coisa grave e sabida;  
Não ter compadre a revista  
É como um corpo sem vida!  
Assim, pois, para que quadre  
E dos princípios à vista,  
'Dês que se arranje compadre  
'Stá quase pronta a revista!<sup>7</sup>

Para comemorar o sucesso e o recorde de 100 representações da revista *O Bendegó*, criou-se, em 13 de junho de 1889, *O centenário*, como “o jornal comemorativo do centenário da grandiosa revista que maior sucesso alcançou nos teatros do Rio de Janeiro, na opinião unânime da imprensa” (O BENDÉGÓ..., 1889, p.1). O jornal elevou o “extremoso” sucesso da peça, pois era “um grande acontecimento, único nos fastos teatros do Brasil” (*Ibidem*). Até 1889, não houve registro de peças brasileiras que tivessem mais de 100 representações.

Esse jornal foi impresso em quatro páginas: nas três primeiras se encontravam textos de Eugênio Marcondes, Oscar Pederneiras e Figueiredo Coimbra, e outros de autoria desconhecida, assinados pelos pseudônimos Herodes, João Sisudo, G.S., João Tristonho, Um espectador e Trampolim. Eram poemas, comentários e cenas teatrais criados para comemorar o centenário d’*O Bendegó*, e, na última página, publicava-se a propaganda da referida peça. O poema de Coimbra (1889), que carrega no título o nome da revista de ano, era o seguinte:

---

<sup>7</sup> COIMBRA & PEDERNEIRAS. *O Bendegó*. In: RUIZ, Roberto. *O teatro de revista no Brasil: das origens à primeira guerra mundial*. INACEN, 1988. O trecho também está transcrito em Neyde Veneziano, *O teatro de revista no Brasil*.

Rica de sorte ou da melhor valia.  
Foi a primeira no imortal sucesso,  
Sobre este ponto, meu leitor, confesso,  
Ninguém pode negar-lhe a primazia.

Acredito, porém, que empelicada  
Ela nasceu, eu mesmo [...]  
Era a princípio misera enjeitada  
Esta revista que hoje tem dois pais... (p.3)

A distribuição do único número d'*O centenário* ocorreu na grande festa preparada para a comemoração das 100 representações d'*O Bendegó*. Nessa ocasião, o teatro, a varanda, o jardim e também as ruas Espírito Santo e Senado (localização do Teatro Recreio Dramático) receberam uma cuidadosa decoração. A revista – em um prólogo, três atos e 12 quadros – contava com a música de J. A. Pinto e com a cenografia de C. Carrancini, tendo como atores Rosina Bellegrandi, Luko, Herminia Adelaide, Dias Braga e Aurélia Delorme que abrilhantavam a noite carioca. Conforme *O centenário*, *O Bendegó* teve a honra de ser “a mais popular, aplaudida e aclamada de todas as revistas que até hoje têm sido exibidas nos nossos teatros. Legítimo e indiscutível sucesso na opinião da imprensa em geral e consagrado pelo consenso unânime do público” (*Ibidem*, p. 4).

A música entoada pela atriz Aurélia Delorme era o “tango baiano”, intitulado “Muqueca Sinhá”, e que reapareceu em 1893, com outra roupagem, no romance de Figueiredo Pimentel, *O aborto*. Joaquim Rodrigues, a personagem do romance, cantava “Eu sou da terra do vatapá/ Muqueca ioiô/Muqueca iaiá”, enquanto na versão original da revista, os versos cantados eram: “Eu sou da terra do vatapá/ Muqueca, sinhá; muqueca, sinhô”. (TINHORÃO, 2002. p. 249-251). A popularidade das revistas motivou a criação de personagens que cantassem as músicas de sucesso no teatro.

A notoriedade d'*O Bendegó* possibilitou a representação da peça posteriormente, com remontagens no Recreio, em agosto de 1893, em janeiro de

1894 e 1895, e em fevereiro de 1900 (PAIVA, 1991, p. 88-89). Figueiredo Coimbra e Oscar Pederneiras deixaram um marco na história do Teatro de Revista no Brasil; em razão disso, todos os pesquisadores do assunto fazem referência à peça.

Em 1889, concomitante com *O Bendegó*, representou-se, no teatro Variedades, a revista *A Exposição Nacional* (adaptação da zarzuela *Certamen Nacional* de Manuel Nieto), de Figueiredo Coimbra. Embora a peça deixasse transparecer o cunho artístico de seu adaptador, como apontavam os jornais, ela não alcançou tanto sucesso quanto a centenária revista. Em 1890, Coimbra e Oscar Pederneiras se reuniram novamente na criação de revistas. Dessa união, vieram a lume *Virgolina* e *O sarilho*, ambas representadas no Teatro Variedades. No mesmo ano, Coimbra escreveu a estonteante cena cômica *Três caveiras*. Desde sua primeira aparição no teatro, em 1884, Coimbra nunca se afastou dos palcos.

A celebridade alcançada por meio da imprensa e do teatro conferiu a Coimbra um *status* de renomado escritor, já em 1889. O pintor Rodolfo Amoêdo o retratou ao lado de grandes nomes da literatura brasileira, na tela “A roda literária de 1889”. Segundo a Revista da SBAT (Sociedade Brasileira de Autores Teatrais), de novembro a dezembro de 1961, aparecia no quadro, “a partir do alto, da esquerda para a direita: Coelho Netto, Olavo Bilac, Pardal Mallet, Medeiros e Albuquerque, Guimarães Passos, Alberto Silva, Arthur Azevedo, Figueiredo Coimbra (indicado por uma seta), Alberto de Oliveira, Aluísio Azevedo, Raul Pompéia, Luiz Murat, Manoel Rocha, Lúcio de Mendonça e Urbano Duarte”. Eis o quadro:



Figura 3 – A roda literária de 1889 – Rodolfo Amôedo  
Fonte: *Revista da SBAT*, nov-dez. 1961.

No decorrer dos anos, as colaborações de Coimbra na imprensa também se tornaram sinônimo de sucesso. No auge da carreira, colaborou no vespertino *A Notícia*. Nessa folha, Coimbra publicou artigos e comentários sobre os fatos da época, como a atuação do ator Novelli, em 1895. Ali também, criou duas colunas de crônicas: “Notas de um simples” e *Diálogos*.

A coluna “Notas de um simples”, publicada todas as sextas-feiras, surgiu em outubro de 1894 e permaneceu até dezembro de 1896, somando um total de 58 textos. Em julho de 1895, Coimbra começou a publicar, diariamente, os *Diálogos*, que, a partir de 1896 até 1899, sofreram interrupções variáveis.

Coimbra assinou os primeiros 42 textos dos *Diálogos* com o pseudônimo “Platão”, alusão ao filósofo grego que escrevia em forma dialogada e que até hoje é, por excelência, o maior exemplo do gênero diálogo. Os leitores de

A *Notícia* tiveram conhecimento da autoria dessa série por meio de uma nota, publicada em 26 de agosto de 1895, com informações sobre as colunas e os colaboradores do periódico, na qual se confirmava o nome de Figueiredo Coimbra. A revelação não afetou o uso do pseudônimo, que foi mantido até o dia 9 de setembro de 1895. O texto seguinte, de 10 de setembro, apareceu com outra assinatura. A partir desse dia, o autor usou as iniciais “F.C.”, como na coluna “Notas de um simples”, iniciais estas adotadas até o final da publicação, em 1899.

Os *Diálogos* tinham como temática principal o cotidiano carioca do final do século XIX. Nessa coluna, publicada na culminância da carreira, Coimbra utilizou de sua experiência no teatro e na imprensa para criar a série de crônicas dialogadas. As características da série serão abordadas no capítulo 2.

Coimbra também colaborou na *Revista Teatral*, de propriedade de Alvarenga Fonseca, em 1894. Nesse periódico, o autor escreveu uma apreciação sobre a atuação no teatro do ator Xisto Bahia; o texto, ainda hoje, é referência para os pesquisadores que buscam informações sobre o ator. A revista, como o próprio nome propunha, era especializada em teatro e contava com a colaboração de Moreira Sampaio, Luiz Rosa, Borja Reis, Eugênio de Carvalho, Ernesto Senna, Assis Pacheco, Alvarez de Azevedo, dentre outros. No número 8 da revista, de 29 de julho de 1894, Bento Barboza, na seção “Caretas”, fez uma caricatura de Coimbra:



Figura 4 – Caricatura de Coimbra, por Bento Barboza.  
Fonte: *Revista Teatral*, jul 1894.

Em 1895, Coimbra também publicou poemas e contos na *Revista Ilustrada*, além de escrever uma coluna intitulada “Pequenos Ecos”, em que comentava os principais acontecimentos. O periódico circulava no Rio, desde 1876, sendo ilustrado por Angelo Agostini.

Ainda no ano de 1895, a *Revista Ilustrada* noticiou o surgimento da revista *Arte Dramática*, editada por Figueiredo Coimbra e Luciano de Oliveira. O comentário sobre o periódico revelava o comprometimento com o teatro dos dois escritores:

Com ansiedade é esperado o primeiro número da *Arte Dramática*, novo colega que vem de arnez e lança trabalhar pela sagrada causa, abandonada, da arte do teatro entre nós. Vem com a convicção cimentada de que ainda há quem se ocupe dessa estranha manifestação do talento, que por vício ingênito e por sugestões desequilibradas, tem fenecido como fenecem todas

as grandes reformas artísticas no Brasil. À frente do seu nome e do seu futuro estão os de Figueiredo Coimbra e Luciano de Oliveira.

O seu trabalho, a sua dedicação para o levantamento do nosso teatro, estão palpavelmente espalhados pelas colunas dos jornais, onde, como redatores, sempre para este lado volveram os olhos. Agora eles vão envidar o último esforço, como primeiros arautos nessa campanha, clamando do alto de um jornal exclusivista, como das muralhas de uma fortaleza, a grande reforma a fazer. Já era tempo.

Tão pobres estamos de quem se arranque do burguesismo dinheiroso dos negócios para labutar na liça alvejante das grandes conquistas intelectuais, que nos causa assombro o vermos dois moços escritores empenhados nesse glorioso combate. Venha a *Arte Dramática*, venha, sugestiva, deceparadora dos velhos caminhos traçados, esmagando à força de argumentos a grande farsa do teatro no nosso país.

Venha, que palmas ficarão reboando por muito tempo sobre o seu triunfo, e flores desabrocharão, aromando a estrada ritual por onde passar a sua flâmula de combate. (P. F., 1895, p. 6.)

A luta na imprensa não foi refletida no teatro, pois Coimbra não escreveu peças originais nesse período; fez apenas traduções. Em 1896, traduziu *Juan José*, de Joaquim Dicenta, encenada no Teatro Variedades, em dezembro, e devido ao sucesso, continuou a ser exibida em janeiro do ano seguinte. Em 1897, fez uma tradução livre de *O grande Casimiro*, opereta de Charles Lecocq, encenada em maio. Artur Azevedo, em *O País*, assinando como Gavroche (1897), fez a seguinte referência à peça:

O GRANDE CASIMIRO  
P'ra que o leitor se convença  
De que a peça é divertida  
E os meus [...] dispensa,  
É, me parece, bastante  
Dizer que foi traduzida  
Por um escritor que timbra  
Em ser correto e elegante:  
O Figueiredo Coimbra. (p. 1)

Em parceria com Azeredo Coutinho, Coimbra traduziu o *vaudeville A criada de Perona*, levado ao palco em setembro de 1897. Em meio a tantas

traduções, não sobrou muito tempo livre para que o autor se dedicasse à série *Diálogos*, n' *A Notícia*. Assim sendo, publicou apenas 87 crônicas durante todo o ano de 1897.

Figueiredo Coimbra faleceu no dia 23 de março de 1899, vítima de uma tuberculose. Está enterrado no carneiro nº 2929, ao lado do ator Fontoura Castro. Por ocasião do falecimento, muitos escritores publicaram textos em diversos periódicos do Rio de Janeiro comentando a perda que a literatura havia sofrido. Dentre esses estão Artur Azevedo, Medeiros e Albuquerque, Valentim Magalhães e Olavo Bilac. Nos textos também aparecem apreciações críticas sobre os *Diálogos*.

No dia 28 de março de 1899, na coluna semanal “Notas”, Medeiros e Albuquerque, com o pseudônimo Rufiufio Singapura, comentou o falecimento de seu amigo e ressaltou, principalmente, seu caráter humorístico, além de fazer um comentário sobre a coluna *Diálogos*:

Figueiredo Coimbra, que era um excelente humorista, estava entretanto arredado, quer do escárnio sistemático, quer da misantropia.

O pensamento de se lhe coligirem os *Diálogos* publicados nesta folha é digno de todo o aplauso. Esses artiguetes leves e despreziosos merecem mais que a fugaz aparição de um só dia nas colunas de um jornal. Foram quase todos quadros de costumes, que se lerão a qualquer tempo com prazer. E, do mais a mais, se há gênero literário difícil é esse de literatura dialogada, em que, por exemplo, Gyp, Lavedan e pouquíssimos mais se distinguem na França. (RUFIUPIO SINGAPURA, 1889, p. 2.)

Rufiufio Singapura ainda comentou o fato de Figueiredo Coimbra não ter sido eleito como membro da Academia Brasileira de Letras. Explicou que um dos critérios para participar da associação era ter pelo menos um livro publicado, critério que excluía o autor. Figueiredo Coimbra, na eleição dos últimos dez que comporiam a Academia, ainda recebeu cinco votos, mas que não foram suficientes para elegê-lo.

Além de o cronista elogiar o humor de Coimbra, também ressaltou a

forma como ele escrevia, comentando que a “literatura dialogada” era um “gênero literário difícil”. A ideia de compilação dos textos a que se refere Medeiros e Albuquerque foi proposta por um amigo de Coimbra, o major Alvarenga Fonseca, diretor da secretaria do conselho municipal da qual o autor tinha sido funcionário. A carta de Alvarenga Fonseca, endereçada e publicada n’A *Notícia*, trazia o seguinte:

Agora que a morte roubou ao vosso jornal e a nossa amizade Figueiredo Coimbra, um dos nossos mais belos talentos que eu tenho conhecido, e cujo único defeito era aquela modéstia, quase criminosa, que emoldurava todos os seus atos – vem apelo estas linhas.

Há dias, dias antes de ser o bom Figueiredo Coimbra acometido pela congestão pulmonar que o vitimou, conversávamos sobre imprensa, quando ele me disse, com tristeza:

– Veja, você, tenho escrito tanto, tanto, e, se morrer amanhã, não deixo um livro! Nada que fique, nada que perpetue o meu nome! De fato, Figueiredo Coimbra jamais publicou um livro; mesmo a *Carta anônima*, a belíssima produção em verso, com a qual se estreou, creio, não está impressa. Dele, em letra de forma, existem apenas em avulsos, alguns versos de peças que traduziu, e mais nada.

Entretanto, os jornais dos últimos quinze anos podem atestar a pujança do talento do finado secretário d’A *Notícia*. [...].

Agora lembro em público uma idéia que tive por ocasião daquela última conversa, e que não me parece má. Vamos colecionar em volume os *Diálogos*, publicados nesta folha, prestando assim sincera homenagem à memória de um dos melhores caracteres que eu tenho conhecido na imprensa. (FONSECA, 1899, p.1)

A idéia de Fonseca foi recebida com muito apreço pelos amigos de Figueiredo Coimbra. Artur Azevedo, em sua coluna “Palestra”, do dia 25 de março de 1899, também comentou a ideia, concluindo que era inconcebível naquele momento:

Figueiredo Coimbra, que era um dos nossos prosadores mais corretos, e escreveu bons versos, e uma bonita comédia e encheu o *Diário de Notícias* e *A Notícia* (para citar apenas as últimas folhas em que figurou) de excelentes crônicas e primorosos folhetins, não deixou um único livro. Toda essa produção vai ficar

esquecida, porque dificilmente se encontrará um amigo, que a coordene, e um editor, que lhe dê a hospitalidade de um volume. (AZEVEDO, 1899, p.1)

Infelizmente, como foi comentado por Artur Azevedo, a produção literária de Figueiredo Coimbra está esquecida nas folhas dos periódicos cariocas do século XIX. N'A *Notícia*, Artur Azevedo publicou outro comentário sobre Coimbra, na coluna "Teatro", em que ressaltava prioritariamente as qualidades de comediógrafo do autor:

Para adivinhar o comediógrafo que ali estava, basta ler os seus escritos, cheios desse estilo e dessa observação especiais, que são o estilo e a observação do teatro. Que outra coisa são aqueles incomparáveis *Diálogos* senão fragmentos de comédias, cenas soltas que, articuladas numa ação dramática, produziram irresistíveis efeitos? (AZEVEDO, 1899, p. 2)

Ainda, n'A *Notícia*, foi publicada, no dia 28 de março de 1899, uma carta de Valentim Magalhães, que estava ausente do Rio, comentando o falecimento de seu amigo. Nessa carta, Valentim reafirmou o "senso dramático" de Coimbra e ressaltou as características da coluna *Diálogos*:

Possuía, principalmente, essa qualidade básica do escritor teatral – o diálogo. Que outra coisa eram os que diariamente, por longos meses, escreveu nesta folha senão bocados de dialogação cênica? Quanta graça, quanta observação, quanta ironia e quanta filosofia prática naqueles diálogos! (MAGALHÃES, 1899, p. 2)

Valentim Magalhães terminou a carta perguntando quem colheria os folhetins e os versos de Figueiredo Coimbra, e se alguém fizesse descobriria que o autor tinha "consigo e contra si apenas um inimigo, mas terrível que não perdoa nunca – a modéstia real e excessiva, que outra coisa, afinal, não é senão o desdém de si mesmo. Oh! não o lamentemos por isso: talvez seja uma forma de felicidade". Valentim Magalhães chegou a dizer que o autor foi um "irregular", um "despautado", um "boêmio" e "desperdiçava rimas, pilhérias, imagens, conceitos,

observações, como desperdiçava a própria saúde, a própria vida, sem olhar para diante” e o que Coimbra escrevia não era mais lembrado por ninguém, pois se tratavam de “folhas caídas na correnteza” (MAGALHÃES, 1899, p. 2).

Um ano após a morte de Figueiredo Coimbra, a família do autor promoveu uma missa na igreja da Lampadosa, na qual compareceram Guimarães Passos, Olavo Bilac, Jarbas de Carvalho, Xavier Pinheiro, Álvares de Azevedo, dentre vários amigos. No período da noite, a homenagem aconteceu no teatro, com a representação da peça *A carta anônima*, organizada pela Companhia Dias Braga e tendo a participação das Companhias Lucinda Simões, Cristiano de Souza, além da empresa Apolo e do Recreio. Durante os intervalos, a banda de música militar tocava, e reservaram-se lugares especiais para os membros da Academia Brasileira de Letras (FIGUEIREDO..., 1900, p. 1).

Ainda lembrando a memória daquele que dedicou sua vida ao teatro e a imprensa, Olavo Bilac publicou, na coluna “A data”, as seguintes palavras sobre o autor:

É que, como cronista, Coimbra tinha uma feição própria, uma maneira sua, – era alguém. Não que o cronista trabalhasse demais o estilo, ou procurasse, para espantar o burguês, ladear de paradoxos mirabolantes o assunto do dia: o seu estilo era sóbrio, não se carregava de exotismos, fluía límpido e calmo como a água de uma fonte; e sereno, claro como o estilo, era o bom humor com que ele aceitava as coisas da vida, com uma tolerância que não confinava com o sarcasmo. Não se pode, pois precisar bem em que consistia a originalidade daquele raro e adorável talento de jornalista: talvez, justamente, nessa difícilíssima ciência de guardar sempre o meio termo, de nunca forçar a nota da ironia ou do entusiasmo. O que é certo é que as *Notas de um simples*, de entre as crônicas que no tempo se publicavam, avultavam com um relevo próprio. E que dizer dos *Diálogos*, – desse vasto animatógrafo, por onde, palpitante e apanhada em flagrante, viva e bulhenta, desfilava diariamente toda a gente carioca, com as suas manias, com os seus *tics*, com seus vícios? Todas as pequeninas tragédias e comédias, que são a vida de uma cidade, eram fixadas ali, em duas dúzias de linhas rápidas; uma rubrica bastava para dar a fisionomia de um personagem, uma curta frase incisiva bastava para gravar um estado de alma (Bilac, 1900, p. 2)

Bilac destacou Coimbra como cronista que possuía um estilo “sóbrio”, que “fluía límpido e calmo” e sabia sempre guardar o “meio termo”, não forçando a “nota da ironia ou do entusiasmo”. Outro texto de Bilac, publicado em 1899, na *Gazeta de Notícias*, comparara e elevava o autor a “uma graça igual senão superior à de Capus<sup>8</sup> e à de Gros-Claude<sup>9</sup>”. Em “A data”, Bilac observou que nos *Diálogos*, Coimbra trabalhou com as “manias”, os “tics” e os “vícios” do povo carioca.

As várias notícias publicadas nos periódicos sobre Figueiredo Coimbra destacavam sempre o seu talento como poeta, cronista e comediógrafo, além de exaltar o humor presente na sua vida e também em seus diversos escritos.

Coimbra concentrou seus escritos, principalmente, nos jornais de grande circulação à época e não se preocupou em publicá-los em livro. Foi muito conhecido e citado por todos aqueles que se ocupavam do teatro no período. Coelho Neto o citou em *O Bazar* (1928), inserindo-o no conjunto dos escritores que “trabalhavam honestamente” pelo Teatro, como França Junior, Artur Azevedo, Aluisio Azevedo, Moreira Sampaio, Valentim Magalhães, dentre outros. Pedro Américo, na sessão da Câmara, do dia 25 de julho de 1892, em seu projeto para o teatro nacional, também inseriu o nome de Figueiredo Coimbra junto ao de Artur Azevedo.

Coimbra teve muitos amigos. Um de seus amigos diletos foi Raul Pompéia, como afirmava Raimundo de Menezes. Os aniversários de Coimbra eram comemorados com muita alegria ao redor de seus amigos. Bilac, assinando como Asmodeu, no “Carrilhão da Bruxa”, relatou a grande festa, na Rotisserie Castelões, preparada em 1897 para Coimbra e Henrique Silva, que nasceram no mesmo dia e no mesmo ano:

A gente sentou-se à mesa ao meio dia, e, às 5 horas da tarde, ainda a rua do Ouvidor atônita e pasmada perguntava a si mesma que algazarra era aquela... Também, havia lá toda esta sincera e

---

<sup>8</sup> Alfred Capus (1858-1922) dramaturgo e jornalista francês.

<sup>9</sup> Étienne Grosclaude (1858-1932) cronista.

despreocupada boêmia das letras, que não tem escrúpulo se ria às escancaras quando tem vontade de rir, nem tem medo de escandalizar com a sua alegria esta fúnebre e taciturna população. Figueiredo – o ilustre rapaz a quem o Teatro Brasileiro deve a obra-prima da *Carta Anônima* e a quem *A Notícia* deve a fulgurante seção dos *Diálogos*, – e Henrique Silva, o bravo alferes, que pela sua inteligência e bondade é um dos queridos da roda – viram bem, nesta bela e festiva tarde, quanto os amamos. (ASMÓDEU, 1897, p. 6.)

Esse e outros relatos sobre as festas de aniversário de Coimbra eram encontrados nos jornais de grande circulação, comprovando o que Valentim Magalhães dissera n’*A Notícia* sobre o autor: estava sempre na boêmia.

A memória de Figueiredo Coimbra foi relembada, ao longo dos anos, por seus amigos íntimos e companheiros de imprensa. Em 1904, Medeiros e Albuquerque publicou, em seu livro *Poesias*, um poema dedicado ao autor:

ESQUECIDO

A FIGUEIREDO COIMBRA

Pela extensão poeirenta do caminho  
em vão o meu olhar se estende e cansa!  
Nem de uma carta a mínima esperança!  
A mínima esperança de um carinho!

Quem se lembra de mim? – Aqui, sozinho,  
minh’alma em sonhos de pesar se lança...  
Uma tristeza desolada e mansa  
vem constringir-me o espírito mesquinho...

E, enquanto o sol desponta e vibra e morre,  
apenas sinto a brisa, que percorre  
o prado imenso e, ao perpassar, sonora,

ondula os ramos capinzais frementes,  
como si um bando verde de serpentes  
fosse emigrando pelo campo afora...

Em 1908, por ocasião da Exposição Nacional, Artur Azevedo “programou a exibição de peças representativas de nossa dramaturgia desde a

inauguração do teatro dito nacional”. Dentre vários autores, como França Júnior, Machado de Assis, Martins Pena e Coelho Neto, estava o nome de Figueiredo Coimbra (cf. BRAGA, 2003, p. 23). A peça escolhida por Azevedo foi *A carta anônima*, o primeiro trabalho do escritor, que consagrou e marcou sua carreira, desde a primeira estreia, em 1884, até depois de sua morte.

Coimbra foi apenas uma promessa de um grande dramaturgo; infelizmente, os caminhos seguidos, no teatro, pelo autor, rendendo-se às adaptações e traduções, levaram-no ao esquecimento. Hoje, apenas é possível resgatar seus trabalhos espalhados pelos periódicos em que colaborou. Esse trabalho vem trazer a lume a série *Diálogos*, revelando uma pequena faísca da produção de Coimbra.

## CAPÍTULO 2

### TECENDO CRÔNICAS: EM TORNO DE ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DA SÉRIE *DIÁLOGOS DE 1895*

*“Tu és o escritor que apanha o assunto humorístico em toda a parte, buscando-o em qualquer pessoa ou em qualquer fato”<sup>10</sup>*

#### **2.1 - Os *Diálogos* e *A Notícia***

A epígrafe desse capítulo resume o posicionamento adotado por Figueiredo Coimbra ao escrever os *Diálogos*: o autor que busca o assunto “humorístico” em “toda a parte”, em “qualquer pessoa” e em “qualquer fato”. Porém, antes de chegar a esse resumo conclusivo sobre sua atuação enquanto cronista, é preciso delimitar as características da série.

Em primeiro lugar, os *Diálogos* de Coimbra, como já explicitado no capítulo primeiro, foram publicados no vespertino *A Notícia* de 23 de julho de 1895 a 20 de janeiro de 1899. A coluna não foi a primeira de Coimbra nesse periódico, pois desde 1894 ele ocupava o rodapé as sextas-feiras com a série de crônicas “Notas de um simples”.

O periódico *A Notícia* surge em setembro de 1894, instalando-se na Rua do Ouvidor, nº 123; inicialmente conta com a colaboração de Medeiros e Albuquerque, Valentim Magalhães, Figueiredo Coimbra e, com o trabalho do redator, Manuel de Oliveira Rocha. Nessa época, presencia-se a circulação e fixação de grandes jornais na capital federal, como a *Gazeta de Notícias*. O diferencial que marca a chegada d’*A Notícia* é o fato de ser um jornal vespertino, apesar de não ser o primeiro da capital<sup>11</sup>.

---

<sup>10</sup> Frase de uma das falas de personagem dos *Diálogos*, publicados no dia 9 de julho de 1896.

<sup>11</sup> Conforme Simões Junior (2007), *A Notícia* “não era o primeiro vespertino que procurava conquistar o público leitor carioca, pois já fora precedido, por exemplo, pela *Gazeta da Tarde*, de Ferreira de Menezes (1845-1881), e por *Novidades*, de Alcindo Guanabara (1865 – 1918). Esses jornais, entretanto, estavam a serviço de facções políticas; suas matérias originais eram os artigos e editoriais, sempre incandescentes, uma

O outro vespertino, *A Cidade do Rio*, começa a concorrer com a nova folha para “ver qual a primeira a sair, envolta no berro agudo dos garotos vendedores, para apanhar os níqueis dos primeiros fregueses” (SODRÉ, 1999, p. 272). Necessariamente, os dois jornais eram impressos depois das duas e meia da tarde, porque o resultado da loteria era divulgado pontualmente às duas da tarde. Esse foi o modo que encontraram para aumentar as vendas, visto que as pessoas compravam os vespertinos para conferir seus bilhetes. Fator, além de outros, que garantiu para *A Notícia*, uma boa lucratividade em sua estreia. A folha adquiriu *status*, tanto que no início do século XX era o vespertino de maior tiragem no Rio (SODRÉ, 1999, p. 285).

O periódico também praticava preços populares, oferecendo cada número avulso por 100 réis, e cobrando 28.000 réis pela assinatura anual. A circulação não era restrita à capital, porquanto era possível assinar e receber a folha em outros lugares do Brasil por meio da entrega dos correios. Em 1895, o vespertino adotou um sistema de paginação para os assinantes do interior, em que se preservavam as colaborações e excluía-se as notícias locais, colocando nesse espaço as notícias sobre o Congresso<sup>12</sup>.

Repleta de novidades, a folha foi a primeira, em 1895, a utilizar o serviço telegráfico (*Ibidem*, p. 267). Muitos leitores só acreditaram no noticiário, quando no dia seguinte, o *Jornal do Comércio* confirmou as informações veiculadas por *A Notícia* (*Ibidem*). No mesmo ano, passa a ser impressa em um papel especial, importado, na cor rosa. Dessa forma, tornava-se possível reconhecer *A Notícia* nas mãos de qualquer pessoa.

No primeiro aniversário d’*A Notícia*, Alberto Torres comenta que o

---

vez que as notícias eram, sem nenhum pudor, aproveitadas das folhas da manhã. Ousada, a nova folha da tarde (*A Notícia*) procurou ser fundamentalmente um órgão de informação...”. Relata-se que Figueiredo Coimbra tinha experiência com jornais vespertinos, pois colaborou tanto na *Gazeta da Tarde* como em *Novidades*.

<sup>12</sup> A folha explica esse procedimento em uma nota publicada no dia 23 de julho de 1895, na página 1, coluna 1: “Tem causado certos reparos a paginação atual d’*A Notícia*, pela sequência dos artigos, ficando as notícias do Boletim do dia quase sempre agrupadas na 2ª página. A explicação desse método é o seguinte: tendo a 2ª página de ser modificada para a edição da noite, e sendo esta a edição remetida para os assinantes, só com a retirada de notícias locais, que não interessem os assinantes do interior é que podemos abrir espaço para o Congresso e outras matérias, sem sacrificar os artigos de colaboração”.

periódico contava com 15 mil leitores, que “formam na opinião brasileira a fidalguia da inteligência e dos costumes” (A.T., 1895, p.1). O editorial do dia 17 de setembro de 1895 contempla a ideologia que participa da fundação e da constituição do jornal:

Fundada numa época em que a doçura tradicional do caráter brasileiro parecia ter-se afeito a moldes de uma irreconciliável intransigência, ela procurou manter-se na linha da independência, sem a qual preferia não ter aparecido, mas sem vibrar de um ou de outro lado notas veementes de paixão ou de partidarismo. Esse foi o seu ideal ao fundar-se, essa tem sido até hoje a sua linha de conduta e é o critério que a tem inspirado na escolha dos elementos que a cercam e a cuja moderação sem dúvida é devido, à parte a generosidade do público, o apoio que lhe tem sido dispensado<sup>13</sup>.

Rochinha, como era conhecido o diretor d’A *Notícia*, traça a “linha de conduta” exigida dos colaboradores e de seus escritos, evidenciando a imparcialidade dos mesmos. O caráter geral das colaborações era moldado para que as notícias fossem publicadas sem o êxtase do “partidarismo”. Com esses elementos, a folha fez sucesso durante o seu primeiro ano de publicação, como atesta o redator Ferreira de Araújo, que revela a fórmula para se obter o êxito, tão almejado pelos novos periódicos:

Trabalhar, trabalhar sempre, trabalhar dia e noite, ter a preocupação constante do jornal, procurar achar em tudo o que acontece, em tudo o que se vê, em tudo o que se ouve, em tudo o que se faz, o que se fez e o que se está para fazer, o que pode daí sair para o jornal, notícia, artigo de fundo, crônica, folhetim, reclame, e depois dar à coisa a forma que mais lhe convém, o lugar que a importância do caso reclama, e *servir chaud*, dá-lo a tempo e a horas, antes que esfrie.<sup>14</sup>

A fórmula, considerada pelo colunista como o “segredo de Polichinelo”,

---

<sup>13</sup> A NOTÍCIA completa hoje. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p. 1, 17 set. 1895. O texto foi publicado no dia 17 de setembro de 1895, na primeira página e na primeira coluna do jornal, provavelmente escrito por Manuel de Oliveira Rocha, seu diretor.

<sup>14</sup> F. Em dia de...*A Notícia*, Rio de Janeiro, p. 1, 17 de setembro de 1895. A coluna é assinada por F., inicial usada por Ferreira de Araújo todos os dias no artigo inicial do periódico.

remete aos princípios básicos do jornal de notícias. Percebe-se que cada colaborador beberia da mesma fonte para escrever sua colaboração, mas cada um conferiria uma forma diferente, contanto que fosse rápida e atual. Figueiredo Coimbra se encaixa nesse perfil, tendo a coluna *Diálogos*, como o mais primoroso exemplo. O autor escreve sobre o cotidiano, sobre as últimas notícias, transformando-as em diálogos humorísticos.

Ainda traçando as linhas gerais que caracterizam *A Notícia*, o colunista político Alberto Torres elogiará os leitores do jornal:

Não há carioca de boa linha e espírito fino que, ao tomar o *bond* às cinco horas da tarde, não leve na mão o ligeiro papel cor-de-rosa, que tomou esta cor do próprio caráter, da própria feição do seu temperamento.

Os leitores do jornal eram os de “espírito fino” e procuravam no periódico a “opinião calma, correta e serenamente dita”. Não era da índole da dama cor-de-rosa ficar ruborizada, mas rósea. Os textos tinham como característica principal a moderação no tratamento do tema. Repare no modo como Alberto Torres descreve a sua colaboração no vespertino:

Creio porém que esse mesmo nunca infringiu o primeiro artigo do programa da *Notícia*: a calma e a educação de maneiras nas discussões que nem sempre é fácil manter no terreno escabroso da política. Ser calmo, tolerante e moderado é mesmo, no fundo, o único programa político da *Notícia*.<sup>15</sup>

“Calmo”, “tolerante” e “moderado” são as características não só do conteúdo político d’*A Notícia*, mas do jornal como um todo, que cultivava a “educação das maneiras” em cada escrito. Mesmo com neutralidade, os colaboradores apresentam a sua opinião, de forma “calma, correta e serenamente dita”. Os comentários são sensatos, com ataques indiretos, escritos de um modo

---

<sup>15</sup> A.T. [Alberto Torres]. Não há talvez..*A Notícia*, Rio de Janeiro, 17 de set. 1895, p. 1. 2. col. O texto foi corrigido pela errata publicada na edição da noite, onde transcrevemos “educação de maneiras”, saiu na primeira edição como “educação de meninas”, o que conferia outra interpretação para o artigo de Torres.

tão sutil que o leitor de hoje precisa recorrer a outras fontes para compreender a opinião de cada colaborador.

Em 1895, os colaboradores escolhidos por Rochinha seguiam a “linha de conduta” moderada d’*A Notícia*: Ferreira de Araújo escrevia sempre o primeiro artigo, comentando a “questão do dia”; nos assuntos políticos, o periódico contava com a colaboração do deputado Alberto Torres; os artigos sobre ciências ficavam a cargo de Medeiros e Albuquerque; a literatura era conferida à pena de Valentim Magalhães e a “nota humorística” era redigida por Figueiredo Coimbra, em sua coluna *Diálogos*. Esses eram os colaboradores diários, além dos quais, o periódico contava ainda com a colaboração de Olavo Bilac, três vezes por semana, na coluna “Fantasia”. Havia também as colaborações semanais, para as quais se reservava o espaço do rodapé da primeira página, em que se publicavam às terças, as “Reminiscências políticas” de Anapurus (Alfredo d’Escragnolle Taunay), às quartas, o folhetim ilustrado de Julião Machado, às quintas “O teatro” de Artur Azevedo, às sextas as “Notas de um simples” de Figueiredo Coimbra e aos sábados, a crônica de Lulu Senior (Ferreira de Araújo). Além desses, a folha ainda contava com colaborações esporádicas de Augusto Montenegro, Silva Araújo, José Avelino, Capistrano de Abreu, Aluísio Azevedo, Gastão Bouquet e Figueiredo Pimentel<sup>16</sup>.

O grupo formado n’*A Notícia* confere ao periódico a sua grande popularidade e a qualidade de ser um bom jornal, cujos leitores eram considerados como sendo de “boa linha e espírito fino”. Figueiredo Coimbra, conforme exposto acima, colaborava com duas colunas: diariamente com os *Diálogos* e às sextas-feiras com as “Notas de um simples”. O autor era o responsável por trazer diariamente a parte humorística d’*A Notícia*, com os seus *Diálogos*. A primeira publicação da coluna foi anunciada na primeira página do jornal, pela seguinte nota:

---

<sup>16</sup> Essas informações foram retiradas da nota publicada n’*A Notícia* no dia 26 de agosto de 1895, na primeira página.

De hoje em diante A NOTÍCIA contará com a colaboração diária de PLATÃO, autor dos DIÁLOGOS de que publicamos o *specimen*. PLATÃO mal pode ocultar um dos distintos escritores que semanalmente ocupam o rodapé d'A NOTÍCIA.<sup>17</sup>

A nota provavelmente foi escrita pelo redator Ferreira de Araújo, que basicamente denominou a publicação de *specimen*, que significa espécime, exemplar, amostra. Essa denominação indica que seria publicada apenas uma amostra, um exemplar dos *Diálogos*, ou seja, uma pequena parte do que viria a ser o diálogo, como se aquele texto fosse apenas um fragmento de outro maior. A explicação para o termo usado por Araújo está provavelmente no tamanho do texto, que poderia ser uma cena de teatro. Dessa forma, a coluna do jornal seria apenas uma amostra, uma parte de um ato ou de uma peça<sup>18</sup>.

Nos *Diálogos*, Figueiredo Coimbra seguirá a “linha de conduta” d'A *Notícia*, o que poderá ter gerado o seguinte comentário da redação do jornal, por ocasião de seu falecimento:

Os últimos trabalhos jornalísticos de Figueiredo Coimbra, que apareceram n'A *Notícia* foram os *Diálogos*, uma das seções mais lidas e apreciadas da nossa folha, e em que eram patentes o cunho original do literato observador e de crítico mordaz e calmo, e o culto que ele rendia à elegância da forma e à língua vernácula. (FIGUEIREDO..., 1899, p. 1).

Coimbra fez o papel de crítico “mordaz” e também “calmo”, ou seja, manteve a linha moderada exigida dos colaboradores do periódico. Nessa linha foram criados os *Diálogos* publicados de 1895 a 1899, num total de 467 textos.

## 2.2 – Aspectos gerais dos *Diálogos*

Os *Diálogos* reúnem humor e dramaticidade, realizando uma representação do cotidiano dos cariocas do final do século XIX. As personagens

---

<sup>17</sup> As palavras em caixa alta foram conservadas como no original. Provavelmente o jornal queria chamar a atenção para a sua nova coluna.

<sup>18</sup> A denominação de Ferreira de Araújo da coluna já revela a dificuldade de caracterizar e conceituar os *Diálogos* de Figueiredo Coimbra.

eram aglomeradas em uma cena dramática, que se passava nas diversas ruas do Rio de Janeiro, nas casas de família, nos salões de festas, nos jornais, nos teatros e em diversos lugares comuns às pessoas daquela época.

Os textos seguem o caráter moderado de *A Notícia*, criticando de forma indireta. Na crônica 91, por exemplo, Coimbra critica a precariedade dos serviços públicos da capital. O autor cria um texto humorístico em que dialogam duas personagens: a Estrada Central e a Febre Amarela. Ambas discutem sobre quem seria o pior mal naquele final de século. Sabe-se que as condições dos meios de transporte público favoreciam a ocorrência de acidentes e, esses eram constantemente noticiados nos jornais, em 1895. Na semana em que foi publicada a crônica, ocorreu um desastre que vitimou sete pessoas. Esse fato provavelmente motivou a criação do diálogo, que ironiza as condições do transporte:

A ESTRADA CENTRAL. — [...] Quem me escolhe, não tem que se enganar: vem à morte certa. É olha que me devem agradecer de mãos postas, porque a todos levo muito mais longe do que o seu destino: levo-os para o céu. Vê lá se conduzir à eterna bem-aventurança quem apenas deseja ir a Cascadura, não é exceder miraculosamente os maiores desejos e expectativas?

Observa-se que nos *Diálogos* encontra-se a ficcionalização do cotidiano. Figueiredo Coimbra aproveita uma notícia e cria um diálogo humorístico, com personagens alegóricas (Estrada de Ferro/ Febre Amarela), em um processo ficcional, conferindo ao texto características literárias. Dessa maneira, pode-se considerar a coluna como um conjunto de crônicas, porém que apresentam características não apenas da crônica, mas também do teatro, estabelecendo uma ligação entre essas duas formas.

Os cronistas retratam o tempo, os fatos, observando a vida, o presente, as experiências e as reflexões humanas; as coisas mais sérias são ditas de uma maneira absolutamente sutil. “‘Crônica’ e ‘cronista’ passaram a ser usados com o sentido atualmente generalizado em literatura: é um gênero específico,

estritamente ligado ao jornalismo.” (COUTINHO, 1997, p. 121).

Vale ressaltar que os *Diálogos* eram publicados diariamente<sup>19</sup> n’A *Notícia* e tinham como temática o dia-a-dia da capital carioca. Observando novamente a apreciação de Bilac, na coluna “A data”, percebe-se que o poeta já havia ressaltado as características “cronísticas” da série de Coimbra:

E que dizer dos *Diálogos*, – desse vasto animatógrafo, por onde, palpitante e apanhada em flagrante, viva e bulhenta, desfilava diariamente toda a gente carioca, com as suas manias, com os seus *tics*, com seus vícios? Todas as pequeninas tragédias e comédias, que são a vida de uma cidade, eram fixadas ali, em duas dúzias de linhas rápidas; uma rubrica bastava para dar a fisionomia de um personagem, uma curta frase incisiva bastava para gravar um estado de alma (Bilac, 1900, p. 2).

A apreciação de Bilac remete à criação literária, percebida principalmente pelas palavras “personagem” e “estado de alma”. O autor também compara a coluna ao animatógrafo, um dos primeiros aparelhos de cinema, que veiculava cenas de apenas 30 segundos exibidas nos teatros. Nessas apresentações, as pessoas assistiam à projeção de cenas dramáticas do cotidiano. No caso dos *Diálogos*, cada texto lembra uma cena do animatógrafo: rápida e concisa.

Coimbra fixa na série “as pequeninas tragédias e comédias que são a vida de uma cidade”. Trata dos assuntos que pertencem à rotina dos cariocas, como na crônica 91, em que expôs os problemas de transporte e saúde pública na capital, transformando-os em uma cena cômica. Por meio de personagens alegóricas, Coimbra provoca o riso em seus leitores e, ao mesmo tempo, critica a falta de providências do governo local. Tanto o humor quanto a crítica são características da série.

A transformação da crônica em uma cena teatral humorística, somada à utilização de personagens-tipo e alegóricas, confere à série uma estrutura peculiar. Tem-se então, uma mistura de gêneros literários que une crônica e

---

<sup>19</sup> Em 1895, a publicação era diária; de 1896 a 1899, a colaboração de Coimbra passou a ser esporádica, como se pode perceber com o a tabela da pág. 10.

dramaturgia, demonstrando a liberdade do escritor no processo de criação. No ensaio “A estampa da rotativa na crônica literária”, Luiz Roncari explica como as crônicas podem ser constituídas (algumas das formas por ele relacionadas aplicam-se ao caso dos *Diálogos*):

... a crônica usa e abusa da variedade dos pequenos gêneros, dos simples aos mais complexos, na sua composição: *diálogos do cotidiano*, retratos, *tipos*, *cenar cômicas e dramáticas*, versos, sonetos, relatos, narrativas, casos, comentários, contos, confissões, descrições líricas, sátiras, paródias, etc. (RONCARI, 1985, p. 14. grifos nossos)

Coimbra emprega esses “pequenos gêneros” para compor a série *Diálogos*. Estrutura cada crônica misturando com “diálogos do cotidiano”, “tipos”, “cenar cômicas” e “dramáticas”. Essa combinação de formas fez com que a coluna fosse designada sob perspectivas diversas, por parte da crítica contemporânea ao escritor. Assim, em setembro de 1895, *A Notícia* considerou a coluna como uma “nota humorística” (*A NOTÍCIA*, 1895, p.1); Medeiros e Albuquerque classificou os *Diálogos* como “artiguetes leves e despretensiosos”, além de “quadro de costumes” e inseriu o autor como integrante da “literatura dialogada” (RUFUÍFIO SINGAPURA, 1899, p. 2).

Artur Azevedo considerou a série como “fragmentos de comédias” e “cenar soltas”, “articuladas numa ação dramática” (AZEVEDO, 1899, p. 2). Já Valentim Magalhães a caracterizou como sendo “dialogação cênica”, indo mais além, e mostrando que na coluna se encontravam graça, observação, ironia e filosofia prática (MAGALHÃES, 1899. p. 2)<sup>20</sup>.

Na crônica 91 o tema é tratado com humor, em tom leve e despretensioso, em forma de cena solta, de fragmento de comédia, que contém graça, observação e “filosofia prática”.

Curiosamente, no texto publicado em 9 de julho de 1896, o autor atua como personagem da série. Figueiredo Coimbra simula o modo como selecionou

---

<sup>20</sup> Os textos críticos estão transcritos no capítulo 1.

os assuntos do cotidiano, e revela, de certa maneira, as chaves de análise da coluna. Eis o texto<sup>21</sup>:

- Queres um magnífico assunto para um diálogo?
- Ora se quero.
- O Freitas.
- Que Freitas?
- Aquele meu íntimo amigo, que nunca me deixa...
- Sim, vocês andam sempre juntos.
- O Freitas, com a sua mania de entender de tudo e de dar partidas para arranjar uma posição social... Os convidados comem-lhe os biscoitos, bebem-lhe o chá e não ligam importância ao anfitrião.
- Você fala bem de seu amigo íntimo...
- Conheço-o como aos meus dedos. É um toleirão, que se deixa desfrutar por todos...
- Por todos... ainda bem.
- Não te parece que o assunto é ótimo?
- Você tem muito empenho em ver o seu amigo metido nos *Diálogos*?
- Acharia graça à pilheria, principalmente por ser obra minha.
- Não há nada que mais nos divirta do que a figura ridícula que pode fazer um nosso amigo do peito, não é verdade?
- Perdão: eu não digo isso...
- Sente-o, apenas. E que papel faço eu neste caso, dando-lhe a satisfação de ridicularizar um amigo íntimo?
- Tu és o escritor que apanha o assunto humorístico em toda a parte, buscando-o em qualquer pessoa ou em qualquer fato.
- E que faz o favor de aceitar os que lhe dão os seus camaradas, quando querem divertir-se.
- Ainda me deves agradecer a boa vontade.
- Sem dúvida; confesso-me penhorado, mas permita-me não dispor do seu assunto.
- Por quê?
- Não me agrada muito, e neste momento me ocorre outro incomparavelmente melhor.
- Qual?
- O amigo íntimo... Mas espere: o assunto é o mesmo, porém encarado sob outro ponto de vista.
- Como?
- Você queria o ridículo do seu Freitas dando partidas para arranjar uma posição social. Eu prefiro tratar do amigo do Freitas que o desfruta, ri-se dele à socapa e manda atacá-lo por um terceiro.

---

<sup>21</sup>A coletânea apresentada no final do trabalho corresponde apenas aos textos publicados em 1895. Por isso, inclui-se aqui a transcrição do texto de 1896.

- Mas isso não é nada humorístico.
  - Entretanto é eminentemente alusivo. A vida tem dessas gracinhas tristes.
  - Pois não convém aproveitá-las.
  - Por que, se eu não devo discutir o tema?
  - Está bem. Fica o dito por não dito. Imagina que não te dei assunto nenhum.
  - Muito obrigado. Agora é tarde. Fiz a sua vontade. O diálogo está pronto.
- F.C.

Nesse texto, mesmo que as personagens não estejam explícitas, como num texto teatral, consegue-se identificá-las. Quando a primeira personagem pergunta “Queres um magnífico assunto para um diálogo”, e, no final, quando a outra personagem diz “O diálogo está pronto”, ambas remetem à palavra “diálogo”, sendo esta a forma e também o nome da coluna de Coimbra. Nota-se também que a palavra “diálogos” está escrita com letra maiúscula e também em itálico, evidenciando que as personagens referem-se à coluna *Diálogos*. O autor se pôs como personagem em sua própria crônica, explicando seu processo de escrita e expondo as situações de que ele extrai seus temas. Pode-se nomear a personagem que começa o texto como “Amigo do Freitas” e a segunda personagem como Escritor, para efeito de análise.

O “Amigo do Freitas” quer da personagem Escritor que ela escreva um texto a respeito de um assunto corriqueiro, considerado interessante e classificado, na conversa, como “magnífico”. O assunto interessantíssimo para o “Amigo do Freitas” é seu “amigo íntimo”, o Freitas, um homem “com mania de entender de tudo e dar partidas para arranjar uma posição social”, para quem os convidados, depois de beberem e comerem, não dão importância. A palavra “assunto”, no decorrer do texto, recebe vários destaques: no começo o “assunto” é “magnífico”, depois “ótimo”, e por último, o assunto é reduzido a nada, zero, quando a personagem diz: “Imagina que não te dei assunto nenhum”. As primeiras concepções positivas sobre o assunto da crônica estão relacionadas ao fato em si (trazido pela personagem), considerado cômico, por isso, “magnífico” e “ótimo”; quando o Escritor aproveita o mesmo assunto e inverte as posições – o novo

assunto –, para o “Amigo do Freitas”, não é “nada humorístico”, por isso ele não quer que o cronista use o assunto proposto. Dessa forma, para essa personagem, ocorre uma redução das características positivas do assunto, enquanto para o autor ocorre uma reconstrução substancial de seu conteúdo.

O Escritor conhece o “Amigo do Freitas” e o Freitas, pois faz a seguinte observação em relação aos dois: “vocês andam sempre juntos”; portanto, pode-se supor que ele saiba tanto quem é o Freitas como quem é o “Amigo do Freitas”. O próprio tom de camaradagem na conversa nos induz a pensar dessa forma. Mas, percebe-se que não se trata de grandes amigos, ou pelo menos, Escritor não o considera como seu amigo. Em um determinado momento, a personagem usa a palavra “camaradas”, escrita no plural, para remeter ao “Amigo do Freitas”, ou seja, o Escritor coloca-o dentro dessa espécie de amizades. A palavra “amigo” remete a uma amizade com laços fortes de proteção e companheirismo, já “camarada” está ligada apenas a um convívio entre dois colegas ou conhecidos.

A diversão com o ridículo do amigo íntimo é o que importava para o “Amigo do Freitas”, e essa atitude de ridicularização era o ponto revelador de seu caráter. O humor é a veia central da comédia, obtido principalmente a partir do ridículo. Aristóteles, na *Poética*, define a comédia como “a imitação de maus costumes, não contudo toda a sorte de vícios, mas só aquela parte do ignominioso que é o ridículo” (ARISTÓTELES, 1966, p. 87). No texto de Figueiredo Coimbra, o humor também é característica latente e essencial para que a coluna seja bem realizada. Por isso, a personagem “Amigo do Freitas” traz ao Escritor um “assunto” ótimo e magnífico, numa exposição ao ridículo de que a coluna se aproveita. O “Amigo do Freitas” caracteriza Escritor como aquele “que apanha o *assunto humorístico em toda a parte*, buscando-o em qualquer pessoa ou em qualquer fato”.

O tom de humor, de “imitação de maus costumes” e o “ridículo” para a obtenção do riso, como na comédia, estão incrustados nos escritos do autor. Ao retirar os temas de todas as partes, principalmente dos fatos cotidianos, Coimbra prende sua coluna também aos propósitos da crônica em si. No entanto, Escritor

além de aproveitar e ridicularizar a figura do “Amigo do Freitas que estava ali, à sua frente naquele momento, também usa o “ridículo do seu Freitas” para fazer a sua crônica.

O assunto é retirado do que está acontecendo ao redor do Escritor, como também da proposta do amigo, já que essa é relatada durante a crônica. O ridículo transpõe-se de lugar; passa do Freitas para o “Amigo do Freitas”, o aproveitador. Percebe-se, no texto, que o ridículo está no “Amigo do Freitas”, quando se expõe perante um escritor, querendo rir de seu amigo, com quem convive sempre e que provavelmente é um daqueles convidados que não só comem os biscoitos e tomam o chá, mas, que pelas costas de seu amigo, quer vê-lo exposto ao ridículo, em uma coluna humorística de jornal. Dessa forma, o “Amigo do Freitas” encontra no Freitas o cômico, e o Escritor encontra no “Amigo do Freitas” e no Freitas, a forma cômica plena. Tudo isso acaba revelando que o “Amigo do Freitas” é uma pessoa sem ética e, que o Escritor pode usar de várias técnicas para obter o humor. Escritor fala da situação humana, e por meio do humor lhe é permitido tratar tanto do assunto proposto pela personagem, como de outros que ele ache humorístico.

Nota-se nessa crônica que as características das personagens são percebidas apenas por suas falas, sem intromissão narrativa ou rubricas. A única personagem que tem um nome próprio, não tem voz ativa na história, apenas é mencionada na conversa. O tempo e o espaço também não são delimitados. Essas estruturas são participativas de toda a série.

### **2. 3 – *Queres um magnífico assunto para um diálogo?*–O ponto de partida**

A pergunta “Queres um magnífico assunto para um diálogo?” inicia a crônica do dia 9 de julho de 1896, estabelecendo um processo de indagação que lança a conversa sobre um assunto para o texto. Geralmente, os *Diálogos* se iniciam a pretexto de uma explicação sobre o porquê daquela “conversa”.

O elemento desencadeador da crônica remete a alguns pressupostos. Em primeiro lugar, as personagens se conhecem, em segundo, o assunto é

peculiar ou de interesse de ambas. A maioria das crônicas segue esse padrão. A leitura dos textos de 1895 permite observar algumas situações-chaves, que regem o surgimento da conversa em cada crônica.

Uma situação frequente nos *Diálogos* de 1895 é a troca de informações. As personagens conhecem o assunto a ser tratado e ambas contribuem para adicionar subsídios ao texto. Na crônica 74, as personagens conversam sobre um assunto que ambas conhecem, por isso comentam na mesma proporção:

- Explicar-me-ão esta celebreira? Vivemos a falar da tradicional meiguice do caráter brasileiro e os jornais agora inserem constantemente notícias horrorosas de crueldades, barbaridades e atrocidades praticadas contra crianças indefesas
- São casos isolados. O povo brasileiro é doce.
- Para casos isolados acho que se repetem muito a miúdo, e, quanto à doçura do povo, creio que vou ficando inteirado.

Trata-se de uma conversa entre amigos, comentando os fatos recentemente ocorridos. Em outros *Diálogos*, têm-se, além da troca de informações, a transmissão de uma nova; é o caso da crônica 72:

- Como há de ser isto agora? Então sucede na monarquia o mesmo que sucedeu na república? Continua a música?
- Qual música?
- A dualidade do governo não se limita à simples presidência de Sergipe; vai até ao trono.
- Ao trono?
- Sim, quem nos governa: sua majestade a imperatriz D. Izabel I ou sua majestade o imperador D. Pedro III, seu filho?
- Que diabo de brincadeira é essa?
- Oh! pois não leste os últimos telegramas de S. Paulo?

A personagem recebe a informação e, pela seriedade da mesma, acha que é uma brincadeira. Percebe-se o papel de informante exercido pela personagem, que divulga as últimas notícias. Há também as crônicas nas quais uma informação vem à tona para ser explicada ou comentada. É o que acontece na crônica 3:

- Seis milhões esterlinas! É de fazer vir água à boca! Que dizes, meu camarada? Seis milhões!
- Digo que é belo! Mas já me contentava agora com seis mil réis!

A crônica 6 é um exemplo de situação em que a personagem pede uma explicação sobre um termo estrangeiro que desconhece e, para isso, procura a pessoa qualificada como a “tanto sabes”:

- Tu, que tanto sabes, poderás dizer-me que vem a ser um marido *avant la lettre*?
- A que propósito me fazes esta pergunta?
- A propósito de uma notícia que li há dias no bonde, e que provocou de um vizinho meu, que também a lia, esta exclamação: Ora aqui está o que se chama um marido *avant la lettre*!
- Eu te explico: Diz-se marido *avant la lettre* do homem que entra em exercício de direitos conjugais antes do casamento, considerando-se casado à face de Deus e dos homens.

Desencadeiam conversas entre personagens um pedido de favor, de outra coisa, ou mesmo a exigência de algo. Na crônica 16, por exemplo, há um mendigo que exige a esmola de um caixeiro:

- Passe para cá a minha esmola, intima a um caixeiro ocupado em despachar uma freguesa.
- Espere um pouco. Não tenha pressa. Para o lucro que você dá...

Na crônica 63, a personagem “O candidato” pede votos para “O eleitor”:

- O CANDIDATO. — Posso então contar com o seu voto?
- O ELEITOR. — Pode, mas o doutor saberá que muito esperamos do seu zelo. Falo por mim e pelo meu distrito, onde tenho alguma influência.

No decorrer dessa crônica, “O candidato” também expõe suas opiniões para “O eleitor”. Este princípio rege várias crônicas, como a 60, em que a personagem expõe seus pensamentos para seu colega:

O PESSIMISTA. O país está à beira de um abismo.  
O OTIMISTA. Perdão! o Brasil progride como nunca.  
O PESSIMISTA. A crise está em toda a parte; o futuro mostra-se nos pavoroso.

Muitas vezes, as personagens fazem simples relatos, como pode ser observado na crônica 73, em que um tradutor relata como fez a tradução de uma opereta:

— Traduzi uma opereta cujo único merecimento é a música, realmente bonita, além de originalíssima. Entretanto, a peça vai à cena justamente sem esse elemento essencial.  
— Como?  
— Fui obrigado a fazer versos para outra música.

Há crônicas nas quais as personagens querem provar algo a um amigo, como na de número 100, em que um jornalista deseja evidenciar que seu amigo não sabe gramática:

1º. JORNALISTA. —Vou provar-lhe, colega, que você não sabe gramática.  
2º. JORNALISTA. — E sabe a você porventura? Um homem que escreve: Peço-lhe que deixe-se enternecer!  
1º. JORNALISTA. — Ora! Quantas asneiras não leio eu no seu jornal? Ainda hoje lá vi um “SEGUE amanhã para a Europa...”

Os princípios que regem as conversações aparentemente casuais de Figueiredo Coimbra se resumem em trocas de informações, conhecimento de novas informações, pedidos de opinião ou comentários, explicações sobre fatos ou temas, pedidos ou exigências, pensamentos, relatos e solicitações de informações. Tais desencadeadores dos diálogos são extraídos do cotidiano. As situações baseiam-se no convívio agitado da capital federal em fins do século XIX. No entanto, as situações não são bem delimitadas, como, aliás, toda conversa que se sustenta na naturalidade, criando o efeito de realidade, Muitas vezes as conversas fogem às situações demonstradas, principalmente por serem fruto da

vida diária. Cumpre salientar, portanto, que as situações não são estanques, embora se possa observar, nos textos de 1895, uma certa recorrência nas circunstâncias desencadeadoras da conversação.

A partir dessas considerações, observa-se que o encadeamento dos diálogos flui, mantendo um equilíbrio dinâmico que leva a discussão ao que se poderia chamar de “bate-volta”. Nota-se também que algumas crônicas apresentam um início aparente e outras não. Na crônica 62 tem-se um começo bem marcado:

O JORNALISTA, *entrando no camarim da distinta atriz.* — Boa noite, menina! Tu das licença, não?  
A ATRIZ. — À vontade. Há quanto tempo não aparece!  
O JORNALISTA. — Por não poder... Muitas ocupações. O meu desejo é estar sempre a teus pés.

Nessa crônica, o jornalista entra no camarim e cumprimenta a atriz. As personagens chegam, se cumprimentam e encetam uma conversação. Já outro tipo de crônica da série *Diálogos* não tem um início aparente, como se nota no exemplo da crônica 63:

O CANDIDATO. — Posso então contar com o seu voto?  
O ELEITOR. — Pode, mas o doutor saberá que muito esperamos do seu zelo. Falo por mim e pelo meu distrito, onde tenho alguma influência.

O vocábulo “então” pode indicar que as personagens estavam conversando anteriormente, como se o diálogo estivesse em andamento.

Essa característica da oralidade confere vivacidade às crônicas. Ora, a utilização de um mesmo princípio de construção de diálogos (cumprimento seguido de exposição de motivos) transformaria a série em um amontoado de crônicas maçantes. Os leitores talvez não se interessassem por textos em que as personagens diariamente se cumprimentam, exceto se isso tivesse um sentido específico na crônica. Daí a percepção de Coimbra em criar situações variadas e modulações na conversação.

Conversas sem um início aparente apontam para uma aproximação maior com situações cotidianas, com conversas ouvidas por outrem, iniciadas *in medias res*, ou seja, apontam para uma conversação em movimento. É como se o autor captasse das ruas apenas aquele momento flagrado na conversa, aquele “pedaço” de conversa. Tal característica fragmentária das situações conversacionais nos remete ao que escreveu Ferreira de Araújo, para quem a coluna se caracteriza como *specimen*. Somente daquele ponto em diante, daquele flagrante, que o leitor tomará conhecimento dos assuntos tratados na conversa.

A crônica 5, por exemplo, se inicia com a leitura do jornal *O País*:

- Diz o *País* : “Visitou-nos ontem o ator Silva Pereira...”
- Pois ainda vive o famoso artista?
- Naturalmente não é o mesmo. É provável que se trate de algum neto desse ator, que passou a história como um dos maiores casos de longevidade.

Pode-se inferir por esse começo que as personagens já estavam conversando no momento em que travam esse diálogo. Seria incomum um leitor comentar uma notícia no meio da rua, mas é possível que uma situação dessas ocorra, por exemplo entre jornalistas numa redação de jornal. Não há informações sobre as personagens, nem sobre o lugar onde elas se encontram, contudo, é possível deduzir que se trata de um flagrante de conversa em andamento.

#### **2.4 - Dinamismo na crônica**

O dinamismo dos *Diálogos* pode ser percebido na interação entre as personagens, que trocam opiniões e idéias. Por meio dessas personagens o autor consegue transmitir aos leitores pontos de vista diversos sobre os últimos acontecimentos.

A ação e a movimentação constante das personagens podem ser constatadas nas cenas urbanas. Na crônica 39, por exemplo, há uma viagem de bonde pelas ruas do Rio de Janeiro. As personagens conversam, enquanto o veículo se movimenta. O deslocamento do bonde dá oportunidade para a

conversação. Percebe-se também a passagem de várias personagens, referidas na cena. Elas não têm voz ativa, são apenas referências, menções que compõem o cenário do diálogo. O trecho transcrito abaixo é uma demonstração disso:

— Não. Eu também sigo. Ó Sr. condutor: pode seguir... A propósito: o meu troco?... Ah! tem razão: paguei cinco passagens, a minha, a do comendador, a daquela senhora do terceiro banco, a daquele moço da ponta e a do... Quem foi mais? ah! sim, o Dr. Tiburcio! Não receba dinheiro dele!... Schiu! mande parar! Que é do meu homem? Não o vi saltar! Mas então este bonde não pára?... Minha senhora... Sr. Siqueira... até outra vez! Recomendações...

— A senhora salta ou não salta?

— Salto já. Deixe-me tirar estes embrulhos... Pronto: a caixa de chapéu, o dicionário e as duas escovas! A caixa vai aqui na mão direita, o dicionário...

— Mas, senhor, queira apelar-se. Os passageiros não podem estar ao seu dispor...

A personagem Barros conversa com várias pessoas ao mesmo tempo: o condutor, a senhora e o Sr. Siqueira. São várias frases entremeadas, que se referem a várias pessoas. Elas sobem e descem do bonde, numa movimentação característica da cena diária do Rio de Janeiro. Toda a crônica é marcada por esta dinamização da cena urbana. Ao mesmo tempo em que a personagem conversa com o comendador (seu interlocutor), interrompe o diálogo para conversar com o condutor do bonde. Isso sem que haja marcações nítidas, porém, perceptíveis na fala do Sr. Barros.

Há outras marcações textuais que dinamizam as conversas e conferem movimentação semelhante à da realidade. Na crônica 48, uma personagem fala ao ouvido da outra, o que está marcado pela pontuação. Sabe-se que se trata de um segredo, de algo muito importante que não pode ser dito a todos, no caso, os leitores. Para marcar o quanto o segredo é escabroso e indicar o seu conhecimento por parte da personagem, trata-se das deliberações dos ministros, o cronista usa exclamações, num processo gradativo que começa com apenas uma exclamação e termina com três:

— Caso importantíssimo! Isto é só para mostrar que V. Ex. é muito mau para comigo; não favorece um pobre repórter, e o pobre repórter, apesar disso, está na ponta!

— Vá lá. Fale ao ouvido.

— .....

— !

— .....

— !!

— .....

— !!!

— Então. Exm. !

— Não há segredos para você.

A marcação de pontuação confere a esta crônica uma noção de movimento, ou seja, percebe-se que a personagem não está estática. Movimenta-se para falar ao ouvido da outra. A pontuação marca o segredo e o respectivo movimento físico necessário para manter a informação em sigilo. Embora configure um caso particular, tal situação demonstra a agilidade e a expressividade da crônica de Coimbra.

Em alguns casos, as personagens falam consigo mesmas, como na crônica 53, em que “O Doente Esperto” faz um comentário para si:

O DOENTE ESPERTO. — Aí vem o Dr. Garcia. Que encontro providencial! Vejamos se disfarçadamente consigo apanhar-lhe uma receita grátis... Sr. doutor, V.S. passa bem?

Nesse trecho, observa-se que, primeiro, a personagem fala consigo mesma, depois com o médico. Na realidade, é como se ela situasse o leitor em relação às suas intenções. A passagem é marcada pelas reticências. Percebe-se ainda que o doente estava longe do médico, o qual passaria ao seu lado, conferindo movimentação à cena. Tal inferência é permitida, pois o doente faz um comentário para si mesmo e só depois conversa com o médico. Evidentemente, não se trata de um pensamento, porque se assim fosse, este viria marcado, como em outras crônicas, pela indicação do “aparte” ou pelo parênteses. Estas são convenções do texto dramático às quais Coimbra recorre.

O deslocamento físico das personagens pode ser percebido também na crônica 88, que as mostra em constante movimento por meio da narração da personagem. Na crônica, a personagem faz um relato sobre os diversos lugares do Rio de Janeiro, pelos quais ela passou durante o dia. Primeiramente, vai de bonde para Vila Izabel, para na rua do Senado esquina com a General Caldwell, depois pega um tálburi e vai para o Rio Comprido. Quando passa pela Praça da República, esquina com a rua do Areal, para novamente. Em seguida, toma outro tálburi e, quando chega à Rua do Catete para, seguindo depois para a Gávea. A personagem ainda “corre” todos os bairros e só consegue a informação almejada na rua da Prainha. Essa descrição é reveladora da movimentação produzida na crônica.

As características aqui apontadas demonstram que as crônicas de Coimbra compõem cenas de conversação em constante movimento. Não são relatos estáticos. As personagens conversam, se movimentam fisicamente e interagem, como em uma conversa real. A forma dialogada da crônica confere naturalidade às situações dramatizadas, que acabam reproduzindo o dia-a-dia da cidade.

## **2.5 – Narrador e rubrica**

O modelo adotado por Figueiredo Coimbra nas crônicas dialogadas dispensa a presença do narrador. No entanto, é possível notar que em algumas crônicas escritas em 1895, o cronista recorre à intervenção do narrador. Encontramos nesse conjunto a presença de um narrador observador, como se pode verificar no texto 12:

Até esse dia decisivo na sua vida, jamais o meu vizinho Raimundo pudera habituar-se à idéia de que seu filho jogava.  
Jogava desesperadamente o jovem herdeiro das glórias de Raimundo, despendendo com um garbo incrível e, uma ainda mais incrível insensatez, a gorda herança materna, em cuja posse entrara desde alguns meses.

Ao analisar a abertura da crônica 12, podemos delinear a presença de um narrador que relata a história de seu vizinho Raimundo. O narrador-personagem observa os fatos, como um vizinho curioso, que está a falar da vida alheia. A função desse narrador observador é de intromissão na vida alheia, de bisbilhoteiro. Este aspecto não é exclusivo da crônica 12, pois se aplica a toda a série de Coimbra. O cronista parece assumir constantemente o posicionamento daquele que vê a história de fora, como a figura do vizinho que vive cuidando da vida alheia, e retrata as cenas observadas à distância. Assim, o cronista é aquele que observa as cenas de fora, para, em seguida satirizar o que viu.

Na crônica 14, um narrador-personagem situa o leitor em relação ao assunto em discussão. O sujeito elíptico da frase “que (eu) admiro” demonstra que a crônica está em primeira pessoa. O narrador relata o diálogo, o seu e o da personagem, a partir de uma resposta a uma pergunta não transcrita, como pode ser percebido na reação do poeta “Oh! sim! Exclama o ilustre poeta”. Primeiramente, o narrador manipula os leitores fazendo-os acreditar na posição idônea do poeta, que fará a crítica a uma nova publicação. Depois, em um processo irônico, toda a idoneidade é quebrada pelas próprias falas do poeta. Percebe-se ainda a presença e a intromissão da voz narrativa na passagem: “exclama o ilustre poeta”.

As marcas da presença do narrador entremeado às falas das personagens aparecem no conjunto das crônicas de 1895. Uma ocorrência encontra-se no texto 15:

O empresário evita-o sempre que pode: mas um dia é surpreendido, e tem de ceder ao peso das circunstâncias.  
— Leia-me esta peça, — **diz N.**,— e estou certo de que tratará logo de a pôr em cena.

Percebe-se que a narração se faz na terceira pessoa do singular. Um narrador observador, que não participa da história, narra o caso a partir de outro ângulo, dando dicas de como são as personagens que dialogam. Na crônica 16, mais uma vez, encontramos a presença de um narrador observador que descreve

a cena e relata os fatos. Tais narradores introduzidos nos *Diálogos* conferem juízos críticos e se manifestam por meio de adjetivação qualificando as personagens, como em “um mendigo de bom **parecer e modos decididos** entra numa loja de fazendas”. Em algumas crônicas, entretanto, os julgamentos do narrador são derrubados pelas personagens, que se mostram contrárias às opiniões apresentadas pela voz do narrador.

Ainda em relação à crônica 16, podemos notar uma peculiaridade, O narrador introduz um monólogo proferido pelo mendigo que reclama de sua condição. Embora exista um monólogo e não um diálogo, o cronista diferencia a voz do narrador da voz do mendigo por intermédio do travessão.

Na crônica 17 um narrador observador e também irônico se manifesta. Ele nos introduz a uma cena romântica, característica de Romeu e Julieta, mas os fatos que sucedem no decorrer da crônica contradizem o que foi apresentado:

Idílio.

À meia noite, sob o luar dulcíssimo Romeu, palpitante, sobe a escada de seda, correndo aos beijos da celestial Julieta.

Algumas crônicas apresentam diálogos semelhantes a rubricas teatrais, que chegam a se confundir com as rubricas dos textos dramáticos. Tais falas surgem como indicações de uma cena e não como voz narrativa. Essa mudança pode ser detectada na crônica 18, que começa com “Telefone”. Se poderia considerar essa indicação como a presença de um narrador? Seria essa voz similar à que analisamos acima? Tudo leva a crer que não.

Pode-se notar, por exemplo, essa diferença em relação à crônica 20, que começa com a “reportagem ativíssima” para só depois encetar um diálogo. A crônica se encerra da seguinte maneira:

**O informador acompanha com olhar de soberano desdém o colega que se afasta:**

— Pateta! Dei-lhe umas notícias sem valor...

**E puxando do bolso um papelinho secreto, a sensacional, a verdadeira:**

— Mas desta é, que ele não sabe! Que *furo* para amanhã. (grifo nosso)

As passagens grifadas sugerem a presença de um narrador, pois a situação evidencia que não se trata de um texto dramático. A voz do narrador indica a movimentação da personagem que o narrador “acompanha com olhar”, “puxando do bolso” um papel, além de conferir atributos ao pepelinho “secreto” e à notícia, “sensacional” “verdadeira” que este contém. Em função de tais atributos podemos considerar que não se trata de rubricas mas de uma voz narrativa que opina sobre o que vê. A situação muda completamente na crônica 22. Em vez do narrador surgem rubricas e menções nominais a personagens:

Discussão do orçamento na Câmara dos deputados.

O DEPUTADO A. — Sr. presidente, V. Ex. e<sup>22</sup> o país inteiro são testemunhas do modo grosseiro, injurioso, revoltante, por que fui tratado pelo meu nobre colega B. no meu luminoso discurso de ontem sobre esta magna questão.

O DEPUTADO B. — Não apoiado. Não o tratei com grosseria; disse apenas que V. Ex. faltava desembaraçadamente à verdade.

[...]

O orador é calorosamente abraçado e cumprimentado<sup>23</sup> pelo deputado B. e mais colegas.

A crônica começa situando os fatos, ou seja, a “discussão na Câmara dos deputados”. Em seguida, ocorre a menção a personagens, recurso que Coimbra ainda não havia utilizado em suas crônicas. Além disso, o final do texto aponta para um indicativo de cena, na qual as personagens se abraçam e se cumprimentam. Tais indicações e explicações diferem das encontradas nas primeiras crônicas, caracterizando um registro próximo ao teatral, em oposição ao narrativo. Portanto, os textos de Coimbra passam a incorporar rubricas ou didascálias, próprias da dramaturgia. Segundo Lopes Júnior (2007):

---

<sup>22</sup> A letra “e” estava ausente no jornal, por uma provável falha na impressão.

<sup>23</sup> No original encontra-se “cumprimentado”.

É a partir da leitura da peça teatral que o leitor tem acesso à rubrica, pela qual o autor dará as informações necessárias para a encenação. Neste contexto, são vários os tipos de didascálias:

- a) Tipos de personagens, gêneros (comédia, tragédia, farsa).
- b) Referências de tempo, espaço e enumeração de personagens que entram em cena.
- c) Entradas e saídas de personagens, menção dos nomes dos personagens antes das falas e modos de se expressarem em cena (gestos, tom, voz)
- d) Sugestões para figurinos, adereços e cenários.
- e) Indicações técnicas de iluminação, sonoplastia e contra-regras.
- f) Sugestões específicas para a direção. (p. 27)

Dessa perspectiva, pode-se afirmar que Coimbra incorpora em suas crônicas as didascálias do tipo “b” e “c”. A partir da publicação do texto 22 da série, aparecem “indicações cênicas”. Estas não podem mais ser consideradas como a presença de um narrador e sim como rubricas, apesar de existirem vestígios de um possível narrador, como na referência à Bilac, encontrada na crônica 26:

Num armarinho da rua do Ouvidor, segundo Bilac... e a verdade.  
Personagens: uma moça de boa família e um caixeiro apelintrado.  
O CAIXEIRO. — Ora viva quem é uma flor! Como vai essa bizzarria?  
A MOÇA. — Bem, obrigada, *seu* Pereira.

A mudança da instância da narração para a rubrica é perceptível pois há clara indicação de personagens, elemento integrante dos textos teatrais. Dessa forma, verificamos nos *Diálogos* a troca da voz do narrador pelas rubricas. As didascálias iniciais indicativas de tempo, espaço e personagens são abolidas já no primeiro ano da série. O que se consolida na estrutura dos diálogos são as menções aos nomes das personagens antes de duas falas e, as referências ao modo delas se expressarem.

As diferenças entre as crônicas que se aproximam da narrativa e aquelas com características teatrais se tornam mais perceptíveis quando há a indicação de pensamentos que só o leitor conhece ou se torna cúmplice. Nas

crônicas com marcação dramática, o pensamento da personagem vem indicado pelo “aparte”, conforme se constata na crônica 28:

O FREGUÊS, *muito tímido*. — Peço-lhe mil perdões se ousei incomodá-lo, mas pretendia jantar...

O CAIXEIRO, *aborrecido*. **Aparte**.— Mais um! Decididamente, é uma praga. (*Alto, com rispidez*). Diga o que quer, e depressa!

Encontramos este recurso dramático em cinco crônicas<sup>24</sup> de 1895.

Patrice Pavis define o aparte como sendo:

1. O aparte é uma forma de *monólogo*, mas torna-se, no teatro, um *diálogo* direto com o público. Sua qualidade essencial é introduzir uma modalidade diferente daquela do diálogo. O diálogo se baseia na troca constante de pontos de vista e no entrechoque dos contextos; desenvolve o jogo da intersubjetividade e aumenta a possibilidade da mentira das personagens entre si. Ao contrário, o aparte reduz o contexto semântico àquele de uma única personagem; assinala a “verdadeira” intenção ou opinião do caráter, de modo que o espectador sabe a que ater-se e pode julgar a situação com conhecimento de causa. No aparte, na verdade, o monologuista nunca mente já que, “normalmente”, não enganamos voluntariamente a nós mesmos. Estes momentos de verdade interior são também tempos mortos no desenvolvimento dramático, durante os quais o espectador formula seu julgamento.

2. A tipologia do aparte se superpõe àquela do monólogo: auto-reflexividade, convivência com o público, tomada de consciência, decisão, *dirigir-se ao público*, monólogo interior etc. (PAVIS, 1999, p. 31)

O recurso do aparte nas crônicas serve para que as personagens possam dirigir-se aos leitores, comentando as atitudes das outras personagens ou deixando suas opiniões sobre as mesmas.

Nas crônicas que adquirem aspectos narrativos, Coimbra usa o parênteses, em vez do aparte, para traduzir aos leitores o pensamento de suas

---

<sup>24</sup> O recurso esteve presente nas crônicas publicadas no dia 23 e 28 de agosto, 23 de setembro, e 13 e 31 de dezembro, respectivamente, cr. 28, 32, 53, 119 e 133. O “aparte” também é usado em crônicas de 1896 e 1897.

personagens. Na crônica 30, lemos a conversa entre o casal Finoca e Alfredo, na qual o pensamento de Alfredo ganha destaque:

— Hoje nem jantaste em casa!  
— **(Pudera jantei com a Carolina!)** O dever! oh! dever bem amargo! que cruel!  
— Paciência! precisa-se ganhar a vida! Mas se queres que seja franca, não acredito nesse negócio do Campello... A apostar que anda por ali alguma Campella... (grifo nosso)

Como se nota, o pensamento da personagem está registrado entre parênteses, antecedendo sua fala em voz alta. Numa encenação o pensamento seria pronunciado para que o público ouvisse. No caso do texto escrito, o leitor pode ter acesso ao que a personagem pensa, embora o interlocutor da cena não tenha notícia do mesmo. O leitor, assim, pode perceber que se trata de uma manifestação interior da personagem, diferente da fala que exterioriza. Na crônica 41, há novamente o registro dos pensamentos da personagem, um cavalheiro que galanteia uma dama na rua, entre parênteses. Na crônica 42 a personagem Mãe conversa com a sua filha sobre o casamento, havendo algumas passagens entre parênteses que sugerem pensamentos e não falas.

Na primeira crônica da série, Coimbra utiliza parênteses para indicar um comentário do narrador sobre a cena. O próprio narrador afirma “entre parênteses”, para explicar determinada cena da crônica, em seguida, “outro parênteses” com a mesma intenção de referir-se à cena. Nas falas das personagens, o narrador volta a interferir por meio de parênteses: “para deslumbrar os papalvos “(Raul bate ruidosamente as sílabas dessa palavra: pá-pal-vos)”.

Com a regularidade da publicação da série, a intromissão do narrador parece tornar-se desnecessária, desaparecendo nas crônicas dos anos seguintes. Tudo indica que o leitor de Coimbra consegue imaginar a cena sem a intromissão do narrador. No entanto, o cronista preserva o uso de didascálias em algumas de suas crônicas, conforme se mostrou, para indicações de personagens e modos de expressão, além do uso dos apartes.

## 2.6 – Espaço e tempo

O espaço ou ambiente em que se desenvolvem as crônicas, muitas vezes não são delimitados. Das crônicas de 1895, é possível identificar o ambiente de cerca de 60%. Em relação às outras, não conseguimos definir ao certo onde o diálogo está ocorrendo.

Ora, o diálogo, a conversação travada pelas personagens pode ocorrer em qualquer lugar. Isso significa que não há necessidade de se delimitar o espaço, pois as situações não dependem de um local específico. A análise da crônica 31 confirma essa proposição. O assunto principal daquele diálogo é Teófilo, o noivo da irmã de uma das personagens. Em nenhum momento há qualquer indicação, do lugar onde se dá a conversa. A cena pode se situar na casa de uma das personagens, em um restaurante, no ambiente de trabalho ou no jardim de um dos teatros. Não há a mínima indicação do ambiente. O assunto que motiva a conversa (os amigos do noivo – preocupações com a irmã), configura um tipo de situação passível de ocorrer em qualquer lugar.

Não se pode atribuir a todas as crônicas em que inexitem sinais precisos de ambientação essa pressuposição de universalidade espacial, porém, esta parece ser válida para muitas crônicas de Coimbra. Os assuntos, pessoas, situações retratadas não necessitam de um lugar exato para ocorrer, podendo se dar em qualquer lugar da cidade, tanto no centro, como nos subúrbios, em ambientes interiores como nos espaços externos. Essa indefinição espacial é visível na crônica 2. O assunto do diálogo estava em alta no Rio. Todos comentavam naquele momento a atuação do cantor Frégoli, portanto, o comentário e o paralelo com a situação política poderia ocorrer em qualquer lugar da capital federal:

- Admiráveis, admiráveis, estes homens de sete instrumentos!
- Mau! não comeces já com alusões políticas...
- Perdão! homem de sete instrumentos não é política...
- Então que é?

- É arte.
- Será política da arte.
- Quando falo de sete instrumentos, quero referir-me a cinco vozes.
- Como?
- Já viste ou ouviste o Frégoli?

Há crônicas em que os espaços são bem marcados e delimitados, como na crônica um, “Uma camarada comum apresenta-os um ao outro, no **escritório d’A Notícia**”, e há casos, em que é preciso ler o texto inteiro para situar as personagens:

A LETRADA. — Tudo que o senhor fizer será bem feito e por mim guardado como mimo de inestimável valor.  
O POETA. — Está bem. Empreste-me o seu álbum, que lho trago daqui a três dias.  
A LETRADA. — O quê? Vai levar todo esse tempo para me dar um autógrafa? Nada! nada! Demais, o meu álbum não sai de **casa**. É uma questão de princípio... Faça favor de escrever já. (cr. 102)

Somente por intermédio das falas da “Letrada” percebe-se que a cena ocorre na casa dela, D. Generosa. Não há qualquer menção ao ambiente no começo da crônica em que um poeta e uma letrada dialogam. Nesse caso, apenas no decorrer da leitura é que o leitor poderá identificar o lugar da ação.

Nas crônicas em que o espaço é identificado, há situações que transcorrem em interiores e outras em locais externos. Em relação aos interiores predominam as residências familiares, os restaurantes, as redações dos jornais, a Câmara dos deputados e lugares habitados no Rio de Janeiro daquele fim de século. Já nos ambientes exteriores, prevalecem as ruas como lugar principal da conversação. Destacam-se também locais abertos, como os jardins dos teatros e o cemitério. A característica comum desses espaço está no fato de todos poderem representar a vida na capital federal.

Em decorrência do deslocamento frequente das personagens, alguns diálogos se passam em dois ambientes, sejam externos ou internos. Isso é perceptível na crônica 13, em que, de início, as personagens se “esbarra(m)” na

Rua do Ouvidor, em seguida, vão almoçar em “uma das melhores casas de pasto” da cidade. A conversa transcorre tanto na rua, quanto no interior do restaurante. Na crônica 88 as personagens também se movimentam pelas ruas e bairros do Rio de Janeiro. Os logradouros citados situam-se todos na capital federal. Desse modo, as crônicas indicam situações de trânsito e movimentação por diversos ambientes do Rio de Janeiro, assinalando o caráter moderno das cenas dialogadas.

Em algumas crônicas, há indicações não apenas do espaço, como do transcurso temporal da cena. Na crônica 50, tempo e espaço são bem pontuados: nos fundos de uma taverna da Cidade Nova, às dez hora e meia da noite. A marcação exata do tempo visa demarcar o final do expediente em uma taverna. Nessa hora, patrão e empregado vão conferir o movimento do dia.

Por se tratar de um texto dialogado, o tempo da ação é sempre o momento presente, caracterizado pela imediatez . Em alguns textos, porém, há menções a fatos passados ou que remetem a situações anteriores, já acontecidas, principalmente, nas crônicas em que as personagens relatam casos pessoais. Há também projeções e planejamentos futuros, contudo, o tempo é sempre o do presente. As ações se passam sempre ali e agora.

## **2.7 - Personagens**

Antes de compor um panorama das personagens que povoam os *Diálogos*, é preciso assinalar de que maneira os leitores as reconhecem e identificam as suas características. Convém ter claro que as personagens de Coimbra podem ser apresentadas por intermédio de três procedimentos formais:

- a) somente por suas falas (característico do texto dialogado);
- b) por um narrador ou por uma rubrica inicial;
- c) pela menção aos nomes das personagens antes de suas falas.

Os três modos de apresentação não se excluem, já que em todas as crônicas vamos encontrar a alínea A. Só identificamos as características das personagens por intermédio de suas falas, mesmo quando os procedimentos das

alíneas B e C são utilizados. Os procedimentos de B e C também não são excludentes entre si, visto que aparecem numa mesma crônica.

Como exemplo do procedimento A temos a crônica 46, em que conversam duas viúvas cujas falas informam o leitor sobre quem são. Além disso, encontramos as características da filha da viúva, que faz parte da crônica:

- Muito galante é esta menina! É sua filha?
- Sim, minha senhora.
- Que *bijou!* Tem uns olhos tão meigos, uns cabelos de ouro tão anelados...
- É o retrato vivo do pai.
- O senhor seu marido também tem os cabelos anelados?
- Sou viúva.
- Ah! desculpe-me: fui talvez reavivar-lhe alguma dor...
- Não, minha senhora. Não há dores que resistam ao tempo.
- Se [...] Também eu sou viúva, e declaro-me inconsolável.

Aqui, tomamos conhecimento das características e das informações sobre as personagens apenas por meio de suas falas. Já em relação ao procedimento B, a crônica 7, em que as personagens são apresentadas por um narrador, “O aplaudido literato recebe a visita de um de seus admiradores”, oferece um bom exemplo de apresentação indireta de personagens. Quanto ao procedimento C, a crônica 87 esclarece de que maneira se sabe previamente quem profere cada fala, conforme se lê:

- O ATOR X.** Ora porque razão você me há de querer tanto mal? Não tenho sido sempre seu camarada?
- O CRÍTICO Z.** Não o compreendo. Em que se baseia para dizer que eu lhe quero mal?
- O ATOR X.** Chega até a parecer uma perseguição! Quem o não conhecer suporá que você me trata assim por despeito, que me tem ódio antigo.

Tem-se nessa crônica a identificação das personagens por “ator X” e “crítico Z”, e mesmo que o leitor não saiba os nomes próprios das personagens, identifica que o diálogo se trava entre um ator e um crítico.

Apresentadas as três formas pelas quais os leitores reconhecem as personagens, cabe ressaltar aqui a natureza das figuras de Coimbra. Elas formam um painel da sociedade carioca do final do século XIX. Seu posicionamento, nem sempre é claro e, às vezes, não se consegue precisar o papel que cada uma desempenha dentro da sociedade. Na crônica 2, por exemplo, notamos que não se trata de um criado, ou de um homem do povo, mas de um homem bem informado, capaz de tecer comentários políticos e criticar o teatro. Isso é notável sobretudo porque se refere ao artista Frégoli, a nova atração do Teatro Lírico.

Outro aspecto marcante das personagens da série é o processo de generalização que conduz ao tipo. São personagens na sua maioria sem individualidade, compostas para indicar um comportamento comum ao tipo que encarnam. Na crônica 8, mesmo estando explícito o nome do funcionário público, Meireles, o narrador insiste em chamá-lo de “funcionário público”. Meireles é uma espécie de universalização dos funcionários públicos, porque age e se comporta como tal.

Na crônica 12 a generalização se faz em torno do filho viciado em jogo e do vizinho que cuida da vida alheia. A única personagem nomeada é Raimundo – o pai do filho viciado em jogo. O leitor não conhece o nome do vizinho, nem do filho, que constituem tipos. A personagem principal é Raimundo, sendo as outras duas tipos que ilustram um certo comportamento social.

Coimbra explorou a tipificação de personagens, recurso comum nas comédias, também aproveitado no teatro de revista. A tipificação constitui uma convenção bastante usada nas revistas de ano que os *Diálogos* de Coimbra incorporam:

Tipos sempre povoaram a comédia. Os tipos opõem-se aos indivíduos. Enquanto estes têm um nome, um passado, conflitos, são imprevisíveis, aqueles são quantidades fixas, construídos sobre atitudes externas. Sobre o indivíduo pode-se saber da sua infância, como foi criado, alimentado, dos poetas que leu e do deus em que acreditou. Do tipo tem-se uma imagem projetada, vícios, trejeitos, atitudes, deformações. [...] Os tipos começaram a se definir no teatro de revista desde o seu início e, no Brasil,

evidentemente, como resultado de nossa comédia de costumes e do panorama político-social do país. (VENEZIANO, 1991, p. 120-121)

As personagens que aparecem na coletânea de 1895 são geralmente tipos que se encontram na sociedade. Os tipos não estão presentes somente no teatro de revista, encontram-se nos gêneros da tradição cômica e na comédia de costumes brasileira. Veneziano (1991) ainda afirma que:

O Teatro de Revista sempre se apoiou em tipos populares que refletiram o panorama político-social do momento. Estes tipos, evidentemente, não eram desenvolvidos a ponto de chegarem à dimensão do ser humano, mas encarnavam o reflexo de toda a nossa humanidade cosmopolita e perplexa diante dos anseios progressistas. (p. 122)

Podemos supor que o trabalho com as personagens-tipo possibilitou ao cronista uma aproximação com um público maior, com todos aqueles que, de alguma maneira, viviam ou presenciavam as situações abordadas nos textos. As personagens-tipo facilitam o reconhecimento imediato das situações e criam uma empatia com o leitor.

Além da personagem-tipo, Coimbra usou, embora com menor frequência, a caricatura viva. Esta figura cômica, que possivelmente o cronista tomou emprestado das revistas de ano, consistia em:

[...] retratar ao vivo pessoas conhecidas da política, das artes, das letras ou da sociedade. O texto esmera-se em se aproximar do linguajar da pessoa real enfocada, buscando a forma adequada de expressão para vestir o conteúdo que lhe é típico. Na encenação, copia-se a figura: o mesmo penteado, a mesma indumentária, os mesmo gestos. O resultado é, quase sempre, hilariante. A platéia reconhece com facilidade o ridicularizado que geralmente, aparece camuflado sob um outro cognome. (VENEZIANO, 1991, p. 103)

Nas crônicas em que esse recurso caricatural de construção é utilizado, Coimbra não camuflou os nomes originais. Teatralizou, por exemplo, uma

conversa entre Julião Machado e Olavo Bilac<sup>25</sup> – aliás, Julião já aparecera em seu primeiro *Diálogos*. Para criar suas personagens, recorreu ainda à “alegoria dessacralizada”, tal como esta se encontra no teatro de revista . Nas revistas, “as abstrações ou coisas inanimadas são representadas através de personagens que se expressam numa linguagem figurada” (VENEZIANO, 1991, p. 138). São “entidades morais personificadas”, que “na Idade Média, com as *moralidades*, [...] transformaram-se num procedimento constante do teatro popular”. No Teatro de Revista,

[...] passeiam pela cena, numa convivência pacífica, estas entidades alegorizadas, os tipos e as caricaturas vivas. É um jogo entre a naturalidade e a alegoria, entre o flagrante e a utopia, entre o factual e o fantasioso. Através das alegorias, na revista, poderíamos ver personificadas também as classes sociais, as instituições ou os gêneros teatrais. (VENEZIANO, 1991, p. 139)

Nas revistas, não há lugar para elementos moralizantes, como explica Veneziano. Assim, a alegoria é decodificada pela plateia e desperta interesse tanto pela comicidade, quanto pelo aspecto usualmente crítico (*cf.* VENEZIANO, 1991, p. 140-141). A alegoria deixa de ser universal para ganhar feições próximas aos problemas vividos pela população, com “mais pindaíbas, doenças, golpes do baú, males em profusão” (*Ibidem*).

Coimbra recorreu ao modelo alegórico das revistas, desfazendo-se do puramente universal para transformá-lo em algo mais próximo do cotidiano de seus leitores. Representou, por exemplo, as doenças e as mazelas associadas à economia e aos meios de transporte. Em 1895 criou as seguintes personificações: A estrada central, A febre amarela, O café, O vinho, A estátua, *O País*, *O Brasil*, 1895, 1896, A alma e A besta.

Por outro lado, para ressaltar a personagem principal ou a personagem-assunto-principal, o cronista também fez uso da designação pessoal, adotando

---

<sup>25</sup> Essa crônica foi publicada em 1896. F.C.[Figueiredo Coimbra]. *Diálogos*. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 8 fev. 1896. p. 2, 6.col.

nomes próprios comuns à época, como Meireles, Freitas, Pereira, Maricota e Finoca. Na crônica 21, a única personagem designada pelo nome próprio é Luizinha:

Passa um enterro de uma senhora de boa sociedade, sobre cuja morte os jornais bordaram algumas frases sentidas.  
Há um longo acompanhamento.  
Imediatamente atrás do carro mortuário vai o viúvo com um dos seus amigos mais íntimos, que o procura consolar; mas o viúvo está inconsolável.  
— Pobre Luizinha! Tão boa, tão meiga, tão fiel!

Luizinha é assunto motivador da crônica, em que o viúvo participa do enterro de sua esposa e é consolado por um amigo. A pobre falecida, Luizinha, é o centro da cena do sepultamento, que gera o diálogo. Contudo, ao final, a situação dramatizada revela um outro rumo para a crônica, A situação se torna risível, num jogo de ironia, pois mostra que o viúvo, “inconsolável” pela perda da esposa, para em um quiosque para fazer um jogo de azar com o número da sepultura da mulher. Personagens-assunto ou motivo, como Luizinha, a única nomeada na crônica representam uma das criações encontráveis nos *Diálogos*. A mulher falecida, nesse caso, aparece apenas como uma referência para a conversação.

Ao nomear as personagens, o cronista, por vezes, as torna o foco central da situação. Na crônica 31 nomeia apenas a personagem-assunto, Teófilo, que não aparece em nenhum momento do diálogo, mas motiva a conversa dos dois interlocutores. Nessa crônica, somente Teófilo é nomeado, pois é sobre ele que os demais conversam.

Figueiredo Coimbra em certos textos utiliza letras para identificar suas personagens, como “Deputado A” e “Deputado B”. Com essa designação, generaliza as representações, como se todas as personagens agissem como os deputados de suas crônicas. O recurso está em várias crônicas, como na 22 e na 32, em que as viúvas são nomeadas apenas como A e B e os maridos, tema principal da crônica, são Edmundo e Ricardo. Ou seja, mais uma vez o assunto da

crônica, que sempre trata de uma pessoa ausente, é a personagem nomeada. Na crônica 42, o assunto é Eleutério, futuro marido da personagem e único designado pelo nome. Na crônica 79, um homem faz diversas reclamações ao redator do jornal – note-se, porém, que se refere várias vezes ao vizinho, sem pronunciar seu nome em nenhum momento. A única pessoa nomeada é Raimunda, filha do reclamante. Em outras palavras, Raimunda está no centro da conversação, é o foco principal do diálogo. Toda a conversa do pai com o redator tem por objetivo a publicação de uma nota comunicando o aniversário de Raimunda. Daí ser Raimunda a personagem-assunto da crônica.

Há também casos, como a crônica 104, em que todas as personagens presentes ou às quais se faz referência ganham nomes próprios, exceto uma amiga que está na casa de Joaquina. Isso porque a opinião de Joaquina não é levada em conta. A crônica inclui diversas pessoas: Joaquina, a amiga que não deixa a outra ir embora, João, marido desta, Venância, a empregada, Nenê, a filha, e Chico, o marido da mulher ignorada. A falta de um nome particular para a amiga de Joaquina confere um novo sentido para a crônica: ela não é ouvida em nenhum momento, a amiga não a deixa fazer o que deseja, é abafada por todos. Com isso, a personagem acaba se tornando nula, o que produz graça e humor. O humor associado à personagem sem nome, que não é ouvida, que não tem influência nenhuma sobre as outras, parece produzir um efeito rizível maior.

### **2.7.1 – Questão de gênero**

Em linhas gerais, pode-se concluir que as personagens da série *Diálogos* de 1895, são, em sua maioria, homens. Das crônicas desse ano, há, entretanto, algumas em que não se poderia identificar com facilidade o gênero dos falantes. Muitos diálogos, pela seriedade do assunto em discussão, permitem deduzir que se trata de uma conversação masculina, como na crônica 2 e na 18. Vale lembrar, por outro lado, que as mulheres retratadas na série, no mais das vezes, conversam sobre assuntos frívolos.

Das 133 crônicas de 1895, sete apresentam somente mulheres conversando. Há uma quantidade pequena de crônicas em que mulheres dialogam com homens. As poucas mulheres que aparecem nos *Diálogos*, se e quando aparecem, tratam de assuntos considerados fúteis e frívolos. Elas são tratadas como pessoas alienadas, visto que desconhecem o que se passa na política e no mundo das finanças. Coimbra parece enfatizar em sua coluna jornalística que elas dão mais atenção à literatura do que aos jornais, segundo se depreende de uma das personagens da crônica 4, que traz “muita observação e muita psicologia”.

Conclui-se, assim, que os *Diálogos* não contemplam a população feminina. As mulheres raramente aparecem e pouco falam. Nas cenas de representação de leitura, elas surgem como leitoras de ficção e não de imprensa diária. Não por outro motivo, a criada que troca de papel com a patroa, na crônica 32, tem como entretenimento a leitura de um romance moderno. A troca de papéis entre a patroa e a empregada pode ter sido inspirada na conhecida cena do polêmico romance *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós, revelando uma imagem das mulheres da sociedade como leitoras românticas.

Na crônica 41 a personagem em cena é uma mulher casada. Ela se comporta com integridade, e não aceita os galanteios de um homem desconhecido. Zela por sua reputação, por isso não quer conversar com um estranho. Desconhece as leis “fundamentais do país”, coisas simples como o direito de ir e vir, declarando “Não sei disso!”. A cena explicita que as mulheres não conheciam a Constituição brasileira. Esta mulher, que transmite aos leitores uma imagem ingênua da feminilidade, também desconhecia a realidade policial do Rio. Com esse quadro, o cronista procura mostrar de que maneira as mulheres sozinhas eram abordadas na cidade. Caso estivessem desacompanhadas, poderiam ser tomadas como mulheres fáceis, “perdidas”. Assim, toda a situação da crônica decorre do fato de a mulher caminhar sozinha na rua. Se Chico, o marido, estivesse em sua companhia, a cena da conversação não teria se dado.

O ataque um tanto conservador do cronista está direcionado para Chico (única personagem nomeada no diálogo), que permite à esposa sair sozinha à rua. Numa sociedade patriarcal e atrasada como a nossa, para passear na cidade, as mulheres precisavam da companhia masculina. Em contrapartida, na crônica 43, uma atriz desempregada terá como fim o trabalho da costura ou uma vaga nos correios. As atrizes geralmente não se casavam, sendo consideradas mulheres de vida fácil, sinônimo de prostituição. Fora da vida teatral, eram tidas como mundanas, principalmente, as atrizes nacionais, pois as estrangeiras obtinham mais sucesso e reconhecimento.

Na crônica 46 a questão da emancipação feminina é apresentada a partir de três mulheres, 2 viúvas e uma menina, filha de uma delas. A menina é muito inteligente e considerada muito talentosa pelos críticos. Com apenas 11 anos de idade, ela já possui 5 livros publicados, só não serve para os trabalhos domésticos. A mãe considera esse tipo de trabalho como atividade que atrofia a inteligência das moças. Não por acaso, o diálogo se encerra com o título do último livro publicado: “A emancipação da mulher sob o ponto de vista político e social”.

Cabe perguntar por que Coimbra põe em diálogo duas viúvas, em lugar da menina, para falar sobre a emancipação feminina? A mãe elogia e valoriza a filha, cujas idéias aceita e aprova. Já a menina é vista como figura mais masculina, apesar dos seus cachos e do olhar meigo, do que feminina, daí a comparação inicial com o pai. Teria ela saído “pelo cérebro, a seu pai”. Essa figura da jovem moça não parece ser real, porque as mulheres do período deveriam aprender serviços domésticos, estudar piano, bordar, etc. Ademais, o livro que ela escrevia, apesar do tema, provavelmente, seria lido pelos homens interessados em assuntos jurídicos e política, e não pelas mulheres, que preferiam a leitura dos romances, como se disse há pouco.

A Crônica 47 tematiza o relacionamento amoroso, no qual a mulher mostra-se superior ao homem e percebe que o pretendente está interessado apenas nos seus bens. Ao se dar conta que o conquistador pretensioso desejava somente o conforto de ter casa e pensão completa, ela recusa o amante.

A crônica 90 aborda duas crianças precoces, um menino e uma menina que fumam durante a conversa. Por que razão estaria Coimbra retornando ao assunto da infância, por meio da imagem de crianças precoces? O que pretenderia ele retratar por meio dessas crianças que se comportam e pensam como adultos? O cronista trata a situação da mulher moderna, liberada dos preconceitos arcaicos, que fuma e deseja ser respeitada em “todos os terrenos”. Para isso, sugere o diálogo, ela poderá inclusive portar uma arma de fogo, além de fazer exercício em barras de ferro, usar monóculo e guarda-chuva inglês – todos objetos de uso masculino e, não feminino. Interessante, nesse sentido, parece ser a posição do menino, que só quer se casar após a aprovação da lei do divórcio. Consciente, ele não quer correr o risco de casar-se com essa mulher quase homem, que um dia ele precisará deixá-la. Lili representa a mulher inteligente que propõe casamento, enquanto Lulu a ajuda, comprando as coisas de que ela necessita. A lei do divórcio estava em votação na Câmara e, na imprensa, discutia-se o assunto. Em 1895, Aluísio Azevedo publica *O Livro de uma sogra*<sup>26</sup>, que aborda o casamento como temática.

Em relação à independência feminina, é curioso que a menina esteja fazendo suas “compras” de material de defesa pessoal, às escondidas, e precise da ajuda de um homem. Fica explícito na crônica que o pai do menino só o ajudou nas compras, pois pensava que o material fosse para ele e não para uma menina. Nota-se que o universo feminino ainda se restringia ao lar e a liberação da mulher era apenas um tema em pauta, não uma realidade.

Na crônica 106, a infidelidade feminina é tratada, mais uma vez, pela ótica masculina, pois só os homens conversam. Sabemos que o amante é correspondido, mas a voz da mulher não ganha destaque. Assim, o humor é extraído por meio de monossílabos emitidos pela personagem que responde apenas sim ou não.

Esses são, portanto, os posicionamentos assumidos pelas mulheres nos *Diálogos* de Coimbra. Muitas vezes, as figuras femininas adquirem

---

<sup>26</sup> Alguns capítulos do livro foram publicados n’*A Notícia*, em agosto de 1895.

características masculinas para criar efeitos risíveis, outras vezes, são mais femininas e por isso revelam-se personagens alienadas, que não se preocupam com a política, nem se ocupam dos assuntos importantes do dia-a-dia do país. As mulheres retratadas nessas crônicas indicam o recolhimento feminino a um lugar de vida doméstica, por isso, as cenas urbanas dos Diálogos não incorporam tais personagens ao cotidiano da vida pública na cidade.

## **2.8 – A Linguagem Humorística**

A linguagem humorística de Figueiredo Coimbra se constitui de diversas maneiras e por meio de expedientes variados, conforme se verá. Seu humor por ser resumido a partir da seguinte reflexão do historiador Elias Saliba (2002)

As representações humorísticas, nas suas inúmeras formas e procedimentos, forjam-se nos fluxos e refluxos da vida, no tecido histórico e social – já que cada sociedade cria e inventa seus próprios espaços de representação e transgressão. Além de colocar-se como uma invenção histórica e social, a atitude humorística é vista como parte indistinta dos processos cognitivos, pois ela partilha, como o jogo, a arte e o inconsciente, o espaço do indizível, do não-dito e, até, do impensado.

Fugindo dos verbetes dos dicionários, podemos caracterizar a representação humorística, portanto, como aquele esforço inaudito de desmascarar o real, de captar o indizível, de surpreender o engano ilusório dos gestos estáveis e de recolher, enfim as rebarbas das temporalidades que a história, no seu constructo racional, foi deixando para trás. Ela é também o instante rápido da anedota, aquele ouro do instante: ela só consegue revelar o impensado, o indizível ao surpreendê-lo naquele seu momento supremo de estranhamento, que se realiza num átimo porque depois a história se movimenta novamente, o sentido do novo se esvai, o riso se esgarça e se retrai – e se ele prossegue, começa a repetir-se, a perceber-se caduco e inútil – como que espargindo cinzas sobre a pátina já cinzenta das estátuas do passado. Por tudo isso, mais do que percepção e sentimento da ruptura e da contrariedade, a representação humorística é uma epifania da emoção. Ela se dilui na vida cotidiana e só de vez em quando brilha e ilumina, como um intervalo de riso e de alegria na rotina dos ritmos repetitivos e diários. (p. 29)

O humor dos *Diálogos* é extraído da vida cotidiana, representando os “fluxos e refluxos da vida”, “no tecido histórico e social”. Dessa forma, é como um “esforço inaudito de desmascarar o real”. Vale retomar agora aquela fala da personagem da crônica publicada no dia 9 de julho de 1896, na qual Coimbra se define como o escritor que apanha o assunto em qualquer pessoa e em qualquer fato. Parece, efetivamente, que o cronista busca o fato cômico nas coisas ao seu redor, provocando o riso de seus leitores, numa representação que “diluí na vida cotidiana”.

Observa-se a utilização de contradições na obtenção do humor, como na crônica 20, em que o narrador impõe uma situação (reportagem ativíssima), desmentida na cena:

Reportagem ativíssima.

— Que fazes aqui, à porta do Papagaio?

— Horas. As oito hei de entrar azafamado na redação, deitando os bofes pela boca fora, assim como quem vem a correr de um serviço importante, e traz notícia de sensação.

— Ah! o sistema é bom. Tenho-o praticado bastante vezes....

— Entretanto, luto com uma grande dificuldade. Tenho tudo: boa vontade, paciência, papel, lápis e boas pernas; mas falta-me a notícia.

O repórter estava parado na porta do jornal, para manipular uma cena, como se tivesse trazendo uma “notícia de sensação”. O método de produção da reportagem é explicitado pela expressão “reportagem ativíssima” que, em seguida, mostra-se uma ironia, pois não há nada de “ativo” nas atitudes da personagem, muito pelo contrário.

Em muitas crônicas, Figueiredo Coimbra utiliza tal procedimento, criando uma situação, que, uma vez lida a crônica, se desfaz, e torna a cena toda humorística. Na crônica 32, por exemplo, há uma troca de papéis, na qual a criada pede que a ama a sirva. Essa troca confere graça à conversa e torna o diálogo interessante. Tudo se passa para mostrar a dificuldade em se encontrar uma boa criada no Rio de Janeiro. Desse modo, o cronista cria uma cena humorística, a

partir de uma situação convencional da comédia, que envolve a relação entre a ama e sua criada, brincando assim com a condição das amas que aceitam se submeter a qualquer exigência de suas criadas.

Coimbra também cria estereótipos para construir cenas humorísticas, como na crônica 36, em que põe em cena dois críticos de arte interpretando pinturas da Exposição Nacional de 1895. Os críticos defendem a “utilidade” da arte, pois acham que o quadro exposto poderia ilustrar um leque, além de ridicularizarem os conceitos da arte moderna:

- [...] Eu também tenho ouvido falar em *gouache*, mas, com franqueza, não sei o que é.
- *Gouache* deve ser assim uma coisa onde predomine o vermelho.
- Por quê?
- Por causa das meias tintas.

Os críticos não conhecem arte moderna e não sabem desempenhar a tarefa da crítica. Figueiredo Coimbra ataca os críticos amadores, que não conhecem nem os conceitos nem as técnicas da pintura moderna, por isso não têm competência para opinar sobre arte. A crônica ainda hoje se mostra engraçada, quando se lê a seguinte avaliação do crítico:

- Vamos lá a analisar este outro quadro.
- “Judas, desesperado da sua traição, procura a figueira para se enforcar...”
- Mas aqui não vejo árvore nenhuma...
- É porque Judas ainda não encontrou a figueira. Compreendes que se ela estivesse aqui ele deixaria de a procurar.
- Entretanto acho esquisito que a procure num lugar onde não há vegetação.
- Dessa maneira, não há quadro que resista.

A ridicularização de uma personagem também pode ser entendida como um mecanismo que instaura o cômico na crônica. No diálogo 25, a personagem que considera a gramática um “gênero de primeira necessidade” responde à pergunta sobre a ortografia da palavra “sala”:

— [...] Saberás que há sala e sala. Saberás que sala com um / é só uma sala comum, uma sala pobre, uma sala ordinária, e sala com dois // é uma grande sala, uma sala rica, uma sala de palácio. Falem-me desta. Vês tu como é lógico este processo gramatical? aumentaram-se as letras de uma palavra na razão da importância da coisa que essa palavra exprime. Compreendeste?  
— Perfeitamente.

A resposta tosca da personagem, evidentemente, contradiz seu pretense grau de instrução e a importância que supostamente confere à gramática. Além disso, a personagem torna-se risível pela descrição errônea que faz das normas gramaticais.

Na crônica 27 localizamos a presença de um jogo de oposições em que o humor está justamente nas respostas contrárias à expectativa que se forma das personagens, como a comemoração pela morte de uma pessoa em vez das condolências esperadas. Todo o texto segue esse jogo de contrariedades. A personagem faz o contrário do que se espera e do que ela mesma diz. A cena parece ter sido concebida com o único intuito de causar riso. Nisso, ela se assemelha a uma piada e, de certo modo, introduz a noção de crônica-piada.

Na maioria dos *Diálogos*, o humor não está apenas no desfecho, mas em todo o texto. O cronista instaura o riso por meio de jogos, entre idéias, comportamentos e também entre as palavras, como na crônica 43:

O ATOR NACIONAL. Até que enfim! Fechou-se o meu teatro. Era o último onde ainda funcionava uma companhia de artistas cá da terra. Agora, sim, a nossa situação está definida. Eis-nos literalmente na miséria.  
A ATRIZ NACIONAL. Tu, afinal, **ainda és homem...**  
O ATOR. **Ainda? Certamente!**  
A ATRIZ. Quero eu dizer: tu ainda tens sobre mim a vantagem de ser homem.

A brincadeira com as palavras “ainda és homem” confere ao diálogo entre atriz e ator, um tom cômico e, ao mesmo tempo, irônico pelo qual o sentido de virilidade duvidosa fica ambíguo. As crônicas de Coimbra são entremeadas

desse tipo de jogo linguístico, demonstrando o caráter humorístico da coluna e, impondo-lhe uma marca essencial que garantirá sua permanência nas páginas de *A Notícia* até 1899.

A crônica 77 levanta outro exemplo de cena cômica, em que o humor permeia o texto inteiro. A cena, aparentemente romântica, é dotada de várias expressões de duplo sentido, que conferem ao romantismo aparente do diálogo uma hilaridade risível. É o que se pode perceber no seu início e no desfecho:

A CASTELÃ. — Toca, toca sempre, meu gentil menestrel. O teu violino mágico inebria-me: ao ouvir-te, uma **estranha sensação me possui**. O teu arco delicadíssimo, produzindo estas harmonias celestiais, é como uma **pena de galinha que me faz cócegas atrás da orelha!**

[...]

A CASTELÃ. — Oh! Fala... fala-me sempre assim... Mas, Deus meu, que é isto que eu sinto? Tenho dores... pontadas... vacilo... vou desmaiar...

O MENESTREL. — Jesus! que ela vai morrer. Que será? Sempre a conheci tão dispéptica... Oh! Meu amor, luz da minha alma, meu, serafim!... eterna poesia dos meus sonhos e das minhas realidades!...

A CASTELÃ. — Passou... felizmente passou. O mal que faz comer à noite chouriço com repolho!

O comentário da Castelã, no início do texto, em que a melodia lhe causa uma “estranha sensação” e a harmonia “celestial” é comparada a uma “pena de galinha” que faz cócegas, quebra totalmente a atmosfera romântica da cena, conferindo-lhe um tom humorístico. O desfecho como um todo é muito engraçado, em particular pelas dores que sente a Castelã. Novamente, encontramos uma contraposição antitética entre a expectativa construída e a cena realmente criada, além da construção linguística com base em jogos de palavras que tornam a cena cômica.

Sensível ao potencial da linguagem, Figueiredo Coimbra brinca com o sonoridade das palavras, provocando riso inclusive pelo uso da audição. É o caso da crônica 18, em que uma conversa das personagens ao telefone é entrecortada. No diálogo, ouve-se uma coisa e entende-se outra. A cena opera no plano da

linguagem, apoiando-se numa situação da vida moderna, inaugurada pela novidade da comunicação à distância, que causa falhas e cortes hilariantes.

O cronista também se apóia na paródia para obter o riso do leitor, como a crônica 17, há pouco referida, em que brinca com a cena romântica entre Romeu e Julieta de Shakespeare. O autor cria uma cena romântica, peculiar à tragédia inglesa, para desmontá-la. Nessa paródia, a linguagem coloquial das personagens, um homem e uma mulher típicos do *fin de siècle* contribui para quebrar o traçado inicial instaurando o riso. Muito comum no teatro cômico e na revista, a paródia assinala mais uma aproximação das crônicas de Coimbra com os recursos dramáticos. O humor se instaura na imagem insultante de Romeu, considerado como “pérfido” e, na figura pouco “romântica” de Romeu a pedir dinheiro para sua amada. Recorrendo à entrevista íntima dos dois amantes, é possível examinar esse tom humorístico da crônica:

— Dantes não eras assim. Antecipavas a hora das nossas entrevistas, e era com mais paixão que corrias ao meu encontro! Confessa que já te vais aborrecendo de mim.

— Não é de ti que me aborreço; os meus negócios é que me incomodam. Se soubesses como ando atrapalhado. Os credores não me largam, e são inúmeros. Não sei que voltas hei de dar à minha vida. Devo três meses de pensão, dois ao charuteiro, cinco ao barbeiro, e a lavadeira já hoje me disse que isto não pode continuar assim. Eu não vivo só de amor, pílulas!

— Tu vives bem pouco disso. Ah! Shakespeare!

— Deixa lá o Shakespeare. Eu queria que ele me visse agora! A propósito: estarás acaso à altura de ser mordida?

A reiteração é outro recurso utilizado com frequência por Coimbra, que repete as mesmas falas com sentidos diversos. A cada acontecimento, certas frases estratégicas, adquirem sentido novo e criam humor, como na crônica 30, em que o marido e a mulher repetem sempre:

— Finoca!

— Alfredo!

— Como tu és bonita! e como eu te amo!

— Meu querido, o meu coração está todo cheio de ti!

No diálogo, essas falas se repetem quatro vezes e, em cada momento a graça se intensifica, pois o leitor descobre fatos contrários ao teor amoroso do diálogo. O sentido romântico das expressões afetivas de Finoca e Alfredo é, aos poucos, relativizado.

As crônicas de Coimbra, portanto, exploram o riso por vezes sutil, por vezes debochado, recorrendo a procedimentos diversos, que encontram na quebra de expectativas, nas contradições, na ridicularização, na paródia e nos jogos de palavras os seus expedientes mais comuns. Com isso, os diálogos variam em tonalidade e intensidade, mostrando um controle hábil por parte do cronista na composição das situações encenadas.

### **2.9 – O diálogo está pronto. O ponto de chegada**

Tendo analisado os *Diálogos*, podemos aferir que, para compor suas crônicas, Figueiredo Coimbra lançou mão de várias técnicas literárias e teatrais, adicionando humor e graça aos textos destinados à leitura corriqueira dos diários. O cronista conseguiu compor quadros que sintetizam situações corriqueiras e atuais, retratando tipos da sociedade e ridicularizando-os em suas circunstâncias. A sistematização das crônicas revela que o escritor criou seus textos dialogados a fim de estampar uma crítica direta à sociedade e inserir sua opinião na prática cotidiana da leitura de jornal. Por outro lado, nota-se também um desejo de informar o leitor, ainda que de maneira descontraída e bem humorada, sobre os últimos acontecimentos da vida pública do país. Se é verdade que Coimbra ridiculariza os costumes da sociedade e a fragilidade humana, é igualmente verdadeiro que seu principal propósito foi oferecer diversão e entretenimento aos leitores.

## CAPÍTULO 3

### A CONSTRUÇÃO HÍBRIDA NAS CRÔNICAS DIALOGADAS

*A crônica repousa exclusivamente no estilo.*

Wilson Martins

*No teatro, como sabe, tudo está em reunir estes três elementos essenciais: animação, clareza e concisão.*

(Cr. 116)

#### 3.1 – As estruturas consolidadas

Observando o primeiro diálogo da série, encontramos um narrador que apresenta ao leitor as personagens e o local onde a cena se passa. A seguir, essas personagens travam o diálogo abaixo:

Raul, o boêmio (já leste a minha belíssima nota?), encontra-se pela primeira vez na vida, conhecendo-o pessoalmente, com o fantasioso Julião Machado.

Sincera e tocante manifestação de apreço.

Uma camarada comum apresenta-os um ao outro, no escritório d'A  
*Notícia:*

— Raul, o Julião Machado que estás farto de conhecer...

No decorrer da crônica, há ainda intromissões do narrador, que comenta as atitudes da personagem Raul. Isto lhe confere, o aspecto de um texto narrativo.

A partir da crônica número 22, porém, Coimbra alterará definitivamente a estrutura de seu texto, porquanto a apresentação inicial se transformará em uma rubrica, característica do texto dramático. Tal mudança de organização interna do texto dá-se primeiramente pela introdução de uma frase concisa (a discussão do orçamento dos deputados) e, em especial, pela menção do nome das personagens antes da fala.

Após a crônica 22, apenas os *Diálogos* 27 e 36 trarão um “comentário” inicial, com característica de narrador e não uma rubrica. Ou seja, nesses Diálogos não há a identificação do nome das personagens antes de suas falas.

Mas, a análise da crônica 36 revela um aspecto ambíguo em relação a diferenciação dos textos que estamos tentando fazer, visto que a indicação “críticos de arte”, se analisada isoladamente, pode indicar tanto um narrador como uma didascália.

A introdução da figura de um narrador para apresentar as cenas e de rubricas iniciais está presente somente nas crônicas de 1895. Nas crônicas posteriores, curiosamente, o autor abole por completo esses recursos. Permanecem até o final da publicação da série o uso da menção do nome das personagens, antes de suas falas e, rubricas com o modo como elas se expressam. Nesse tipo de didascália, incluem-se o “aparte” e o “alto”, frequentemente usado na série como um todo.

Nos *Diálogos*, Coimbra consolida dois tipos de organização das crônicas: uma, que usa a menção ao nome das personagens antecedendo as falas, com aparecimento ou não de outros tipos de didascálias; e outra, mais usada que a primeira, composta apenas por diálogos, sem interferências da voz autoral. O recurso às reticências para indicar uma intromissão de personagem na fala de outra, e a indicação gráfica de pontuação para marcar a passagem de tempo, são características observadas em toda a série.

A forma dialogada não constitui propriamente uma inovação, já que o gênero do diálogo foi largamente utilizado ao longo do século XIX. Percorrendo os jornais do período, é possível encontrar diversos autores que lançaram mão da forma em seus textos. A estrutura de interlocução aparece em algumas crônicas da série “Bons Dias” (1888 -1889), de Machado de Assis, e também em “Balas de Estalo” (1883 -1886)<sup>27</sup>. Como exemplo de série inteiramente composta de crônicas dialogadas temos a coluna “A + B”, publicada de setembro a outubro de 1886, na *Gazeta de Notícias*, por Machado de Assis, que reúne um conjunto de apenas sete crônicas<sup>28</sup>. Um segundo caso encontra-se na série “Teatro a vapor” de Artur

---

<sup>27</sup> A série Balas de Estado contava com a colaboração de diversos autores, como Machado de Assis, Ferreira de Araújo, Henrique Chaves, Valentim Magalhães, Capistrano de Abreu dentre outros e, ficou conhecida principalmente pela colaboração de Machado.

<sup>28</sup> A série foi reunida por Raimundo de Magalhães Junior em *Diálogos e reflexões de um relojoeiro*. Sobre a

Azevedo, publicada no jornal *O Século*, de agosto de 1906 a outubro de 1908, totalizando 105 textos<sup>29</sup>.

O estilo dramático da série de Artur Azevedo levou Gerald Moser (1977) a afirmar que “a forma dramática dos pequenos esquetes ou sainetes representava uma inovação na história da crônica brasileira, gênero protético de comentário ligeiro, escrito para imprensa diária e nascido com ela” (p. 14). Pode-se dizer que Artur consolidou o estilo dramático na crônica, mas é preciso reconhecer que ele, também colaborador d’*A Notícia*, inspirou-se na colaboração de Figueiredo Coimbra para compor a série. Ambos aproveitaram-se da experiência de dramaturgo para inserir elementos teatrais nas crônicas.

### **3. 2 - A tradição filosófica: o pseudônimo Platão**

Figueiredo Coimbra assinou os primeiros quarenta e dois *Diálogos* com o pseudônimo “Platão”, portanto, podemos supor que ele quisesse remeter seus textos à tradição filosófica que remonta ao pensador grego. Claro está que o autor não faz filosofia em sua coluna, a não ser uma espécie de “filosofia prática”, como afirma Medeiros e Albuquerque. Na realidade, pode-se confirmar apenas que ele de fato se apropriou da forma filosófica do mestre de Aristóteles, o diálogo, na composição da coluna.

Essa afirmação se justifica, visto que, na leitura dos *Diálogos*, fica nítido que Coimbra não se utiliza do método dialético encontrado em Platão. Os diálogos do filósofo “bem escritos e escritos para mostrar o caminho do bem como ideal supremo, brilham pela força dos argumentos dialéticos. A beleza estética do texto submete-se à verdade” (PAVIANI, 2008, p. 17). A verdade é alcançada “como idéia objetiva, imutável, eterna e não pelo consenso de opiniões” (*Ibidem*, p.32). As crônicas de Coimbra têm como intuito persuadir os leitores com uma “verdade” defendida pelo cronista. Assim, ao expor sua opinião não pretende ensinar as virtudes do homem ou da sociedade, mas ridicularizá-las. Além disso, a opinião do

---

série, é possível consultar a o artigo de Sidney Chalhoub, “A arte de alinhar histórias”, em *História em cousas miúdas*. Campinas – SP: Editora da UNICAMP, 2005.

<sup>29</sup> Gerald Moser reuniu a série em livro, publicada em 1977 pela editora Cultrix.

cronista não se insere numa dimensão universal, pertencendo antes ao particular de uma sociedade, da qual fazem parte as personagens.

O cronista não parece almejar a transmissão de uma “verdade” absoluta. Trabalha com a chave humorística, condenada por Platão, conforme lemos em Alberti (2002):

[...] segundo Platão, a poesia, aí incluída a comédia, seria duplamente condenável. Não só por produzir obras sem valor do ponto de vista da verdade, como também por ter relação com o elemento inferior da alma humana, a parte irrazoável e distante da sabedoria. Isso porque a poesia, ao fazer prevalecer em nós a aparência, arruína o elemento da alma e os excessos, enquanto a razão nos ensina a preferir a moderação e o equilíbrio. (p. 44)

As crônicas, enquanto criação literária, realizam um tipo de imitação do real e, para Platão “a imitação poética só faz fortalecer o mau elemento da alma, estando mais uma vez distante dos objetivos da filosofia” (*Ibidem*, p. 44). No livro X de *A República*, Sócrates propõe a Glauco a exclusão da poesia da república, pois havia explicado a ele o seguinte:

Se uma representação cômica, ou em particular, você se diverte realmente com uma palhaçada que você mesmo se envergonharia de reproduzir, e não a despreza considerando-a desonesta, você não consegue o mesmo efeito como no caso da paixão? Aquilo que você reprimia em si mesmo com a razão, apesar do desejo de fazer rir, porque você temia ser tachado de vulgar, então você o deixa livre e o fortalece e, depois, nas conversas particulares você se deixa levar por isso, sem se dar conta que está fazendo o papel de palhaço.

[...]

Ao mesmo tempo, porém, você deve-se lembrar que no Estado se deverá aceitar da poesia somente os hinos aos deuses e os elogios às pessoas de bem. Se, ao contrário, você aceitar a musa corrupta da poesia lírica ou épica, em seu Estado certamente reinarão o prazer e a dor, em vez da lei e daquele princípio que a comunidade sempre reconhece como o melhor. (PLATÃO, 2007, p. 356)

No diálogo *Filebo*<sup>30</sup> é possível encontrar ainda a “condenação moral tanto do risível quanto daquele que ri”. O riso está ligado aos prazeres falsos, que são “afecções mistas puramente espirituais” compostas de uma “mistura de prazer e dor”. O filósofo deduz a “natureza do risível” a partir de três pressupostos: “que a inveja e a malícia (*phthonos*) são uma dor na alma, que o invejoso se regozija com os infortúnios alheios, e que a ignorância e a estupidez são males”. A partir desses pressupostos, define-se o risível como “um vício que se opõe diretamente à recomendação do oráculo de Delfos: conhece-te a ti mesmo”. Dessa forma, os “que se desconhecem são vítimas da ilusão”, e se dividem, ainda, em dois tipos, os que têm a “força e o poder e se tornam temíveis e odiáveis” e os que “acrescentam a seu desconhecimento a fraqueza, tornando-se risíveis”. O risível está, portanto, no fraco “que se imagina mais sábio, mais belo, mais rico, ou mais virtuoso do que efetivamente é”. Em relação àquele que ri, o diálogo alega que quando se ri dos “amigos fracos que se desconhecem”, há a mistura do “riso à inveja, o prazer à dor”, dessa forma o “sujeito do riso, que experimenta, em relação ao objeto do riso, o ‘erro’ da inveja”. Assim, “a questão do riso é identificada a um duplo ‘erro’” (ALBERTI, 2002, p. 40-3).

Como todos os *Diálogos* de Coimbra participam do propósito de provocar o riso nos leitores, não poderiam se inspirar nos diálogos filosóficos de Platão, senão pelo avesso, já que o riso e o risível são condenados pelo filósofo e praticados pelo cronista.

A relação mais estreita que se poderia estabelecer entre Platão e Figueiredo Coimbra seria apenas o uso da forma dialogada, embora com finalidades diferentes. Jayme Paviani (2008) afirma sobre os diálogos de Platão:

O lado prazeroso e complexo da leitura dos diálogos provém de seu caráter de texto vivo, dramático. A forma do diálogo, aliada à agilidade e à profundidade de pensamento, aparece dentro de uma estrutura, às vezes, invisível. De fato, os diálogos, uns mais outros menos, possuem algumas peculiaridades arquitetônicas. (p. 30-1)

---

<sup>30</sup> Segundo Alberti (2002), o diálogo é “a mais antiga formulação teórica sobre o riso e o risível” (p. 40)

O “lado prazeroso” da leitura dos textos dialogados pode ser tida como uma das razões que levou o cronista a utilizá-la em seus textos. Aos *Diálogos*, Coimbra confere, no decorrer da publicação, elementos que produzem vivacidade e dramaticidade. Nas suas crônicas a interlocução pode ter o intuito de agradar o leitor, proporcionando-lhe uma leitura prazerosa, e também conferir ao autor a invisibilidade que permite que ele opine e critique a sociedade de seu tempo.

Além disso, Platão “elevou o diálogo ao nível de gênero literário” e foi “o único, que nesse gênero, conquistou a perfeição. Algumas de suas páginas alcançam a expressão das mais altas manifestações literárias de todos os tempos” (*Ibidem*, p. 16). É provável que Coimbra desejasse inscrever seus *Diálogos* numa tradição literária de elevada expressão, o que explicaria, em parte, o pseudônimo “Platão” por ele assumido, visto que os leitores tinham conhecimento da autoria dessas “notas humorísticas” em forma de diálogo<sup>31</sup>.

### 3. 3 – O diálogo como gênero literário

O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* traz em sua quarta acepção do vocábulo “diálogo” o seguinte: “obra em forma de conversação com fins expositivos, explanatórios ou didáticos” (HOUAISS, 2001, p. 525). O verbete sugere que o diálogo não é apenas a representação de uma conversa, pressupondo que haja outras finalidades de que correm sua inserção no campo literário.

Na *Enciclopédia de Literatura Brasileira*, diálogo remete a dois modos de significação na literatura, a saber:

A palavra possui dois usos ou significados na lit: a) uma conversa entre personagens de um romance, conto ou drama, com troca de idéias ou opiniões, mediante o que se revelam os personagens e se desenvolve a história; b) um gênero pelo qual interlocutores discutem um assunto extensa e profundamente: os *Diálogos* de

---

<sup>31</sup> Em uma nota publicada n’*A Notícia*, de 26 de agosto de 1895, revelou-se a autoria dos *Diálogos*. Nessa, há informações sobre todas as colunas e os colaboradores do periódico.

Platão, os de Luciano e modernos na Itália, França, Espanha.  
(COUTINHO, 2001, p. 592)

Como gênero, segundo a *Enciclopédia*, o diálogo mostra-se ligado aos textos filosóficos, como os de Platão e Luciano, nos quais os assuntos são discutidos “profundamente”. No século XIX, além dessas considerações, o diálogo também apresenta finalidades pedagógicas, sendo prescrito, nos manuais didáticos, como uma das “espécies de literaturas ligeiras”. Segundo se nota na súmula da classificação oferecida pelo manual do Cônego Honorato:

I – FORMAS GERAIS DE LINGUAGEM

1 – Prosa (discurso livre)

2 – Verso (discurso medido)

II – GÊNEROS DA PROSA

2 – Literatura

2.6 – Espécies de literaturas ligeiras

2.6.1 – Descrições

2.6.2 – Quadros

2.6.3 – Narrações

2.6.4 – Fábulas

**2.6.5 – Diálogos**

2.6.6 – Discursos

(SOUZA, 1999a, p. 67. *grifo nosso*)

Essa súmula revela que a classificação dos gêneros literários era muito mais ampla do que nos dias atuais. Por meio dos compêndios de retórica e poética (disciplina exigida nos preparatórios até a década de 1880), temos noção de como os gêneros da literatura costumavam ser subdivididos. Segundo Souza (1999b), “não existe a menor preocupação com os critérios que presidem às classificações, não havendo correlativamente qualquer sentido de economia e elegância na proposição as tantas em que se prodigaliza” (p. 68).

A ampla classificação, mesmo sem critérios estabelecidos, apresenta o diálogo como gênero literário. Conhecido no período em foco segundo essa

categorização, será preciso recorrer aos manuais oitocentistas<sup>32</sup> para conhecer em detalhe as descrições do gênero.

O manual *Lições de eloquência nacional*, de 1861, do cônego Francisco Freire de Carvalho, em sua sexta edição, traz uma importante informação sobre o gênero dialogado, na sua “Carta ao leitor”:

Além dos acrescentamentos, que contêm a mesma 3ª edição, leva a presente um novo Capítulo [...] dedicado a dar alguns preceitos sobre os gêneros de composição *Histórica, Filosófica, Dialógica, Epistolar e Romântico-Histórica*, os quais o autor entendeu merecem ter lugar em uma obra, cujo fim é instruir a Mocidade neste ramo de Literatura amena. – Não havendo na opinião do Autor coisa alguma impressa acerca destes importantes assuntos, pelo menos tratada elementarmente, para dirigir os Jovens muitos dos quais hoje em dia em Portugal se ocupam com louvor em escrever para o Público; julgou ele, que fazia um bom serviço à sua Pátria, apresentando neste seu livro idéias extraídas de puras fontes, sobre o modo de tratar com acerto as matérias dos gêneros de Literatura. (CARVALHO, 1861, p. 4-5)

Freire de Carvalho inseriu o gênero diálogo no ramo da “literatura amena” e comentou a sua prática na década de 60 do século XIX. A forma de composição dialógica era usada pelos jovens portugueses, que escreviam para o público, e fazia-se necessário incluir a descrição do gênero nos manuais didáticos. Assim, no novo capítulo, há a seguinte explicação sobre o diálogo:

§31 – As composições filosóficas, e até algumas vezes as históricas tomam uma forma, que as faz aproximar às obras de mero gosto: é ela a do Diálogo, ou da simples conversação. – Por dois modos diferentes pode ser escrito um Diálogo: ou pode ser uma conversação direta entre alguns interlocutores, sem que nela intervenha o autor; ou também a narrativa de uma conversação, em que o autor tome parte, dando conta do que nela se tem tratado. Estes dois métodos apresentam entre si alguma diferença, quanto à forma; como porém a natureza da composição em um e

---

<sup>32</sup> Utilizaremos os manuais didáticos dos cônegos Francisco Freire de Carvalho, Fernandes Pinheiro e Manoel da Costa Honorato. Eles exerceram o cargo de professor no Colégio Pedro II e seus livros foram concebidos conforme o programa dessa instituição de ensino.

outro é sempre a mesma, ambos por isso estão sujeitos às mesmas leis.

§32 – Um Diálogo escrito em qualquer destas duas formas, e que tenha por assunto ou a Filosofia em qualquer dos seus ramos, ou a Crítica, etc., ocupa, quando é bem feito, um lugar honroso entre as obras do Gosto; contudo a sua execução é muito mais difícil, do que comumente se pensa. Não basta, para que seja perfeito um Diálogo, o fazer aparecer, nele, algumas pessoas, que falem uma após a outra; é preciso que ele seja a representação verdadeira e animada de uma conversação real: nela devem aparecer o caráter, e, para assim dizer, os gestos de cada um dos interlocutores, o fundo do seu espírito, os seus pensamentos, as expressões que lhe são mais familiares, e que os fazem diferenciar de quaisquer outros.

§33 – O Diálogo, que assim for composto, deverá infalivelmente interessar ao leitor; visto que os debates das diferentes personagens apresentando-lhe com clareza e com vivacidade os argumentos, por uma e outra parte empregados, o levarão a seguir com gosto o progresso de uma conversação espirituosa e animada por caracteres bem sustentados. Pelo que o autor, que puder lisonjear de bem desempenhar este Gênero, pode estar certo de que agradará instruindo. (*Ibidem*. p. 273-274).

O cômico caracteriza o diálogo como uma das “composições filosóficas” e, “históricas”, aproximando-o “às obras de mero gosto”<sup>33</sup>. Ou seja, o gênero é uma forma de escrever, com auxílio de expedientes literários, sobre assuntos de filosofia e história, por isso, o cômico refere-se às “obras de mero gosto”. Nas *Lições*, Freire de Carvalho aproxima as composições dialogadas, filosóficas e históricas, da literatura. O diálogo oscila entre literatura e filosofia, ou entre literatura e história. Tal aproximação com outras áreas permite analisar essas composições com base nas formas literárias, filosóficas ou históricas.

No parágrafo 32 de sua descrição, Carvalho propõe que “um Diálogo escrito em qualquer destas duas formas, e que tenha por assunto ou a Filosofia em qualquer dos seus ramos, ou a Crítica, etc., ocupa, quando é bem feito, um

---

<sup>33</sup> O Cômico Fernandes Pinheiro (1885) definiu o “gosto” como “o sentimento apreciador das obras do espírito humano, ou da natureza. Voltaire o definiu nestas palavras: ‘esse sentido, esse dom de distinguir o que nos apraz nos alimentos, produziu em todas as línguas conhecidas a metáfora que pelo vocábulo *gosto* exprime o sentimento das belezas e defeitos nas artes[...]’”.(p. 173).

lugar honroso entre as obras do Gosto”. Podemos deduzir, portanto, que o gênero dialogado não precisa ter a filosofia como assunto exclusivo.

O cômico ainda atesta a dificuldade de execução do gênero, afirmando que para a perfeição do diálogo “é preciso que ele seja a representação verdadeira e animada de uma conversação real”. A exposição sobre o gênero conclui “que o autor, que puder lisonjear de bem desempenhar este Gênero, pode estar certo de que agradará instruindo”. O gênero dialogado, segundo pensa Freire, consegue agradar e instruir ao mesmo tempo. Ensina e diverte, por isso merece ser praticado.

Um ano após a publicação das *Lições*, o cômico Fernandes Pinheiro fez a seguinte descrição sobre o gênero, no seu *Curso de Literatura Nacional*:

É certamente o diálogo uma das mais agradáveis formas de instruir aos homens, reunindo à solidez das obras didáticas o movimento dramático. Foi por isso que os diálogos de Platão, em que tão bem espelhada se vê a grande alma de Sócrates, mereceram a maior aceitação da Antiguidade. A beleza deste gênero de composição, diz Marmontel, resulta da importância do assunto e do peso das opostas opiniões. Deve ser mais um debate do que uma lição, podendo existir ignorância em um dos interlocutores, nunca porém absoluta carência do espírito.

Na brilhante quadra da literatura nacional, que perfuntoriamente estudamos, notam-se alguns diálogos de reconhecido valor; nem era possível que a pasmosa fecundidade do engenho lusitano deixasse de consagrar-se a esse tão belo quanto útil ramo da frondosa árvore das letras. (PINHEIRO, 1978, p. 119)

O cômico Fernandes Pinheiro situou o diálogo no âmbito da instrução dos homens e depois conceituou o gênero como uma reunião da “solidez das obras didáticas” com o “movimento dramático”. Em relação à utilidade – o “ensinamento” –, os cômicos Freire de Carvalho e Fernandes Pinheiro compactuavam com a mesma teoria. Já em relação à conceituação da forma, divergiam, pois Carvalho fez uma descrição relacionando o gênero aos discursos direto e indireto, enquanto Pinheiro descreveu como um “movimento dramático”.

Assim, Fernandes Pinheiro inseriu o gênero e trouxe características para a constituição do diálogo na dramaturgia.

Encontramos outra descrição do gênero dialogado, no livro *Postillas de rhetorica e poética*, de 1885, do Cônego Fernandes Pinheiro, também usado no Colégio Pedro II, assim como as *Lições* de Freire de Carvalho. O capítulo XIV, intitulado “Do modo de escrever a história, obras filosóficas, diálogos, epístolas, novelas e romances históricos”, traz a seguinte consideração:

Diálogo é o desenvolvimento contraditório duma tese discutível. Seu principal mérito consiste no progressivo interesse resultante da apresentação da mesma tese sob diversos aspectos. Este gênero da composição só deverá aplicar-se aos assuntos que tiveram duas ou mais faces em seu desenvolvimento, e que possam ter mais de uma solução digna e moral. Seria perigosíssimo o exercício de aguçar o espírito em busca de boas razões para defesa duma causa reconhecidamente má, como fez Rousseau pondo em litígio a reprovada doutrina do suicídio. Platão e Cícero, n'Antiguidade, deixaram-nos excelentes diálogos; e entre os modernos citam-se os de Fénelon como modelos do gênero. (PINHEIRO, 1885, p. 104)

Nesta concepção apresentada nas *Postilas* do Cônego Fernandes Pinheiro, percebe-se um aprofundamento do assunto em relação à primeira descrição publicada por ele. Na concepção anterior, o autor conceituou o gênero fazendo referência a sua utilidade; agora ele também apresenta as possíveis aplicações desse tipo de texto. Pinheiro apontou os autores que executaram o gênero de forma correta ou de forma incorreta, e suas possíveis aplicações.

O Cônego Manoel da Costa Honorato, em seu livro *Compêndio de Retórica e poética*, em sua 4ª edição, de 1879, também oferece uma definição para o diálogo, que aparece em um subcapítulo da obra, intitulado “Espécies de literaturas ligeiras”, nos seguintes termos :

*Diálogo* é o desenvolvimento de uma tese discutível; é um duplo discurso, porque dois indivíduos se debatem, cada um sustentando opinião em contrário ao seu adversário. O mérito principal do diálogo é a progressão de interesse que se deve

renovar a cada face nova da questão; mas não deve ser usado em assuntos realmente duvidosos, porque seria perigoso e exporia a verdadeira idéia a ser desprezada e aceita a errônea ou a falsa. (p. 153)

A explicação dada pelo cônego é a mesma encontrada no compêndio de Fernandes Pinheiro (essa era uma prática usual na época – copiar os conceitos de outros livros). Da acepção de Honorato, pode-se dar especial atenção ao “mérito” conferido ao gênero, à “progressão de interesse que se deve renovar a cada face nova da questão”.

Não se pode definir o tipo de diálogo criado por Coimbra a partir da conceituação feita pelos cônegos, mas é possível relacionar algumas características por eles apontadas, que aparecem nas crônicas.

A finalidade pedagógica do gênero, como apresentada pelos cônegos, não é assumida pela série. Os textos compactuam com a “exposição” e “explanação” dos problemas do cotidiano, como na crônica 91, em que há a ficcionalização dos perigos do transporte público por meio de ironia e personagens cômicas.

Pode-se observar na série, além disso, a abordagem dos eventos históricos. A história está presente em textos que comentam os fatos de época, principalmente os costumes contemporâneos, assunto de interesse dos romances. O autor concentra-se em explicitar e criticar as atitudes dos cariocas, e, por conseguinte, levanta elementos históricos. Na crônica 97, o surgimento do jornal monarquista é apresentado de forma humorística com o auxílio de personagens alegóricas, *O Brasil*, jornal favorável ao regime monárquico, em pleno regime republicano, é tema da crônica. As personagens comentam o fato, considerado “histórico” ocorrido no dia anterior, mostrando que Coimbra trabalha com a história imediata, colhida nos acontecimentos por ele testemunhados.

Na série de Coimbra não há um debate exacerbado entre as personagens, pois, geralmente, o autor cria situações em que se expõem opiniões sobre determinados assuntos, em vez de divergências. É possível supor que Coimbra pretendesse explicitar sua própria opinião para os leitores, no intuito de

que estes, se convencessem a adotar o seu ponto de vista, por ser o mais correto e verdadeiro. A sua opinião, porém, era sempre crítica e se sustentava na ridicularização do ponto de vista a ser derrubado. Imagina-se que o público simpatizasse com sua coluna, pois a série durou quatro anos, apesar da inconstância mantida em alguns anos devido ao afastamento do escritor, que se retirou do trabalho diário para traduzir peças de teatro. As colunas dos jornais que não tinham boa aceitação por parte do público leitor eram substituídas rapidamente, assim como as peças em cartaz. Este não foi, com certeza, o caso da série *Diálogos*, que sempre encontrou espaço e acolhimento nas páginas d'*A Notícia*.

### 3.4 – Aspectos teatrais

Vale ressaltar as características teatrais dos *Diálogos* de *A Notícia*. Figueiredo Coimbra inseriu vários recursos do teatro em seus textos diários, uns com mais frequência, outros apenas em algumas ocasiões. No teatro, o termo “diálogo” ganha significado particular:

Processo de comunicação verbal entre duas ou mais pessoas. No teatro, um dos dois processos básicos de comunicação e expressão do personagem, o outro sendo o comportamento. Segundo Décio de Almeida Prado, “o teatro propriamente dito só nasceu ao se estabelecer o diálogo” (*A personagem de ficção*, p. 86). Trata-se, aqui, de uma afirmação relacionada à progressão da ação dramática, que prescinde da figura do narrador. É, pois, graças ao diálogo que a ação dramática caminha, ao mesmo tempo que se torna compreensível através da exposição das vontades e objetivos que a constituem. O termo é também empregado como indicativo de um tipo de peça do padre José de Anchieta (1533-1597), como no *Auto* ou *Diálogo da Crisma* (1578). (VASCONCELLOS, 1987. p. 68.)

No seu *Dicionário de Teatro* Patrice Pavis oferece informações úteis sobre o termo :

O diálogo entre personagens é amiúde considerado como a forma fundamental e exemplar do drama. A partir do momento que concebemos o teatro como apresentação de personagens atuantes, o diálogo passa a ser “naturalmente” a forma de expressão privilegiada. Em contrapartida, o *monólogo* parece um ornamento arbitrário e aborrecido que não é visto como adequado à exigência de verossimilhança nas relações inter-humanas. O diálogo parece ser o meio mais apto para mostrar como se comunicam os locutores: o *efeito* de realidade é então muito mais forte, porquanto o espectador tem a sensação de assistir a forma familiar de comunicação entre pessoas. (PAVIS, 1999, p. 93)

Em relação aos *Diálogos* da imprensa diária, pode-se considerar que Coimbra tenha empregado a forma dialogada justamente para provocar esse “efeito de realidade”, que o dramaturgo consegue com o diálogo no teatro. Não havia a interação com o espectador, mas sim com o leitor. A leitura do texto teatral traz algumas chaves de percepção, que tornam o leitor uma espécie de espectador potencial. Ele não interage nem participa da conversa, presencia, como se estivesse do lado de fora, como um espectador da cena de que não participa diretamente senão como ouvinte. As personagens de Coimbra, por exemplo, são descobertas por meio das falas, já que não há indicação alguma sobre como são ou pensam. No teatro, o ator está caracterizado conforme a personagem que representa, ele tem de buscar no texto, ou seja, nas falas, as informações para esta sua caracterização e construir o papel. Na coluna jornalística, não há a concretização da ação, como no palco, portanto, o leitor precisa imaginar como seria tal personagem a partir de suas falas. Ainda, citando Patrice Pavis:

O que produz a impressão de um *verdadeiro* diálogo entre personagens [...] é a grande coerência deste tipo de diálogo muito “fechado”. Com efeito, o diálogo dá a impressão de coerência e de unificação quando: 1) seu *tema* é quase o mesmo para os dialogantes, ou 2) a *situação* de enunciação (o conjunto de realidade extralinguística das personagens) é comum aos locutores. (*Ibidem*, p. 93)

O diálogo teatral precisa parecer “verdadeiro”. Na realidade, é necessário criar esse efeito para que o pacto entre espectador e ator seja realmente estabelecido. Para isso, o diálogo precisa de coerência. Nos *Diálogos* impressos, Coimbra conseguiu criar essa coerência do teatro e fazê-la fluir facilmente. As personagens vivem em uma aparente harmonia de tempo e espaço. Sabem o que está ocorrendo e compartilham do mesmo tempo e espaço. Coimbra conseguiu criar o “efeito de realidade” requerido pelo texto de teatro.

O gênero teatral que provavelmente serviu de inspiração para a composição dos *Diálogos* jornalísticos parece ter sido a revista. As revistas, principalmente, as revistas de ano<sup>34</sup> estavam em alta ebulição no final do século XIX. O próprio Figueiredo Coimbra era um revisteiro na época em que iniciou a coluna; escreveu, traduziu e adaptou várias revistas para o teatro brasileiro. Os escritores que se aventuraram na escrita das revistas encontraram uma “nova expressão”, uma nova forma de “ver, ironizar e sondar a alma brasileira”. (VENEZIANO, 1991, p. 12). As principais características das revistas eram:

[...] a revisão dos fatos dos doze meses imediatamente passados  
[...] um revisão burlesca a que mais tarde foi acrescentada a crítica de acontecimentos e figuras bem identificadas pelo público, com a intenção apenas de diverti-lo, para o povo exclusivamente voltada e, portanto, colocando-se ao seu nível. (VENEZIANO, 1991, p. 13)

As revistas estiveram sempre ligadas ao teatro de baixo calão. Estudos mostram que esse teatro de cunho popular tem, ainda hoje, resquícios nos programas cômicos televisivos.

As características do teatro popular, segundo Veneziano (1991), são as seguintes: “a tipificação; o não aprofundamento dos temas; a mistura de gêneros e o desinteresse pelo enredo contínuo” (p. 20). Essas características estão

---

<sup>34</sup> O Teatro de Revista sofreu várias modificações em sua estrutura, desde a sua primeira representação de Figueiredo Novais, em 1859, até o momento em que as crônicas de Coimbra foram escritas. Mesmo usando várias formas para referir a esse gênero da dramaturgia, as palavras revistas, revistas de ano e teatro de revista são usadas aqui para tratar do gênero de forma geral.

presentes na série de Coimbra, que cria personagens-tipos, não aprofunda os temas tratados e mistura gêneros na estrutura da crônica.

Veneziano (1991) afirma ainda que o “Teatro de Revista não é um gênero literário, mas um ramo da literatura dramática que é prolongado pelo espetáculo que vive do efêmero, que depende diretamente da realidade a que se refere” (p. 16). A autora também traça, no livro *O Teatro de Revista no Brasil*, as características estruturais da revista e suas convenções. Dessas características, encontram-se em Coimbra, sobretudo, os tipos e os quadros cômicos. O cronista parece ter recorrido à experiência do revisteiro quando escreveu seus diálogos.

Segundo Neyde Veneziano, “o ridículo é [...] a matéria-prima da revista. Dele ela sempre se nutriu, ao longo de sua evolução histórica. Contudo, a farsa é o seu parente mais próximo, pois, ao aproximar-se do burlesco, chega à exacerbação do próprio ridículo” (1991, p. 87). Pode-se atribuir à coluna de Coimbra a mesma matéria-prima, pois ele trabalhou com o ridículo nas crônicas.

No texto do dia 9 de julho de 1896, a personagem em conversação explica o processo de elaboração das crônicas e a origem do ridículo que elas produzem. Ora, o rebaixamento cômico está na raiz da comédia que, conforme informa Luiz Paulo Vasconcellos (1987), é “uma das formas principais do drama, que enfatiza a crítica e a correção através da deformação e do ridículo. O efeito principal é provocar o riso” (p. 46). Uma das funções da série de Coimbra foi, sem dúvida, provocar o riso por meio do ridículo. Nesse sentido, a coluna se aproxima da comédia de costumes, cuja finalidade era “ridicularize(ar) os modos, costumes e aparência de um determinado grupo social.” (p. 47-48). Vasconcellos (1987) afirma que:

Na França, a comédia de costumes fixou-se na caracterização de tipos e vícios sociais, como definido pelo próprio Molière, que disse: “A correção dos absurdos sociais deve ser, em todos os tempos, a verdadeira matéria da comédia” (transcrito de *The Oxford Companion to the theatre*). (p. 48)

Como na comédia, também nos *Diálogos* o ridículo se apóia em personagens-tipos encontrados no dia-a-dia. A esse respeito, Pavis sintetiza qual seria a “Sequência mínima” da comédia da seguinte maneira:

A comédia pressupõe uma visão contrastada, até contraditória do mundo: um mundo normal, geralmente reflexo do mundo do público espectador, julga e caçoa do mundo anormal das personagens consideradas diferentes, originais, ridículas e, portanto, cômicas. Tais personagens são necessariamente simplificadas e generalizadas, uma vez que encarnam de modo esquemático e pedagógico uma extravagância ou uma visão inusitada do mundo. (1999, p. 53).

Essa visão de mundo que a comédia representa também perpassa os textos de Coimbra. O cronista ficcionaliza tipos para ridicularizar atitudes comuns, pensamentos e práticas, criticando os vícios humanos por meio do riso. Os tipos cômicos também estão presentes nos quadros, existentes no interior das revistas de ano. O modo como se configuravam esses quadros, também conhecidos como esquetes, guarda semelhanças diretas com os tipos dos *Diálogos*. A definição de esquete é a seguinte:

Do inglês *sketch*, segundo a tradição, é um esboço, um risco, um desenho. “No âmbito teatral alude a uma composição sumária rapidíssima. Uma idéia numa pincelada forte, cinematográfica, dramática, cômica ou estapafúrdia. (RANGEL, Otávio, Técnica Teatral, p. 117). Da apresentação ao desfecho vão, no máximo, alguns minutos. (VENEZIANO, 1991, p. 102.)

No *Dicionário de Teatro*, Patrice Pavis define o esquete de teatro como sendo

O esquete é uma cena curta que apresenta uma situação geralmente cômica, interpretada por um pequeno número de atores sem caracterização aprofundada ou de intriga aos saltos e insistindo nos momentos engraçados e subversivos. O esquete é, sobretudo, o número de atores de teatro ligeiro que interpretam uma personagem ou uma cena com base em um texto humorístico e satírico, no *music-hall*, no cabaré, na televisão ou no *café-teatro*. Seu princípio motor é a sátira, às vezes literária (paródia de um

texto conhecido ou de uma pessoa famosa), às vezes grotesca e burlesca (no cinema ou na televisão), da vida contemporânea. (1999, p. 143)

Esta definição de esquete parece aplicável aos *Diálogos*, compostos em forma de “cena curta”, em que há uma criação cômica enquanto “princípio motor” da sátira da vida contemporânea.

Nas revistas de ano, os quadros de comédia “procurava(m) reproduzir o ambiente natural no qual iria se desenrolar a história” (VENEZIANO, 1991, p. 102). Assim, nas revistas o esquete, obrigatoriamente, apresentava piadas “bem contadas” e:

Este tom do imitativo baixo, que extraía altos risos, perpassava todos os tipos, desde os namorados, dos maridos traídos, das esposas infiéis, dos velhos libidinosos, até as cenas melodramáticas ou as alusões à história antiga, cujos costumes eram deturpados. (*Ibidem*, p. 103)

Em relação aos “procedimentos dramatúrgicos para a construção de um quadro cômico”, pode-se dizer que “ele girava em torno de uma trama extremamente simples, ágil e bem urdida”. Como na farsa, a ação era calcada “*num enredado de enganos e logros que um personagem faz a outro*” (RENATA PALLOTTINI). E, como na Comédia Nova e na *Commedia dell’Arte*, o rocambolesco e os quiprocós estavam presentes num sistema hilariante de ações e relações”. (VENEZIANO, 1991, p. 103). Esse era um procedimento que conferia dramaticidade às revistas de ano, segundo Veneziano (1991):

Tudo acontecia de forma muito rápida, pois estes quadros eram sempre curtos, claros e concisos. Apesar da pequena extensão, era aí o momento em que a revista deixava de lado seu caráter épico para se tornar verdadeiramente dramática. Porque passava agora a prender-se a um enredo, ainda que sumário, e a apresentar conflitos, ainda que externos. (p. 103)

Nesse sentido, as crônicas de Coimbra compartilham de uma cena dramática, pois elas seguem um pequeno enredo e apresentavam conflitos sutis. Há nelas aspectos do teatro, como dramaticidade e ritmo, próprios de um texto de curta extensão, como os quadros de comédia. O esquete ou quadro cômico, sendo formas do teatro de revista, conferem caráter popular às crônicas de Coimbra, que se apropria do gosto do público pela comicidade ligeira.

Para relacionar a proximidade dos *Diálogos* com um quadro próprio de uma revista, transcrevemos abaixo um quadro famoso da revista *Tim Tim por Tim Tim* (1889)<sup>35</sup> de Souza Bastos, intitulado “A cozinha dramática”. A cena foi tão famosa na época, que fez parte de outras revistas do dramaturgo português:

#### A COZINHA DRAMÁTICA

COZINHEIRO (*depois da música*): Sim senhor! Estão realmente adiantadíssimos! Têm feito progressos extraordinários! Estudem, estudem o francês porque saber português isso é o menos. Vão... vão. Mandem buscar todo o repertório dos teatros parisienses, e agarrem-se ao dicionário: quantas mais asneiras melhor! Quando precisarem, venham buscar os temperos. Até mais ver! Safa! Que não tenho descanso com tanto pretendente a cozinheiro teatral!

LUCAS: Pode-se entrar?

COZINHEIRO: Mais dois! Façam o favor de dizer o que pretendem?

ULISSES: Primeiramente permita que nos apresentemos. Eu sou Ulisses, o fundador de Lisboa.

LUCAS: E eu, Lucas, um marceneiro aposentado!

ULISSES: Não temos que fazer!...

LUCAS: E por isso queremos ser escritores dramáticos.

COZINHEIRO: É a mania de toda gente!

ULISSES: Vagueava por essas ruas quando dei com este meu amigo...

LUCAS: Que também não tenho em que me entreter...

COZINHEIRO: Compreendo. Mas digam-me: já são literatos?

ULISSES: Verdadeiramente não sei, mas parece-me que sim!

COZINHEIRO: Sabem ler?

LUCAS: Algumas coisa... soletrado!

---

<sup>35</sup> A revista portuguesa fez muito sucesso no final do século XIX. Segundo Luiz Francisco Rabello (1984), em Portugal a peça, “estreada no Teatro da Rua dos Condes, em 1889, foi a mais célebre das muitas revistas que o fecundo autor-empresário escreveu e serviu de modelo, por longos anos, a quantas revistas se lhe seguiram. Cantadas pela atriz Pepa Ruiz sobre música de Felipe Silva, as coplas da ‘Dívida Pública’ eram um dos momentos mais aplaudidos da popular revista. O quadro da ‘Cozinha Dramática’, com o desfile dos temperos, é típico da maneira de Souza Bastos, que o incluiu de novo na sua revista *Tam Tam* (1891)” (p. 180).

COZINHEIRO: A respeito da gramática?  
 ULISSES: Nunca a vi mais gorda!  
 COZINHEIRO: Sabem francês?  
 LUCAS: Arranho... pela prática de tratar com alguns fregueses da mercearia.  
 COZINHEIRO: Fazem versos?  
 ULISSES: Ora essa!  
 Ulisses ardendo em brasa  
 Sobre o mar de Tropizondas  
 Quando estava sozinho em casa  
 Deitava tacões e tombas!  
 LUCAS: Pela minha parte há três anos que forneço a Praça da Figueira na noite de Santo Antonio.  
 COZINHEIRO: Conhecem Shakespeare, Molière, Plauto, Terêncio, Séneca, Schiller, Racine, Voltaire?  
 ULISSES: Nuca ouvi falar nesses sujeitos!  
 COZINHEIRO: Mas decerto conhecem Camões, Garret, Gil Vicente, o Judeu...  
 LUCAS: Nada... Eu judeus só conheci o das tâmaras, e Camões conheço o da estátua do Loreto.  
 COZINHEIRO: Muitíssimo bem. Desconhecem os mestres da arte, fazem versos de palmito, nunca viram a gramática, soletram e arranham o francês. Estão no caso de serem escritores dramáticos. Digam o que pretendem?  
 ULISSES: Vimos aprender a cozinhar uma revista.  
 COZINHEIRO: Meus amigos, chegam tarde... As fomalhas estão toda ocupadas e as panelas a ferver em cachão. *Fervet opus* cá em casa. Queiram vir mais tarde.  
 LUCAS: Isso é que não pode ser. A revista não é coisa que se guarde!  
 COZINHEIRO: Nesse caso, o que poderei fazer, será fornecer-lhes os temperos e os amigos lá se arranjarão como puderem!  
 ULISSES: Ao menos dê-nos temperos de boa qualidade.  
 COZINHEIRO: O melhor que tenho conservo neste armário. (*Vai abrir o armário donde saem as figuras seguintes: Mostarda, Pimenta, Colorau, Salsa, Azeitona, Sal, Cravo, Canela, Vinagre e Azeite*). (BASTOS *apud* RABELLO, 1984, p. 181)

O quadro é bem construído e articulado, revelando a criatividade de Souza Bastos, que era um dos mais famosos revisteiros da época. Na constituição de “A cozinha dramática”, percebe-se a presença de humor, a criação cômica e os personagens-tipo. A cena é “curta”, “clara” e “concisa”. Essas características aplicáveis ao teatro de revista também são peculiares na construção dos *Diálogos* de Figueiredo Coimbra.

É preciso ressaltar que os temas tratados no quadro sobre a configuração dos homens que queriam ser escritores e sobre como era visto o teatro de revista também aparecem nas crônicas. Os escritores são ridicularizados, não sabem ler direito, não conhecem a gramática e nem a literatura clássica. Os escritores personificados da crônica tratam o assunto do mesmo modo. O quadro também faz uma referência à própria revista, em um processo que se poderia chamar de metalinguístico.

Como se nota, em suas crônicas, Coimbra aproveita as modalidades do teatro cômico e se apropria da escrita jornalística, referindo-se, por vezes, ao próprio trabalho de cronista.

### 3.5 - Jornalismo e teatro

A crônica, misto de jornalismo e literatura, aparece no Brasil em meados do século XIX, quando surge a grande imprensa. Esse tipo de texto híbrido está inserido na segunda fase<sup>36</sup> do gênero, que segundo Afrânio Coutinho, adquire “um feitio literário e jornalístico, como comentário dos acontecimentos sociais, políticos, literários, artísticos, do momento, através dos folhetins” (COUTINHO, 1982, p. 26-7). Figueiredo Coimbra participa ativamente dessa fase. O autor, assim como Machado de Assis, provavelmente “frequentava todos os círculos, onde ia colher *de visu* a matéria-prima de suas crônicas” (*Ibidem*, p. 23).

Esse processo de “colheita” da matéria da crônica, dos assuntos da escrita, em que se observa o cronista transitar entre o jornalismo e o teatro, tem dois reflexos visíveis na sua produção: o primeiro deles encontra-se na própria forma da crônica e o segundo na temática autorreferencial.

Em relação ao jornalismo, é fato que a crônica está diretamente ligada à imprensa, que representa seu principal meio de publicação e divulgação. Os *Diálogos* são fruto da atividade da imprensa e por isso assimilam as marcas do gênero híbrido nascido nas páginas dos jornais, conforme se procura evidenciar

---

<sup>36</sup> As outras fases apontadas por Afrânio Coutinho correspondem: a primeira, como gênero histórico e, a terceira, como gênero que se torna “especificamente literário e poético, correspondente às solicitações e ao ritmo do momento, não obstante aparecer ainda como colaboração jornalística” (COUTINHO, 1982, p. 26-7).

nesse trabalho. Mas para além da sua forma dialogada, as crônicas de Coimbra ainda fazem do jornal sua própria matéria.

Coimbra cria cenas humorísticas sobre os jornalistas em atuação no período. Repórteres e redatores de periódicos do Rio de Janeiro são satirizados por não saberem gramática e não estarem aptos a exercer a profissão, já que tampouco conseguem boas notícias para compor o jornal. Na crônica 62, encontramos uma atriz em conversa com uma jornalista:

A ATRIZ. — Você dá amanhã uma notícia do meu benefício... a 27?

O JORNALISTA. — Isso, nem se pergunta, minha flor! Tomo nota. (*Escreve numa carteirinha*).

A ATRIZ, *olhando por cima do ombro dele; com meiguice*. — Você escreve benefício com dois ss?

O autor ridiculariza o jornalista, que não sabe a ortografia da palavra “benefício”. Em outras crônicas, os homens da imprensa aparecem discutindo gramática (cr. 100), regras e normas da escrita. Já na crônica 20, revelam a “encenação” que precisam fazer quando não têm uma boa notícia para o jornal:

— As oito hei de entrar azafamado na redação, deitando os bofes pela boca fora, assim como quem vem a correr de um serviço importante, e traz notícia de sensação.

— Ah! o sistema é bom. Tenho-o praticado bastante vezes....

— Entretanto, luto com uma grande dificuldade. Tenho tudo: boa vontade, paciência, papel, lápis e boas pernas; mas falta-me a notícia.

O ambiente do jornal aparece constantemente nas crônicas de Coimbra, seja para sugerir personagens, seja para expor ações e limitações. Ele participa ainda do processo de construção da crônica meta-jornalística: a crônica é um gênero do jornal e tem o jornal como assunto. Na leitura da série de Coimbra, de certa maneira, tudo parece girar ao redor do jornal. Na primeira crônica, o enredo se desenrola no escritório d’*A Notícia* e as personagens estão vinculadas ao jornalismo. Na crônica 4, uma polêmica “travada em grande número de jornais”

é o tema sobre o qual o marido deseja conversar com sua esposa. A crônica 5 começa com a leitura do jornal *O País*, do qual é transcrita literalmente a nota “Visitou-nos ontem o ator Silva Pereira”, enquanto a crônica 6 relata que as personagens liam o jornal no bonde. A mais interessante nesse aspecto é a crônica 9, em que um homem janta enquanto lê *A Notícia*:

No restaurante:

O freguês janta beatificamente, com vagar, lendo a *Notícia*, que está de pé, encostada à garrafa de vinho.

Entra uma florista, fornecedora predileta do *habituê*.

Aqui, o jornal está presente na cena e até mesmo sua posição em relação ao leitor é indicada com precisão. Ou seja, o jornal surge como elemento figurativo da cena apresentada pelo narrador. Era costume à época realizar a leitura de *A Notícia* na hora do jantar, visto que se tratava de uma publicação de circulação vespertina. Considerando-se que o horário das refeições ocorria no período que hoje consideramos como o meio ou o final da tarde, o momento mais usual de leitura do jornal era à hora do jantar.

Na série dos Diálogos há sempre um motivo para que o jornal apareça. Até a seção de obituários consta das crônicas “... sobre cuja morte os jornais bordaram algumas frases sentidas” (cr. 21). As seções dos diários e a linguagem jornalística surgem como dados da composição dos textos, como na crônica 48, em que há várias expressões relacionadas com o ambiente das redações.

A presença do jornal repete-se durante toda a série, talvez inaugurando o que seria um gérmen do meta-jornalismo. Essa constante pode estar presente no enredo, nas personagens, na ação de ler o jornal ou apenas como elemento decorativo, revelando o papel da imprensa na vida pública. Como esse processo autorreferencial da crônica, em que a forma também se torna assunto, é contínuo na série percebe-se que o autor encontra e desenvolve um jeito próprio de iluminar a importância da imprensa no período.

Na mesma direção, pode-se dizer que Coimbra cria uma crônica meta-teatral. O autor usa as formas do teatro para compor seus textos e ao mesmo

tempo remete ou tem como assunto o teatro. Como exemplo, na crônica 15 vamos encontrar uma personagem que explica ao seu interlocutor como deveria ser elaborado um drama e o que seria necessário conter para ganhar representação e ser aceito pelos empresários:

— As primeiras condições de uma obra desse gênero são a clareza e a concisão: dizer nitidamente o mais possível no menor número de palavras. Em certos casos é até conveniente, senão indispensável, precipitar, sem prejuízo da clareza. Um drama difere muito de um livro de gabinete, em que o autor pode espriar-se a seu talante em observações e conceitos, sem a pressão do tempo e sem forçar o leitor, como forçaria o espectador se no teatro fizesse o mesmo.

As personagens relacionadas ao teatro que aparecem constantemente nas crônicas são os dramaturgos, empresários, atores e atrizes, críticos teatrais e público. Muitas vezes, o teatro consta apenas como pano de fundo, cenário onde o diálogo ocorre, como na crônica 119, em que as personagens se encontram no jardim do teatro Recreio. Outras vezes, as personagens puxam algum assunto do teatro para falar sobre política e temas variados.

A crônica de Coimbra opera, portanto, uma mistura de elementos do jornalismo, do teatro e da própria crônica, que ganha o aspecto de um texto híbrido. Não raro, o meta-teatro e o meta-jornalismo convivem na mesma crônica. Mais do que isso, a vida do autor também se mostra imbricada nesses dois eixos, já que ele circula entre o teatro e o jornal. Coimbra transporta para as crônicas os modos de composição que estruturam os textos de teatro e de jornal, tomando-os como forma e assunto. Vale atentar para o diálogo 125, no qual tanto o teatro como o jornal, de alguma maneira, se imbricam:

— Estou cansado de esperar o pagamento do par de botas que fiz para o senhor representar o seu papel de príncipe na tragédia que vai no seu teatro.  
— Perdão, bom homem. Não é tragédia, é revista... coloquemos as coisas no seu lugar.

- Seja lá o que for. Para mim tudo é o mesmo. O que importa é que me paguem.
- Isso é lá com a empresa.
- Com a empresa! Eu não tenho nada com a empresa! O senhor é quem me encomendou as botas...
- Mas é a empresa que as paga. Vestuário ou calçado de fantasia, fora da atualidade, quem o paga é o empresário. É do contrato.
- Eu não quero saber do contrato. O empresário diz-me que quem paga as botas é o senhor, agora o senhor manda-me para o empresário. Isso é um jogo de empurra!
- Mas, bom homem...
- Vou para a imprensa!

A crônica mostra um ator cuja dívida está sendo cobrada pelo sapateiro, que lhe fez um par de botas. Como o sapateiro não consegue receber, a única solução é reclamar na imprensa. Essa passagem reproduz os dois eixos temáticos em torno dos quais giram as crônicas de Figueiredo Coimbra: teatro e jornal. Dialogam uma personagem de teatro, o ator, e um sapateiro, para quem a única saída é recorrer ao jornal. A queixa, uma vez levada à imprensa, torna pública uma reclamação pessoal de direito, ao mesmo tempo, com essa iniciativa do sapateiro, o cronista expõe a precariedade em que vivia a gente de teatro, dependente dos empresários que lhes exploravam e deixavam sem recursos até para a roupa de trabalho. O diálogo evidencia que a revista, gênero do teatro popular, é um negócio que traz prosperidade somente para os empresários. Por outro lado, o artesão tem consciência de seus direitos e sabe a que recorrer, pois o jornal poderá expor o nome do ator em público e lhe trazer prejuízos ainda maiores.

## CAPÍTULO 4

### TEMAS E SITUAÇÕES DOS DIÁLOGOS

*O folhetinista, na sociedade, ocupa o lugar do colibri na esfera vegetal; salta, esvoaça, brinca, tremula, paira e espaneja-se sobre todos os caules suculentos, sobre todas as seivas vigorosas. Todo o mundo lhe pertence; até mesmo a política.*

(Machado de Assis)<sup>37</sup>

#### 4.1 – O colibri brincalhão

Transitando por diversos lugares, Figueiredo Coimbra recolhe situações que, em sua pena, tornam-se humorísticas. Os *Diálogos* reúnem cenas características do cotidiano da vida brasileira. O autor realiza uma representação cômica dessa sociedade, ridicularizando tanto aspectos da vida privada, como da vida social da capital federal brasileira, no final do século XIX.

Para realizar essa representação, Coimbra cria personagens que circulam pelos logradouros do Rio, como a rua do Lavradio, D. Luiza, Santo Amaro, São Leopoldo, Sete, Itapiru, Espírito Santo, Real Grandeza, Carioca, Senado, além dos bairros da Gávea, Vila Isabel e Lapa. As personagens também se encontram na rua do Ouvidor, que era:

... a mais famosa e importante de todas as artérias da cidade, espécie de meridiano da consciência nacional, a ponto de um visitante estrangeiro afirmar que o Brasil era o Rio de Janeiro, e o Rio de Janeiro era a rua do Ouvidor. (COUTINHO, 2001, p. 1381).

Personagens-tipo circulam pelo Ouvidor, como, por exemplo, o filantropo e o empregado municipal, da crônica 13. As conversas e as intrigas sobre a vida alheia aconteciam nessa rua. Os *Diálogos* do dia 21 de agosto (cr. 26) demonstram isso na reconstituição de uma conversa entre um caixeiro e uma

---

<sup>37</sup> Assis, Machado. Aquarelas. *O Espelho*. Rio de Janeiro, 30 out. 1859. In: \_\_\_\_\_. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, V. III, 1994.

moça que está em um armarinho, localizado nesse famoso logradouro. As personagens conversam sobre a vida de pessoas conhecidas, sobre os livros que leram recentemente e a programação dos teatros. O trecho a seguir demonstra o tom mundano em que a conversa é encetada:

O CAIXEIRO. — [...] Então, que se diz de bom?

A MOÇA. — Nada... Ah! A Maricota parece que vai casar. Eu digo: parece por que já não é a primeira vez que ela está para casar, e não casa.

A rua do Ouvidor, local onde desfilava toda gente carioca elegante, é espaço de algumas crônicas de Coimbra. Nas ruas, nas redações, nos jornais, nas casas e restaurantes circulam escritores, empregados municipais, jornalistas, atores, políticos, viúvas, jogadores compulsivos etc. É por meio delas que Coimbra divulga suas críticas, de forma humorística.

#### **4.2 – Os escritores e a literatura “narcótica”**

O primeiro diálogo da série apresenta a ridicularização de um escritor boêmio chamado Raul. Dialogam com Raul, a personagem Julião Machado, caracterizado como “fantasioso” e, um camarada “comum”. As três personagens encontram-se no “escritório d’*A Notícia*”. No início da conversa, Julião se assusta com a figura do escritor (Jesus! O que aí vai!). Os dois pontos de exclamação remetem a um momento de admiração do caricaturista, provavelmente ocasionada pelo estado lastimável de Raul.

Raul afirma, durante toda a crônica, que Julião tem muito talento e declara: “Sabes que te amo, que te adoro, ó meu velho amigo!”. Raul chama Julião de “velho amigo”, entretanto, encontravam-se pela “primeira vez”. As falas declamatórias e aparentemente sem sentido de Raul o configuram como uma personagem risível.

Ele repete três vezes: “Já leste a minha belíssima nota?”; frase enfatizada pelo narrador, como um “mote” da personalidade boêmia, que repete

sempre a mesma ladainha. A frase aparece entre parênteses, no início do texto, logo após a caracterização de Raul. O narrador explica que a nota é “o último artigo literário de Raul” e que aquela pergunta é “imutável, eterna, nos lábios do rapaz”.

O fato de Raul perguntar, a todo o momento, sobre sua “belíssima nota”, isto é, sobre um artigo literário, preocupando-se com os “papalvos”, remete o leitor à questão do reconhecimento de seu talento como escritor, satirizado durante todo o texto. A palavra “talento” aparece 9 vezes na crônica, jogando luz sobre as pretensões literárias do rapaz que se considerava talentoso, mas precisava que os outros (papalvos) também o considerassem.

Para “deslumbrar os papalvos”, Raul convida Julião a fundar um jornal. Julião lhe propõe um “jornal chic”, mas ele continua com sua pergunta “imutável”, sobre sua nota e a recepção crítica a ela.

A situação é cômica, mas revela um fato comum no período: a esterilização na boêmia. Conforme Broca (2005):

Ao lado das figuras conhecidas nas letras, gravitavam artista, desenhistas e caricaturistas, como Crispim do Amaral, Calixto, Ricardo Casanova, Julião Machado, Bambino, Ramos Lobão, André Thoreau, Renato, Raul, J. Carlos; não raro, gente de teatro, e também os que se esterilizavam na boêmia, cujo talento fracassado aos amigos vieram dizer depois que era grande, porque, na realidade, constitui tradição da boêmia a crença de terem talento os que dela fizeram parte. Fala-se dos admiráveis sonetos de Raul Braga, um dos mais lamentáveis alcoólatras, chamando o amigo para um canto, recitando-lhe versos e pedindo-lhe algumas moedas [...]. (p. 74)

A personagem criada por Coimbra pode ser o Raul Braga<sup>38</sup>, citado pelo crítico. Sobre esse poeta, Sodré (1999) afirma que colaborava na revista *A Cigarra*<sup>39</sup>, na qual Julião fazia ilustrações.

---

<sup>38</sup> Também pode ser o Raul Pederneiras, boêmio conhecido na época.

<sup>39</sup> De Sodré “[...] *A Cigarra*, dirigida por Olavo Bilac e ilustrada por Julião Machado, com a colaboração de Coelho Neto, Guimarães Passos, Emílio de Menezes, B. Lopes, Raul Braga, a plêiade dos boêmios.” (p. 267). Não é possível confirmar tal proposição, dado que não se encontram textos assinados pelo poeta na revista.

Raul Braga foi um boêmio conhecido entre os intelectuais da época. Em uma crônica de Lima Barreto, publicada n' *A Notícia*, no dia 3 de junho de 1920, uma personagem, o Casimiro, relembra Raul e conta a seguinte história:

Pobre Raul! Era uma criança que vivia num sonho. Certa manhã em que ia embarcar para a ilha do Governador, no cais de Pharoux, - isto há mais de vinte anos, - encontrei-o deitado, estendido na calçada, sujo e enlameado, naquela mesma travessa, dormindo que nem uma pedra. Qual era a sua dor?

*Ma vie a son mystère, mon âme a son secret...*

Tenho dele um soneto pouco conhecido que ele ditou a um amigo nosso, já falecido, pintor João Rangel, que o escreveu numa das contracapas do *Manual da História da Literatura Grega* dos irmãos Croiset, o qual veio ter-me às mãos, por um caminho complicado de vários amigos e camaradas.

Não me furto o prazer de transcrevê-lo e publicá-lo pela segunda vez, apesar do temor em que estou de comprometer a memória do poeta, já pela minha total ignorância da arte de poeta, o que não me permite saber onde há erros; e já pelas condições em que foi obtido o original, que não eram muito favoráveis, que as palavras do autor fossem registradas de acordo com a sua grande capacidade poética. Vale, porém, em todo o caso, pela emoção e pelo estado d'alma que traduz. Ei-lo:

Que doce aroma as tuas mãos perfuma!  
Dá-me que eu sinta uma só vez ao menos!  
Teus pés de deusa como são pequenos!  
És um encanto toda tu, em suma!

Esse amavio que teu ser ressuma  
Tem dos mais fortes e sutis venenos;  
Teus meigos olhos como são serenos!  
Depois de ti não há mulher alguma.

Essa sombria vida que eu arrasto  
Quanta vez a lamento se te escuto  
E me banho na luz desse olhar casto!

Mas, em vão me injurio e me maldigo!  
Mas, é debalde que comigo eu luto!  
Hei de seguir este viver que sigo! (BARRETO, 2007, p. 177-9)

Ainda sobre Raul Braga e sua vida boêmia, Oliveira (2008) relata que o poeta “por diversas vezes foi visto cambaleando no Largo de São Francisco, a

declamar poesia diante da estátua de José Bonifácio” (p. 74) e, que “não raro era visto caído pelas ruas” (p. 114).

É possível depreender dessas informações que Coimbra se inspirava nos poetas boêmios, que levam uma vida desregrada, a falar em sua bebedeira até mesmo com estátuas. A conversa, aparentemente sem sentido da personagem Raul, pode querer representar o estado de embriaguez em que viviam.

A conquista de espaço pelo talento e o difícil reconhecimento dos jovens escritores são temas constantes nas crônicas em que as personagens figuram como homens de letras. Entrelaçadas de humor, as crônicas de Coimbra revelam as condições precárias dos escritores brasileiros. As personagens que encarnam essa figura reclamam de sua classe, representando uma situação muito comum: a de escreverem nos jornais, principalmente, por ser uma forma de ganhar prestígio e subsistência. A preocupação financeira está no centro da conversa das personagens da crônica 21, que fazem uma comparação entre os rendimentos de um escritor parisiense e os dos escritores cariocas:

- A herança de Alexandre Dumas Filho é avaliada em três milhões de francos. Que dizes a isto?
- Não digo nada. Estou aparvalhado.
- Isso em ti não é grande transformação! Três milhões, hein? Já se pode escrever em Paris... ao passo que nós aqui... hein?
- Aqui é difícil viver da pena, pelo menos viver com certas comodidades...
- Imagina que eu tivesse nascido francês, parisiense, trabalhando lá, no grande foco, no cérebro do mundo... hein?

A morte de Alexandre Dumas Filho, em 1895, e as notícias sobre a herança deixada por ele estavam estampadas nas páginas dos jornais como estímulo para o assunto. O autor aproveita o momento para mostrar a situação econômica dos escritores brasileiros e, a dificuldade de “viver das letras” no Brasil. As duas personagens da crônica, dois escritores, discutem o talento de cada uma e, chegam à seguinte conclusão:

- Digo-te que não fazes dinheiro aqui como escrevinhador, e no Rio de Janeiro os escrevinhadores também ganham para viver; ganham pouco, mas ganham. Ora, como quererias enriquecer em Paris na proporção dos grandes escritores, se te faltam outras coisas além do meio?
- Dá-me o meio e dar-te-ei os meios.
- Isso é apenas um mau trocadilho! A verdade, meu amigo, a triste verdade, que devemos confessar com o heroísmo de quem aplica sobre uma chaga própria um ferro em brasa, é que o Rio de Janeiro não é Paris...
- Jamais o será!
- E que nós dois, distintos escritores de extraordinário talento, tal como nos consideramos, não passamos de dois insignificantes pedaços d'asno! (*Ibidem*)

Percebe-se, no fragmento acima, a realidade dos escritores brasileiros: o não-reconhecimento intelectual e financeiro de suas produções, principalmente por causa da denominação dada pela personagem “pedaços d’asno”. A personagem se considera talentosa, como o Raul da crônica 1, mas ela reconhece a decadência da profissão no Rio. Está explícito na crônica, que muitos escritores de “superior talento” e “enorme reputação” trabalharam muito e morreram pobres.

Em outros textos, Figueiredo Coimbra cria personagens que eram “aplaudido(s) literato(s)”, mas que não conheciam a literatura brasileira. A situação conflitante da crônica 7 mostra um literato que não consegue escrever uma nota sobre Basílio da Gama:

- [...] Uma homenagem tão justa! Desde que se trata de honrar um dos nossos grandes...um dos nossos grandes...grandes...
- Poetas!
- Um dos nossos grandes poetas; não posso deixar de me associar a tal pensamento. Agora, principalmente, que a prepotência estrangeira parece ameaçar-nos, bem significativa deve ser a comemoração desse belo espírito quando tão alto levantou glórias do Brasil. Será como que uma reivindicação dos nossos brios e do nosso prestígio. Bem vê em que elevado apreço tenho o ilustre autor do... da...
- Do *Uruguai*<sup>40</sup>!
- Sim, do *Uruguai*! Admiro nele um dos bons líricos que...

---

<sup>40</sup> Conservou-se como encontrado no jornal, “*Uruguay*” e, não “*Uruguai*”. Em 1895, publicou-se com o título de *O Uruguay*, uma edição do poema épico, com estudo crítico de Francisco Pacheco.

— Épicos!

No dia da publicação desses *Diálogos* comemorava-se o centenário de falecimento de Basílio da Gama. No dia 27 de julho, é publicada n’*A Notícia* uma nota da “Comissão iniciadora do centenário do cantor do Uruguay”, em que consta informação sobre a publicação de uma polianteia, no dia 31 de julho, nas páginas do periódico *A República Portuguesa*, contando com a colaboração de Machado de Assis, Artur Azevedo, José Veríssimo, Araripe Júnior, Sílvio Romero dentre outros. A polianteia dá motivo para Coimbra escrever sua crônica e ao mesmo tempo ironizar muitos que se diziam “escritores” e não conseguiam publicar uma colaboração qualquer sobre um poeta brasileiro. No final da crônica, a personagem, que não consegue escrever sequer uma simples nota, propõe ao seu admirador: “Olhe! Uma idéia! Escreva o senhor mesmo o artigo, que eu assino.”.

Com essa crônica, Coimbra ataca a falta de conhecimento dos jovens escritores a respeito da literatura nacional. Em “Notas de um simples” do dia 3 de agosto de 1895, o cronista retoma o assunto:

O autor do *Uruguai*, apenas conhecido e admirado de um ou outro espírito fino que se vota ao estudo de velharias literárias, faz em 1895 uma estreia que eu, mesmo com o respeito que devo à sua memória sagrada e... obscura, não posso consideravelmente considerar auspiciosa.

[...]

... contentemo-nos, de saber que esse poeta existiu, nós que só agora, cem anos depois da sua morte, viemos a sabê-lo.

Um grupo de admiradores convencidos, homens de letras, organizou uma bela poliantéia em homenagem ao épico brasileiro. Para esta manifestação foram convidadas muitíssimas pessoas que cultivam a literatura com mais ou menos proveito e reputação. Escusaram-se algumas, sob o fundamento de que não conheciam o poeta sequer de nome, e que a sua sinceridade, logicamente, as impedia de renderem tributo de apreço a um homem de quem nunca ouviram falar. Parece que esta franqueza é louvável; muitos, porém, não o entenderam assim; e não ocultam as censuras indignadas que fazem ao que reputam ignorância e rudeza

Naturalmente estes senhores batem palmas à convicção de alguns dos colaboradores da polianteia que mais formidáveis bombas acenderam louvor do poeta, de cuja existência só tiveram conhecimento por ocasião deste centenário. (F.C., 1895b, p. 1)

As “Notas de um simples” revelam uma censura aos escritores que rejeitaram o convite para colaborar na polianteia, alegando que desconheciam a obra de Basílio da Gama. Coimbra louva a “franqueza” desses e critica a “convicção de alguns dos colaboradores da polianteia”, que só conheceram a obra do escritor épico por ocasião do centenário. A mesma crítica é encontrada nos *Diálogos*, mas de forma cômica, com criação de duas personagens: um “aplaudido literato” e um “admirador”.

Na crônica 102, o autor cria uma situação semelhante, ridicularizando, por meio da criação de uma personagem-poeta, os que não conseguiam exercer devidamente a profissão. Na crônica, o poeta sente dificuldades em escrever “alguma coisa” no álbum de sua admiradora. Após muito hesitar, encontra uma solução:

A LETRADA. — Não, senhor; tenha santa paciência. Eu sou muito caprichosa. Quero o autógrafo hoje mesmo. Só lhe faço uma concessão: dou-lhe duas horas para pensar e escrever. Deixo-o sozinho nesta sala; daqui a duas horas virei admirar o produto do seu talento.

O POETA. — Obedeço. Que remédio!

.....  
A LETRADA (*ao fim de duas horas, lendo no seu álbum*). — “Bonifácio Fortinho cumprimenta a Exma. Sra. D. Generosa Bezerra e deseja-lhe muitos anos de vida e felicidade.”

Figueiredo Coimbra ridiculariza nos *Diálogos* os maus escritores, que são vistos de modo pejorativo pelas personagens. Na crônica 111, uma mãe que se preocupa com o futuro profissional do filho, visto que o garoto “não mostra jeito para coisa nenhuma”, encontra uma solução:

— [...] Estás visto que não há remédio senão deixar-lhe a carreira para a qual é fatalmente arrastado, e que eu abomino, porque nunca tem futuro, e muitas vezes não tem presente.

- Qual?
- A das letras.

Durante a crônica, a mãe aponta as “aptidões” e até mesmo as características físicas do seu filho José, que a levam a concluir que o garoto é “arrastado” para a carreira das letras: “pequeno imprestável”, “nulo”, “vadio”, “curto de inteligência”, “fronte estreita”, “olhos pequenos e sem mobilidade” e “nariz rombudo”. Ela constata que, aos literatos, não é previsto futuro e, “muitas vezes” nem presente. Aparentemente, a mãe atua como porta-voz de um senso comum da sociedade, que não valorizava os homens de letras. A representação desse pensamento geral está sugerida no fato de a mulher ser a única personagem que não tem um nome próprio, atuando como exemplo do pensamento popular.

Os “predestinados” para exercer a carreira com as “competências” relacionadas pela mãe não serão bons profissionais. Esses são desmoralizados nas crônicas de Coimbra, em que “ser poeta não é um meio de vida que decentemente se possa alegar”. A frase é da personagem Laura, na crônica 94, em que exige do pretendente um emprego, para só depois concordar em desposá-la. O poeta propõe:

- Ah! se me fosse possível roubar-te!...
- Não pode!
- E a narcotização, que está em moda?
- Só assim... mas eu fico prevenida contra os seus versos.

Os “versos” do poeta apaixonado não têm qualidade, se tivessem, Laura não preferia ficar “prevenida” contra eles. A relação entre narcotização e a péssima qualidade da literatura também é mencionada na crônica 75: “Cuidado com os narcotizadores! Procuremos evitar tudo que nos possa adormecer. Fora com certas mercadoras e com certas literaturas!”. As literaturas que faziam adormecer e a mulher que prefere a narcotização aos versos revelam a crítica do autor à literatura produzida nesse período, que servia apenas como uma espécie de narcótico. Com seus versos, o poeta da crônica 94 não consegue sequer

conquistar Laura, por quem se diz apaixonado (“se me apraz aceitá-lo como esposo nas condições que etc., não é porque a sua poesia me fascine). Pode-se deduzir, por meio da crônica 64, que Coimbra relaciona a péssima literatura ao fato de que não há bons homens de letras no Brasil e, principalmente, que as pessoas valorizavam o que vinha do exterior:

- De Portugal trago o que absolutamente não há por aqui, de que eu necessito muito.
- O que?
- Um homem de letras.

Uma reunião literária ocorrida em 1895, organizada por Aluísio Azevedo, também é criticada e ironizada nos *Diálogos*. Essa reunião foi alvo de contestações na imprensa, que pôs em dúvida sua qualidade “puramente literária” (cr. 55). Figueiredo Coimbra aproveita o ensejo e, na crônica 55, apresenta-nos uma cena na qual personagem convida para a tal reunião negociantes, camaradas, músicos, trapezistas, todo tipo de profissionais menos homens de letras. A crítica ocorreu porque a primeira conferência da reunião ficou a cargo de Fausto Barbosa, que não era escritor, mas amigo de Aluísio. Todo o texto é marcado por frases irônicas:

- O Cardoso é homem de letras?
- **Não, mas é muito nosso camarada, está sempre conosco...**
- Então, sim.
- Compreendes que se trata de uma reunião literária, puramente literária, no sentido rigoroso da palavra. Já vêes que não se pode esquecer o Cardoso...
- Da rua Sete. Está claro. Ouve cá: **eu posso convidar o meu barbeiro?**

As frases revelam o teor da conversa, em que a reunião caracterizada sempre como “puramente literária” admite diversas pessoas, menos os literatos. Não há indícios de que Coimbra tenha sido convidado para essa reunião, mas a crítica que ele fez corrobora outras publicadas nos periódicos, como a de Valentim Magalhães.

Nos *Diálogos*, o autor ridiculariza os escritores sem talento e a literatura “narcótica” produzida no período. As críticas vazadas de humor e ironia enfatizam o desprestígio da carreira e a má formação de alguns letrados. Não custa lembrar que, em 1897, era inaugurada a Academia Brasileira de Letras, que estabelecia o panteão da literatura nacional, distinguindo os escritores consagrados pela casa dos pretensos poetas e prosadores de plantão.

#### **4.3 – *Para mim não há como os cavalinhos. O retrato cômico do teatro***

No final do século XIX, o teatro era uma das formas de entretenimento da população brasileira. Durante a encenação das peças, aconteciam os encontros amorosos e de negócios, além da exibição da burguesia. Nessa época, a dramaturgia volta-se para o teatro musicado, principalmente o teatro de revista. Esse tipo de dramaturgia “cresceu no Brasil nos dois últimos decênios do século XIX, quando foi praticada por autores teatrais de primeira linha, constituindo-se a forma mais rica e mais rentável de teatro comercial” (PRADO, 1999, p. 102). Assim, quando bem-sucedidas, as revistas de ano arrastavam grande público aos teatros cariocas.

Para se obter uma boa realização desse modelo de origem francesa, o dramaturgo deveria ter a capacidade de observação dos fatos sociais, políticos e culturais, com uma visão crítica do mundo que o circundava. Como explicou João Roberto Faria:

... a revista – ou qualquer outro gênero satírico – alimenta-se fundamentalmente do olhar atento do escritor ao mundo à sua volta. Quanto maior for a sua capacidade de filtrar a graça e o paradoxo dos acontecimentos que teatraliza, maiores serão as suas chances de articular satisfatoriamente no interior do texto o artístico e o documental. (1998, p. 42)

Nas revistas de ano, a representação da realidade tornou-se constante, pois a peça trouxe para o público os acontecimentos do ano anterior, por meio de

quadros e apoteoses, com personagens alegóricas representando as situações e calamidades. Assim, o povo ria dos próprios infortúnios do país.

Com o sucesso das revistas, muitos queriam escrever para o teatro, pois era uma chance de ascensão financeira e de obtenção de prestígio. Mas era difícil encontrar um empresário que aceitasse fazer a montagem dos textos. As negociações com os empresários são exploradas, muitas vezes, de forma cômica nas crônicas de Coimbra.

Nos *Diálogos* do dia 9 de agosto de 1895, a personagem O empresário explica, em uma conversa com O dramaturgo N., as condições para se escrever um texto teatral naquela época:

— As primeiras condições de uma obra desse gênero são a clareza e a concisão: dizer nitidamente o mais possível no menor número de palavras. Em certos casos é até conveniente, senão indispensável, precipitar, sem prejuízo da clareza. Um drama difere muito de um livro de gabinete, em que o autor pode espriar-se a seu talante em observações e conceitos, sem a pressão do tempo e sem forçar o leitor, como forçaria o espectador se no teatro fizesse o mesmo.

A personagem O Empresário concebe a fórmula de uma peça teatral, enfatizando o que deve ser essencial. Porém, a crônica termina com um tom de humor, pois o empresário ignora o manuscrito do dramaturgo, que se enfurece com a situação:

O dramaturgo despede-se radiante do empresário, para voltar logo depois, furioso, a dizer-lhe:

— Ora muito obrigado! O senhor nem sequer abriu o meu manuscrito!

— !

— As folhas ainda estão todas grudadas, como eu as trouxe, de propósito.

A cena reflete também uma situação muito comum: o jogo de influências no meio teatral. Escrever não era garantia de sucesso. Mesmo com

talento, os dramaturgos precisavam de alguma influência no meio, para que suas peças fossem, pelo menos, lidas.

As companhias de teatro deixavam em cartaz, durante meses, peças de sucesso como *Tim Tim por Tim* e *Rio Nu*. Na maioria das vezes, as peças bem acolhidas eram adaptações oriundas da Europa, vindas de longas estadas nos mais diversos teatros. Pelo grande número de peças adaptadas, muitas pessoas consideravam que não existia, no país, uma literatura dramática, e que não adiantava haver uma infraestrutura de instalações teatrais, sem uma dramaturgia própria. Na crônica 43, Coimbra cria duas personagens para representar esse problema, o Ator Nacional e a Atriz Nacional:

O ATOR NACIONAL. Até que enfim! Fechou-se o meu teatro. Era o último onde ainda funcionava uma companhia de artistas cá da terra. Agora, sim, a nossa situação está definida. Eis-nos literalmente na miséria.

A ATRIZ NACIONAL. Tu, afinal, ainda és homem...

O ATOR. Ainda? Certamente!

A ATRIZ. Quero eu dizer: tu ainda tens sobre mim a vantagem de ser homem. Agora eu, pobre mulher, que nunca tive outro trabalho, outro emprego senão o teatro, que hei de fazer? que vai ser de mim?

O ATOR. Pois, senhores, triste é afirmá-lo, mas afirme-mo-lo para espanto e indignação do universo: e até onde pode chegar a decadência da Arte! A Arte, a grande deusa que...

A ATRIZ. Não comeces a declamar no meio da rua, que chamas a atenção...

O ATOR. É o que eu quero. Nunca o consegui no palco; vamos ver se agora...

Coimbra enfatiza a representação dos atores adicionando o adjetivo “nacional” e os coloca em situação de “miséria”. O autor refere-se também à qualidade da atuação dos atores – a personagem afirma que não consegue chamar a atenção do público; e também da falta de novas peças – “Sempre as mesmas peças”. A solução era encontrar outro ofício.

Coimbra procura mostrar que, naquele momento, as companhias representavam nos teatros apenas textos estrangeiros, com atores também estrangeiros. No dia da publicação da coluna de Coimbra, a agenda teatral de A

*Notícia* apresentava as seguintes atrações: a companhia equestre de Frank Brown, no Teatro São Pedro; a companhia Portuense, com a ópera-cômica *A Mascote* (tradução de Eduardo Garrido), no Teatro Apolo; e, no Teatro Recreio, a companhia portuguesa de Sousa Bastos, com a revista-fantástica *Sal e Pimenta*. A programação torna evidente que as peças estrangeiras dominavam os palcos brasileiros

Sobre essa situação, Décio de Almeida Prado comenta que as condições da produção teatral no final do século XIX eram paradoxais:

Vivíamos um paradoxo: mercado teatral crescente, produção nacional decrescente. O teatro era a diversão coletiva por excelência [...] Mas não tínhamos condições econômicas e artísticas para concorrer com os estrangeiros. Estávamos relativamente a par do que se fazia nos palcos da França, da Itália, de Portugal, um pouco menos nos da Espanha, porém sem entrar com a parte que em princípio nos competia. (1999, p.161)

A crítica dos escritores às revistas de ano era constante na época, porém, mesmo com inúmeros “ataques”, o público não deixava de prestigiar as peças em cartaz. As revistas faziam sucesso, pois tinham um caráter genuinamente popular e seus bilhetes vendiam-se a preços módicos; tudo era visto nessas peças, desde os assuntos mais banais vividos pelas famílias brasileiras até as complexidades políticas ocorridas no ano anterior. Coimbra foi um dos que criticou as revistas. Reclamava, por exemplo das que estavam sendo encenadas sem as estruturas e convenções praticadas pelos primeiros revisteiros.

A crônica 81 mostra uma personagem que não ia ao teatro havia dois anos e, no entanto, consegue descrever de forma crítica a peça que assistiu:

- Eu não ia ao teatro, há cerca de um ano. Ontem tirei-me dos meus cuidados e fui a uma das casas de espetáculo da rua do Lavradio, o Apolo ou o Éden, não tenho certeza.
- Essa é boa. Não estás certo do lugar onde foste.
- Não. Há cerca de dois anos que não vou a espetáculo. Que mudança!
- Para melhor ou para pior?

- Também não sei. Só te posso afirmar que fiquei surpreendidíssimo com o programa.
- Sim?
- Para começar, apareceram três graciosas meninas que cantaram numa língua desconhecida versos que pareciam picantes. Até aqui, nenhum motivo de espanto; cantar em língua desconhecida é coisa que se faz correntemente nos teatros nacionais.
- Sobretudo nos de declamação.
- Mas depois as meninas puseram-se a dançar. Que graça e que proficiência! Como, em relação a estas, são inábeis e desenxabidas as bailarinas da terra! Depois vieram os japoneses...
- Japoneses?!
- Sim, homem! Na peça entravam japoneses autênticos, que faziam trabalhos de ginástica e equilíbrio a valer. Há por aí muito drama com chins e turcos, que, por mais que se disfarcem, logo se vê que são portugueses e brasileiros; os japoneses que eu vi são genuínos.
- Que cantam eles?
- Nada, não dizem palavra.
- Devem adiantar pouco ao enredo...
- Ora! numa revista de ano!
- Ah! era uma revista?
- Com toda a certeza! Diante daqueles passos e cantorias, daquela ação sem nexos, daqueles personagens que entravam e saíam sem dizer porque, percebia-se imediatamente que se estava representando uma revista.

A partir das pesquisas realizadas no jornal, percebemos que a personagem refere-se à companhia de variedades de H. Schumann, que estreou no Teatro Apolo no dia 21 de outubro. Na notícia de divulgação publicada no jornal a companhia não nomeou o espetáculo, nem definiu o tipo de apresentação que faria, fato que permitiu à personagem da crônica classificar o espetáculo como uma revista. Na seção “Teatros & etc” d’A *Notícia*, encontramos um comentário sobre o espetáculo:

É um grupo internacional de 20 artistas, ingleses, japoneses e chilenos todos muito aceitáveis no seu gênero. A sua função de estreia foi deveras curiosa. Abriu a 1ª parte um bailado *sui generis* executado por três interessantes meninas, La Regaloncita e suas irmãs Preciosa e Graciosa, das quais a mais velha não terá ainda dez anos. Esse bailado caprichoso, em que há coreografia, acrobacia e deslocação, foi pelas meninas executado com um

*entrain*, uma presteza, uma precisão de movimentos, uma resistência e agilidade notáveis. O público, logo seduzido, aplaudiu com entusiasmo esta introdução.

Em seguida foram apreciados os jogos malabares, já bastante conhecidos, em que, no geral, são exímios os japoneses, e o que ontem vimos não constitui exceção. Mas o trabalho mais notável desta parte foi o de um funâmbulo, também japonês, que atravessou com assombro geral, a sala do teatro sobre uma corda, que, partindo do tablado junto ao regulador, ia terminar numa coluna da galeria superior, o que quer dizer, uma ascensão perigosíssima, sem a rede protetora do artista e tranquilizadora do público. Este funâmbulo, cujo nome não sabemos, porque o anúncio o não diz e a companhia não faz programas, depois de subir pela corda até um dos pontos mais altos do teatro, desceu, rapidamente de costas e tornou a subir de costas com o mesmo desembaraço e a mesma segurança. [...]. (APOLLO..., 1894, p. 2).

A multiplicidade dos números artísticos confere ao espetáculo um aspecto circense, classificado como teatro ligeiro, mesma classificação das revistas. As representações desse tipo de teatro nas crônicas são descritas sempre com inferioridade, como se percebe nos trechos “ação sem nexos” e “personagens que entram e saem sem dizer porque”. Mesmo diante de tantas críticas, não apenas por parte de Coimbra, o público identificava-se com as revistas e se entusiasmava pelo modo como os atores falavam e se vestiam, ou seja, como se comportavam. Coimbra cria uma cena para demonstrar a evidente influência das revistas. As personagens dessa crônica eram uma moça e um caixeiro, que frequentavam os espetáculos e usavam termos do teatro ligeiro em suas conversas do dia-a-dia:

A MOÇA. — Que fim levou aquele moço que costumava estar parado ali defronte, junto daquela vidraça?

O CAIXEIRO. — Não sei. Aquele diabo desapareceu misteriosamente. Teria ido para Juiz de Fora?

A MOÇA. — Porque Juiz de Fora?

O CAIXEIRO. — É uma frase da revista *O Major*. Juiz de Fora é o lugar onde se refugiam os caiporas.

A MOÇA. — Não vi o *Major*. Também já não sei há quanto tempo não vou a espetáculo... Minto: outro dia fui aos cavalinhos.

O CAIXEIRO. — Gostou?

A MOÇA. — Muito! Para mim não há como os cavalinhos. Só os

palhaços quanto não valem!

O CAIXEIRO. — Pois eu cá prefiro uma bela opereta com bonitas pernas. Isso é que é sugestivo, como se diz agora!

A MOÇA. — Sugestivo! Que vem a ser isso?

O CAIXEIRO. — Sugestivo é assim como quem diz uma coisa muito boa. Quando a gente quer exprimir que aprecia muito uma pessoa ou um objeto, não tendo mais palavras aplica-lhe o *sugestivo*. É *chic* e melhor do que qualquer outro termo! (Cr. 26)

Era comum pessoas que frequentavam os espetáculos utilizarem palavras e termos do teatro musicado, como acontece em nossos dias com os programas de TV, que influenciam a vida das pessoas em vários aspectos. A revista de ano de 1894, *O Major*, de autoria de Artur Azevedo, fez muito sucesso no Teatro Apolo, onde foi encenada pela primeira vez, em 3 de maio de 1895, permanecendo por vários meses em cartaz, motivo pelo qual é citada pela personagem na crônica.

Por representar as cenas da vida brasileira, o teatro de revista revive as situações ocorridas no final do século XIX. Sendo escrito em forma de conversação, “dá conta das relações humanas mesmo quando as critica ou as parodia” (NEVES, 1987, p. 111). As revistas tratam dos assuntos mais diversos que, direta ou indiretamente, fazem parte da vida de uma parcela significativa da população urbana. Segundo Neyde Veneziano:

Pelas revistas de ano, ao focar a cidade, passeavam personagens-tipo que encenavam o perfil acabado do carioca, às vezes malandro, às vezes cômico. Também imigrantes portugueses, ingênuos sertanejos pasmados diante do progresso, mulheres fatais, doutores e uma galeria sem fim de caricaturas vinham se juntar às alegorias, oferecendo um panorama tão ou mais fiel para a história do que a comédia de costumes. As doenças, os problemas financeiros e a imprensa surgiam, neste painel anual, devidamente alegorizados. (1991, p. 31)

As situações da série *Diálogos* cujo tema é o teatro veiculam opiniões de intelectuais resistentes às famosas revistas de ano numa época em que esta predominava nos palcos. Os gêneros ligeiros, especialmente as revistas, recebiam

muitas críticas por parte dos literatos, mas tinham um grande defensor na pessoa do dramaturgo e jornalista Artur Azevedo, como reconhece Roberto Ruiz:

Artur Azevedo várias vezes utilizou o espaço de que dispunha nos jornais para defender-se, à sua obra e ao teatro em geral, dos ataques e críticas que lhe moviam os eternos revolvedores de monturos, à cata de munição para alimentar a sua própria falta de talento criador.

O teatro de revista foi alvo constante desses demolidores que acabaram por designá-lo simplesmente de “rebolado”, esquecendo-se de seus aspectos positivos para afundá-lo no irremediável charco da nulidade, injustiça que aos poucos se vai desfazendo, para reconduzi-lo à sua real expressão no tempo numa reabilitação que já tardava. (1988, p. 62)

Artur Azevedo defendeu o teatro de revista em sua coluna “O Theatro”, publicada no periódico *A notícia*, jornal em que eram publicados os *Diálogos* de Figueiredo Coimbra, assim como em outros periódicos do Rio de Janeiro. O autor de *O Major* acreditava que nas revistas podia haver arte e se posicionava contra a “crítica generalizadora”, que considerava as revistas de ano obra de fancaria. Argumentava ainda “que o que estabelece a inferioridade das peças de teatro não é o gênero a que pertencem, mas o modo como são escritas”. (FARIA, 2001, p. 174).

Figueiredo Coimbra, igualmente revisteiro, criticou o gênero em sua coluna e compactuou com a “crítica generalizadora” daquele momento, provavelmente porque nos anos de publicação de seus *Diálogos* as revistas se estavam se popularizando e ganhando novos elementos, como o apelo à vulgaridade. Logo, o autor não criticava o gênero, mas o novo estilo de composição da revista popular. Tentou discutir em sua coluna os problemas que afetavam a qualidade do teatro nacional, como o comportamento dos empresários, dramaturgos e do próprio público. Para isso, não hesitou em recorrer aos recursos “tradicionais” das revistas, bem distantes daqueles novos ingredientes que o desgostavam.

#### **4.4 - Os tempos são maus! Baixos salários e desemprego**

A situação dos empregos no Rio de Janeiro, no final do século XIX, era lastimável; um problema, aliás, enfrentado até hoje, não apenas no Rio, como em todo o país. Uma das causas do desemprego, naquele período, era o crescimento populacional da cidade, conforme elucida José Murilo de Carvalho (1987):

Uma [...] consequência do rápido crescimento populacional foi o acúmulo de pessoas em ocupações mal remuneradas ou sem ocupação fixa. Domésticos, jornaleiros, trabalhadores em ocupações mal definidas chegavam a mais de 100 mil pessoas em 1890 e a mais de 200 mil em 1906 e viviam nas tênues fronteiras entre a legalidade e a ilegalidade, às vezes participando simultaneamente de ambas. (p. 17)

Essa situação de precariedade e instabilidade ocupacional foi explorada humoristicamente nos *Diálogos*. Coimbra problematizou situações em que, a exemplo do encontro entre o filantropo e o empregado municipal, na crônica 13, as personagens empregadas não recebiam remuneração suficiente para manter uma família e uma casa. A personagem faminta e desnutrida explica que se vira obrigada a mandar sua família para a roça, aos cuidados de parentes, pois não conseguia sustentá-la.

Os funcionários públicos, curiosamente, são constantemente retratados nas crônicas de Coimbra. Ele mesmo era funcionário público, na secretaria do conselho municipal, portanto, conhecia os problemas de quem vivia naquela condição, tais como o atraso no pagamento (cr. 66) e o baixo salário (cr. 8) – ou seja, a carência do funcionário público que, no primeiro dia do mês, não tem mais dinheiro porque já empenhou todo o salário em dívidas. Essas situações se tornam cômicas na pena do cronista e refletem uma realidade e uma mentalidade existente nos quadros funcionalismo público que permanece até os dias atuais.

O aumento do desemprego e de empregos mal remunerados geravam uma segunda consequência: o aparecimento de meliantes na capital. Com ironia, Coimbra expôs o assunto, na crônica 80, com uma cena em que dois ladrões conversam sobre os percalços da “profissão”:

- Os tempos são maus! A polícia não nos deixa trabalhar.
- Sim, mas aqui entre nós, com o coração nas mãos: não é justo que nos queixemos, porque ainda assim, apesar da perseguição, sempre se faz alguma coisa, e o que mais é, uns dias pelos outros, sempre se está solto.
- Lá isso é verdade. Também se assim não fosse já eu teria mudado de freguesia.
- Em todo o caso às vezes a gente não tem remédio senão ir tomar fresco lá fora, quando há excesso de trabalho.
- Vai-se vivendo, em suma. Já por diversas vezes tenho tido vontade de abandonar esta profissão. Estou cansado, filho. Vinte anos de amor à propriedade alheia estrompam um homem.
- Que direi eu, então? Fiz uma estatística dos meus trabalhos, compreendendo: cento e dois arrombamentos, cento e quatro subtrações simples, duzentos e vinte e seis trancinhas e trezentos e noventa e oito contos do vigário. O conto do vigário é ainda o que mais dá.

Além da criminalidade, agravava-se no Rio de Janeiro a mendicância. Em vários *Diálogos* aparecem mendigos, que caminham pelas ruas centrais da cidade. Cada um tem uma história e uns até encaram a mendicidade como uma profissão regular. Figueiredo Coimbra retrata as diversas profissões ao contrário do que elas são na realidade. Na crônica 16, o mendigo tem um “bom parecer” e “modos decididos”, características que não são peculiares a um pedinte de esmolas. O cronista consegue dessa maneira extrair humor de um tema preocupante, como a crise financeira, criando uma personagem que não condiz com o tipo social do pedinte. Dá assim a entender que a presença daquelas pessoas na rua se devia à crise econômica, que deixava na miséria toda uma população instruída e, até então, trabalhadora. Muitos mendigos eram exigentes quando recebiam a esmola do dia. Na crônica 16, o mendigo reclama de tudo, da comida que lhe fora dada, das moedas e fala da crise que todos estavam vivendo:

- O caixeiro apresenta uma moeda ao mendigo:
- Tome lá, e favoreça-nos com a sua ausência.
  - Um vintém! Não se envergonha de me dar um vintém! Uma casa destas... Bem me disseram que ela estava falida!
  - Hein! que diz este tratante?
- Mas já o mendigo está longe. Vai monologando:

— Tudo está pela hora da morte. A triste verdade é que atravessamos uma crise horrível. Ninguém tem dinheiro. Olhem se eu não guardasse uns cobres para a velhice!

No dia 29 de novembro de 1895 os jornais cariocas publicavam uma estatística constatando que 10 mil pessoas dependiam da caridade pública na capital. Para comentar essa notícia, Coimbra cria uma cena (cr. 108) com dois mendigos que, aparentemente, não precisam de esmolas, pois possuem apólices e casas alugadas. Os mendigos-personagens são o oposto do que o leitor poderia esperar e, isso, os torna cômicos:

2º. MENDIGO. — Schiu! aí vem um freguês meu.

1º. MENDIGO. — Vamos ver quanto dá.

2º. MENDIGO. — Um tostão! e dizer que é este um dos mais generosos!

1º. MENDIGO. — Que pinga!

2º. MENDIGO. —Adeus! Vou dar este níquel ao primeiro **pobre** que encontrar.

A crise econômica que o país vivia era alvo preferido das críticas de Coimbra. Seus textos expunham situações cômicas, a fim de enfatizar que o momento não era de risadas, mas sim de desespero. As personagens, ainda que empregadas, não tinham dinheiro suficiente para suas necessidades básicas, o que revela as poucas possibilidades de sobrevivência oferecidas pela sociedade brasileira e a pequena mobilidade social. Os *Diálogos* constituem assim uma forte crítica do intelectual que tenta sobreviver de seu trabalho, iluminando as limitadas condições da população brasileira.

#### **4.5 – Jogos e malandros**

As personagens masculinas dos *Diálogos*, muito frequentemente, se contradizem ou negam aquilo que aparentam, causando o riso dos leitores. Na crônica 51, um homem que gosta de brigas se diz valente, mas, afinal morre de medo de seu próprio amigo:

- Eu cá não sou de brincadeiras. Gosto de brigar, não levo desaforo para casa. Quando há pancadaria, estou no meu elemento.
- Para apanhar?
- Para dar. Não, que cá o rapaz não apanha assim com duas razões. É homem até dormindo!
- [...]
- Está bom, está bom! Largue-me, por favor! Que moço desconfiado! Não se pode brincar com ele...

Na crônica 74, uma personagem que, supostamente, não se conforma com a violência cometida contra crianças e órfãos se contradiz, ao final, manifestando-se na direção oposta ao que se poderia esperar:

- Oh! a criança é sagrada! Pobre entezinho, que tanto precisa de ternura e proteção!... Tenho em casa um órfãozinho a quem trato como um filho!... É muito bom, coitadinho! muito dócil e obediente. Também se assim não fosse havia de tomar caminho à força de palmatória e vara de marmelo!

O leitor espera que o homem indignado com a violência não tenha intenção de praticá-la. Não é o que acontece na crônica. Em situação análoga, a personagem teria a mesma atitude cruel que condena. Essa circunstância revela o ponto humorístico em que se sustenta a crônica: o ridículo existente no comportamento de pessoas que se rotulam boas, mas não são o que aparentam ser. O tema das falsas aparências alimentadas pela sociedade brasileira, vale notar, é bastante recorrente na prosa de Machado de Assis, sugerindo a hipocrisia que a literatura deseja desmascarar.

Alguns homens ostentam feitos louváveis, como na crônica 10, em que a personagem caridosa se considera praticante dos preceitos do Evangelho: “Não quero que a minha mão direita saiba o que faz a esquerda”. Por fim, pede ao secretário do jornal que cite seu nome nos agradecimentos d’*O Paiz*, o que ironicamente mostra a vaidade subjacente às suas “boas ações”. Muitas personagens masculinas, por outro lado, praticam a malandragem, como os funcionários públicos que apenas assinam o ponto e saem para resolver seus

assuntos particulares (cr. 35), homens que querem consultas médicas gratuitas (cr. 53) ou tentam conseguir cortesias, como almoços gratuitos (cr. 132), situação comum no Rio de Janeiro.

Na crônica 50, o patrão ao anotar as contas de seus clientes acrescenta produtos não consumidos para lucrar na sua taverna:

O PATRÃO. — Hum! Ele que manda buscar tão pouco, é que não pode mesmo com a trouxa!... Mais um, que será preciso suspender. Vá lá, escreva: meio quilo de bacalhau... Meio quilo de bacalhau! Ora isto!... Cebolas, 80 réis!... Uma caixa de fósforos... Até fósforos, que miséria!... Como é isto? e vinho?

O CAIXEIRO. — Não mandaram buscar.

O PATRÃO. — Não mandaram buscar! Mas vai todo o dia!... bote vinho... Uma garrafa de vinho. Ora esta!

O CAIXEIRO. — Olhe, patrão, que há muito caloteiro por aí, mas o que vale ao patrão é que o patrão sabe fazer as contas aos outros.

O patrão acrescenta itens à conta para ganhar mais, explorando a boa fé dos fregueses. Na crônica 37, é um advogado quem compactua com o ladrão. A personagem orienta o ladrão a não contar a verdade, pois salienta:

— Você está garantido. A causa é boa. Não há provas... hei de patentear a toda a luz a sua inocência.

— Obrigado, Sr. doutor!

— Bem, adeus. Veja lá se vai dizer alguma coisa em contrário do que está combinado.

— Descanse. Eu sou capaz de enganar o diabo!

— Quanto aos meus honorários, trataremos depois.

— Está levando metade na transação.

Coimbra satiriza, desse modo, diferentes situações nas quais as personagens se beneficiam, ludibriando, furtando, roubando. São malandros de todo tipo, pessoas comuns, que apresentam um comportamento ético duvidoso. Em relação à ilegalidade, nos *Diálogos*, Coimbra também procura demonstrar o quanto o jogo se tornara um vício, evidenciando que os jogadores não deixavam de jogar em nenhuma hipótese. A jogatina era um dos grandes problemas do Rio de Janeiro, no final do século. Muitos perdiam suas heranças ou o dinheiro do trabalho em apenas uma rodada. O autor cria situações cômicas sobre essa

prática disseminada da jogatina. A crônica 12 traz como personagens um pai e um filho viciado em jogo de azar. O pai descobre o vício do filho e se desespera. Resolve surpreendê-lo na casa de jogos que frequenta diariamente. A chegada do pai, entretanto, não intimida o rapaz, que continua jogando. O filho, pelo contrário, convida seu pai para uma rodada. O diálogo se encerra da seguinte maneira:

- 14! Hein! que tal? O senhor vai agora ver o que faço. Dobro a parada...
  - Qual história! deixa lá tudo. Já agora é aproveitar a monção!
  - 14!
  - Com a breca! Isto é uma fortuna! Não há nada melhor.
  - Tiro agora a metade...
  - Não tires nada!
  - Vá lá... 14! Outra vez!
  - Agora vamo-nos embora, que já ganhamos a noite.
- Pai e filho saíram de braço dado, na melhor harmonia, e com um lucro bastante para compensar o desgosto de Raimundo. No caminho o rapazola disse ao velho, entusiasmado:
- Felicito-o! O senhor bem mostra que é meu pai! Teve uma bela estréia; há de ir longe!
- Ao que Raimundo volveu modestamente:
- Pai de peixe...

Ora, no final do texto, ironicamente o jogo ganha mais um adepto, Raimundo, pai do jovem jogador, que se revela, também ele, um viciado de marca maior. O texto demonstra a prática disseminada do jogo que entusiasmava até mesmo aqueles que gostariam de não serem participantes. Em 1895, notícias sobre o fechamento de casas de jogos no Rio de Janeiro eram constantemente publicadas. O jogo, contudo, sempre continuou a existir de uma forma ou de outra, sobrevivendo na ilegalidade. A polícia publicou uma circular, no dia 9 de agosto, n' *A Notícia*, na tentativa de coibir o jogo:

O Dr. chefe de polícia oficiou aos delegados para que dessem busca nas casas de tavolagem, lavrando flagrante contra jogadores e donos de casas e enviando imediatamente aos pretores os autos, afim de serem punidos por infração do art. 369 do código penal. O Delegado da 4ª circunscrição vai começar nova campanha. Se essa circular não for esquecida como foi a que proibia a *advocacia administrativa* nas estações e o *pessoal encostado*, será uma boa medida tomada pelo Dr. chefe de polícia.

A polícia tinha como alvo principal o jogo de bicho. Conforme Lessa (2001), esse jogo “surgiu em Vila Isabel com o barão de Drummond para sustentar o Zoológico. O bicho escolhido entre os 25 pagava um prêmio de 20 vezes [...] Até 1897 o barão controlou o jogo, que depois disso foi apropriado por seus ex-empregados” (P. 231). Os jogadores, porém, não se intimidavam com as atitudes dos defensores da lei, encontrando sempre uma saída alternativa. Coimbra expôs essa questão na crônica 40. Nela, um jogador fanático, que se “atira” a “tudo que é jogo de azar, com frenesi, com febre, com verdadeiro delírio”, diante do fechamento do “Zoológico”, afirma: “mas os jardineiros continuaram. Haja dinheiro, que os bichos estão aí!”. Mesmo com a proibição dos jogos de azar

#### **4.6 – Tudo chega neste mundo. A situação dos serviços públicos**

Os serviços públicos básicos na capital federal também eram criticados nos *Diálogos*. Coimbra focalizava a situação deplorável em que se encontravam os serviços disponibilizados para a população. A telefonia, por exemplo, era um dos novos serviços que mais recebia reclamações. As pessoas se queixavam por não conseguirem se comunicar pelo aparelho devido às conversas cruzadas. Esta situação está bem iluminada na crônica 18, que mostra a dificuldade dos interlocutores se entenderem perfeitamente um ao outro na linha:

- Allow!
- Quem fala?
- ... notícia do *País*... um telegrama... como se explica?...
- Não ouço nada!
- ...hoje...Montevidéu... realmente...muito curioso...
- Mas quem está falando?
- ... mesmo... Rocha de Oliveira... ouviu?
- Que loja do Oliveira?

A comunicação insatisfatória entre os usuários do telefone torna hilária a crítica do cronista contra o serviço precário de telefonia fixa. Em outro texto, do dia 14 de agosto, o assunto relativo aos meios de comunicação se volta para os correios. Uma pessoa é entrevistada sobre a atual situação dos correios. O entrevistado relata problemas de demora na entrega das cartas ao seu destino, e,

muitas vezes, de extravio das correspondências. A solução proposta pelo entrevistado seria que os correios atirassem fora as cartas insignificantes. No final da entrevista, o entrevistador nota a falta de selo na carta que o entrevistado levava aos correios. Indagado sobre a questão, o entrevistado alega que o interessado é quem deveria pagar pelo selo. Coimbra conclui em tom de humor sua crítica à atuação dos correios e ainda recrimina o preço das postagens. Não por acaso, a demora dos correios e os altos preços cobrados pelos seus serviços foram assuntos da imprensa carioca durante o mês de agosto, de 1895, dando ensejo a essa crônica dialogada.

Críticas aos serviços públicos povoam as crônicas de Coimbra, principalmente, ao sistema de transporte, causador de muitos transtornos para os cariocas. Trens descarrilavam, não conseguindo chegar ao seu destino final; outros se atrasavam impedindo os passageiros de realizar suas viagens. Na crônica 49, um homem que perdeu uma cerimônia de batizado, comenta como fora sua “aventura” para tomar o trem:

— Mal rompe a aurora eis-me na estação: — Um bilhete, senhor! — Ainda não há bilhetes; espere. — Não se pode andar mais depressa... Tomo o trem um século depois; no longo caminho o trem descarrila cinco ou seis vezes e outras tantas se enche de passageiros, que se arrumam como sardinhas em tigela. Não obstante, vêm todos muito satisfeitos; eu, de pé junto a uma porta pesada que de vez em quando me bate nas costas, não sou dos mais constrangidos; tenho apenas o nariz sobre a cabeleira cor de rapé de uma respeitável sexagenária e uma ponta de guarda-chuva sobre um calo do dedo mínimo do pé esquerdo. Afinal chegamos, porque tudo chega neste mundo; mas passou a hora do negócio ou do divertimento a que vimos.

A situação de calamidade dos transportes urbanos foi tema da crônica 91. Nela, Coimbra cria alegorias representativas dos males que afetavam a população, destacando as personagens A Estrada Central e A Febre Amarela, que discutem entre si:

A ESTRADA CENTRAL. — *Enfonce* a Febre Amarela! Minha cara amiga, fui eu quem te suplantou!

A FEBRE AMARELA. — Triste verdade é essa, que eu não ousarei contestar. Fui miseravelmente derrotada. Eu era o flagelo nacional e hoje sou apenas uma sombra do passado.

A ESTRADA CENTRAL. — Despovoar pela morte, era o teu largo programa; o meu programa é dizimar a população. Entretanto, fui mais longe do que tu; os meus fins são consideravelmente mais amplos. Tu escolhias de preferência os estrangeiros na tua fúnebre colheita; eu mato indistintamente estrangeiros e nacionais.

De modo satírico, as alegorias disputam a primazia pelo número elevado de mortes. A Febre amarela surge como uma fatalidade cujo número de vítimas é inferior às provocadas pelo transporte público. Evidentemente, o leitor da época, aterrorizado com a ameaça da febre amarela, deveria se sentir tocado pelas palavras denunciadoras do cronista, que acusa o governo de dizimar a população que utiliza as estradas de ferro.

Os *Diálogos* também abordam as condições dos restaurantes do Rio de Janeiro, mostrando como os clientes eram mal atendidos pelos caixeiros. O texto publicado no dia 23 de agosto de 1895, satiriza a reação de um caixeiro quando um freguês chega para jantar. O diálogo revela a falta de qualidade dos serviços prestados nos restaurantes e a má vontade dos funcionários:

A cena passa-se num dos nossos mais conceituados restaurantes.  
UM FREGUÊS, *que há meia hora espera uma alma caridosa que lhe venha perguntar o que deseja; timidamente a um caixeiro.* — Psiu!

UM CAIXEIRO, *aproximando-se do freguês; desdenhosamente.* — É comigo que fala?

O FREGUÊS, *muito tímido.* — Peço-lhe mil perdões se ousei incomodá-lo, mas pretendia jantar...

O CAIXEIRO, *aborrecido. À parte.*— Mais um! Decididamente, é uma praga. (*Alto, com rispidez*). Diga o que quer, e depressa!

Os *Diálogos* de Figueiredo Coimbra ficcionalizam as mazelas dos serviços públicos da capital brasileira, nos últimos anos do século XIX. As sátiras à precariedade dos serviços prestados em diferentes estabelecimentos

particulares de comércio, assim como nos serviços de responsabilidade do governo assinalam a má organização da administração pública.

#### **4.7 - *Que beijo frio!* Relacionamentos Amorosos**

Nas crônicas, os relacionamentos amorosos são regidos por interesses financeiros. Na crônica 24, por exemplo, o homem desiste do casamento, porque o pai da moça, diz que não dará um dote:

- Mas não sou tão rico como dizem. Por circunstâncias especialíssimas, que não devo referir, sinto-me impossibilitado de dar à minha filha o menor dote...
- Ah!
- Felizmente, visto que para o senhor isso é o menos, nada há que possa impedir este casamento. Entretanto, a minha franqueza e lealdade impunham-me esta declaração... Então, que diz?
- Peço seis meses para refletir.

Coimbra faz até uma paródia da tragédia shakesperiana *Romeu e Julieta*, transpondo os amantes para o final do século XIX. Assim, na crônica 13, em visita a Julieta, Romeu, ao invés de proferir palavras românticas, pede dinheiro emprestado a sua amada. O romantismo do jovem apaixonado desaparece nessa época. Romeu transformou-se em um homem interesseiro:

- Só tu, só tu és o meu bem, o meu encanto, a minha felicidade. Passa os dez.
  - Toma. Olha que isso não é dado! Não sei quantos dez e quantos vinte já tens levado daqui; o que sei é que, quando tens dinheiro, não te coças com algum para mim!
  - Deixa estar que te pagarei tudo junto. Até amanhã!
  - Já? É a tal coisa! Apanhaste-te servido e disparas! Vieste só para me dar uma facada.
  - Ultrajas o meu amor! Não admito que nem por pilhéria digas tal coisa. Toma o dinheiro, mas certa de que não voltarei mais.
  - Bem te conheço, pau de laranjeira. Leva o cobre, anda, que estás morto por isso, e até amanhã, se Deus quiser! Olha: agasalha-te bem, que a noite está fria.
  - Até amanhã, lindeza! Sonha comigo.
- Romeu desce a escada pensando:
- Ah! a sirigaita põe-se com luxos. Pois perdeu o freguês!
- Julieta fecha a janela, dizendo:

— Decididamente suspendo-lhe a cesta. Não sou mãe de leitões.

O motivo principal da visita de Romeu era pedir dinheiro à namorada. Nessas circunstâncias econômicas não havia espaço para romantismo. Os amantes conversam apenas sobre problemas “reais”, e não sobre sentimentos ou fantasias amorosas. Comicamente, o tom poético e romântico da crônica 77, em que dialogam as personagens o Menestrel e a Castelã, é quebrado com as “dores” da “delicada” Castelã:

A CASTELÃ. — Oh! Fala... fala-me sempre assim... Mas, Deus meu, que é isto que eu sinto? Tenho dores... pontadas... vacilo... vou desmaiar...

O MENESTREL. — Jesus! que ela vai morrer. Que será? Sempre a conheci tão dispética... Oh! Meu amor, luz da minha alma, meu, serafim!... eterna poesia dos meus sonhos e das minhas realidades!...

A CASTELÃ. — Passou... felizmente passou. O mal que faz comer à noite chouriço com repolho!

Os relacionamentos afetivos que a coluna representa não apresentavam o amor como um sentimento efetivo. As situações amorosas se mostram complicadas e isentas de “bons” sentimentos. A crônica 21 mostra um viúvo, aparentemente inconsolável com a morte de sua amada esposa, que, no entanto, após sair do enterro, pára seu carro em um quiosque, a fim de comprar um bilhete com o número do túmulo em que sua esposa fora enterrada. A cena criada relativiza o sofrimento do viúvo, que não deixa de fazer o seu jogo de azar naquele dia.

As conversas entre namorados são sempre principiadas à porta ou à janela das casas, nunca em um ambiente íntimo, fechado, a não ser que já sejam casados. Na crônica 47, um homem declara seu amor diante da porta da casa de sua amada, que não o deixa entrar. Na paródia a *Romeu e Julieta*, a amante está na janela de sua casa e, Romeu para pegar seu dinheiro, “disfarça” para evitar que outras pessoas o vejam. As cenas de sedução remetem os leitores aos conhecidos “namoros de portão”.

O casamento é tratado como uma “terrível coisa”, conforme encontramos expresso na crônica 49. As cenas passadas no interior das casas mostram geralmente a infidelidade burguesa, que afeta tanto a mulher, quanto o homem. A infidelidade no casamento é um dos principais assuntos da comédia de costumes, assim como do teatro de revista. Figueiredo Coimbra não foge ao tema em suas crônicas.

Como exemplo da traição masculina, a crônica 30 encena a conversa entre o casal Finoca e Alfredo, em que é a amante Carolina é revelada nos pensamentos da personagem. Também na crônica 129, a mulher acusa seu marido de estar “atrás de outras mulheres” e para isso menciona doutrina de Monroe:

- Agora responde: se a América é dos americanos, se tua mulher é tua, porque é que os americanos querem fazer conquistas em outros continentes...
- Os americanos? em que continentes?
- Porque é que tu andas atrás das outras mulheres?

Uma mãe, personagem da crônica 42, ensina sua filha que “todos os maridos são infiéis”. Nessa perspectiva sobre a hipocrisia da vida conjugal, os maridos infiéis aparecem retratados na crônica, sendo assim ridicularizados.

A infidelidade feminina, parece óbvio, é mais discutida na crônica do que a masculina. Provavelmente, isso ocorre porque os interlocutores principais das crônicas são homens. Na crônica 118, as personagens discutem, a partir da leitura de um conto de Valentim Magalhães, se a traição da mulher deveria ou não ser contada ao marido. As personagens chegam à seguinte conclusão:

- Não se deve jamais contar essa desgraça ao homem a quem ela interessa!
- Jamais!
- Principalmente porque pode suceder que isso o vá colocar na situação mais embaraçosa.
- Como!
- Se ele já o souber!...

— É verdade. Confessemos amargamente que, nestes casos tristes da vida, nós os estranhos é que somos quase sempre os últimos a saber!

O argumento que prevalece é o de que não se devia contar a traição ao marido, visto que ele provavelmente escondia a verdade sobre sua própria aventura amorosa. Nas crônicas as mulheres casadas, em geral, traem seus maridos ou, pelo menos, revelam a intenção de fazê-lo. É o caso da crônica 114:

O ESPELHO. — [...] Pergunta-o ao Ernestinho!  
A MULHER. — Ah! o querido da minh'alma! Mas que é isto? (*Ouvem-se passos*) Quem é? (*Vendo entrar o marido*). Antonico! (*Sorrindo, enleada*) Estava a enfeitar-me... (*Falando-lhe ao ouvido num súbito fogo artificial de rubor.*) Era por tua causa, meu bem!...

Como se deduz, a esposa não se arrumava para o marido, mas para o amante. O adultério está na pauta da literatura, manifestando-se nas ocasiões mais diversas. Na crônica 106, a cena se passa em um baile, em que a infidelidade feminina é retratada pela ótica masculina:

— Meu caro amigo em duas palavras vai compreender tudo. Amo aquela mulher que me corresponde.  
— E o cavalheiro das luvas amarelas?  
— É o marido.

Não custa lembrar, que nesse final de século entrava em discussão a possibilidade do divórcio, cuja lei tramitava no congresso, à espera de aprovação. Na crônica 122, um casal discute o assunto:

A MULHER. — Se demoram muito tempo a converter em lei essa idéia sublime do divórcio, declaro desde já que a dispensei.  
O MARIDO. — Isso não modificará o procedimento dos legisladores. Com ou sem a tua dispensa, a lei há de fazer-se, porque é um caso de salvação pública!  
A MULHER. — Mas então para quando a guardam? Querem deixá-la para os meados do século futuro?  
[...]

O MARIDO. — Oxalá possamos colher-lhe os abençoados frutos!  
Porque, digam o que disserem, o divórcio...  
A MULHER. — É uma coisa soberba, quando vem a tempo!  
O MARIDO. — É, em qualquer circunstância, o que há melhor no casamento.

O casal se pergunta se terá tempo de aproveitar a nova lei. Os dois brigam e divergem sobre a “juventude” de cada um. O marido conclui a certa altura da conversa que “só o divórcio estabeleceria entre nós tão perfeita harmonia”. A frase é irônica, dado que o divórcio separa o casal em vez de unir.

#### **4.8 – *Eu cá por mim servi a pátria. A crítica política***

No final do século XIX, o processo de transformação do país em uma nação moderna, por meio da implantação de um novo regime político, foi alvo de muitos debates na imprensa, em que eram constantes os ataques e as discussões sobre a consolidação da República. A primeira Constituição republicana, promulgada em 24 de fevereiro de 1891, assegurava uma imprensa sem censura e o direito à liberdade de pensamento (cf. FLORES, 2004, p. 181-183).

Nessa fase, os escritores brasileiros viam-se forçados a ajustar-se aos gêneros importados da França: a reportagem, a entrevista, o inquérito literário e, em especial, a crônica (cf. MICELI, 1977, p. 15). Assim, as discussões sobre os problemas do país eram tratadas nos novos gêneros, principalmente nas crônicas, que já nasceram híbridas, a meio passo do jornalismo e da literatura.

Coimbra, que sempre escreveu para os jornais republicanos, polemizou o novo ideário político brasileiro, em sua série de crônicas *Diálogos*. O autor pôs em xeque a República recém-criada e ainda não-consolidada. Ironizou as atitudes daqueles que não eram republicanos convictos e satirizou o ideal monarquista ainda presente. Ocorreram debates em torno da grande mudança que queriam realizar no país, por meio da implantação do regime republicano, libertando essa grande pátria das idéias consideradas arcaizantes, oriundas da monarquia portuguesa, e transformando o país em uma nação moderna. Aquele era o momento de manifestações contundentes, como sugere uma das personagens

dos *Diálogos*: “eu ponho as manguinhas de fora e bramo”. Figueiredo Coimbra parece ter-se enfileirado nas trincheiras republicanas: arregaçou as mangas e escreveu crônicas para defender o novo ideário.

Para criticar as atitudes dos políticos da época, Coimbra criou uma cena em que dialogavam dois deputados. A crônica 22 começava com uma rubrica revelando que as personagens, os deputados identificados como A e B, iriam discutir questões sobre orçamento, o que não aconteceu em nenhum momento no decorrer do texto. Os ataques pessoais eram o assunto principal. Assim, a Câmara, lugar para a discussão de projetos para melhorar o país, torna-se, nessa crônica, palco para as discussões de provocações entre parlamentares.

Nessa discussão, o Deputado A reclama da forma grosseira com que fora tratado pelo seu “nobre colega B” quando estava proclamando seu “luminoso discurso” sobre o orçamento, que ele chama de “magna questão”. Percebe-se o modo rebuscado de falar do Deputado A, por meio do abuso de adjetivos na maioria das palavras proferidas.

Nota-se que o Deputado A se dirigiu ao “Sr. Presidente” e não ao Deputado B em suas primeiras falas; como é de praxis no discurso parlamentar. A personagem queria que o presidente resolvesse esse caso de grosseria instaurado na Câmara.

Não se sabe qual acusação levou o Deputado B a dizer que o Deputado A “faltava desembaraçadamente à verdade”, e nem porque esse não se defendia. Claro está que o assunto em pauta, o orçamento, não seria discutido. A conversa segue novos rumos, para uma discussão de categorização político-ideológica.

Questionamentos a respeito do tipo de ideologia que cada um seguia foram o tema da conversa. O Deputado B não acreditava que o Deputado A era um republicano, pois ele “sempre o vi(u) com os conservadores...” antes da proclamação. As personagens discutiram sobre a convicção dos políticos, que não estavam convictos do novo regime, e o Deputado B esclarece a situação: “quase todos nós, republicanos históricos que aqui estamos, servimos a monarquia”.

O Deputado A afirma que servia à pátria e se considerava um “representante do povo”, defendendo o “bem geral”. O Deputado B sempre o trata com tom sarcástico, rematando tudo o que ele falava. Observa-se a fala do Deputado A, que se dizia convicto de que a “República ainda não está consolidada!”. Quando iria explicar o porquê, o Deputado B, mais uma vez, o interrompe com considerações irônicas. O Deputado A se irrita e se recusa a passar como um “objeto” de “chufas” para o Deputado B.

A personagem, ferinamente, ainda brinca com a palavra chufas, que quer dizer zombaria, transformando-a em chuvas. Depois do novo aborrecimento, o Deputado A volta a se dirigir ao presidente, falando da situação de seu estado e refere-se às eleições.

No desfecho da crônica surge a crítica do autor. Quando o Deputado A concorda com o resultado da eleição de seu Estado e apóia o candidato da oposição, percebe-se, inclusive pela afetividade de seus correligionários, que ele muda de partido. Ou seja, já que o candidato da oposição ganhou as eleições pelo voto, ele apóia esse candidato, num típico gesto de oportunismo político que caracteriza a vida brasileira.

Coimbra tenta criticar várias instâncias que estavam sendo discutidas naquele momento. Primeiramente, a inconsistência dos políticos, partidários de “ocasião”; filiavam-se àqueles que estavam no poder e, depois, não mantêm fortes os compromissos ideológicos. Alberto Torres, deputado na época e escritor de notas políticas *n’A Notícia*, jornal em que Figueiredo Coimbra escreve os *Diálogos*, opina sobre o tema:

De fato, à parte as grandes crises de transformação nacional, onde os partidos se constituem pelas correntes de opinião, representando aspirações opostas e definidas, os partidos militantes, nas épocas normais, resultam menos da orientação dos espíritos para objetivos doutrinários do que de agrupamentos de indivíduos por força de afinidades sociais e morais, inteiramente estranhas aos interesses em pleito na vida política. Tomando por pretexto um ou outro princípio, os grupos se formam, os chefes aliciam, os partidos organizam-se, enfim, e, se durante os

primeiros anos, a preocupação da fidelidade às idéias adotadas, pode mantê-los numa média de coerência, dentro em pouco, o caráter dos elementos dominantes vai transformando a própria índole partidária para dar-lhe direção inteiramente oposta aos seus primitivos intuítos. É por isso que partidos fundados com intuítos conservadores se corrompem às vezes, degenerando em breve em facções intransigentes e extremadas. Esta verdade deve ser cuidada e aproveitada pelos estadistas da República, que terão a responsabilidade dos nossos partidos do futuro. (TORRES, 1895, p.1)

Esse desabafo sobre os partidos militantes demonstra a inconsistência partidária do período – um clima completo de instabilidade política. Fato que se tornou alvo da crítica de Coimbra, cujas personagens discutem a consolidação da República.

Para a República ser consolidada, precisava-se então da “soberania do voto”, isto é, da democracia representativa do regime republicano. Aliado à inconsistência dos partidos, estava ainda o ranço monarquista que existia na política da época. Mesmo depois da proclamação da República, o clima monárquico, ou seja, o ideal “arcaico” que significava esse regime para os republicanos, ainda pairava sobre alguns políticos e também sobre a constituição. A crítica está presente na crônica 65, em personagens como O tribuno e A estátua, essa última, a própria personificação do regime monárquico na figura de D. Pedro I:

A ESTÁTUA. — Ouve, meu filho. Neste negócio de Constituições tu me vês a cavalo, e eu falo de cadeira. Em 1825 dei a este país uma Constituição liberalíssima, de que ninguém fez caso, a começar por mim. Sucedeu o que era fatal: rasgaram-na finalmente a 15 de Novembro de 1889. Não me rasgaram a mim por ser de bronze. Que prova isso? Que as constituições passam, e as estátuas ficam.

O TRIBUNO. — Porque são necessárias como elemento decorativo.

A ESTÁTUA. — Acreditas, meu filho, que valia a pena arranjar uma constituição nova para lhe fazer o mesmo que à outra?

O TRIBUNO. — Ó sebastianista!

A ESTÁTUA. — Enganas-te, já não tenho crenças nem convicções políticas. Sou completamente neutro na luta dos partidos. Suponho

que ainda estou qualificado nesta freguesia do Sacramento, mas já não voto.

Coimbra rejeita os ideais monárquicos e contesta que o ideal de nação construído pela monarquia ainda esteja presente na mente das pessoas. Pensa que a República precisava encontrar uma forma de consolidar-se. Tarefa difícil. Coimbra tentou demonstrar que a Monarquia já não tinha mais força naquela sociedade, como forma de mostrar a força da República. Daí a Estátua afirmar: “sou completamente neutro na luta dos partidos”.

A inquietação de Coimbra, reforçada em suas crônicas, sobre a consolidação da República, explicava também a inquietação dos intelectuais em relação ao novo regime. Consolidar significava propiciar segurança, estabilidade, fixação, tudo que faltava para o novo regime instaurado naquele momento no Brasil.

A crônica caminhava para um desfecho aparente de “*happy end*”, em que a crise instaurada no primeiro momento de discussões entre dois partidários, com frases sarcásticas do Deputado B, desembocava em calorosos abraços e cumprimentos de todos. Na verdade, o final é irônico. Nas falas anteriores das personagens, percebe-se que o Deputado se conformou em relação à eleição do candidato da oposição em seu estado, aceitando a derrota de seu correligionário. O posicionamento do deputado revela a crítica de Coimbra: os políticos mudam constantemente de partido e de ideais. A personagem que representava os políticos não lutou pelo partido e não defendeu um programa de governo em nenhum momento.

Os políticos da época acusavam alguns deputados de estarem defendendo a restauração da monarquia. Coimbra, defensor dos ideais republicanos, satirizou esses políticos e terminou a crônica ironizando a união de todos – os deputados que se confraternizam unidos nos mesmos propósitos. Coimbra acreditava em uma unidade nacional, com todos lutando pelos ideais republicanos. Na prática, a situação do momento era de desunião, como se percebe na opinião de Alberto Torres, em 7 de outubro de 1895:

Analise-os um pouco o fino e talentoso escritor: onde está em qualquer deles o ardor que anima os grandes propugnadores de ideais patrióticos? S. Ex. sorrirá. Alguns têm realmente figuras de mártires, não de martírio político, mas da baixa de *debêntures*. Foram quase todos republicanos em 1890 e 1891. Outros, pelo contrário, gozando conforto sem inquietações nem abalos que a crença sem esperança e, portanto, sem dever de luta, assegura. São nédios, sorridentes, adiposos. Não é com homens assim feitos que se formam exércitos revolucionários. Agora veja-se a opinião. Na imprensa, que voz brada pela monarquia? No povo, nas classes letradas, nos elementos conservadores, nos proletários? Os monarquistas consolam-se, afirmando que as eleições são falsas, que nem mais fósforos votam, bastando escrever algarismos. É, em grande parte, a verdade, como foi também na monarquia, antes da lei Saraiva e como seria hoje, com o sufrágio amplo. Mas o ilustrado profeta restaurador sabe que a opinião das massas é a opinião dos seus chefes: peça aos seus velhos correligionários ou, para não se dar pela monarquia a trabalho muito fatigante, peça a seu ilustre pai a relação dos chefes locais do liberalismo monárquico em Minas e pergunte-lhe quantos se conservam fiéis ao credo dinástico. [...]

A restauração é, portanto, uma crença sem apóstolos, uma campanha sem generais, um partido sem eleitores. (TORRES., 1895b, p. 1)

Alberto Torres foi um republicano histórico. Pela sua opinião, é possível perceber como Coimbra e ele compactuavam alguns ideais sobre a República. O texto de Alberto Torres ainda diz o seguinte: “Se há um dever que se impõe neste momento a todos os brasileiros, por amor ao Brasil, é a defesa da República como feita”. Coimbra tentou por meio da literatura e de textos humorísticos lutar pela consolidação da República no país, lutar por esse “nuevo modelo de comunidad política” e com a certeza de sua “obligación política” (GUERRA, 1997, p. 101)

A conformação da personagem deputado A, e a união de todos, no final da crônica, era uma solução de final feliz pela qual o país caminharia para uma organização, sem discussões, e ao mesmo tempo uma solução sarcástica, com o fim da luta monarquista. Parece que Coimbra acreditava na “luta sincera” e “verdadeira” pelos ideais republicanos para construir uma nova identidade brasileira.

Figueiredo Coimbra defendia a República em suas crônicas, assim como o deputado Torres, que escrevia seus pontos de vista sobre a política, defendendo o ideário liberal. Segundo Souza (2005) para Torres :

[...] a nação brasileira deveria ser criada pelo Estado. Não caberia a este atuar apenas de forma reguladora, como compete ao Estado em uma nação já desenvolvida, já que o Brasil não criou, ainda, os vínculos orgânicos capazes de consolidarem-no como nação. Não podemos, segundo Torres, dar-mo-nos ao luxo de sermos liberais. (p. 304).

A imprensa veiculava constantemente notícias sobre os defensores da Monarquia. No entanto, no dia 15 de novembro de 1895, em que se comemorava o sexto ano da proclamação da República, surgiu, em São Paulo, um manifesto monarquista, apontando os “erros” cometidos pela República. Jornais que se intitulavam republicanos se tornaram monarquistas de um dia para o outro, como o jornal de Santos.

No Rio de Janeiro, os jornalistas comentaram sobre o manifesto, sempre com tom de ironia e crítica. Artur Azevedo, assinando como Gavroche (1895), escreveu o seguinte poema:

O MANIFESTO  
Um retrato a óleo!... Presto!...  
Vá!... charanga e procissão!...  
Requer o tal manifesto  
Uma manifestação... (p. 1)

Mesmo sem vínculo com o grupo paulista, no Rio de Janeiro, também se formou um grupo defensor da restauração monarquista, que criou o jornal *O Brasil*. A primeira página do respectivo periódico anunciava que “a idéia da Monarquia nunca se apagou da consciência nacional; e o que queremos [...] para esse fim, no terreno [...] e das idéias, é ver restituída a [...] pátria aquela instituição, que foi [...] dezenas de anos a condição da sua felicidade, da sua prosperidade”.

A imprensa, que há meses comentava sobre os simpatizantes do antigo regime, reagiu perante o surgimento dos grupos defensores da coroa. No jornal *O*

*País*, em um artigo intitulado “O manifesto”, datado de 17 de novembro, o articulista fez uma comparação entre os dois “restauradores” da Monarquia:

No fundo eram ambos da gente se benzer com a canhota. Quem vai lucrar e muito com tais adversários somos nós unicamente, ou antes, é a República, porque, a continuarem as coisas assim, os manifestos a parecerem ladainhas e os artigos do *Brasil* a lembrarem cavaqueiras de farmácia, há de chegar um dia em que ninguém os ature e os mandem plantar batatas, com papos de tucano e tudo.

Na crônica 97, Figueiredo Coimbra ironiza o surgimento do jornal monarquista, com a criação das personagens alegóricas *O Brasil* e *O País* (representando o jornal republicano *O País*). O autor fez uma discussão interessante sobre nacionalidade, ao brincar com o nome dos periódicos, que possuíam opiniões diversas e opostas. As palavras Brasil e país deveriam remeter ao mesmo sentido, mas isso não acontecia. A personagem *O Brasil*, de cunho monarquista, pergunta “não somos ambos a mesma coisa?”, obtendo a resposta “É certo que *Brasil* e *País* é o mesmo como nacionalidade; mas como jornal, a você separa-o de mim um imenso abismo”. Na resposta, as palavras *Brasil* e *país* estão escritas em itálico, remetendo aos periódicos. Dessa forma, acontece o jogo entre as palavras, em que Brasil e país ganham significados diferentes, por causa da frase de *O Brasil* “eu sou monarquista” e *O País*, em resposta, “O País é republicano”. A confusão dos nomes *País* e *Brasil* foi teor do comentário publicado no dia 16 de novembro, no periódico *O País*:

Pode, à primeira vista, parecer que *País* e *Brasil* se confundem, mas isto é um engano, que nos autoriza a recorrer ao próprio juízo do novo companheiro, alegando se estender aos títulos, seções e pseudônimos dos jornais, por praxe imemorial, as prescrições de direito civil sobre posse. (*O BRASIL...*, 1895, p. 2)

A personagem *Brasil*, em determinado momento, afirmou que “o Brasil é todo monarquista”, e a personagem *País* a repreendeu, dizendo que o “*Brasil* em grifo”, ou seja, que o *Brasil*, assim como o jornal, simpatizava com a monarquia,

mas o “País é republicano intransigente”. Nessa frase, ocorre a fusão do país jornal e do país nação; a personagem usou a palavra “país” em letra maiúscula e sem itálico, podendo-se supor que estivesse falando do país como nação, e também da opinião do jornal *O País*, defensor do regime republicano.

A personagem *País* afirmou que “a grande massa, o povo, por todas as suas classes não quer outra forma de governo”. A partir dessa afirmação, e depois com a afirmação da personagem *Brasil* dizendo que “isto é o que contesto e provarei ser falso”, *O País* lança o desafio: “Veremos se o consegue realizar. Ponho-o em dúvida principalmente à vista dos processos de sua propaganda”. Assim, no decorrer dos diálogos, a personagem *O País* enceta uma discussão em torno dos “processos” de propaganda que *O Brasil* utiliza, pois a folha apenas copia dos outros periódicos as suas seções. O jornal *O Brasil* apresentava as seguintes seções que pertenciam aos jornais republicanos: os *Diálogos d’A Notícia*, a “Carta de Bichas” da *Revista Ilustrada* e “Ridendo” d’*O Paiz*. As colunas copiadas foram apontadas na crônica, mostrando que não havia novidade no periódico.

A paródia dos *Diálogos* de Figueiredo Coimbra, publicada no jornal *O Brasil*, no dia 15 de novembro, foi a seguinte:

### **Diálogos**

No café do Rio

— Então, José, que me dizes tu sobre o aparecimento do novo jornal – O Brazil ?

— Que acho uma excelente idéia, digna de ser bem aceita por todos nós, monarquistas e republicanos. A estes presta um grande serviço, porque ficarão conhecendo os inimigos políticos, àqueles, porque vão gozar de um direito livre, muito justo e natural.

— Perfeitamente, estás de acordo com o meu modo de pensar. Disseste uma verdade.

— Depois, é de grande conveniência para o governo atual, que irá conhecendo pouco a pouco os homens que têm partido político e que até hoje não puderam ainda dar expansão às suas opiniões.

— É exato. E a prova está no que temos observado diariamente. Há indivíduos que são de todos os partidos, contanto que comam, vivam satisfeitos, tenham dinheiro e ocupem empregos públicos. Conheço muitos assim. Outros há que são e sempre foram

monarquistas, entretanto vivem unidos aos republicanos e aplaudem as idéias destes.

— Se queres posso, desde já, declinar-te os nomes de alguns...

— Não, não! Eu também os conheço e tenho até uma lista...

— Pois ouve uma coisa: só conheci aqui no Rio três republicanos antigos: um, ainda vivo, é Lopes Trovão; outro era Silva Jardim...

— Homem, as horas vão chegando e é noite. Adeus. Até amanhã...

— Até amanhã. Esperemos... (MISTERIOSO, 1895, p. 2)

O texto é um comentário sobre o surgimento do periódico *O Brasil*, com informações sobre os republicanos e monarquistas. A crônica de Coimbra, publicada um dia depois, era como uma resposta aos *Diálogos*, d'*O Brasil*, pois também trazia informações sobre a publicação do periódico monarquista. No final da crônica de Coimbra, tinha-se a seguinte discussão:

O PAÍS. — Daí!... mais nada. Eu não quisera receber o meu colega com más palavras; mas o meu colega, que se propõe reivindicar direitos e liberdades conculcados, propagando o único regime que nos pode felicitar...

O BRASIL. — Sim, o único, possível, a monarquia!

O PAÍS. — Tem uma esquisita maneira de cumprir tal programa. Olhem que pano de amostra! Pois quê? a monarquia começa logo por tirar tudo aos republicanos?

A conclusão da personagem *País* era de que “a monarquia começa logo por tirar tudo aos republicanos”; a frase mesmo sendo interrogativa, funcionava com uma afirmação. A personagem *O Brasil* propôs “reivindicar direitos e liberdades conculcados”, ou seja, os direitos que foram desprezados pela República. Além disso, essa personagem insiste em divulgar como “o único regime que nos pode felicitar”, e isto acaba sendo apontado, nas palavras de *O País*, como “uma esquisita maneira de cumprir tal programa”, pois tudo o que o jornal *O Brasil* trazia em suas folhas era de jornais favoráveis ao regime republicano. Figueiredo Coimbra sugere em sua crônica que os processos de propaganda dos simpatizantes da Monarquia pertenciam ao novo regime e, dessa forma, não havia como se sustentarem ou se levantarem novamente.

O jornal *O Brasil* foi publicado até o dia 11 de julho de 1896, defendendo a monarquia, mesmo com os diversos comentários críticos publicados na imprensa carioca, como o do dia 19 de novembro, no jornal *O País*:

Decididamente *O Brasil*, o órgão monarquista, nasceu encaiporado! De todos os lados, tem sido pancadaria e troça de matar jornais de maior fôlego, quanto mais um pobrezito, que só chega a duas por semana!

No gênero *cara-dura*, porém, é o que há de completo! Pobre de ideias, incapaz de inventar qualquer coisa, tanto que o Sr. Laet foi logo dizendo que este *O Brasil* não era o seu, de brilhantíssima memória, acrescentamos, foi se apoderando dos títulos de três seções de colegas de imprensa. Depois, assim como quer ver o efeito, enviou-se ao coronel Silvestre Travassos um exemplarzinho da folha, e o resultado foi o bravo comandante da brigada policial devolver o presente, dizendo que não encomendara, que tinha mais o que fazer, pois era soldado da República, pela qual se bateria!

O *cara-durismo*, porém, chegou até os anúncios e lá está o órgão da travessa com outra carta do Dr. Saturnino de Meirelles, declarando que de graça realmente era um bom preço, mas que nem mesmo assim admite que *O Brasil* lhe indique o consultório!

Já viram caiporismo maior?... Não há dúvida, monarquia ou monarquista, instituição ou jornal, com o Brasil não vai, é raridade para museu!

Os republicanos históricos, como Figueiredo Coimbra, continuaram a defender seus ideais ; da mesma forma, os adeptos do antigo regime conituararam a se manifestar. Os republicanos desejavam consolidar o novo regime, porque acreditavam ser possível construir no Brasil uma nação moderna, democrática e progressista. A forma que Coimbra encontrou para lutar pelos valores do novo regime foi, como se verificou nesse estudo, o humor e a ironia. Ridicularizou as personagens simpatizantes dos ideais monarquistas e por meio delas divulgou os argumentos dos que acreditaram no ideal vitorioso. Coimbra lutou pela dessacralização do pensamento monarquista, ajudando a concretizar o difícil caminho de construção republicana que buscou criar no Brasil uma nação moderna.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

### **AS FOLHAS TIRADAS DA CORRENTEZA**

*E quando todos me perguntassem -- "mas de onde é que você tirou essa história?" -- eu responderia que ela não é minha, que eu a ouvi por acaso na rua, de um desconhecido que a contava a outro desconhecido, e que por sinal começara a contar assim: "Ontem ouvi um sujeito contar uma história...".*

*Rubem Braga*

Argemiro Gabriel de Figueiredo Coimbra foi aplaudido e ovacionado no teatro, por causa de suas peças. Os expectadores esperavam vir de sua pena uma obra teatral de sucesso. Mas, a tão esperada obra dramática, a peça nacional de estimável valor para as letras brasileiras, que consagraria definitivamente o dramaturgo, nunca chegou aos palcos. Se o autor morresse na velhice, será que o expectador assistiria à obra de considerável valor? Provavelmente não. Todas as peças originais, as traduções e adaptações ficariam perdidas no tempo. Coimbra não teve o cuidado de preservar seus escritos, tornaram-se "folhas caídas na correnteza" (MAGALHÃES, 1899, p. 2).

Conservou-se para a posteridade apenas a produção jornalística de Coimbra, que se encontra esparsa nos periódicos cariocas e paulistas do século XIX. Dessa forma, é somente pelo material disperso que podemos conhecer o trabalho desse malogrado escritor da literatura brasileira.

Por meio dos *Diálogos*, uma das diversas séries produzidas por Coimbra, é possível compreender porque seu trabalho foi tão popular à época. Ele produziu humor sobre a vida cotidiana em textos concisos e claros. O humor e a ironia foram características marcantes de seu estilo. É provável que esses elementos estivessem presentes também em seus textos teatrais, visto que fosse um revisteiro bem sucedido.

Ao criar os *Diálogos*, Coimbra reuniu características tanto das crônicas

como do teatro, principalmente do teatro de revista, transformando a série em um conjunto de cenas dialogadas. Além de incluir elementos do teatro e do jornalismo, fez com que esses também constituíssem a temática dos textos, em um processo de criação autorreferencial.

A coluna reunia graça e humor na representação da vida cotidiana brasileira, em especial a do Rio de Janeiro. Os leitores podiam rir das mazelas da vida, pois os assuntos sérios eram transformados em cômicos. Diariamente, as crônicas da série tratavam de algum tema diferente, como escritores e literatura, o teatro e dramaturgos, a imprensa, os repórteres, a arte, os gramáticos, os vícios, a situação econômica do país, as condições e a modernização dos serviços públicos, a política, as experiências de vida, o cosmopolitismo e o processo civilizatório; além de temas como amizades, religião, médicos, o comércio, as calamidades públicas, sogras, galanteios, família, polícia, ladrões e empréstimos.

O humor muitas vezes vinha acompanhado de críticas, como as crônicas que tratavam de política. Nota-se nas crônicas a preocupação de Figueiredo Coimbra, desde a mocidade, com os assuntos políticos, abordados nos textos sobre a proclamação da República e a Abolição da escravatura. No final do século, Coimbra se encontrava ocupado com os *Diálogos*, acreditando na consolidação da República brasileira, ironizando e ridicularizando a presença dos restauradores monarquistas. Nesse episódio, a coluna foi parodiada por um jornal monarquista *O Brasil*, que escolhera os *Diálogos* como representante de *A Notícia*.

Coimbra pode ser comparado à figura do colibri que brinca sobre todas as “seivas vigorosas”. Revelando vestígios da sociedade brasileira do final do século XIX. Algumas crônicas, como os *Diálogos*, conferem vivacidade a uma época, transformando os fatos cotidianos em agradáveis textos literários.

Ainda hoje, as crônicas são consideradas um gênero híbrido, pois se alimentam da literatura e do jornalismo. Com o tempo, além do jornal, esses textos efêmeros do jornal migraram da imprensa para o livro. No Brasil já temos até um grande cronista, Rubem Braga, que “entra(ou) para a história literária exclusivamente como cronista” (COUTINHO, 1982, p. 30). As crônicas também

mudaram de lugar dentro dos jornais, continuam pertencendo às variedades, mas, agora, ocupam o alto da página. Isso pode ser observado nos jornais de grande circulação como *O Estado de São Paulo* e a *Folha de São Paulo*.

A crônica ganhou destaque e continua a “oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e período candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas” (CANDIDO, 1992, p. 22). O gênero continua vivo, sobretudo agora, com o resgate de um escritor que acaba de sair timidamente ou parcialmente da obscuridade.

## BIBLIOGRAFIA

### Periódicos

*A Bruxa* (1897)

*A Cigarra* (1895)

*A Imprensa* (1899)

*A Notícia* (1894-1900)

*Cidade do Rio* (1900)

*Diário de Notícias*(1886-1895)

*Diário do Comércio* (1887)

*Gazeta da Tarde* (1886-1887)

*Gazeta de Notícias* (1899)

*Novidades* (1887-1889)

*O Brasil* (1895)

*O Centenário* (1889)

*O Delormista* (1889)

*O Mequetrefe* (1886-1892)

*O País* (1897 - 1899)

*Revista Ilustrada* (1894 - 1895)

*Revista Theatral* (1894 – 1895)

ALBERTI, Verena. *O riso e o risível*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

AMÉRICO, Pedro. Sessão em 25 de julho de 1892. In: *Annaes da Câmara dos Deputados*. Segunda sessão da primeira legislatura. Sessões de 1 a 31 de julho de 1892. V. III. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1892. Disponível em: [www.camara.gov.br](http://www.camara.gov.br) Acesso em: 21 set. 2008 às 19:24.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo. México: Fondo de Cultura, 1993. p. 17 – 25.

\_\_\_\_\_. Viejos imperios, novas naciones. In: DELANNOI-TAGUIEFF (comp.). *Teorías del nacionalismo*. Barcelona-Buenos Aires-México: Paidós, 1993. p. 311 – 331.

ANDRADE MURICY. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. v. 2. São Paulo: Perspectiva, 1987.

A NOTÍCIA completa hoje. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p. 1, 17 set. 1895

ANTUNES, Delson. *Fora do sério: um panorama do teatro de revista no Brasil*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2004.

APOLLO. Theatros e etc. *A Notícia*. Rio de Janeiro, p. 2, 21 out. 1895.

ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966.

ARRIGUCCI JR., Davi. Fragmentos sobre a crônica. *Boletim Bibliográfico*. Biblioteca Mário de Andrade. São Paulo, v.46, p. 43-53, jan.-dez. 1985.

ASMODEU [Olavo Bilac]. Carrilhão da Bruxa. *A Bruxa*. N. 59. Rio de Janeiro, p. 6, 2 abr. 1897.

ASSIS, Machado de. *Bons dias!* Intr. e notas de John Gledson. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2008.

\_\_\_\_\_. A + B. In: MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. *Diálogos e reflexões de um relojoeiro*. Rio de Janeiro: Edições Ouro, 1966.

\_\_\_\_\_. *A Semana: crônicas (1892-1893)*. Intr. e notas de John Gledson. São Paulo: HUCITEC, 1996.

\_\_\_\_\_. Aquarelas. *O Espelho*. Rio de Janeiro, 30 out. 1859. In: ASSIS, Machado. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, V. III, 1994.

A.T. [Alberto Torres]. Não há talvez... *A Notícia*, Rio de Janeiro, p. 1, 17 set. 1895.

AZEVEDO, Arthur. *Teatro a vapor*. Org/ introd/ notas de Gerald M. Moser. São Paulo/ Brasília: Cultrix/ INL, 1977.

\_\_\_\_\_. Palestra. *O Paiz*. Rio de Janeiro, p. 1, 25 mar. 1899.

\_\_\_\_\_. O teatro. *A Notícia*. Rio de Janeiro, p. 2, 30 mar. 1899.

\_\_\_\_\_. *Teatro de Artur Azevedo*. Organização e introdução de Antônio Martins de Araújo. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Artes Cênicas, 1983.

\_\_\_\_\_. *O tribofe*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/ Fundação Casa Rui Barbosa, 1986.

\_\_\_\_\_. *O major*. Revista fluminense de 1894. In: AZEVEDO, Artur. *Teatro*

*Completo de Artur Azevedo*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 2002.

B. [Olavo Bilac]. A data. *A Notícia*. Rio de Janeiro, p. 2, 23 mar. 1900.

\_\_\_\_\_. Chronica. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 29 mar. 1899. p. 1, 1-2.col.

BARBOSA, Rui. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1948. VI. IX. Tomo II. p. 151.

BARRETO, Lima. O meu almoço. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 3 jun. 1920. In: GALINDO, Fabiana Delana Viegas. *A polifonia nas crônicas de Lima Barreto*. 2007. 177 f. Dissertação (Mestre). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

BASTOS, Sousa. *Carteira do artista*. Lisboa: Bertrand, 1898.

BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação da comicidade*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. Trad. Ivone Castilho Benedetti.

BRAGA, Claudia. *Em busca da brasilidade: teatro brasileiro na primeira república*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

BRAGA, Rubem. Meu ideal seria escrever. *A traição das elegantes*. Rio de Janeiro: Editora Sabiá, p. 91.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil - 1900*. 5ª ed. Rio de Janeiro: José Olympo/ Academia Brasileira de Letras, 2005.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: SETOR de Filologia da Fundação Casa de Rui Barbosa. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p.13-22.

\_\_\_\_\_. et alli. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

\_\_\_\_\_. À roda do quarto e da vida. *Revista USP*, São Paulo, nº 2, jun/jul/ago 1989. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/02/SUMARIO-02.html> Acesso em: 8 mai. de 2009.

CARVALHO, Francisco Freire de. *Lições elementares de eloquência nacional: para uso da mocidade de ambos os hemisférios que fala o idioma português*. Lisboa: Typografia Rollandiana, 1861.

CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

\_\_\_\_\_. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

\_\_\_\_\_. *Pontos e bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CASTRO, Celso. *A proclamação da República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

CHALHOUB, Sidney. A arte de alinhar histórias. A série A+B de Machado de Assis. In: *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Organizadores: Sidney Chalhou, Margarida de Souza Neves, Leonardo Affonso de Miranda Pereira. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005.

COELHO NETO, Henrique Maximiano. *O Bazar*. Rio de Janeiro: Livraria Chardron, 1928.

COIMBRA, Figueiredo. A estrela. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 5 jan. 1887. p. 1.

\_\_\_\_\_. O Bendegó. *O Centenário*. Rio de Janeiro, p. 3, 13 jun. 1889.

\_\_\_\_\_ & PEDERNEIRAS. O Bendegó. In: RUIZ, Roberto. *O teatro de revista no Brasil: das origens à primeira guerra mundial*. INACEN, 1988.

COUTINHO, Afrânio, SOUSA, J. Galante. *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Global, 2001. v. 2.

\_\_\_\_\_. Ensaio e crônica. In: COUTINHO, Afrânio (dir.), COUTINHO, Eduardo de Faria (co-dir.). *A literatura no Brasil*. 4. ed. rev. e at. São Paulo: Global, 1997. v. 6, p.117-43.

\_\_\_\_\_ Introdução. In: POMPÉIA, Raul. *Obras. org. e notas de Afrânio Coutinho e assistência técnica de Eduardo de Faria Coutinho*. Vol VI. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/ Oficina Literária Afrânio Coutinho/ FENAME, 1982.

*Curso de teatro: conferências realizadas na Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1954.

D'ANGELI, Concetta. *O cômico*. Curitiba: Ed. UFPR, 2007. Trad. Caetano Waldrigues Galindo.

DIMAS, Antônio. A crônica. In: Idem. *Tempos Eufóricos (Análise da revista Kosmos: 1904-1909)*. São Paulo: Ática, 1983. p.50-82.

\_\_\_\_\_. Ambiguidade da crônica: literatura ou jornalismo? In: *Littera*; revista para professor de português e literaturas de língua portuguesa. Ano IV – nº 12. Rio

de Janeiro: Grifo edições, 1974.

DORIA, Escragnole. *Memória histórica*. Comemorativa do 1º Centenário do Colégio de Pedro Segundo (2 de dezembro de 1837 – 2 de dezembro de 1937). Rio de Janeiro: Mec, 1937. p. 138-139.

F. [Ferreira de Araújo]. Em dia de... *A Notícia*, Rio de Janeiro, p. 1, 17 de setembro de 1895

FARIA, João Roberto. *Idéias teatrais: o século XIX no Brasil*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP, 2001.

\_\_\_\_\_. *O teatro na estante*. Cotia - SP: Ateliê Editorial, 1998.

FAUSTO, Boris. "A Primeira República" *História do Brasil*. 5ª ed. São Paulo: Edusp/FDE, 1997.

FIGUEIREDO Coimbra. *A notícia*. Rio de Janeiro, 24 mar. 1899.

FIGUEIREDO Coimbra. *Revista ilustrada*. Rio de Janeiro, p. 2, dez. 1894.

FIGUEIREDO Coimbra. *Cidade do Rio*. Rio de Janeiro, 23 mar. 1900.

FIGUEIREDO, C., SANTOS, N. M., & LENZI, M. I. (org.). *O porto e a cidade*. O Rio de Janeiro entre 1565 e 1910. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

FLORES, Moacyr. *Dicionário de história do Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

FONSECA, Alvarenga. Uma idéia. *A Notícia*. Rio de Janeiro, p. 1, 24 mar. 1899.

FREITAS, Afonso Antonio de. *A imprensa periódica de São Paulo: desde seus primórdios em 1823 até 1914*. São Paulo: Typ. do Diário Oficial, 1915. p. 280.

GAVROCHE [Artur Azevedo]. O Grande Casimiro. *O País*. Rio de Janeiro, 1897. p.1.

GELLNER, Ernest. *Naciones y nacionalismo*. Buenos Aires: Alianza, 1991. p. 13 – 20.

GONÇALVES, Augusto de F. Lopes. *Dicionário histórico e literário do teatro no Brasil*. v. 2. Rio de Janeiro: Cátedra, 1979. p.215-6.

GUERRA, François Xavier. La nación en América Hispanica: el problema de los orígenes. In: Rosanvalon (dir.) *Nación y modernidad*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1997. p. 97 – 121.

HOBSBAWN, E. J. *Naciones y nacionalismo*. Barcelona: Ed. Crítica, 1991. p. 9-21.

HONORATO, Manoel da Costa. *Compêndio de retórica e poética*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Typ. Cosmopolita, 1879.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco. *Os subversivos da República*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

LESSA, Carlos. *O Rio de todos os brasis*. Uma reflexão em busca da auto-estima. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LEVIN, Orna Messer. *As figurações do Dândi*: um estudo sobre a obra de João do Rio. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

LIMA, Augusto Saboia. *Alberto Torres e sua obra*. Rio de Janeiro: Labor, 1918.

LOPES JÚNIOR, José Maria. *A rubrica como literatura de cena*: semiologia da didascália em Querô (uma reportagem maldita), de Plínio Marcos e El coordenador de Benjamin Galemiri. 2007. 135f. Dissertação (Mestre). Faculdade de Letras - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. UFMG.

LOPEZ, Tele Porto Ancona. A crônica de Mário de Andrade: impressões que historiam” In: CÂNDIDO, Antonio. et al. *A crônica*: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992. p. 165-188.

LUSTOSA, Isabel. *O nascimento da imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

MAGALDI, Sabato. *Iniciação ao teatro*. São Paulo: Editora São Paulo, 1965.

\_\_\_\_\_. *Panorama do teatro brasileiro*. 3ªed. São Paulo: Global, 1997.

MAGALHÃES, Valentim. Figueiredo Coimbra. *A Notícia*. Rio de Janeiro, p. 2, 28 mar. 1899.

\_\_\_\_\_. *Escritores e escritos*. Perfis literários e esboços críticos. 2. ed. Rio de Janeiro: Domingos de Magalhães – Editor, 1894.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Machado de Assis desconhecido*. Rio de Janeiro/ São Paulo/Bahia : Civilização Brasileira, 1955. p. 289 – 313.

MARINONE, Mónica. *Rómulo Gallegos: Imaginário de nación*. Buenos Aires: El otro el mismo.

MARTINS, Wilson. *Pontos de vista 1*: crítica literária. São Paulo: T.A.Queiroz, 1991.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE. *Poesias*. Edição definitiva (1885 – 1901). Rio de Janeiro: Garnier, 1904.

MELO, Carlos Augusto de. . *Cônego Fernandes Pinheiro: um crítico literário pioneiro do romantismo no Brasil*. 2006. 614f. Dissertação (Mestre). Instituto de Estudos da Linguagem – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009. UNICAMP.

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e científicos, 1978. p. 198.

\_\_\_\_\_. *Emílio de Menezes*. O último boêmio. São Paulo: Martins, [195-]. p. 69 – 78.

\_\_\_\_\_. *Guimarães Passos e sua época boêmia*. O último boêmio. São Paulo: Martins, 1953. p. 113 – 142.

MENNUCCI, Sud. *O precursor do abolicionismo no Brasil*. São Paulo: Comp. Ed. Nacional, 1938.

MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se fez a chronica. In: SETOR de Filologia da Fundação Casa de Rui Barbosa. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p.93-133.

MICELI, Sérgio. *Poder, sexo e Letras na República Velha* (estudo clínico dos anatolianos). São Paulo: Perspectiva, 1977.

MURICY, Andrade. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. v. 2. São Paulo: Perspectiva, 1987. p. 1267 – 1269.

NEVES, Fernão. *A Academia Brasileira de Letras : (notas e documentos para sua historia, 1896-1940)*. Rio de Janeiro : Academia Brasileira de Letras, 1940.

NEVES, João das. *A análise do texto teatral*. Rio de Janeiro: INACEN, 1987.

NEVES, Larissa de Oliveira. *“O teatro”*: Artur Azevedo e as crônicas da capital federal (1894 – 1908). 2002. 711f. Dissertação (Mestre). Instituto de Estudos da Linguagem - Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2002.

NEVES, Margarida de Souza. Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas. In: SETOR de Filologia da Fundação Casa de Rui Barbosa. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

NOBRE, Freitas. *História da imprensa de São Paulo*. São Paulo: Edições LEIA, 1950

O BENDEGÓ. *O Centenário*. Rio de Janeiro, p.1, 13 jun. 1889.

O. B. [Olavo Bilac]. O Carrilhão da Bruxa. *A Bruxa*. N. 59. Rio de Janeiro, 2 abr. 1897.

OITICICA, José. *Curso de literatura*. Rio de Janeiro: Germinal, 1960.

OLIVEIRA, Diogo de Castro. *Onosarquistas e patafísicos: a boemia literária no Rio de Janeiro fin-de-siècle*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

OS THEATROS. *O Mequetrefe*. Rio de Janeiro, p. 7, 10 ago. 1884.

PALCOS E salões. *Diário do Comércio*. Rio de Janeiro, 14 jan. 1889.

PAIVA, Salvyano Cavalcanti. *Viva o rebolado! : vida e morte do teatro de revista brasileiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

PAVIANI, Jayme. *Platão & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PAVIS, Patrice. *Dicionário de teatro*. Trad. Maria Lúcia Pereira, J.Guinsburg, Rachel Araújo de Baptista Fuser, Eudynir Fraga e Nanci Fernandes. São Paulo: Perspectiva, 1999.

PENNA, Lincoln de Abreu. *República brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 21 – 84.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *O carnaval das letras: literatura e folia no Rio de Janeiro no século XIX*. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2004.

PINHEIRO, J. C. Fernandes. *Curso de literatura nacional*. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1978.

\_\_\_\_\_. *Postilas de retórica e poética*. Ditadas aos alunos do Imperial Colégio Dom Pedro I. 3ª ed. Rio de Janeiro: Garnier, 1885.

PLATÃO. *A república*. São Paulo: Escala, 2007. Trad. Ciro Mioranza.

\_\_\_\_\_. *Diálogos*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém, PA: UFPA, 1980. V. 9.

POMPÉIA, Raul. *Obras*. org. e notas de Afrânio Coutinho e assistência técnica de Eduardo de Faria Coutinho. Vol VI. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/ Oficina Literária Afrânio Coutinho/ FENAME, 1982.

PONTES, Eloy. *A vida exuberante de Olavo Bilac*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944.

PRADO, Décio de Almeida. *História concisa do teatro brasileiro*. São Paulo: Edusp, 1999.

PROENÇA FILHO, Domício. Língua Portuguesa: Globalização, estrangeirismos: purismo ou acolhimento (conferência do dia 06/06/2000. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=4281&sid=531>. Acesso em: 7 de maio de 2009.

RAZZINI, Márcia de Paula Gregório. *O espelho da nação: a Antologia Nacional e o ensino de português e de literatura (1838-1971)*. Tese de doutorado. Campinas-SP, 2000.

REBELLO, Luiz Francisco Rebello. *História do teatro de revista em Portugal*. Lisboa: Dom Quixote, 1984. V. 1.

RENAN, Ernest. ¿Que és una nación? In: Fernández, A. B. *La invención de la nación*. Buenos Aires, Biblos, 2001. p. 53 – 66.

RESENDE, Beatriz. Grandezas e misérias de um gênero menor. In: Idem. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em Fragmentos*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993. p.57-92.

*Revista da Sbat*. Rio de Janeiro: nov. – dez., 1961.

RICUPERO, Bernardo. *O romantismo e a idéia de nação no Brasil (1830 – 1870)*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (p. XVII – XLII)

RONCARI, Luiz. A estampa da rotativa na crônica literária. *Boletim Bibliográfico*. Biblioteca Mário de Andrade. São Paulo, v.46, p.9-16, jan.-dez. 1985.

RUFUÍFIO SINGAPURA [ Medeiros e Albuquerque]. Notas. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 28 mar. 1899. p. 2.

RUIZ, Roberto. *O teatro de revista no Brasil*. Das origens a primeira guerra mundial. Rio de Janeiro: INACEN, 1988.

RYNGAERT, Jean-Pierre. *Introdução à análise do teatro*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do Riso: a representação humorística na história brasileira: da Belle aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SHOTTER, John. La construcción social del recuerdo y el olvido. In: MIDLETON, David & EDWARDS, Derek (Org.). *Memoria compartida: la naturaleza social del recuerdo y del olvido*. Barcelona: Paydós, 1990. p. 137-156.

SILVA, Eduardo. *As queixas do povo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 41-42.

SIMÕES JUNIOR, Alvaro Santos. *A sátira do parnaso: estudo da poesia satírica de Olavo Bilac publicada em periódicos de 1894 a 1904*. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUSA, J. Galante de. *O teatro no Brasil*. Subsídios para uma biobibliografia do teatro no Brasil. Tomo II. Rio de Janeiro: MEC/ INL, 1960.

SOUZA, Ricardo Luis. Nacionalismo e autoritarismo em Alberto Torres. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 7, jan/jun 2005, p. 302-323.

SOUZA, Roberto Acízelo. Gêneros literários. In: *Introdução aos termos literários*. Org. José Luis Jobim. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999a. p. 9-67.

\_\_\_\_\_. *O império da eloquência: retórica e poética no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: EdUERJ/ EdUFF, 1999b.

SUSSEKIND, Flora. *As revistas de ano e a invenção do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.

\_\_\_\_\_. *Cinematógrafo de Letras*. Literatura, técnica e modernização no Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

\_\_\_\_\_. Crítica a vapor: a crônica teatral brasileira da virada de século. *Papéis colados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993. p. 53-90.

TINHORÃO, José Ramos. *A música popular no romance brasileiro*. v. 1. São Paulo: Editora 34, 2002.

\_\_\_\_\_. *Musica popular: Teatro & cinema*. Petropolis: Vozes, 1972.

VASCONCELLOS, Luiz Paulo. *Dicionário de teatro*. Porto Alegre; São Paulo: LePM, 1987.

VENEZIANO, Neyde. *O teatro de revista no Brasil: dramaturgia e convenções*. Campinas-SP: Pontes – Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1991.

\_\_\_\_\_. *Não adianta chorar: teatro de revista brasileiro...Oba!* Campinas-SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1996.

\_\_\_\_\_. *De pernas para o ar: o Teatro de Revista em São Paulo.* São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

# **ANEXOS**

## Crônica 1

23 de julho de 1895

### DIÁLOGOS

Raul<sup>41</sup>, o boêmio (já leste a minha belíssima nota?), encontra-se pela primeira vez na vida, conhecendo-o pessoalmente, com o fantasioso Julião Machado<sup>42</sup>.

Sincera e tocante manifestação de apreço.

Uma camarada comum apresenta-os um ao outro, no escritório d'*A Notícia*:

— Raul, o Julião Machado que estás farto de conhecer...

— E admirar, porque o senhor tem muito talento...

— Jesus! O que aí vai!

— Não! Você tem muito talento!... Eu também tenho muito talento!

— Certamente, certamente...

— Sim, tu tens muitíssimo talento, ó Julião! Sabes que te amo, que te adoro, ó meu velho amigo! Já leste a minha belíssima nota?

(Entre parênteses: a minha belíssima nota é o último artigo literário de Raul.)

(Outro parênteses: aquela pergunta é imutável, eterna, nos lábios do rapaz.)

— Tu, Julião, meu velho amigo, tens muito talento. Havemos de fundar juntos um jornal belíssimo, um jornal estupendo, para deslumbrar os papalvos. (Raul bate ruidosamente as sílabas dessa palavra: pa-pal-vos!)

— Sim, sim, um jornal chic...

— Eu tenho cousas soberbas. Já leste a minha belíssima nota?

— Já...

— Que tal a achaste? Estupenda! Que dizem por aí os papalvos a meu respeito?

— Que tens muito talento.

— Como tu, porque tu tens muito talento. Eu também tenho um chapéu. Queres trocar o teu pelo meu?

— Não! Para quê?

— Adeus, meu velho amigo.

— Adeus, Raul.

— Não, não vás! Sabes que te amo muito. Ficas preso ao cordão sanitário da minha amizade.

— Peço-te que me dêes licença para o forçar...

— Seja... Mas ouve; que dizem por aí os papalvos a meu respeito? Que eu tenho muito talento?

— Muitíssimo.

— Pudera! Já leste a minha belíssima nota? Que tal achaste?

— Belíssima?

— Fundaremos um jornal que se há de intitular...

— *A Carne!*

— Não, nada de carne! eu sou todo espírito... Como tu, meu velho amigo... Tu .... eu tenho muito talento...

— Tens, tens...

---

<sup>41</sup> Provavelmente, a crônica se refere a Raul Braga, um “lamentável alcoólatra”(BROCA, 2005, p. 74). O poeta era colaborador da revista *A Cigarra*, que era ilustrada por Julião Machado. Ou se refere a Raul Pederneiras que também era boêmio.

<sup>42</sup> Caricaturista português.

- Sabes que te amo muito.
- Sei que o teu grande coração...
- Adeus. Que dizem por aí os papal...?

Platão

## Crônica 2

24 de julho de 1895

### DIÁLOGOS

- Admiráveis, admiráveis, estes homens de sete instrumentos!
- Mau! não comece já com alusões políticas...
- Perdão! homem de sete instrumentos não é política...
- Então que é?
- É arte.
- Será política da arte.
- Quando falo de sete instrumentos, quero referir-me a cinco vozes.
- Como?
- Já viste ou ouviste o Frégoli<sup>43</sup>?<sup>44</sup>
- Não.
- É um homem que tem cinco vozes...
- Acho muito. Não serão mais as vozes do que as nozes?
- São, porque são no rigor literal da expressão. Imagina que Frégoli é um cantor maravilhoso...
- De que gênero?
- Do masculino.
- Ora!
- Não é um artista, é uma companhia lírica, a mais barata de todas.
- Conforme.
- Frégoli canta como soprano, contralto, tenor, barítono e baixo.
- Isso é tanto mais admirável quanto temos visto até aqui cantores que se anunciam possuidores de uma voz só, e verdadeiramente não tem nenhuma.
- Creio mesmo que, se corrêsemos ainda os nossos teatros de opereta, encontraríamos esses cantores... Mas com Frégoli outro galo canta!
- Outros galos!
- E a rapidez com que muda de vestuário e de tipo!...
- Bem dizia eu que se tratava de política...
- É certo que o homem se apresenta como verdadeiro camaleão<sup>45</sup>.

---

<sup>43</sup> Leopoldo Frégoli (1867 – 1936) foi um artista de teatro. Ele ficou famoso pelas trocas rápidas de roupas e pela imitação de várias vozes. O comentário publicado na *Revista Ilustrada* explica o entusiasmo com o artista: “Frégoli faz coisas inacreditáveis. Tem na privilegiadíssima garganta toda as vozes de teatro lírico. Não se pode dizer o que é melhor nele: se o barítono, o tenor, o contralto, o soprano ou o baixo. Acresce que o diabo do homem se torna ainda notável pela rapidez prodigiosa com que se transforma no traje e no tipo, e sobretudo se caracteriza. Vendo-o e ouvindo-o, a platéia não procura disfarçar a sua admiração e entusiasmo. Eu, pela minha parte, confesso que estou maravilhado.” (PELOS THEATROS..., *Revista Ilustrada* 1895, p. 6).

O jornal *A Notícia* comentou a estreia de Frégoli em um artigo intitulado o “O excêntrico Frégoli”, em que compara o ator aos telegramas modernos nos jornais, que trazem qualquer tipo de notícia, ao passo que Frégoli consegue se transformar em várias personagens. (O EXCÊNTRICO FRÉGOLI. Teatros Etc. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 23 jul. 1895. Edição da Noite. p. 2, 4 col.)

<sup>44</sup> A mesma indagação foi feita por Artur Azevedo, em sua coluna “Teatro” no dia 25 de julho, para comentar a atuação de Frégoli: “Já o viram? Já o ouviram?”. (A.A. [Artur Azevedo]. Teatro. *A Notícia*. 25 jul. 1895, p.1).

- Nesse ponto não me traz novidade alguma. Camaleões estou eu farto de ver do 15 de novembro para cá...
- Essa observação destoa do teu obstinado horror a certos assuntos... É do Frégoli que falamos.
- Podes mandá-lo cantar a outra freguesia.
- Por quê?
- Porque homens que dispõem de muitas vozes já os conheço cá da minha terra.
- Deixa lá o Congresso. Contudo, posso dizer, que liricamente considerado, Frégoli vem preencher não uma, mas diversas lacunas sensíveis.
- Pois então, não vá para o parlamento, vá para a companhia do Souza Bastos.

Platão

---

<sup>45</sup> A peça representada por Frégoli, no Teatro Lírico, no dia 23 de julho de 1895, era intitulada *Camaleonte*, em que o artista “desempenha cinco papéis diferentes”. (TEATRO LÍRICO. *A Notícia*, 23 jul. 1895, p. 4.)

### Crônica 3

25 de julho de 1895

#### DIÁLOGOS

— Seis milhões esterlinas! É de fazer vir água à boca! Que dizes, meu camarada?  
Seis milhões!

— Digo que é belo! Mas já me contentava agora com seis mil réis!

— O Brasil tem muito crédito...

— E muitos recursos...

— Ah! se o mesmo se desse conosco...

— Se pudéssemos sacar à larga...

— Se ainda pudéssemos pedir emprestado...

— Só nos resta uma esperança: a sorte grande, quando por acaso compramos algum bilhete.

— Porque infelizmente está provado que um homem por mais sorte que tenha, não pode apanhar a grande, se não tem bilhete nenhum.

— Seis milhões! O que eu faria, meu Deus! com essa riqueza enorme!

— E eu! Bastava-me a metade!

— Compraria palácios deslumbrantes...

— Eu mandá-los-ia edificar expressamente...

— Acumularia lá dentro as maiores belezas e as mais belas jóias artísticas!

— Deveriam vir do estrangeiro, de Paris, Roma, Viena...

— Teria carruagens esplêndidas!

— Soberbos animais de raça!

— Vivenda de verão em Petrópolis.

— Eu faria passeios à Europa.

— Escolheria uma mulherzinha...

— Muitas mulherzinhas...

— Nova, bela, boa e com dote...

— Para que dote? Pensas no casamento?

— Certamente.

— Pois eu tenho-lhe horror. Com seis milhões, seis milhões! Dar-me-ia a luxos sardanapalescos no capítulo das mulheres. Com a breca! Haja dinheiro e eu te mostro o que é uma existência de paxá!

— Mas um bom casamento não impede os gozos da vida.

— Impede-os sim! Uma mulher é um estorvo nos prazeres da coletividade. Faça-me tudo à grande!

— Casado, eu não deixaria de frequentar os bailes mais *chics*, os melhores espetáculos.

— Melhor ainda seria frequentá-los solteiro.

— Como quer que seja, seis milhões é a felicidade!

— É o céu aberto, eternamente azul, eternamente luminoso! ... Rapaz, toma nota disto.

— O patrão manda dizer-lhe que não pode mais fiar-lhe o almoço.

Platão

## Crônica 4

26 de julho de 1895

### DIÁLOGOS

Vai animadíssima a polêmica travada em grande número de jornais, a propósito de companhias de seguros de vida<sup>46</sup>.

O assunto não poderia ser mais palpitante.

O comendador R... acompanha-o a palpitar, e Deus sabe se ele, frio e calmo por excelência, palpita assim com duas razões.

Depois do jantar, preparando a soneca de uma digestão de jibóia, repoltreado numa cadeira de balanço, o comendador palpita sobre o caso, o que é grave e perturbador.

Palpita e entabula com a sua cara metade um diálogo nestes termos:

— A vida está cada vez pior. Vê tu, menina, que os seguros dela perigam.

— Como?

— Não lê os jornais?

— Não.

— Que diabo lêes então?

— Leio Marcel Prévost<sup>47</sup>.

— Que vem a ser isso?

— Um escritor francês dos mais finos, dos mais modernos...

— Logo vi. Algum literatelho de meia tigela, autor de novelas capitosas! É só nisso que pensam vocês mulheres, espíritos fúteis!

— Não sei se sou fútil lendo as *Semi-virgens*<sup>48</sup>...

— *Semi-virgens*! Deve ser fresca essa obra!

— Tem muita observação e muita psicologia!

— Ora a psicologia, a psicologia! Não há aí mais psicologia do que nos seguros de vida! Falemos nos seguros de vida, senhora!

— Eu prefiro o Marcel.

— Como eu dizia, a vida está cada vez pior. A questão dos seguros é, pois, momentosa.

— Ahn!...

— Que vemos nós por toda a parte? No mar os contínuos naufrágios, as ocupações indébitas<sup>49</sup>; em terra os descarrilamentos, os choques de trens<sup>50</sup> e de interesses pessoais, as águas igualmente turvas...

— Perdão! parece-me que as de Caxambu...

— No mar e na terra, as lutas incessantes, os dissabores profundos, os prejuízos irremediáveis!

— Ahn! aaahn!...

---

<sup>46</sup> Discutia-se nessa época a criação de uma lei, segundo a qual as companhias de seguros estrangeiras teriam que seguir as leis brasileiras. Na seção “A pedidos” d’*A Notícia* era publica-se a opinião dos jornais da capital e também da diretoria da companhia *The Equitable Life Assurance of the United States*.

<sup>47</sup> Eugène Marcel Prévost (1862-1941) romancista francês.

<sup>48</sup> *Le Demi-Vierges* romance publicado em 1894.

<sup>49</sup> Refere-se à ocupação da Ilha de Trindade pelos ingleses.

<sup>50</sup> Problemas ocorridos constantemente na estrada de ferro.

— O homem, por maiores que sejam as comodidades de que se rodeia, e por fartos que sejam os seus recursos, não tem certo o dia de amanhã. Com tantos inimigos e obstáculos a vencer, - já não contando as moléstias – o homem morre de um momento para o outro, e, morrendo, acaba-se tudo!

— Lá isso é exato!

— Pois não se acaba tal. Resta o seguro. Mas o seguro chama capitais avultados, que é preciso acautelar, fiscalizando-lhes o emprego. A tal respeito urge criar uma lei que garanta aos segurados...

— Uma vida eterna.

— Não é isso! já vejo que estou a perder tempo...

— Tens a vida segura?

— Não. Só tenho seguro o dinheiro<sup>51</sup>.

Platão

---

<sup>51</sup> A preocupação (contida no texto do projeto) era com o dinheiro do seguro e não com o segurado. Apresentava-se na Câmara no dia da publicação da crônica, um projeto substituto proposto por Rodrigues Lima, em que se dava atenção ao segurado.

## Crônica 5

27 de julho de 1895

### DIÁLOGOS

- Diz o *País* : “Visitou-nos ontem o ator Silva Pereira<sup>52</sup>...”<sup>53</sup>
- Pois ainda vive o famoso artista?
- Naturalmente não é o mesmo. É provável que se trate de algum neto desse ator, que passou a história como um dos maiores casos de longevidade.<sup>54</sup>
- Sim, porque o Silva Pereira é do século passado. Nasceu em Lisboa...
- Antes ou depois do terremoto?
- O terremoto foi em 1765. Antes, muito antes. Consta até que muito auxiliou o marquês de Pombal no enterrar os mortos e cuidar dos vivos.
- Vão ver que só muito depois veio ao Brasil pela primeira vez.
- Veio com D. João VI, fugindo a Napoleão. Se o exército deste grande guerreiro não fosse de franceses, mas de francesas, estou em afirmar que Silva Pereira não fugiria.
- Então posso admitir que ele representasse na primeira companhia dramática que tivemos?
- Sim, fazendo papéis de mulher, vista a sua tenra idade e a sua cara imberbe e graciosa. O primeiro imperador aplaudiu-o muito, e até - aqui entre nós que ninguém nos ouve - enganou-se com ele, chegando à arrastar-lhe a asa.
- E daí?
- A história não diz o resto, que pertence à crônica brejeira. No primeiro incêndio do S. Pedro o Silva Pereira prestou como bombeiro voluntário, relevantes serviços.
- Deu à bomba?
- Não se limitou a isso; salvou uma velha senhora dentro do seu chapéu de coco. Foi por essa ocasião que a Maria Cachucha se apaixonou por ele, sem consequências de maior.
- Lembro-me de que fez a volta do mundo em 80 dias...
- Sim, mas não com a Cachucha, com o Guilherme da Silveira.
- Depois, foi o Sr. Piperlin, corretor de casamentos, garantindo mulheres...
- Como se isso fosse possível! Brejeirice de solteirão impenitente! O que é verdade é que a certidão de batismo deste homem singular se perde na noite dos tempos.
- Mas será o mesmo Silva Pereira de que falamos esse cuja chegada o *País* noticia?
- É porque diz o *Gavroche* que ele há muito está na lista dos eternos<sup>55</sup>.

<sup>52</sup> O ator português estava no Brasil para descansar, mas iria representar a peça *Lição Cruel*, de Pinheiro Chagas.

<sup>53</sup> A personagem leu a seguinte notícia na página 2, do jornal *O País*: “Visitou-nos ontem o Silva Pereira, o insigne ator português tão conhecido e estimado da platéia fluminense. Apesar de que a sua viagem é simplesmente de passeio, é bem possível que ele nos deleite, fazendo-se ouvir em qualquer dos nossos teatros em uma das peças de seu extraordinário repertório. (VISITOU-NOS ontem...*O País*, Rio de Janeiro, p. 2, 27 jul. 1895.)

<sup>54</sup> Na crônica “Aos sábados”, Valentim Magalhães refere-se ao ator como “jovem ancião”, afirmando que veio de Lisboa para descansar e, o segredo da sua longevidade estava em que “trabalha o menos que pode e descansa o mais que é possível”. (V.M. Aos sábados. *A Notícia*. 27 jul 1895).

<sup>55</sup> A personagem refere-se à quadra publicada por Artur Azevedo, assinando como Gavroche, no jornal *O*

- Que virá fazer esse macróbio?
- Vou apostar que nos traz documentos autênticos sobre a Ilha da Trindade, onde assistiu à expulsão dos ingleses, em 1782<sup>56</sup>.

Platão

---

*País*, intitulada O SILVA PEREIRA: “Chegou o venerando Silva Pereira,/ Que há muito está na lista dos eternos,/ E agora remoçou de tal maneira,/ Que ninguém lhe dá mais de oitenta invernos!”. (GAVROCHE [Artur Azevedo]. O Silva Pereira. *O País*, Rio de Janeiro, p. 1, 27 jul. 1895.).

<sup>56</sup> Em 1782, os ingleses tinham sido expulsos da Ilha de Trindade. Conforme o editorial d’A *Notícia* do dia 30 de julho de 1895 “há um documento de que o governo inglês tem em seus arquivos o original: a ordem do almirante inglês, em fins do século passado, para desocupação da ilha pelas forças inglesas que lá estavam, ordem expedida por ter o governo britânico, perante uma reclamação do português, reconhecido o direito de propriedade deste sobre aquela parte do território brasileiro” (F. [Ferreira de Araújo]. *A Notícia*. 30 de julho de 1895. P.1).

## Crônica 6

29 de julho de 1895

### DIÁLOGOS

- Tu, que tanto sabes, poderás dizer-me que vem a ser um marido *avant la lettre*?
- A que propósito me fazes esta pergunta?
- A propósito de uma notícia<sup>57</sup> que li há dias no bonde, e que provocou de um vizinho meu, que também a lia, esta exclamação: Ora aqui está o que se chama um marido *avant la lettre*!
- Eu te explico: Diz-se marido *avant la lettre* do homem que entra em exercício de direitos conjugais antes do casamento, considerando-se casado à face de Deus e dos homens.
- Hum! será isso mesmo? Então o *avant la lettre* é como quem diz antes do tempo.
- Tal qual.
- É o marido prévio, antecipado, ou como melhor te pareça, não faz em verdade outra coisa senão precipitar os acontecimentos.
- Exatamente. Mas a notícia de que falas que diz, em suma?
- Diz que se deu nesta cidade, há poucos dias, um caso de exercício ilegal de matrimônio com abuso da simpleza e da confiança de uma noiva e de sua mãe. Levadas estas senhoras pelo futuro esposo à respectiva pretoria, para se tratar de formalidades preliminares, saíram de lá convencidas de que o casamento estava feito em boa e devida forma, e nesta presunção, criada e alimentada pelo noivo, a ingênua moça acompanhou a toda a parte aquele a quem deve obediência e fidelidade. Conhecido o abuso, interveio a polícia e legalizou a união.
- É bom tudo que bem acaba. Imagina se antes da intervenção policial o marido se lembra de pôr entre si e sua esposa de fato a distância suficiente para o afastar de vez de responsabilidades conjugais. Têm-se visto casos desses.
- Seria então uma espécie de divórcio *avant la lettre*.
- Moralidade: tudo se deve fazer em regra e a horas. Que dirias tu de um homem que começasse o seu jantar pelo prato do fim e deixasse o *vermouth* para depois do café?
- Diria que preparava uma péssima digestão. Em princípio sou contra o casamento; acho que é um fato tão desastroso na vida do homem, que é revoltante simulá-lo. Quem se decide a levar uma mocinha ao pretor, deve fazê-lo a valer e aguentar firme as consequências. Pretendi em tempo ser marido *avant la lettre*, sê-lo-ia mesmo durante, se tal fosse preciso. Mas antes, não o quis a noiva...
- E depois?
- Depois, quem não quis fui eu.

Platão

---

<sup>57</sup> A notícia, a que se refere a personagem, foi publicada no dia 27 de julho n' *A Notícia*: "José Cardoso, quitandeiro, morador à rua Pinto Figueiredo n° 7, pediu em casamento a menor Florinda de Jesus. Obtido o consentimento tratou dos papéis na 10ª pretória. Como ela não tivesse certidão de idade, visto ser portuguesa e ter esse documento de vir da Europa, foi requerida uma justificação de idade. No dia marcado compareceu Cardoso e a noiva, acompanhada de sua mãe e outras testemunhas. Terminada a justificação, Cardoso aproveitando-se do fato de serem mãe e filha analfabetas disse, que o ato fora o do casamento civil. Assim conseguiu levar Florinda para a sua companhia. O delegado da 15ª circunscrição, tendo conhecimento de fato, iniciou o inquérito e fez apresentar Cardoso e Florinda ao 10º pretor que vai proceder na forma de lei."

## Crônica 7

31 de julho de 1895

### DIÁLOGOS

O aplaudido literato recebe a visita de um de seus admiradores.

— Estou organizando uma polianteia<sup>58</sup> para o centenário de Basílio da Gama e venho pedir a sua colaboração...

— Pois não! Com muito prazer! Uma homenagem tão justa! Desde que se trata de honrar um dos nossos grandes...um dos nossos grandes...grandes...

— Poetas!

— Um dos nossos grandes poetas; não posso deixar de me associar a tal pensamento. Agora, principalmente, que a prepotência estrangeira parece ameaçar-nos<sup>59</sup>, bem significativa deve ser a comemoração desse belo espírito quando tão alto levantou glórias do Brasil. Será como que uma reivindicação dos nossos brios e do nosso prestígio. Bem vê em que elevado apreço tenho o ilustre autor do... da...

— Do *Uruguai*<sup>60</sup>!

— Sim, do *Uruguai*! Admiro nele um dos bons líricos que...

— Épicos!

— Perfeitamente! O seu poema é uma grande epopeia.

— Posso, então, contá-lo no número dos colaboradores da polianteia?

— Já lhe disse que sim, com muito prazer.

— Peço-lhe ainda um obséquio: a maior presteza na remessa do seu artigo. Não há tempo a perder.

— Não perderei tempo. Amanhã o senhor terá o original.

— As pessoas a quem me tenho dirigido para o mesmo fim asseguram-me todas a sua boa vontade; mas só de raras pude obter que me mandassem os escritos tão prontamente quanto era necessário. Sistema brasileiro: deixar tudo para a última hora. Até se fosse coisa de poucas linhas...

— Decerto. Escreverei um artiguinho de poucas linhas, mas vibrante.

— Ah! se pudesse ser agora...

— Agora?

— Eu espero aqui o tempo que o senhor quiser.

— Agora...

O literato parece embaraçado, mas isto não dura muito. Decidindo-se logo, aquiesce:

— Pois sim; mas faça-me o favor de escrever aqui alguns dados da vida e da obra do poeta.

— Como?

— Para ir mais depressa...

---

<sup>58</sup> Organizada pelo periódico *A República Portuguesa*, a polianteia teve a colaboração de Machado de Assis, Artur Azevedo, José Veríssimo, Araripe Júnior, Sílvio Romero, dentre outros; e foi comercializada a 200 réis. Figueiredo Coimbra nas “Notas de um simples” (3/08/1895) comentou que alguns colaboradores foram excluídos, porque desconheciam a obra de Basílio da Gama.

<sup>59</sup> Refere-se a tomada da Ilha de Trindade, pelos ingleses.

<sup>60</sup> Conservou-se como encontrado no jornal, “*Uruguai*” e, não “*Uruguai*”. Em 1895, publicou-se com o título de *O Uruguay*, uma edição do poema épico, com um estudo crítico de Francisco Pacheco.

— Ah! bem.

O visitante senta-se à mesa de trabalho do literato, e põe-se a escrever.

— Olhe! uma idéia! Escreva o senhor mesmo o artigo, que eu assino.

Platão

## Crônica 8

1 de agosto de 1895

### DIÁLOGOS

Um funcionário público, chefe de numerosa família, entra na repartição, no dia 1º. do mês... ao meio-dia.

Entra e empalidece.

Cá embaixo, no saguão, o espera ansioso um dos seus conhecidos mais importunos.

— Bom dia, Sr. Meireles!

— Bom dia, Sr. Pereira!

— Parabéns! Já sei que recebeu a sua raçõzinha do orçamento...

E um sorriso de mel de abelhas entreabre os lábios do importuno.

Bem diverso é o sorriso do funcionário, que sente fel na alma e na boca.

— É verdade! não o nego. Também eu já sei que quer o dinheirinho da casa...

— Sim, sendo possível. Como amanhã parto para Juiz de Fora e não sei quando voltarei...

— É singular! Já no dia 1º. do mês passado o senhor tinha uma partida para o dia seguinte, para Petrópolis, se não me engano...

— Não, o mês passado tinha a mulher muito doente. A partida para Petrópolis foi há dois meses.

— Bem! Tome lá! São cento e cinquenta mil réis, não?

— Obrigado! Aqui tem o recibo, e às ordens.

— Passe bem...

O funcionário sobe a escada, ainda pálido. Lá em cima fica um tomate maduro.

— Ah! é o Sr. Nunes!

— Seja bem aparecido! Com a breca! Cheguei a pensar que não vinha! Quero receber a última prestação daquela sua roupa, que já tem três meses. Se lhe parece...

— Basta! quanto é?

— Cinquenta mil reis. Bem o sabes!

— Aqui tem, e convença-se de que da sua alfaiataria fico inteirado. O senhor pode gabar-se de que pelo preço não faria um terno mais ordinário. E para cobrar uma miséria de prestação, ele que sempre me saiu uma ostra!...

— Miséria! Não, que eu não roubo para pagar aos meus credores!... Ostra! eu só venho buscar o que é meu.

— Ora suma-se da minha vista!

— Caloteiro! Fregueses como este tenho-os eu aos pontapés!

O funcionário entra na sala de trabalho.

— Como! pois até aqui?

— Desculpe-me a liberdade. Eis aqui a letrinha que me passou a prazo de três meses e que se venceu ontem. Bem vê que fui condescendente em não a mandar a protesto.

— Conte com a minha profunda gratidão. Não lhe posso pagar hoje senão os juros. Só tenho aqui duzentos e tantos mil réis.

— Tenha paciência. Dá me duzentos para reforma e os juros, com outra letra. Sabe que o tenho servido sempre...

— Tome senhor, tome! Deixe cá ver a letra, que lhe passo outra... Agora, vá se!

O usurário desaparece, depois de uma reverência profunda, com a letra nova, e o funcionário público procede à contagem do que lhe resta:

— Dois mil trezentos e sessenta réis. No dia 1<sup>o</sup>! E as encomendas da mulher! E os sapatos dos pequenos!

— Sr. Meireles!

— Hein?

— Está aí um sujeito que diz ser o Cardoso do armazém e vem por causa de uma conta...

— Ah! espera!

O funcionário corre ao encontro do novo credor e diz-lhe à queima-roupa:

— Sr. Cardoso, o senhor faz-me o obséquo de me emprestar trinta mil réis?

Platão

## Crônica 9

2 de agosto de. 1895

### DIÁLOGOS

No restaurante:

O freguês janta beatificamente, com vagar, lendo a *Notícia*, que está de pé, encostada à garrafa de vinho.

Entra uma florista, fornecedora predileta do *habituê*:

— Quer um cravo, uma rosa?...

— Ah! Carmem!... Há quanto tempo não a vejo! Tem estado doente?

— Um pouco indisposta estes últimos dias.

— Ainda está morando com sua mãe, na rua do Lavradio?

— Ainda.

— Aquela mulher é mesmo sua mãe?

— Não, aquela mulher é minha tia. Minha mãe está na Espanha, em Madrid, onde tem um colégio.

— De meninos?

— De meninas.

— Você é de boa família.

— Ah! minha família é rica e importante. Eu, se estou hoje separada da minha mãe, é por causa de minha tia, que me criou. Tendo sido raptada por um coronel de cavalaria, fugiu com ele para o Rio da Prata, e eu acompanhei-os.

— E não casaram?

— Não era possível. O coronel já tinha duas mulheres, uma legítima e a outra da mão esquerda.

— Pois não perdia o tempo! Que fim levou esse lutador?

— Morreu de um resfriamento.

— Ah!

— Depois disso, deixamos o Rio da Prata e viemos para o Rio de Janeiro... Bem vê que sou de muito boa família.

— Decerto.

— Não nasci para isto... Então, não vai um raminho de violetas?

— Vá lá!

— O senhor há de reconhecer que não sou como a maior parte dessas raparigas que andam por aí a vender flores de toda a natureza.

— Lá isso é verdade. É cada canhão que aparece... Ao passo que você é bem galante.

— Não é por me gabar, mas todos me dizem o mesmo. Ainda ontem o doutor Mello, o médico que me está tratando, falou-me de modo a mostrar-me muita simpatia... Eu sou muito agradecida a quem me trata bem.

— Principalmente, se é médico.

— Para dois mil réis não tenho troco.

— Guarde tudo. Para outra vez ficaremos quites.

— Até amanhã.

O freguês acompanha a florista com um olhar enternecido e diz alto, para ser ouvido pelos vizinhos:

— Pobre rapariga que tanto luta pela vida!  
E acrescenta, pensativo, entre dentes:  
— Rua do Lavradio.

Platão

## Crônica 10

3 de agosto de 1895

### DIÁLOGOS

A caridade anônima<sup>61</sup>, que se obstina em não aparecer à luz meridiana, é decididamente a mais bela coisa para tocar os corações bem formados.

Há dias o Jovino Aires, o ativíssimo secretário do *País* e o diretor zeloso do magnífico serviço de esmolas organizado na simpática folha, foi procurado por um dos mais importantes e generosos capitalistas da nossa praça.

Acolhido com a afabilidade que o Jovino a todos dispensa, o capitalista entabulou conversação nestes termos:

— Sr. Jovino, coração eminentemente sensível aos sofrimentos e as desgraças do próximo, busco, sempre que se me oferece ocasião, socorrer algum necessitado e é este empenho que me traz à sua presença.

— Sobremaneira o honram tais sentimentos.

— Tive ontem a felicidade de ser cruelmente ferido com a perda de minha prezada sogra. Em memória da pobre senhora e para solenizar tão grande acontecimento resolvi contribuir com uma quantia para os pobres do *País* e procurei-o, meu caro Sr. Jovino, para que seja intermediário nesse ato de filantropia.

— Agradeço profundamente, em nome do *País* e no meu, a incumbência delicada que muito me lisonjeia.

— Mas sou modesto na beneficência, pratico o preceito do Evangelho. Não quero que a minha mão direita saiba o que faz a esquerda.

— Muito bem! muito bem! É essa a verdadeira caridade...

— Não dou esmolas por ostentação... Por conseguinte, entregando-lhe estes 50\$ para os seus pobres, peço-lhe toda a reserva quanto ao meu nome.

— Perfeitamente.

E o Jovino toma nota numa tira de papel:

“\_ De um caridoso anônimo, 50\$...” Assim, está bem, não?

— Sim. Pode mesmo acrescentar: “em memória de sua prezada sogra...” que não prejudica...

— Pois bem: De um caridoso anônimo, em memória de sua prezada sogra, 50\$000.

— Ótimo... isto é: também não faz mal que ponha o nome dela. Ninguém a conhece... Escreva sempre: “D. Maria Joaquina da Conceição Pedroso...”

— Bem: “De um caridoso anônimo, em memória de sua prezada sogra D. Maria...” Mas isto é um pouco esquisito!

— Também me parece!... O melhor é pôr logo: “Do comendador Francisco Pires de Mendonça...”

Platão

---

<sup>61</sup> Geralmente, o nome dos caridosos era elucidado.

## Crônica 11

5 de agosto de 1895

### DIÁLOGOS

Já três vezes tocaram a campainha da escada, três vezes a dona da casa chamou a criada, que não acudiu nem respondeu, e como a pessoa que estava lá fora, viu aberta a cancela do meio, empurrou-a e vai atravessando o corredor até a sala de jantar, a cuja porta bate palmas vigorosas.

Finalmente a dona da casa vem ver quem é.

— Uma senhora! Que deseja?

— Tenha a bondade de me dizer se mora aqui o Dr. Melo Rosa.

— Não, minha senhora; quem mora aqui sou eu, com meu marido, que é negociante.

— E não poderá informar-me onde reside ou dá consultas esse médico?

— Nada lhe posso dizer sobre isso: não conheço o doutor nem me consta que ele tenha morado pela vizinhança. Eu conheço-a quase toda.

— Que pena! Não imagina o transtorno que isso me causa.

— É para a senhora mesma que procura o médico?

— Não, é para minha filha. Um caso urgentíssimo.

— Mas sente-se, não faça cerimônia!

— Obrigada, estou com pressa. Pois é como lhe digo: tenho minha filha doente, e julgo que o seu estado é melindroso. Indicaram-me o Dr. Melo Rosa como ótimo especialista de senhoras, mas não há meio de o encontrar. Calcule a ansiedade em que estou.

— Faço idéia. É daqui mesmo, do Rio de Janeiro?

— Não, minha senhora. Sou de Valença, porém venho frequentes vezes à capital.

— Aceita uma xícara de café? Deve estar fatigada...

— Agradecida. É verdade que ainda hoje não tomei nada, com a aflição em que me vejo; mas como tenho muita pressa...

— Tome, ao menos, um cálice de licor.

— Uma vez que insiste, não recuso, tanto mais que tenho a boca amarga como o fel.

A dona da casa serve o licor à mãe aflita a quem vê pela primeira vez.

— Posso indicar-lhe outros médicos que devem convir para o caso de sua filha.

— Obrigado; faço questão do Dr. Melo Rosa, e hei de encontrá-lo, dê por onde der.

Pelo que me dizem dele, já me inspira uma confiança cega, e compreende que a primeira qualidade de um médico é a confiança dos outros.

— Lá isso é verdade.

— E com esta vou-me chegando, que são horas.

— Descanse mais um bocadinho.

— Não posso, tenho muita pressa.

— Como é a sua graça?

— Felisberta Soares, uma sua criada.

— Será acaso parenta dos Soares Lessa, de Vassouras?

— Sou prima.

— Conheço-os muito; boa gente, muito dada... O filho mais velho, o Janjão, visita-nos a miúdo... Pois o meu nome é Julieta Gomes; meu marido é o Gomes da casa de calçado.

— Então com licença. Se não estivesse tão apressada, demoraria um pouco mais...

— Apareça, D. Felisberta. A casa está às suas ordens. Nós jantamos às quatro e meia.

Platão

## Crônica 12

6 de agosto de 1895

### DIÁLOGOS

Até esse dia decisivo na sua vida, jamais o meu vizinho Raimundo pudera habituar-se à idéia de que seu filho jogava<sup>62</sup>.

Jogava desesperadamente o jovem herdeiro das glórias de Raimundo, despendendo com um garbo incrível e, uma ainda mais incrível insensatez, a gorda herança materna, em cuja posse entrara desde alguns meses.

Imagine-se o que faria o jovem vicioso com as centenas de contos do pai!

Dava esperanças o rapazola!

O seu vício máximo era o desespero do velho negociante, que em vão usou de todos os meios, a brandura, a severidade, a ameaça, para afastar o filho do caminho da perdição.

Mas qual?

Até que enfim, certa noite, Raimundo resolveu ir surpreender o seu herdeiro no antro em que ele consumia o dinheiro e a saúde.

É indescritível a surpresa do moço ao ver surgir-lhe ao lado, à mesa da roleta, a figura severa, indignada, do respeitável autor de seus dias.

Mas se a surpresa foi grande, pequeno foi o embaraço. Passada a primeira impressão, muito rápida, o moço continuou a jogar como se nada houvesse acontecido. E estava de sorte.

— É o cúmulo do cinismo! pensou o pai. Nas minhas barbas! Nem vexame, nem acanhamento! Nada! E ganhou!

Voltando-se para o filho.

— Mas então continuas a jogar descaradamente, com essa sem-cerimônia de relapso! Vamos, larga essas fichas e acompanha-me. Nem mais um minuto neste covil!

O filho retorquiu-lhe seca e febrilmente:

— Isso não é possível. Deixe-me aproveitar a veia. Estou de sorte, e peço-lhe o obséquio de não me encabular... Agora, se quer fazer uma fezinha... Eu estou na segunda dúzia; a segunda dúzia é a que dá esta noite... Então, o que lhe dizia eu? Vinte!

— É verdade! exclamou Raimundo, que a seu pesar acompanhava o jogo desde alguns instantes com atenção e interesse crescente.

— Que diz? Valeu a sociedade?

— Valeu! decidiu o velho, que já participava da febre de jogador. Lá arriscar uns mil réis não quer dizer nada.

— Cinquenta mil réis.

---

<sup>62</sup> Apesar da crônica não tratar da ilegalidade do jogo no Rio de Janeiro, é preciso esclarecer que as casas de jogos de azar eram proibidas na época. As autoridades tentavam minimizar a situação, conforme mostra a seguinte notícia: “O Dr. chefe de polícia oficiou aos delegados para que dessem busca nas casas de tavolagem, lavrando flagrante contra jogadores e donos de casas e enviando imediatamente aos pretores os autos, afim de serem punidos por infração do art. 369 do código penal. O Delegado da 4ª circunscrição vai começar nova campanha. Se essa circular não for esquecida como foi a que proibia a *advocacia administrativa* nas estações e o *peçoal encostado*, será uma boa medida tomada pelo Dr. chefe de polícia”. (A *Notícia*. 9 ag. 1895, p.3)

— Está feito. Segunda dúzia.  
— 14! Hein! que tal? O senhor vai agora ver o que faço. Dobro a parada...  
— Qual história! deixa lá tudo. Já agora é aproveitar a monção!  
— 14!  
— Com a breca! Isto é uma fortuna! Não há nada melhor.  
— Tiro agora a metade...  
— Não tires nada!  
— Vá lá... 14! Outra vez!  
— Agora vamo-nos embora, que já ganhamos a noite.  
Pai e filho saíram de braço dado, na melhor harmonia, e com um lucro bastante para compensar o desgosto de Raimundo.  
No caminho o rapazola disse ao velho, entusiasmado:  
— Felicito-o! O senhor bem mostra que é meu pai! Teve uma bela estreia; há de ir longe!  
Ao que Raimundo volveu modestamente:  
— Pai de peixe...

Platão

## Crônica 13

7 de agosto de 1895

### DIÁLOGOS

Ao entrar na Rua do Ouvidor o filantropo S... esbarra com um transeunte, que tem ares de alucinado.

— Que tem o senhor? pergunta olhando para o abalroado, que apresenta no rosto uma lividez cadavérica, e parece na iminência de uma síncope.

— Eu? oh!...ah!... Nada! uma fraqueza aqui no estômago... umas dores muito fortes... o vácuo... Ai! ui!... Há três dias que não como!

— Não come!

O filantropo S... contempla o seu interlocutor com uma profunda expressão de piedade. Só então nota que na face do pobre homem se pinta a aflição dos grandes necessitados.

— Mas porque não come?

— Porque não tenho um real...

— Dissesse-o logo!... Coitado. Venha comigo. Dê-me o braço, que vou leva-lo a um restaurante onde almoçaremos.

Ao fim de dois minutos, o filantropo S... e o seu companheiro de ocasião estão sentados a uma farta mesa, de uma das nossas melhores casas de pasto.

— Ah! o senhor salva-me a vida! exclama o transeunte cadavérico exibindo um olhar eloquentíssimo de júbilo e reconhecimento. Se soubesse as torturas que tenho passado...

— Pobre homem!

— Entretanto, sou empregado e, o que ganho me basta para passar com os meus, uma existência relativamente folgada.

— Tem família?

— Tenho mulher e três filhos!...

— Infeliz!

— Vai para três meses que a minha situação, se não era das mais brilhantes nem das mais agradáveis, não me dava contudo grandes motivos de queixa. Não me faltavam os meios de subsistência, honradamente adquiridos; a minha vida, regulada com a precisão de um relógio, não tinha, é certo, as festas e os prazeres requintados dos opulentos, mas passava suavemente sem os abalos e as amarguras da necessidade. A minha posição, que muitos poderiam invejar, tornou-se de súbito precária: não sei como cheguei a isto.

— Realmente é duro! Um pai de família, honesto, trabalhador, num país tão farto como o nosso, ver-se reduzido a essa triste contingência!

— Sem saber por quê! Ganho dinheiro bastante, não tenho vícios que arruinem, não bebo, não jogo, não fumo, não faço despesas superiores às minhas posses! Como sucedeu isto?

— E sua família? De que modo a sustenta?

— Mande-a para a roça, recomendada à proteção de uns parentes generosos. Ah! Triste coisa!

- Porque não acompanhou os seus?
- Não era possível. Abandonar o emprego, nunca!
- Mas, afinal, não o compreendo. O senhor fala-me das suas necessidades, que eu bem vejo, e que me comovem profundamente, creia... e tem um emprego!
- Sim, senhor, um emprego excelente, que me dá perfeitamente para viver.
- Hein?!
- Sem dúvida!
- Mas o senhor não vive!
- Ah! é verdade! esquecia-me dizer-lhe que sou empregado municipal.

Platão

## Crônica 14

8 de agosto de 1895

### DIÁLOGOS

De um poeta ilustre, que admiro tanto pelas excelências de sua poderosa mentalidade como pela isenção absoluta de espírito, quando se pronuncia em assunto de arte, livre sempre da inveja, do ódio, do despeito e de outros sentimentos pequenos do ofício, foi-me dado ouvir a opinião esclarecida e competentíssima acerca do último livro *Palpitações sonoras*, que tamanho barulho tem feito nas rodas literárias.

— Oh! sim! exclama o ilustre poeta. É um livro admirável sob todos os pontos de vista, um verdadeiro acontecimento artístico! A poesia nacional terá nas *Palpitações sonoras* um dos seus mais belos monumentos.

— Que entusiasmo! O seu modo de ver e de se manifestar faz-me tanto maior impressão quanto se trata da obra de um camarada, um oficial do mesmo ofício. Nada pode haver mais honroso para ambos.

— Perdão! Em arte fui sempre superior não só aos acanhados preconceitos de escola, como aos baixos sentimentos que obscurecem a razão do crítico, quando julga o merecimento dos seus colegas. Um colega meu, triunfando por uma pujante manifestação intelectual, é como se fosse eu mesmo, porque gozo das mesmas alegrias e do mesmo orgulho, parecendo-me que o triunfo é também meu, a tal ponto vai a minha inteira solidariedade com ele perante a nossa Mãe Espiritual.

— É muito bem pensado! E como o senhor, pensam outros nobres espíritos. Veja a imprensa o acolhimento festivo que fez às *Palpitações*. Foi isso a perfeita unanimidade do elogio entusiástico para tudo.

— Não direi que o livro não tenha defeitos, e enormes, e numerosos! Mas as belezas...

— Numerosos!...enormes!...creio que não será tanto assim...

— Como não? O livro está cheio de incorreções e tolices que lhe prejudicam bastante as belezas, porque é incontestável que tem grandes belezas...

— Certamente, como o senhor mesmo, como toda a gente diz. É um conjunto de primores...

— Lá conjunto de primores não direi; mas não nego que seja um livro aceitável, com algumas qualidades boas. A forma está bem longe da perfeição, é por vezes bastante descuidada; porém o fundo é forte!

— A inspiração e o sentimento são extraordinários! Que elevação e que delicadeza!

— Não vou tão longe na apreciação! Sim, o poeta tem vãos largos e por isso mesmo tem desastrosas quedas. Demais, não nos iludamos com o nosso entusiasmo: estou em dizer que ali há pouca originalidade de concepção!

— Oh!

— Qual oh! Verdadeiramente não há ali nenhuma originalidade! Não se pode afirmar que o autor das *Palpitações* seja um grande engenho. Deixemo-nos de elogios tolos e engrossamentos inúteis!

— Ah!... Mas se no livro das *Palpitações* é tão pobre o engenho e tão defeituosa a arte, que diabo tem ele então?

— Quer que lhe fale com toda a franqueza? Não tem nada: não tem arte, não tem inspiração, não tem coisa nenhuma. É uma borracheira!

Platão

## Crônica 15

9 de agosto de 1895

### DIÁLOGOS

Mais operoso do que afortunado, o dramaturgo N. em vão procura repetidas vezes o empresário teatral D. para que este faça representar a sua última composição dramática.

O empresário evita-o sempre que pode: mas um dia é surpreendido, e tem de ceder ao peso das circunstâncias.

— Leia-me esta peça, — diz N., — e estou certo de que tratará logo de a pôr em cena.

— Pois sim, sim... mas não garanto presteza na leitura. Ando atarefadíssimo.

— Leia-a quando puder, contanto que a leia.

— Seja.

A peça vai para a gaveta do empresário, donde só sai muitos meses depois, durante os quais frequentes vezes é D. procurado pelo operoso dramaturgo, respondendo-lhe sempre:

— Ainda não li o seu trabalho. Quando tiver tempo... Poderia enganá-lo dizendo-lhe que já conhecia a sua peça; mas quero ser consciencioso.

— Bem.

Até que um dia o empresário declara a N., quando este já começa a desesperar:

— Finalmente já li o seu drama e não desgostei.

— Ora graças!

— A idéia é boa, e está regularmente desenvolvida; notei defeitos de estrutura, que são de fácil correção.

— Estou pronto a aceitar os conselhos que me quiser dar a esse respeito.

— A sua peça ressent-se dos senões de quem não conhece ainda todos os segredos do palco, e não sabe tirar todos os efeitos teatrais de um personagem ou de uma situação.

— É natural.

— As primeiras condições de uma obra desse gênero são a clareza e a concisão: dizer nitidamente o mais possível no menor número de palavras. Em certos casos é até conveniente, senão indispensável, precipitar, sem prejuízo da clareza. Um drama difere muito de um livro de gabinete, em que o autor pode espraçar-se a seu talento em observações e conceitos, sem a pressão do tempo e sem forçar o leitor, como forçaria o espectador se no teatro fizesse o mesmo.

— Compreendo e concordo.

— Dou-lhe estes traços gerais que a minha experiência sugere, julgando-os suficientes para o guiar no seu trabalho de correção. Em linguagem teatral chama-se *palha* a frase abundante, prolixa, muitas vezes sem significação, absolutamente estranha à essência da peça, e que, por bonita que seja, tem o inconveniente grave de retardar o andamento da ação e prejudicar os efeitos, que devem ser, tanto quanto possível, sucessivos, rápidos, imediatos. Corte a *palha*.

— Se eu cortar a *palha* e fizer outras modificações no sentido dos seus conselhos, acha que a minha peça poderá ser levada à cena no seu teatro?

— Acho, e fá-la-ei representar.

— Bem. Vou tratar disso já.

O dramaturgo despede-se radiante do empresário, para voltar logo depois, furioso, a dizer-lhe:

— Ora muito obrigado! O senhor nem sequer abriu o meu manuscrito!

— !

— As folhas ainda estão todas grudadas, como eu as trouxe, de propósito.

Platão

## Crônica 16

10 de agosto de 1895

### DIÁLOGOS

Sábado.

Um mendigo de bom parecer e modos decididos entra numa loja de fazendas.

— Passe para cá a minha esmola, intima a um caixeiro ocupado em despachar uma freguesa.

— Espere um pouco. Não tenha pressa. Para o lucro que você dá...

A casa está cheia. É uma lufa-lufa.

— Sei que não dou lucro nenhum, mas também não é essa a minha missão.

— Então, espere aí. Não hei de agora deixar de servir uma freguesa para servir o nobre cavalheiro.

O mendigo senta-se, dizendo consigo, com ar de compaixão:

— Pobre idiota! Não há que ver: esta gente está convencida de que me faz algum favor.

Passam alguns minutos.

O caixeiro apresenta uma moeda ao mendigo:

— Tome lá, e favoreça-nos com a sua ausência.

— Um vintém! Não se envergonha de me dar um vintém! Uma casa destas... Bem me disseram que ela estava falida!

— Hein! que diz este tratante?

Mas já o mendigo está longe. Vai monologando:

— Tudo está pela hora da morte. A triste verdade é que atravessamos uma crise horrível. Ninguém tem dinheiro. Olhem se eu não guardasse uns cobres para a velhice!

E com estas melancólicas reflexões, entra o mendigo num restaurante:

— Hoje não tenho grande fome. Ando muito indisposto do estômago; mas, enfim, de uma hora para outra pode vir-me o apetite.

É ao dono da casa que ele dirige tais palavras, porém o dono da casa não quer conversas nem liberdades.

— Você vá lá para a porta que é o seu lugar, e espere que eu te mande alguma coisa.

— Ora essa! Já me tocam para a rua! Esta casa está ficando muito fidalga! Pois olhe que é a última vez; perde o freguês e o amigo.

— Vá, vá, deixe-se de conversas. Além de não trazer vantagem ao negócio, ainda quer tomar o lugar da freguesia e atrapalhar o serviço.

O mendigo afasta-se considerando amargamente:

— À porta da rua, como se fosse um cão leproso! Decididamente esta profissão está muito desmoralizada.

Decorre um quarto de hora.

— Que demora! Pensará esta gente que eu estou aqui às suas ordens? Vou-me embora.

Mas um empregado acode com um embrulho.

— Aí tem. Bom apetite!

O mendigo abre o envólucro e diz desdenhosamente:  
— Carne assada de ontem! Nada, eu não como isto.  
— Oh! príncipe! Queria talvez *omelette* ou *jambon*?  
— Por quem me toma o seu patrão? Leve lá a sua droga.  
Mas, refletindo melhor, o mendigo acrescenta:  
— Está bem. Vou dar isto ao meu cachorro.

Platão

## Crônica 17

12 de agosto de 1895

### DIÁLOGOS

Idílio.

À meia noite, sob o luar dulcíssimo Romeu, palpitante, sobe a escada de seda, correndo aos beijos da celestial Julieta.

— Como vens tarde esta noite! — diz em ar de repreensão a apaixonada menina. Há uma hora que te espero. Vou apostar que estiveste em algum bródio com mulheres e libertinos.

— Oh filha, desculpa-me. Há ocasiões em que se não pode vir a hora certa. Não venho de pândega, venho do botequim, onde estive com alguns amigos...

— Logo vi.

— Em conversação muito séria, muito honesta. Não vás supor outra coisa! Falamos sobre política, letras, artes... assuntos graves.

— E por esses assuntos graves trocas a tua Julieta! Pérfido!

— Não troco, tetéia! És injusta! Não havia de abandonar os amigos. Que diabo te custou esperar um pouco mais?

— Dantes não eras assim. Antecipavas a hora das nossas entrevistas, e era com mais paixão que corrias ao meu encontro! Confessa que já te vais aborrecendo de mim.

— Não é de ti que me aborreço; os meus negócios é que me incomodam. Se soubesses como ando atrapalhado. Os credores não me largam, e são inúmeros. Não sei que voltas hei de dar à minha vida. Devo três meses de pensão, dois ao charuteiro, cinco ao barbeiro, e a lavadeira já hoje me disse que isto não pode continuar assim. Eu não vivo só de amor, pílulas!

— Tu vives bem pouco disso. Ah! Shakespeare!

— Deixa lá o Shakespeare. Eu queria que ele me visse agora! A propósito: estarás acaso à altura de ser mordida?

— Tenho muito pouco dinheiro em casa; mas sempre podes levar uns dez... Ultimamente tens-me sangrado muito!

— Filha, eu não hei de ir roubar! Se não apelar para os amigos... Anda, dá cá um chocho, disfarça e passa.

— Que beijo frio! Romeu, tu amas outra mulher!

— Não amo tal.

— Jura?

— Não tenho tempo...

— De jurar?

— Não, de amar. Só tu, só tu és o meu bem, o meu encanto, a minha felicidade. Passa os dez.

— Toma. Olha que isso não é dado! Não sei quantos dez e quantos vinte já tens levado daqui; o que sei é que, quando tens dinheiro, não te coças com algum para mim!

— Deixa estar que te pagarei tudo junto. Até amanhã!

— Já? É a tal coisa! Apanhaste-te servido e disparas! Vieste só para me dar uma facada.

— Ultrajas o meu amor! Não admito que nem por pilhéria digas tal coisa. Toma o dinheiro, mas certa de que não voltarei mais.

— Bem te conheço, pau de laranjeira. Leva o cobre, anda, que estás morto por isso, e até amanhã, se Deus quiser! Olha: agasalha-te bem, que a noite está fria.

— Até amanhã, lindeza! Sonha comigo.

Romeu desce a escada pensando:

— Ah! a sirigaita põe-se com luxos. Pois perdeu o freguês!

Julieta fecha a janela, dizendo:

— Decididamente suspendo-lhe a cesta. Não sou mãe de leitões.

Platão

## Crônica 18

13 de agosto de 1895

### DIÁLOGOS

Telefone.

- Allow!<sup>63</sup>
- Quem fala?
- Central.
- Que deseja?
- Nada. Toquei para ver se a linha funciona bem.
- Ah!
- Sabe que temos trovoadas ao sul...
- Não admira: tem feito um calor insuportável.
- Até logo!
- Passe bem.

.....  
Tr...i...i...in!

- Allow!
- Quem fala?
- ... notícia do *País*... um telegrama... como se explica?...
- Não ouço nada!
- ...hoje...Montevidéu<sup>64</sup> ... realmente...muito curioso...
- Mas quem está falando?
- ... mesmo... Rocha de Oliveira... ouviu?
- Que loja do Oliveira?
- ... atenção... bonde elétrico... Catete...
- Como? Pois o Oliveira foi pisado, no Catete, pelo bonde elétrico?
- Não! barulho... perturbação... linha...
- Um médico! ....
- O vestido para as duas horas...
- ... notícia do banquete...
- É fatigante conversar desse modo! Fatigante e inútil!

Tr... i... i... in!

- Allow!
- Quem fala?
- Que diabo! disposto a brincadeiras...
- Han?
- Pergunto se leu no jornal... não veio da costureira...

---

<sup>63</sup> Manteve-se a forma do jornal, por se tratar de provável adaptação de vocábulo estrangeiro.

<sup>64</sup> O correspondente d'A *notícia* em Montevidéu enviou um telegrama para a redação do jornal com informações sobre o banquete Telles-Aparicio relatando a amizade e a convivência harmônica entre os dois generais inimigos. O fato não era real, portanto o correspondente teve que se explicar para os leitores. Posteriormente, no dia 23 de agosto, é assinado o acordo de pacificação da Revolução Federalista do Rio Grande do Sul.

- ... um homem a morrer, abandonado...
  - ... três dias... com este sol... cheira mal!
  - Como! O homem que está a morrer ao sol, abandonado, já cheira mal?
  - ... abusar muito... dinheirão pelo feitio...
  - Quando começou... no terceiro brinde...
  - Que terceiro brinde? Fale mais claro!
  - ...despedida... Novelli... admirável *Luiz XI!*<sup>65</sup>
  - ... vestido de gorgorão... fabuloso!...
  - O agente da prefeitura... higiene... nariz...
  - Mas que diabo tem o agente da prefeitura com o vestido de gorgorão do Luiz XI no almoço de despedida do Novelli?
  - ... falou em almoço!...
  - Um burro morto... três dias...
  - ...pobrezinho, a expirar...
  - Está a expirar ou está morto?
  - Reclamei... respondeu... insolência!
  - Fez mal! Um burro morto, a expirar, deve ser mais bem criado!
  - ... costureira, homem!
  - Falo do Sant'Anna... drama Novelli...
  - ... chamados três médicos... mas nenhum...
  - Em estado de decomposição!
  - Basta! Até logo!
- .....
- .....
- Tr...i...i...in!
  - Allow!
  - Central?
  - Sim, senhor!
  - Vá para o diabo que o carregue!

Platão

---

<sup>65</sup> O ator italiano Erneste Novelli era considerado “o mais minucioso artista do palco que aqui tem trabalhado, dando interpretação detalhadamente estudada a criações dramáticas do teatro antigo, do teatro moderno e a reproduções cênicas de casos determinados da vida real” (cf *A Notícia*, 13 ag. 1895, p. 3). A peça escolhida para a despedida da temporada no Rio foi *Luiz XI*, representada no Teatro Santana no dia 13 de agosto.

## Crônica 19

14 de agosto de 1895

### DIÁLOGOS

Pequena entrevista com um cavalheiro distinto.

Assunto: o estado atual do serviço dos correios<sup>66</sup>.

A pessoa entrevistada (é palavra portuguesa, não?)<sup>67</sup> é das mais competentes para falar sobre correio, posto que não exerça funções, altas nem baixas, na respectiva repartição: mas escreve cartas a miúdo.

Está à altura do assunto e acima de qualquer suspeita. Não a anima sentimento de hostilidade a quem quer que seja.

O repórter *entrevistador* (é português, não?) começa o seu interrogatório inquisitorial:

- Qual a sua opinião sobre correios em geral?
- Acho que, se não existissem, seria preciso inventá-los.
- A que se destinam os correios?
- À transmissão, sob rigoroso sigilo, afora estado de sítio, de cartas particulares e públicas, e à remessa, entre vários pontos, de pequenos objetos e jornais de todo o tamanho.
- Como entende que deve ser feito esse serviço?
- O melhor possível. No meu fraco entendimento, as cartas confiadas ao correio devem ser prontamente entregues aos seus destinatários.
- E é isso que sucede invariavelmente?

---

<sup>66</sup> Os jornais recebiam diversas reclamações sobre o serviço dos correios. Em 12 de agosto, um leitor reclama “que há mais de um mês não vai o correio à cidade de Peçanha em Minas Gerais”(A *Notícia*, p. 2). Sobre o peço da postagem, uma nota publicada no dia 13 de agosto, diz o seguinte: “O Sr. diretor geral interino dos correios comunica-nos que nos prazo de 30 dias, a contar do 9 do corrente, será posta em circulação a nova emissão de bilhetes postais simples da taxa de 80 réis.”. (A *Notícia*, p. 1).

<sup>67</sup> Em uma conferência, Domício Proença Filho cita a reação de Eça de Queirós, em relação à palavra “entrevista”: “Então, Eça de Queiroz, um notável criador de formas novas que enriqueceram a língua portuguesa, não se furtava ao uso dos estrangeirismos, de tal forma, que mereceu críticas terríveis por isso, e se defendia galhardamente, e se defendia da mesma forma que Machado, à luz do gênio da língua e do equilíbrio. Cito um trecho curiosíssimo de um seu pronunciamento a respeito de um verbo, que começava a querer entrar na língua portuguesa, naquela época. Diz assim: “Este vocábulo entrevistar é horrendo - entrevistar é até difícil de dizer - tem uma fisionomia tão grosseira e tão intrusivamente yankee, como o deselegante abuso que exprime. O verbo entrevistar, forjado com o nosso substantivo entrevista, seria mais tolerável e de um som mais suave e polido. Mas ele também não gosta do entrevistar. Na sequência do artigo, ele diz que entrevistar em Portugal tem outro sentido, que também não é uma palavra muito bonita, e ele então pede aos brasileiros, com o seu poder de criatividade, que inventem uma palavra nova. Os caprichos idiomáticos do futuro, felizmente, agasalharam a “entrevista”, que também não era de seu agrado, como eu disse, e muita gente se recorda hoje daquele anglicismo teratológico, o entrevistar.”. (PROENÇA FILHO, Domício. Língua Portuguesa: Globalização, estrangeirismos: purismo ou acolhimento (conferência do dia 06/06/2000. Disponível em:

<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=4281&sid=531>. Acesso em: 7 de maio de 2009.

— Não. Às vezes as cartas levam tanto tempo a chegar ao seu destino, que parece até que vão pelo telégrafo, o nosso telégrafo.

— E a que atribui essa demora?

— As circunstâncias de serem urgentes. Os jornais noticiam frequentemente que tal carta, expedida para Santo Antonio da Patrulha, foi parar na cidade do Crato, e não é raro que percam encomendas de produtos comerciais pelo fato de não chegarem nunca às pessoas que as devem receber, o que, como é de imaginar, causa sempre um certo transtorno.

— Como acha que se pode remediar esse mal?

— Julgo que algumas tinturas geográficas numa parte do pessoal e algum escrúpulo em atirar fora cartas insignificantes contribuiriam eficazmente para que todas as encomendas fossem transmitidas a todos os pontos do Brasil servidos pelo correio.

— Os jornais também se queixam por vezes de que assinantes de fora não recebem a folha, enviada, aliás, como toda a pontualidade. Como explica essa falta, e como impedi-la?

— O amor da leitura é uma bela coisa para o espírito. Nada mais louvável do que o empenho de ler, aprender, saber... mas *est modus in rebus*<sup>68</sup> quando prejudica direitos respeitáveis. Acho que o melhor meio de contestar todos seria pagar uma assinatura especial de folhas para os agentes postais que gostam da leitura.

— Mas creio que o extravio de jornais nem sempre é devido ao gosto da leitura.

— Ah! vai falar-me da fiscalização dos conceitos políticos, e da repressão de propaganda aplicada àqueles que desagradam ao censor. Quanto a isto, reservo o meu modo de ver.

— Muito obrigado lhe fico pela franqueza com que me falou, elucidando perfeitamente a matéria.

— Não tem que agradecer... Veja, agora mesmo escrevi uma carta para Juiz de Fora. Vou manda-la já para o correio...

— Sem selo?

— Sim, o destinatário que o pague, que o interesse é dele.

Platão

---

<sup>68</sup> “*Há uma maneira de ser nas coisas; há um limite nas coisas – em todas as coisas há um limite; para tudo há medida certa*”. ARRIVABENE, Ariovaldo. *Dicionário de latim forense*. Pirassununga-SP: Lawbook editora, 2003. p. 171.

## Crônica 20

15 de agosto de 1895

### DIÁLOGOS

Reportagem ativíssima.

- Que fazes aqui, à porta do Papagaio?
- Horas. As oito hei de entrar azafamado na redação, deitando os bofes pela boca fora, assim como quem vem a correr de um serviço importante, e traz notícia de sensação.
- Ah! o sistema é bom. Tenho-o praticado bastantes vezes....
- Entretanto, luto com uma grande dificuldade. Tenho tudo: boa vontade, paciência, papel, lápis e boas pernas; mas falta-me a notícia.
- Por isso não te incomodes, dou-te a eu, que a tenho palpitante.
- Oh! bravo camarada!
- Toma nota: “O ministério reuniu-se ontem no palácio Itamarati...”
- Mas isso já eu sabia.
- Vai escrevendo: “... em conferência que durou quatro horas. O assunto de que se tratou foi reservadíssimo...”
- Reservadíssimo?
- Já sabes pois de que se trata?
- Mas, se o assunto foi reservadíssimo, não devo eu também guardar reserva?
- Estás ainda muito novo no ofício! Oh! tolo! pois não compreendes que, quanto maior é o mistério que rodeia uma coisa, tanto maior é o empenho de dar a esta uma ampla publicidade? E o figurão que a gente faz? e o serviço ao jornal?
- Lá isso é verdade. Então, conto tudo que sei sobre o tal assunto, e que parece ter visos de fundamento.
- Tenha ou não tenha visos, toleirão. Conta tudo que sabes de verdade, e acrescenta o que puderes inventar que seja verossímil. O repórter que não tem imaginação é melhor que vá fazer sapatos e não esteja tomando lugar aos outros.
- Aproveitarei o conselho.
- Tenho mais umas pequenas notícias que te servem.
- Dize.
- “Sabemos que vai ser alvo de uma imponente manifestação de seus amigos e admiradores o Sr. delegado X... Trata-se de uma verdadeira surpresa.”
- Surpresa?! Mas, noticiada com esta antecedência, deixa de o ser.
- Tanto melhor! A notícia é propósito para que o delegado se previna com as despesas. É verdade que ele já sabe.... mas, se a surpresa não fosse anunciada, a manifestação não se faria.
- Bem.
- Agora, um óbito que carece de confirmação: “Faleceu ontem, vítima de antigos padecimentos, o ilustre cidadão...”
- Mas o homem está vivo e bem vivo!
- Sim, porém não escapa. Podes dar a notícia... mas sempre é bom que vás a casa do homem.
- É verdade, porque ele pode lembrar-se de morrer amanhã, e isto seria o diabo!

— “Realizou-se ontem, com toda a pompa e solenidade, a sessão de posse da nova diretoria da sociedade...”

— Não, essa não dou! Tem paciência!

— Por quê?

— Porque a sessão foi transferida por morte do tesoureiro.

— Com a breca! foi bom saber!

— Obrigado! Corro ao jornal, que são horas.

O informador acompanha com olhar de soberano desdém o colega que se afasta:

— Pateta! Dei-lhe umas notícias sem valor...

E puxando do bolso um papelinho secreto, a *sensacional*, a verdadeira:

— Mas desta é, que ele não sabe! Que *furo* para amanhã.

Platão

## Crônica 21

16 de agosto de 1895

### DIÁLOGOS

Passa um enterro de uma senhora de boa sociedade, sobre cuja morte os jornais bordaram algumas frases sentidas.

Há um longo acompanhamento.

Imediatamente atrás do carro mortuário vai o viúvo com um dos seus amigos mais íntimos, que o procura consolar; mas o viúvo está inconsolável.

— Pobre Luizinha! Tão boa, tão meiga, tão fiel!

— Tenha resignação, meu amigo; é a lei do mundo...

— Ah! nunca poderei resignar-me a esta desgraça! não poderei resistir a este golpe!

— Lembre-se de seus filhos, tenras criancinhas com tanto amor educadas por ela, e que, perdendo-a, têm o direito de contar que você lhes seja ao mesmo tempo mãe e pai.

— Meus filhos!

— Lembre-se de que eles só a você têm agora no mundo!

— Sim, sim, meus filhos, coitadinhos, órfãos dos carinhos e das bênçãos maternais. Minha santa Luizinha!

— Deus assim o quis... resigne-se. Ela descansou enfim; está decerto melhor do que nós.

— Se existe um céu, deve ser para os anjos como a Luizinha!

— Creia que Deus lhe dará a recompensa de suas virtudes!

— Sim, sim, é só o que me consola! Mas que bonito acompanhamento! Deve haver aí uns quarenta carros.

— Eu contei vinte e oito!

— Já não é mau! Não fiz convites por cartas.

— Mas, conhecido e estimado como é, não admira que viesse tal concorrência!

— É ainda o que vale nos rudes embates desta vida, a sinceridade de verdadeiros amigos que se associam às nossas mágoas.

— Chegamos.

— Sim... Ah! minha infeliz mulher!

— Coragem!

À beira da sepultura o viúvo inconsolável quase tem um delíquio.

Torna-se preciso ampará-lo para que ele não caia dentro da cova.

Transportam-no para o carro, e o amigo íntimo sempre a prodigalizar-lhe o bálsamo das banalidades que se dizem nestas circunstâncias.

— Esposa idolatrada! modelo das mulheres! exemplo das mães! Em ti perdi mais do que a vida!

— Console-se, homem!

— Tão nova ainda! Trinta e dois anos e cinco meses!

— Coragem!

— Enfim, descansa a pobrezinha no carneiro n. 4.322.

Longo silêncio no sombrio carro que os dois homens de preto na roupa e no coração impregnam de uma indizível tristeza.

Ao chegar o carro ao largo do S. Francisco, o viúvo inconsolável deita a cabeça de fora, faz parar o veículo diante de um quiosque e grita para o dono deste:

— Você tem aí o n. 4.322?

Platão

## Crônica 22

17 de agosto de 1895

### DIÁLOGOS

Discussão do orçamento<sup>69</sup> na Câmara dos deputados.

O DEPUTADO A. — Sr. presidente, V. Ex. e o país inteiro são testemunhas do modo grosseiro, injurioso, revoltante, por que fui tratado pelo meu nobre colega B. no meu luminoso discurso de ontem sobre esta magna questão.

O DEPUTADO B. — Não apoiado. Não o tratei com grosseria; disse apenas que V. Ex. faltava desembaraçadamente à verdade.

O DEPUTADO A. — Ora, Sr. Presidente, não pode haver maior injustiça! Para que havia eu de faltar à verdade? com que interesse?

O DEPUTADO B. — Eu sei lá! Por alguma coisa foi! O que é certo é que não se defende da acusação.

O DEPUTADO A. — Sr. Presidente, eu não tenho aqui outro interesse que não seja o da nação, a cuja confiança procuro corresponder servindo-a honradamente na medida das minhas forças. Republicano dos tempos difíceis da propaganda...

O DEPUTADO B. — Oh! oh! oh!

O DEPUTADO A. — Que significa esse oh! oh! oh! Quererá negar que eu seja republicano histórico?

O DEPUTADO B. — Mas com toda a energia! Antes do 15 de novembro sempre o vi com os conservadores...

O DEPUTADO A. — Não há tal. Com eles só votei uma vez!

O DEPUTADO B. — Não se envergonhe do seu passado. Quase todos nós, republicanos históricos que aqui estamos, servimos a monarquia!

O DEPUTADO A. — Eu cá por mim servi a Pátria.

O DEPUTADO B. — Ela há de agradecer-lhe, creia.

O DEPUTADO A. — Não é com o fito em recompensas mais ou menos valiosas que cumpro os meus deveres de representante do povo, pugnando pelo bem geral.

O DEPUTADO B. — O país inteiro faz justiça aos sentimentos de V. Ex.

O DEPUTADO A. — Sr. Presidente, ainda ontem tive a honra de dizer a esta Câmara: A República ainda não está consolidada! Por quê?

O DEPUTADO B. — Dêem o governo a V. Ex. e verão.

O DEPUTADO A. — Previno V. Ex. de que não lhe admito esse tom sarcástico em relação à minha pessoa. V. Ex. tomou-me para objeto das suas chufas...

O DEPUTADO B. — Chuvas?

O DEPUTADO A. — Chufas. Eu não posso prestar-me ao papel ridículo que V. Ex. me dá.

O DEPUTADO B. — Não saia de si mesmo.

---

<sup>69</sup> O orçamento estava em pauta nas discussões, na Câmara dos Deputados. A crítica dirigida pelos colaboradores d'A *Notícia* contra os parlamentares, era que ao invés de verificarem os recursos, criavam serviços e repartições novas.

O DEPUTADO A. — Sabe V. Ex., Sr. presidente, o estado de anarquia a que está reduzido o meu.

O DEPUTADO B. — O seu quê?

O DEPUTADO A. — O meu estado. Os últimos telegramas que recebi falam de intervenção violenta do governo local nas eleições de anteontem, pressão escandalosa, terror e até creio que mortes!

O DEPUTADO B. — Onde foi isso? Em Madagascar?

O DEPUTADO A. — O candidato da oposição é o legitimamente eleito. O diploma que for expedido ao seu competidor não representará a verdade do pleito. Atenta-se contra a soberania do voto, única coisa que ainda nos resta neste descalabro.

O DEPUTADO B. — E V. Ex.?

O DEPUTADO A. — Ora, não me aborreça! Seja portanto, deputado, aquele que o é pelas urnas, o candidato da oposição!

O DEPUTADO B. — E a República estará consolidada.

O DEPUTADO A. — Tenho dito.

O orador é calorosamente abraçado e cumprimentado pelo deputado B. e mais colegas.<sup>70</sup>

Platão

---

<sup>70</sup> A propósito da situação da política naquele momento, Alberto Torres escreve, no dia 14 de agosto, um comentário sobre a formação problemática dos partidos: “De fato, à parte as grandes crises de transformação nacional, onde os partidos se constituem pelas correntes de opinião, representando aspirações opostas e definidas, os partidos militantes, nas épocas normais, resultam menos da orientação dos espíritos para objetivos doutrinários do que dos agrupamentos de indivíduos por força de afinidades sociais e morais, inteiramente estranhas aos interesses em pleito na vida política. Tomando por pretexto um ou outro princípio, os grupos se formam, os chefes aliciam, os partidos organizam-se, enfim, e se durante os primeiros anos, a preocupação da fidelidade as idéias adotadas, pode mantê-los numa média de coerência, dentro em pouco, o caráter dos elementos dominantes vai transformando a própria índole partidária para dar-lhe direção inteiramente oposta aos seus primitivos intuítos”. A incoerência partidária é tema da crônica de Coimbra. No dia 16 de agosto, discutia-se na Câmara um projeto sobre os casos de dualidades de assembleias e governadores nos Estados. O deputado Ramiro Barcellos contrário ao projeto, afirmou que todos sabem “que os casos de agitação doméstica nos Estados são consequência da caudilhagem política, que, infelizmente ainda existe, como uma herança má do regime passado”. Barcellos critica ainda o projeto, afirmando que “, as resoluções que forem tomadas pelo congresso nos casos de intervenção em um Estado, hão de sempre ser casuísticas, porque serão sempre favoráveis ao partido que sendo no Estado parte no conflito político que se der, dispuser de maioria no congresso federal”. (*A Notícia*, 16 ag. 1895).

## Crônica 23

18 de agosto de 1895

### DIÁLOGOS

- Se nós inventássemos uns boatos<sup>71</sup>?
- Valeu! Será uma distração e disto andamos necessitados.
- Há crise ministerial...
- Mas se não há a mínima divergência entre os membros do governo!
- Por isso mesmo. Maior é a impressão causada pelo boato.
- Quantos ministros se retiram?
- Todos!
- É grave!
- Mas provavelmente tudo acabará numa composição amigável.
- Homem! esse boato, francamente falando, não é grande coisa.
- Pois então ouve lá este: perderam-se todas as esperanças de paz.
- Ah!
- Não houve meio de chegarem a um acordo os generais de ambas as partes contendoras.
- Oh!
- Os federalistas querem oitenta mil contos de indenização.
- Cem mil contos.
- Garantia dos postos aos militares.
- Promoção ao posto imediato.
- Revisão da constituição do estado.
- Governo seu.
- Mas o almoço congratulatório?
- Ficou sem efeito, por causa de um jantar tempestuoso!
- Ah! ah!
- O governador arma-se até aos dentes.
- Oh! oh!
- Seis mil carabinas Mauser.. duzentos barris de pólvora... dois navios de guerra...
- Navios de guerra no Rio Grande do Sul?
- Com a fortuna! Nem me lembrava...
- São essas pequenas coisas que desmoralizam às vezes os boatos sérios.
- Felizmente o governo oriental...
- Que tem?
- Parece que desta vez intervirá a favor...
- A favor?

---

<sup>71</sup> Circulavam no Rio de Janeiro diversos boatos sobre a situação política no país. Ferreira de Araújo comenta no editorial *d'A Notícia* que “Tem-se passado mais dias do que se contava sem que venham notícias do sul de que a pacificação é um fato consumado. O espírito público perde-se em conjecturas, e os boateiros dão largas ao seu espírito inventivo” (*A Notícia*, 17 ag. 1895). O fato, provavelmente foi ensejo para se criar a coluna “Boatos”, publicada diariamente na 2ª página d’*A Notícia*.

- Nada! Este é forte!
- Tenho um melhor: foi proclamada a república na Espanha!
- Na Península Ibérica!
- Não! Nada de Península Ibérica!
- Por quê?
- Não viste que Portugal ainda outro dia desmentiu categoricamente a sua república?
- Razão de mais! Aquilo que parece absurdo é que pode ser mais verdadeiro.
- Um boatozinho sobre a ilha da Trindade?<sup>72</sup>
- Sim. Dizem que está cercada d'água por todos os lados.
- Bravo, bravo!
- Manobra inglesa para a tornar inacessível.
- Porque não quisemos aceitar a troca que nos propôs a Inglaterra.
- Qual troca?
- Dávamos a ilha e ficávamos com as Índias.
- Oh! que bonito boato! mas é capaz de não pegar.
- Pega! então julgas que há boato impossível para a credulidade pública?
- Afinal, bem poder ser verdade tudo que estivemos a inventar. Quem sabe?
- Quem sabe?

Platão

---

<sup>72</sup> O caso da Ilha de Trindade ainda não estava solucionado. Ferreira de Araújo comentou, no dia 16 de agosto, que a ocupação era tratada pela rainha da Inglaterra como um “pequeno incidente”.

## Crônica 24

19 de agosto de 1895

### DIÁLOGOS

- Senhor, tenho a satisfação de ser seu vizinho, ali da casa fronteira.
- Ah!... Parece-me tê-lo visto à janela.
- Sim, senhor. Foi à janela que tive a felicidade de conhecer a senhora sua filha, um anjo!
- Não continue: já sei o que vai acrescentar: enamorou-se dela...
- Amo-a loucamente, senhor!
- E vem pedir-me a sua mão.
- É verdade. Só serei feliz casando-me com ela. Oh! por quem é, senhor, dê-ma, ou, do contrário, fará de mim, creia, o homem mais desgraçado deste mundo. Sinto que já não posso viver sem a senhora sua filha, que é a minha alegria, o meu estímulo para o trabalho, a minha ventura! Sou moço, prezo-me de ser um pouco inteligente, tenho diante de mim uma carreira decente e segura, sou honesto e bem intencionado...
- Não ponha mais na carta: passo a conhecê-lo como às minhas mãos.
- Ansioso espero a sua resposta. A minha vida está pendente dos seus lábios. Com um só monossílabo o senhor pode decidir a minha sorte.
- Meu caro amigo, na qualidade de pai da moça que o senhor diz amar tanto...
- Oh! adoro-a, senhor!
- E, provavelmente, na de seu futuro sogro...
- Diga antes: com toda a certeza, se bem que esse *provavelmente* derrame sobre a minha alma o gozo celestial.
- ... Devo fazer-lhe umas observações preliminares.
- Faça-as, senhor, faça-as! Ouvirei todas as observações.
- Pesou bem todas as consequências do passo que tenciona dar?
- Pesei.
- Sabe se é correspondido no seu afeto?
- Tenho a mais plena segurança de o ser. Foi mesmo a senhora sua filha que me autorizou a pedi-la.
- Bem. Vamos falar como homens práticos, porque, enfim, nada mais prático do que o casamento.
- Este será para mim toda a poesia da minha existência.
- Minha filha não é o que se pode chamar uma beleza...
- É um anjo, senhor!
- Sei, já mo disse... Mas, se não é uma beleza, deve reconhecer-se com justiça que é bastante simpática.
- Adorável!
- A natureza não foi madrasta para ela. Deu-lhe aptidões superiores para uma dona de casa, e a par disso um coração generoso e extremamente sensível.
- Um coração de pomba!

— Isso não impede que tenha um geniozinho... um geniozinho... Não sei como diga... Ela é por vezes um pouco birrenta, rezingueira, tem seus ímpetos violentos, gosta de gritar e bater o pé a mínima contrariedade.

— Ah! Espero que viveremos num céu sem nuvens.

— Também o espero. Se o meu amigo é dócil...

— Docílimo!

— Bem. Vamos agora ao que mais importa: tenho alguns cabedais...

— Oh! senhor, creia, isso para mim é o menos, é coisa de que não cogitei!

— Mas não sou tão rico como dizem. Por circunstâncias especialíssimas, que não devo referir, sinto-me impossibilitado de dar à minha filha o menor dote...

— Ah!

— Felizmente, visto que para o senhor isso é o menos, nada há que possa impedir este casamento. Entretanto, a minha franqueza e lealdade impunham-me esta declaração... Então, que diz?

— Peço seis meses para refletir.

Platão

## Crônica 25

20 de agosto de 1895

### DIÁLOGOS

- Tu sabes gramática?
- Desconfio que sei. Faça-a como o Sr. Jourdain<sup>73</sup> fazia prosa: insensivelmente.
- Isso é gênero de primeira necessidade!
- Alguns letrados dizem que sim, e chamam-lhe até a proibidade do escritor.
- O que é um modo claríssimo de injuriar meio mundo.
- Eu cá por mim entendo que, se a gramática não faz bem, mal também não pode fazer.
- Desde que existe, deve ser necessária. Esta minha opinião fortaleceu-se ainda agora com uma polêmica travada na imprensa sobre questões filológicas. Repara que digo filológicas.
- Reparo. Elucidemos um ponto assaz importante: como é que dizes: *havera* ou *havia*?
- Conforme. *Havera* é uma simples possibilidade: pode haver e pode não haver, ao passo que *havia* é fatal, havia por força, percebes?
- Não. Mas não importa: vamos a outro ponto. Tenho visto a palavra *sala* escrita com um / só e com //; como a escreves tu?
- Também é conforme. Saberás que há sala e sala. Saberás que sala com um / é só uma sala comum, uma sala pobre, uma sala ordinária, e sala com dois // é uma grande sala, uma sala rica, uma sala de palácio. Falem-me desta. Vês tu como é lógico este processo gramatical? aumentaram-se as letras de uma palavra na razão da importância da coisa que essa palavra exprime. Compreendeste?
- Perfeitamente.
- Faz-me dó, com franqueza, ver esses gramatiquinhos que discutem sem proveito temas de nonada, quando há destas coisas transcendentales que, aliás, escapam à perspicácia de muitos.
- Escreves chouriço com o cedilhado?
- Não escrevo com x, porque o x dá uma certa graça e evita a pronúncia de k. Agora *linguiça* escreve-se indiferentemente com ç cedilhado e com dois ss; de qualquer maneira se abranda a palavra, que deve ser macia como o objeto, entendes?
- Sim.
- Vês ainda que é também lógico este processo. O vocábulo deve dar o melhor possível a impressão da coisa.
- Deus me perdoe, mas quer-me parecer que isso é gramática naturalista!
- Tu o disseste! Oh! o que tem progredido a filologia, conseguindo dar à língua a expressão justa e perfeita! Expressão! Aqui está uma palavra que escrevo...
- Com o cedilhado?
- À vontade!

---

<sup>73</sup> Personagem de Molière, da peça *Le Bourgeois Gentilhomme*, que tomava lições do Mestre filósofo para poder ascender socialmente.

— Já sei: pela mesma razão de naturalismo. Bem; estou regularmente instruído, e, em troca da lição, vou pagar-te um refresco. É verdade, eis aqui uma palavra em que não podes meter a cedilha.

— Não, refresco não tem cedilha, nem mesmo sendo gelado.

Platão

## Crônica 26

21 de agosto de 1895

### DIÁLOGOS

Num armarinho da rua do Ouvidor, segundo Bilac... e a verdade.

Personagens: uma moça de boa família e um caixeiro apelintrado.

O CAIXEIRO. — Ora viva quem é uma flor! Como vai essa bizzarria?

A MOÇA. — Bem, obrigada, *seu* Pereira.

O CAIXEIRO. — A sua mamãe?

A MOÇA. — Ficou ali, no Paschoal, a comer umas empadinhas.

O CAIXEIRO. — Muito gosta de empadinhas a sua mamãe!

A MOÇA. — Morre por elas! Eu cá por mim gosto mais de *croquettes*!

O CAIXEIRO. — São melhores, são! Então, que se diz de bom?

A MOÇA. — Nada... Ah! A Maricota parece que vai casar. Eu digo: parece por que já não é a primeira vez que ela está para casar, e não casa.

O CAIXEIRO. — Só por culpa dela. Uma namoradeira, que dá trela a todo o mundo! Os rapazes sérios acabam por não lhe dar importância. Eu já evito falar-lhe.

A MOÇA. — Que fim levou aquele moço que costumava estar parado ali defronte, junto daquela vidraça?

O CAIXEIRO. — Não sei. Aquele diabo desapareceu misteriosamente. Teria ido para Juiz de Fora?

A MOÇA. — Porque Juiz de Fora?

O CAIXEIRO. — É uma frase da revista *O Major*<sup>74</sup>. Juiz de Fora é o lugar onde se refugiam os caiporas.

A MOÇA. — Não vi o *Major*. Também já não sei há quanto tempo não vou a espetáculo... Minto: outro dia fui aos cavalinhos.

O CAIXEIRO. — Gostou?

A MOÇA. — Muito! Para mim não há como os cavalinhos. Só os palhaços quanto não valem!

O CAIXEIRO. — Pois eu cá prefiro uma bela opereta com bonitas pernas. Isso é que é sugestivo, como se diz agora!

A MOÇA. — Sugestivo! Que vem a ser isso?

O CAIXEIRO. — Sugestivo é assim como quem diz uma coisa muito boa. Quando a gente quer exprimir que aprecia muito uma pessoa ou um objeto, não tendo mais palavras aplica-lhe o *sugestivo*. É *chic* e melhor do que qualquer outro termo!

A MOÇA. — Eu já li isso não me lembro onde.

O CAIXEIRO. — Em Spencer<sup>75</sup>, talvez?

A MOÇA. — Não, não foi nesse livro; foi se não me engano, num romance francês.

O CAIXEIRO. — Paulo de Kock<sup>76</sup>?

A MOÇA. — Não tomei nota do autor.

---

<sup>74</sup> Revista de ano de 1894, de autoria de Artur Azevedo, encenada pela primeira vez no Teatro Apolo, em 3 de maio de 1895.

<sup>75</sup> Herbert Spencer (1820-1903) filósofo inglês.

<sup>76</sup> Charles Paul Kock (1793-1871) romancista francês, famoso por descrever cenas de Paris.

O CAIXEIRO. — Paulo de Kock é o meu homem. Gosto também do Camilo e do *Rabelés*<sup>77</sup>, um escritor de França que conta coisas passadas em Portugal.

A MOÇA. — Por falar nisso: o *seu* Magalhães já voltou de Lisboa?

O CAIXEIRO. — O sócio da casa? Ainda não! Está muito mal! Creio que casa mesmo com a mulata.

A MOÇA. — Chi!... Ah! aí vem mamãe! (*Disfarçando.*) Pois, *seu* Pereira, as suas fitas não me servem... Adeusinho, até amanhã!

O CAIXEIRO. — Excelentíssima...

Platão

---

<sup>77</sup> Escrito em itálico no jornal, provavelmente, por indicar um erro no nome do autor francês, o correto é Rabelais.

## Crônica 27

22 de agosto de 1895

### DIÁLOGOS

Há homens muito distraídos.

Um deles, ao ver um amigo de quem não recebe notícias desde alguns anos, cumprimenta-o como se o houvesse deixado na véspera:

— Vai bem, Freitas?

— Homem essa! não me vêes há um século e é com essa frieza que me tratas, como se eu te fosse indiferente!

— Desculpa-me, ia jurar que... Passas bem de saúde, meu caro Freitas?

— Ah! Seabra!

— A senhora, os pequenos, bons?...

— Ah! Seabra!

— Que há?

— Não imaginas o meu caiporismo! De saúde não vou muito mal; mas perdi a mulher, há três meses, de uma tísica...

— Parabéns, nesse caso!

— Hein!

— Quero dizer: sinto muito, podes acreditar que sinto muito. Pobre amigo!

— Demais a mais, fui obrigado a fechar o estabelecimento. Os credores caíram-me em cima...

— Que desastre!

— Felizmente (há sempre compensações!) casei minha filha mais velha, a Idalina. Meu genro é um belíssimo rapaz!

— Coitado!

— Como? Lamentas o meu genro!

— O teu genro? não, é a ti que eu lamento. Pois não me disseste que havias quebrado?

— Sim, mas casei minha filha.

— Bem, e teu filho?

— Que filho? eu não tenho filho...

— Tens razão. Esta minha cabeça! Confundia-te agora com o Pinheiro... Está muito bem esse demônio! Enriqueceu em dois anos.

— A uns morrem as vacas...

— E a outros sai a sorte grande sem bilhete.

— Como sabes, cheguei a ter os meus sessenta contos. Embarquei tudo na geral...

— Ah! bem! já é ter sorte!

— Diabo leve tal sorte! Ainda por cima zombas!

— Não, não zombo. Estava a pensar no Pinheiro. Olha que o Pinheiro...

— É muito feliz, já sei. Estás a insistir no caso para me amofinar, não é assim?

— Por amor de Deus! que interesse posso ter em te amofinar? Falaste dos teus bons negócios de família e de comerciante; eu, como não os tenho, conversei sobre os dos amigos.

— Bolas! já te disse que rebentei como negociante e como chefe de família.

— Agora sim! Sempre tens uma tal maneira de contar os teus desastres, que me dá vontade de te felicitar. Verdade é que sou um pouco distraído.

- Chamas a isso um pouco!
  - Pois, meu caro, certifica-se da sinceridade dos meus votos de pesar. Os amigos velhos não se abandonam nem se esquecem. O maior prazer que me podes dar e recorrer à minha amizade para tudo em que eu puder ser-te útil. Crê que serei feliz se conseguir fazer alguma coisa por ti.
  - Agradeço-te comovido essa grande prova de afeição. É um verdadeiro amigo!
- Onde estás morando?
- Na rua da... mas a propósito: vem jantar comigo hoje.
  - Não, fica para outra vez.
  - Mas eu parto amanhã para a Europa.

Platão

## Crônica 28

23 de agosto de 1895

### DIÁLOGOS

A cena passa-se num dos nossos mais conceituados *restaurants*.

UM FREGUÊS, *que há meia hora espera uma alma caridosa que lhe venha perguntar o que deseja; timidamente a um caixeiro*. — Psiu!

UM CAIXEIRO, *aproximando-se do freguês; desdenhosamente*. — É comigo que fala?

O FREGUÊS, *muito tímido*. — Peço-lhe mil perdões se ousei incomodá-lo, mas pretendia jantar...

O CAIXEIRO, *aborrecido. Aparte*. — Mais um! Decididamente, é uma praga. (*Alto, com rispidez*). Diga o que quer, e depressa!

O FREGUÊS, *arriscando um pedido exorbitante*. — Muito me obsequiaria se quisesse facultar-me a lista...

O CAIXEIRO, *severo*. — Para quê? É a tal coisa! Não podem passar sem a lista! Como se adiantassem muito com isso... Enfim, vá lá!

O FREGUÊS, *depois de passar os olhos rapidamente pela lista*. — Se me fosse lícito desejar uma *purée* de ervilhas...

O CAIXEIRO. — Ah! pois sim! O Sr. supõe então que a *purée* de ervilhas está aqui às ordens de quem vem pedi-las às 10 horas da noite...

O FREGUÊS. — Perdão! peço-lhe licença para fazer notar que são apenas oito e um quarto.

O CAIXEIRO. — Ou isso! Se lhe parece que são horas de pedir uma sopa dessas...

O FREGUÊS. — Bom! Quero ser prudente: não insistirei sobre a *purée*; mas atrevo-me a solicitar uma sopa de macarrão. Será possível arranjá-la?

O CAIXEIRO. — Vamos ver... vamos ver... Não digo que sim, nem que não. Às vezes sobra o macarrão. Como é a sopa pior que aqui se faz...

O FREGUÊS. — A pior?

O CAIXEIRO. — Sim, mas isso não quer dizer nada. Vamos lá saber o que mais deseja, para trazer logo... Não hei de estar para cá e para lá, a perder tempo.

O FREGUÊS, *com muito receio*. — Mas isto assim... com esta presteza... Como poderei saber o que me apetecerá depois da sopa?

O CAIXEIRO. — É fácil. Eu arranjo-lhe o *menu*. Macarrão, uma pescadinha.

O FREGUÊS. — Peixe?

O CAIXEIRO. — Decerto. Julgará acaso que pescadinha é carne? Essa é boa!

O FREGUÊS. — Eu não julgo nada sobre a pescadinha; mas, aqui entre nós, com sua licença, detesto o peixe...

O CAIXEIRO. — Não faz mal! Pescadinha, um bife *aux petits pois*...<sup>78</sup>

O FREGUÊS. — Bife! Por quem é! eu já estou tão farto de bife...

O CAIXEIRO. — E então eu! mas que importa! Venha o bife! O mais que lhe posso fazer é substituir os *petits pois* por batatas.

<sup>78</sup> Expressão francesa que significa “às ervilhas”.

O FREGUÊS. — Enfim, já é uma concessão, que muito lhe agradeço.  
O CAIXEIRO. — Dois ovos quentes ou estalados...  
O FREGUÊS *emendando disfarçadamente*. — Estrelados.  
O CAIXEIRO. — Bonito! temos outra! Agora quer o senhor convencer-me de que estalados...  
O FREGUÊS. — Perdão, mas quer-me parecer que estrelados é que é...  
O CAIXEIRO *cortando a questão, em tom superior*. — Bem! bem! não discutamos... Há de compreender que eu não posso perder tempo com estas conversas... Vou ver se o despacho.  
O FREGUÊS. — Faz favor?  
O CAIXEIRO *já de longe, autoritário*. — Que é?  
O FREGUÊS *(levantando-se, todo tímido)*. — Tem a bondade de me informar onde poderei, pagando, jantar à minha vontade?

Platão

## Crônica 29

24 de agosto de 1895

### DIÁLOGOS

— Ando muito atrapalhado da minha vida; posso mesmo dizer que atravesso uma crise terrível. Tens aí vinte mil réis que me emprestes?

— Não, também eu ando baldo ao naípe. Os tempos estão maus como nunca.

— É verdade. Não sei quando acabará isso. Toda a gente se queixa de falta de dinheiro. Só nos faltava agora, para coroar a obra, uma boa epidemia!

— Livra! nem falar nisso é bom.

— E dez?

— Dez quê?

— Dez mil réis! Não tens aí dez mil réis?

— Não, filho. As minhas finanças estão magríssimas!

— É o diabo! Fazia-me tanta conta arranjar uns dez... Que calor, hein!

— Está um calor fortíssimo! Nem parece que é este o mês de agosto.

— Desta vez não tivemos inverno! Isto é uma terra impossível! Está bem, passa-me ao menos cinco...

— Cinco mil réis! Se eu os tivesse, casava-me!

— Safa! não te julgava assim tão esbodegado!

— É para veres! Imagina agora as economias forçadas que tenho de fazer até setembro. Isto é o que se pode chamar ter a sela na barriga.

— Há muito tempo que na barriga eu não tenho outra coisa. O que vale é que é por fora.

— Olha que pequena bonita vai ali! E eu com as algibeiras vazias!

— Sim, aquela pequena... Feia, feia não é, mas também não a acho lá essas coisas. Há-as muito melhores...

— Decerto conheço várias.

— Também eu as conheço. Ao menos, passa-me dois mil réis.

— Nem isso tenho! E lembra-me de que ainda ontem eu era possuidor de uma nota um pouco avantajada, e gastei-a estupidamente. A gente, quanto tem dinheiro, até parece que fica embrutecido.

— Comigo é o inverso: só ando embrutecido quando não tenho dinheiro.

— Já notei há muito tempo que é esse o teu estado normal.

— O embrutecido?

— A esbodegação!

— Que queres? Acha que não é crime ter necessidades; é um caso de força maior. Então, nada mais natural do que recorrer aos amigos. Vamos, dá cá dez tostões. Não estás à altura de dez tostões?

— Não estou à altura de coisa nenhuma. Faço aqui horas para ir morder o... Bonito! agora me lembro de que o demônio do homem partiu ontem para Petrópolis!

— Cinco tostões?

— Não tenho, com a breca! Quantas vezes queres que te diga que não tenho dinheiro nenhum?

- Que miséria!
- Horrorosa!
- Vou tratar da vida. Até logo. Dá cá um níquel para o bonde.

Platão

## Crônica 30

26 de agosto de 1895

### DIÁLOGOS

- Finoca!  
— Alfredo!  
— Como tu és bonita! e como eu te amo!  
— Meu querido, o meu coração está todo cheio de ti!  
— Quem, ao ver-nos agora, seria capaz de dizer que está aqui um casal... de dois anos?  
— Antes parecemos noivos!  
— Simples namorados!  
— Ah! o verdadeiro amor é eterno; diz-se que só a amizade não morre, mas não é verdade, porque o amor...  
— Em todo o caso, não há muitos casais como nós!  
— Talvez não haja vinte!  
— Não há mesmo dez.  
— Somos das exceções, então?  
— Somos a exceção, o que ainda é mais.  
— Podemos dar ao mundo um exemplo.  
— Finoca!  
— Alfredo!  
— Como tu és bonita e como...  
— Sim, sei! O meu coração está todo cheio...  
— Oito horas da noite! Ia-me esquecendo o negócio do Campello.  
— Que negócio?  
— Um negócio de terras... contrato a assinar...  
— Assina-se algum contrato às oito horas da noite?  
— Não, mas é preciso ver, examinar...  
— Examinar as terras?  
— Não é isso! Trata-se de papéis, muitos papéis, documentos, mapas, muitos mapas...  
— Ah! sim!  
— Grande maçada! Enfim...  
— Que aborrecimento! Não há dez minutos que chegaste e já te vais embora...  
— Filha, os negócios...  
— Hoje nem jantaste em casa!  
— (Pudera jantei com a Carolina!) O dever! oh! dever bem amargo! que cruel!  
— Paciência! precisa-se ganhar a vida! Mas se queres que seja franca, não acredito nesse negócio do Campello... A apostar que anda por ali alguma Campella...  
— Oh! suspeitas da minha fidelidade! da minha lealdade! O Campello, um homem tão sério! um negócio tão importante!  
— Tu és bom para o fogo. Vai, vai e volta cedo se puderes...  
— Talvez me demore um pouco. Sabes que estes trabalhos...  
— Levam tempo, sim, bem sei. O que vale é que nós não brigamos.

- Finoca!
- Alfredo!
- Como tu és bonita e como eu te amo!
- O meu coração está todo cheio de ti!
- Adeus, até logo! Não te aborreças muito na minha ausência!
- Farei o possível por me divertir.
- És uma flor! (É um peixão, a Carolina!)
- Olha, meu querido, se tu quiseres ser muito gentil comigo...
- Então?
- Farás o favor de não me acordar quando chegares...
- Finoca!
- Até amanhã, hein! O que vale é que nós não brigamos!
- Ninguém, ao ver-nos, dirá que somos um casal de dois anos! (Corro à Carolina!)
- Vai, que já tardas...
- Finoca!
- Alfredo!
- Como eu te amo!
- O meu coração...

Platão

## Crônica 31

27 de agosto de 1895

### DIÁLOGOS

— Pois é como te digo: o Teófilo é o que se costuma chamar um coração de ouro. Que grande alma! que nobreza de sentimentos! que generosidade sem par! que modéstia invencível!

— Se não me engano, nem sempre pensaste assim do Teófilo. Já te ouvi dizer muito mal dele.

— Eu? nunca!... Ah! sim, é possível... Mas não o conhecias bem, estava enganado, porque o Teófilo é uma pérola, folgo em reconhecer, e sabes que sou sincero.

— Ainda bem.

— Tua irmã será muito feliz desposando esse digno rapaz.

— Assim o espero.

— Ele tem todos os requisitos para encantar a existência de uma mulher que o ame.

— Todos? melhor!

— E dizendo todos, talvez eu não diga tudo. Nota que o meu elogio é tanto mais valioso quanto parte de um homem que tem contra o Teófilo sérios motivos de queixas.

— Ah! Fez-te alguma?

— Posso mesmo afirmar algumas. Fui por vezes vítima de certas partidas com que ele me ia comprometendo deveras. Mas isto não influi no meu espírito e eu sou um homem sincero...

— Partidas sérias? de que gênero?

— De diversos!

— De dinheiro?

— De dinheiro e de amor!

— Hum!

— Porque ele é um farsista do tamanho deste mundo, e muitas vezes as suas brincadeiras são de um terrível mau gosto. Mas isto não impede que eu reconheça ser ele um bom moço. Tua irmã pode ser feliz com este casamento.

— Creio que fazes votos por isso.

— Certamente... Sou um homem sincero: não vou afirmar que o Teófilo é um mau sujeito só porque ele me fez algumas canalhices.

— Canalhices?

— Oh! de marca maior! Olha que cheguei a chorar lágrimas bem amargas por causa daquele demônio!

— Como?

— Coisas que não vêm ao caso...

— Hás de perdoar: vêm muito ao caso...

— Enfim, passou-se. O que lá vai, lá vai! Mas olhe que de uma vez, por falta de escrúpulo, em certa transação de alguns contos de réis, ele quase deu comigo na Detenção.

— Hein!

— Sim, senhor! De outra vez meteu-me não sei como, numa aventura galante, expondo-me as fúrias de um marido ultrajado.

— Conta-me isso.

— Teófilo arrastava a asa a uma senhora casada, que lhe correspondia; mas, quando o marido descobriu a coisa, o ladrão teve artes de se pôr a salvo, fazendo-me passar pelo sedutor. Por causa desta brincadeira, recebi nas costas um tiro de que ainda conservo o sinal.

— Será possível?

— Mas repito: nada disto me impede de dizer o que penso dele. Não lhe quero mal; entretanto aquele rapaz não há de ter bom fim. Sou muito sincero.

— Bem o vejo.

— Sabes que ele é viúvo há pouco tempo e que a mulher morreu misteriosamente.

— Misteriosamente! não o sabia!

— Pois há quem afirme que foi ele que a envenenou.

Platão

## Crônica 32

28 de agosto de 1895

### DIÁLOGOS

Gabinete confortável e rico em casa de tratamento.

Estendida voluptuosamente num canapé, está uma interessante senhora, de ar inteligente e decidido. Entretém-se a ler um romance moderno. Não é a dona da casa; é a criada.

A CRIADA, *cessando de ler, levanta-se, vai a uma mesa e faz soar o tímpano*. Dez horas da manhã! Querem ver que Paulina ainda não acordou? Não dá sinal de si.

A AMA, *aparecendo*. A senhora chamou?

A CRIADA. Chamei, sim! Estava a dormir?

A AMA. Não, senhora. Até acordei hoje mais cedo, posto que houvesse recolhido ontem mais tarde.

A CRIADA. E onde esteve, pode saber-se?

A AMA. Fui ao teatro.

A CRIADA. Bonito! Sem licença minha!

A AMA. Decerto. Parece-me que tenho liberdade de ir com meu marido onde bem nos pareça.

A CRIADA. E a mim parece-me que você abusa dessa liberdade. Não digo que deixe de se divertir, mas ultimamente as suas saídas tem sido muito frequentes. Convém não contar demasiadamente com a minha bondade; não gosto de maltratar as amas, sou até com elas muito condescendente, mas condescendência tem limites

A AMA. Eu sei porque fala assim. É porque as criadas continuam a estar numa ponta...

A CRIADA. Não a entendo, explique-se!

A AMA. Sim, quero dizer que o serviço doméstico, entre nós, vai de mal a pior, e então, como as amas precisam, as criadas abusam...

A CRIADA. Isto é para quem quer, e para quem não quer há muito.

A AMA. Tem razão! Meu Deus, quando alcançaremos a nossa independência?

A CRIADA. Bem, basta de reflexões. O meu banho está pronto?

A AMA. Quase. Ainda não tive tempo...

A CRIADA. Quando eu digo... Mas, criatura, que esteve você a fazer até agora que não aprontou o meu banho?

A AMA. Estive ocupada em outros serviços. Também não posso chegar para tudo, e fazer tudo a tempo e horas.

A CRIADA. Como não pode? É a tal coisa! Se você não levasse horas e horas de conversa na cozinha, e sobretudo se acordasse à hora que deve, já lhe sobraria o tempo. Mas não, você vai aos teatros todas as noites, frequenta a rua do Ouvidor, dá passeios pelos arrabaldes, e até atreve-se a ir ao Cassino. Deixe estar, minha rica, que isto vai ter um fim!

A AMA. Está bem. Prometo fazer o possível para a contentar, de hoje em diante.

A CRIADA. Promessas! promessas... já não é a primeira a que você falta. Olhe que sempre sou muito boa! Outra qualquer, no meu caso, com certeza já não estava disposta a aturá-la.

A AMA. Sim, senhora. Reconheço que é uma boa criada.

A CRIADA. Vá, vá tratar do meu banho, e diga à cozinheira que quero o almoço para as onze horas em ponto. Ao meio dia hei de estar na rua.

A AMA. Então, estou perdoada?

A CRIADA. Está, está! Não tenho alma de ser severa com você e é esta fraqueza que me perde. Vá. Depois ainda há de queixar-se de mim.

A AMA, *saindo, aparte.* \_ Estas criadas nunca estão satisfeitas!

Platão

## Crônica 33

29 de agosto de 1895

### DIÁLOGOS

- A VIÚVA A. — Fui casada dez anos, e nunca meu marido me deu motivo de desgosto.
- A VIÚVA B. — Eu também, em doze anos de união, jamais tive um dissabor que fosse por causa do meu defunto.
- A VIÚVA A. — Havia muita estima entre nós; sobretudo muito respeito.
- A VIÚVA B. — O meu Edmundo adorava-me! Não calcula o que éramos na intimidade; até parecíamos, sem exagero, dois pombinhos.
- A VIÚVA A. — Há casais assim: sempre unidos e [...] até a morte! Neste ponto, rendo fervorosas graças a Deus.
- A VIÚVA B. — E eu!... Ah! minha senhora, para uma mulher, solteira ou viúva, um marido é coisa tão indispensável como o ar que se respira!
- A VIÚVA A. — Eu vou mais longe: sustento que um marido é sempre bom, ainda que seja mau. Não sei se me entende.
- A VIÚVA B. — Está claro. O que é mau, deveras, é não ter marido. Por isso choro tanto o meu Edmundo!
- A VIÚVA A. — E eu o meu Ricardo! Não é que faltem pretendentes à minha mão...!
- A VIÚVA B. — Também eu, se quisesse, poderia estar casada segunda vez. Muitos rapazes distintos pretenderam ocupar no meu coração o lugar do meu Edmundo; mas entendi que a melhor maneira de honrar a sua memória era não lhe dar sucessor.
- A VIÚVA A. — Não pensou mal, se bem que uma mulher jamais pode dispensar um marido!
- A VIÚVA B. — Essa é que é a verdade. O marido é indispensável.
- A VIÚVA A. — E, por fim de contas, casar segunda e terceira vez, é ato natural, que não ofende nem prejudica o defunto...
- A VIÚVA B. — Talvez mesmo lhe seja especialmente agradável...
- A VIÚVA A. — Sobretudo se sua esposa for feliz.
- A VIÚVA B. — Aqui entre nós, o meu Edmundo era uma jóia, mas isto não significa que fosse o único homem digno...
- A VIÚVA A. — Há por aí tantos como o meu Ricardo; talvez até melhores, quem sabe?
- A VIÚVA B. — Quem sabe?
- A VIÚVA A. — O meu Ricardo era muito bom, muito amoroso, tinha um gênio excelente, mas também havia ocasiões em que se tornava impossível!
- A VIÚVA B. — O meu Edmundo foi sempre um esposo fiel e respeitador; mas às vezes me fazia passar bocadinhos terríveis!
- A VIÚVA A. — Lembro-me de que, por diversas vezes, à hora do jantar, por uma questão insignificante, puxou arrebatadamente a toalha da mesa e atirou com todos os pratos pela janela afora!
- A VIÚVA B. — O meu frequentemente atirava com as cadeiras, mas não era para fora, era para cima de mim.
- A VIÚVA A. — Mas isso eram pequeninas rugas.
- A VIÚVA B. — Bagatelas, coisas que se dão sempre, porque todos são os mesmos, deixe lá falar!

A VIÚVA A. — Não há escolher; e é aceitá-los como são!  
A VIÚVA B. — Com franqueza; bem boas biscoas!  
A VIÚVA A. — Ah! minha cara, os homens são umas verdadeiras pestes!  
A VIÚVA B. (*Suspirando*). — Mas não podemos passar sem eles!

Platão

## Crônica 34

30 de agosto de 1895

### DIÁLOGOS

- Faz-me o favor do seu fogo?  
— Pois não! Para quem é?  
— Para mim! Ora essa!  
— Ah! o menino que idade tem?  
— Onze anos! Sou já um homem! Admira-se de me ver tão bem conservado?  
— Não, senhor, mas sempre lhe farei notar que na sua idade estava bem longe de cogitar no cigarro.  
— É natural. Outros tempos outros costumes... O senhor já deve ser bastante velho.  
— Tenho apenas seis vezes a idade do menino.  
— Um macróbio!  
— Pelo que vejo, o meu amiguinho é muito precoce.  
— Precoce! sou apenas do meu fim de século! Mas então em que época supõe o senhor viver?  
— Na minha, se me dá licença!  
— Que ilusão! O cavalheiro atrasou-se consideravelmente no seu calendário. Enfim, explica-se: à força de viver, esqueceu-se do mundo e julga que ainda estamos na era do azeite de peixe e dos cães amarrados com linguça. Meu caro senhor, o século que termina é o das luzes... Faz-me outra vez o favor do seu fogo?  
— Com muito prazer! Século das luzes!... sim, bem sei! Então o menino?..  
— É a terceira vez que me trata assim. Devo adverti-lo de que isso me desgosta bastante. Já lhe disse que tenho onze anos, o que importa possuir grande experiência da vida e principalmente profundo conhecimento dos homens.  
— Ah! muito me conta!  
— Tenho quase concluídos os meus preparatórios, já li Schopenhauer, bebo como uma esponja, fumo como um capadócio, amo como um varão forte e sensível, e já figurei como protagonista em muitas aventuras do meu sexo.  
— Aos onze anos!  
— Então? E olhe que já me sinto velho. Que dirá o senhor?  
— Eu... propriamente não digo que... mas afinal ainda alimento certas pretensões...  
— Faz mal! Que tem ainda a esperar, quando eu mesmo, no verdor da mocidade, me confesso desiludido e fatigado da existência? Nada!... Convença-se de que o nosso tempo já passou. Deixemos o lugar aos verdadeiros rapazes...  
— E quais são eles, poderei saber?  
— Os que acabam de entrar no mundo. Nós podemos ser, quando muito, aposentados.  
— O menino... perdão, o meu nobre amigo há de perdoar, mas ainda não me considero tal.  
— Pois não tem razão. É eterna a mania dos velhos cuidarem que a vida não se acaba senão quando morrem!  
— Estou ainda bastante vigoroso e apesar do muito que sei...  
— O senhor não sabe nada! Criança!

- Criança?
- Certamente! Vejo que está outra vez na infância! É o que sucede, ao fim de um certo tempo, a todos os macróbios! Não abuse da vida, lá porque a morte o esqueceu. Cumpriu a sua missão, está acabado!
- Acabado!
- Como eu! Também eu cumpri a minha missão!... Faz-me outra vez o favor do seu fogo?
- Com todo o gosto.
- A vida é um quarto de hora. Passado ele, é arrumar a trouxa e não insistir... Quem gozou, gozou! Como eu! Não insistamos. Arrume a trouxa e convença-se de que não sabe nada.
- Não insisto. O meu amiguinho, com as suas teorias, faz-me uns arrepios na espinha dorsal.
- Inocente criatura! Que diabo tem você aprendido na sua eternidade?
- Nada, confesso, porque os seus 11 anos me ensinam coisas absolutamente novas...
- E verdadeiras. Adeus! Você, decididamente, está fora da natureza!<sup>79</sup>

Platão

---

<sup>79</sup> Na crônica do dia 31 de agosto de 1895 de Olavo Bilac, há um relato sobre uma criança que leu Schopenhauer e ficou desestimulada e pessimista.

## Crônica 35

31 de agosto de 1895

### DIÁLOGOS

- Bem se vê que és empregado público. Às 11 horas da manhã, na rua do Ouvidor!
- Vou almoçar, mas não deixo de ir à repartição. Ao passo que tu...
- De lá venho. Assinei o ponto, e como tinha um negócio urgente, dei-me pressa em sair para voltar.
- Sim, voltarás à hora de se fechar o ponto. O teu negócio é tão urgente que não me possas acompanhar?
- Não, e estimo fazer-te companhia.
- Já almoçaste?
- Já. Tomarei um licor durante o teu bife.
- Vou dar-te uma grande notícia. Saberás que me caso no mês que vem.
- Tu, que te dizias celibatário ferrenho.
- É verdade. Lá vem um dia em que os celibatários ferrenhos caem como os outros, no matrimônio. Ninguém foge ao seu destino.
- Paciência! Apresento-te os meus sentidos pêsames.
- Caso-me para ter alguma coisa com que me entreter, porque o fato é que, não tendo nada que fazer, passo uma existência aborrecidíssima.
- Como eu te compreendo! A existência descansada do funcionário público!
- Não hei de viver eternamente limitando a minha atividade de homem e de cidadão ao serviço tão brando da repartição, serviço que, apesar da sua suavidade, se torna monótono e fatigante.
- Como todo o serviço dos desocupados.
- À vista disso, caso-me e julgo que me caso bem. Mulher moça, bonita, com algumas prendas, um dote razoável...
- E tu, com que entras para o casamento?
- Entro com o meu futuro, o que já não é pouco. Graças a Deus, no Brasil, o empregado público tem futuro. Entro também com grande vontade de trabalhar...
- Já não é sem tempo.
- De trabalhar para assegurar à família uma subsistência tão farta e cômoda que seja, desde já, uma verdadeira aposentadoria.
- É justo, e com o teu emprego podes bem conseguir esse *desideratum*<sup>80</sup>.
- Mas não é pelo emprego que cuido obtê-lo. Pois se eu te falo em trabalhar seriamente!
- Que tencionas fazer?
- Conservo o lugar da repartição, que nada impede nem prejudica, e vou aplicar as minhas aptidões a negócios vantajosos, de lucro imediato, transações bancárias, pequenas comissões de casas particulares na Europa, corretagem de vendas por atacado, etc.
- Isso é belo.
- Belíssimo! Preciso trabalhar [...] sério do futuro... o outro... Passarei a ter dois futuros!

---

<sup>80</sup> Do latim, significa “o que se deseja”.

- Para um homem casado não é muito.
- Que tal achas do meu plano?
- Digno de incondicional aprovação. Hás de ir longe... Eu por mim vou assinar o ponto de saída.
- [...]da entrada. O governo não nos paga para não irmos à repartição.
- Nada temos que fazer, mas não faltemos. A ociosidade é a mãe de todos os vícios.

Platão

## Crônica 36

2 de setembro de 1895

### DIÁLOGOS

Críticos de arte:

- A exposição<sup>81</sup> não está má; porém não é das melhores.
- Em todo caso, são visíveis os progressos que temos feito.
- Não há dúvida: o Brasil caminha!
- A arte já é entre nós alguma coisa...
- Um verdadeiro sacerdócio!
- Está ali um bonito quadro para um leque.
- Qual?
- O que representa a odalisca na rede debaixo do coqueiro...!
- Não é odalisca... Deve ser Iracema... e o coqueiro é uma palmeira...
- Porque Iracema?
- Salta aos olhos: uma mulher morena, com muito calor, deitada numa rede sob um coqueiro...
- Uma palmeira!
- Ou isso... não pode ser senão Iracema.
- O que é verdade é que essa marinha está bem feita.
- Marinha?
- Ou aquarela! Não discuto nomes...
- Quer me parecer que a principal condição da marinha é ter mar... Assim, por exemplo, os países que não tem portos, não têm, logicamente marinha...
- Pois vá que seja aquarela!
- Ou paisagem. Eu também tenho ouvido falar em *gouache*, mas, com franqueza, não sei o que é.
- *Gouache* deve ser assim uma coisa onde predomine o vermelho.

---

<sup>81</sup> A Exposição Nacional de Belas Artes, realizada pela Escola Nacional de Belas Artes, foi aberta ao público no dia 31 de agosto. Lulu Sênior (pseudônimo de Ferreira de Araújo) comenta - “[...]os dois Bernardelli (Rodolpho e Henrique), artistas de raça, têm o entusiasmo comunicativo e atraente, e ao redor deles há um grupo de rapazes que vivem da esperança de que a arte venha a ser um meio de vida nesta terra, e que por ora se vão contentando com os aplausos e a crítica dos amadores, e de quantos reconhecem o esforço que eles fazem para educar o gosto nacional” (*A Notícia*. 31 ag 1895. P.1). No editorial d’*A Notícia*, do dia 2 de setembro, Ferreira de Araújo, defendendo a exposição, mostra alguns detalhes que são expostos na crônica de Coimbra: “[...] A exposição é pobre, dirão os que de espírito prevenido, e sistematicamente, fazem guerra à Escola Nacional que substituiu a antiga Academia; será pobre ainda, mas é nacional. Os artistas não foram pedir assuntos à mitologia nem à história romana; inspiraram-se no meio em que vivem, e trabalham por fazer uma arte nossa, o que sempre é melhor do que arremedar a arte alheia. Vejam o clou da exposição, *a Moema*, de Rodolpho Bernadelli, assunto genuinamente nacional; o quadro de Brocos, *a Redenção*, em que a figura da velha africana acaba de o consagrar grande artista, e artista nossa, porque já era nosso pelo bem que fazia a esta terra e ultimamente nos arredores de Teresópolis assentou definitivamente os seus arraiais no Brasil; os quadros de Rodolpho Amoedo, de Belmiro, de Almeida Júnior, de Henrique Bernardelli, e outros em que estão a nossa vida, os nossos costumes, as nossas paisagens. Das reformas levadas a efeito pela República, desde os seus primeiros dias, destacou-se a que se ocupou com o ensino das belas-artes.”

- Por quê?
- Por causa das meias tintas. Conheces as meias tintas?
- Tenho usado algumas. Por sinal que uma vez me envenenaram...
- Pois bem. É das outras que eu falo.
- O grande caso é que a cabocla acusa um temperamento artístico...
- Qual: o dela ou do pintor?
- Então, dois temperamentos. Que expressão de fisionomia! que correção de desenho! que vigor de colorido!
- Lá a expressão fisionômica não me parece muito notável, estando a cabocla de costas para nós...
- Já me lembrou se seria uma passagem da *Africana*...
- Então esta mulher seria Selka... então a cabocla não seria cabocla...
- E daí? Sabes que em geral os europeus não diferenciam muito estas coisas... A pintura nacional que temos diante dos olhos é obra de um dos melhores artistas ingleses.
- Perfeitamente. Agora está o caso explicado: isto é mesmo a *Africana*.
- Vamos lá a analisar este outro quadro.
- “Judas, desesperado da sua traição, procura a figueira para se enforcar...”
- Mas aqui não vejo árvore nenhuma...
- É porque Judas ainda não encontrou a figueira. Compreendes que se ela estivesse aqui ele deixaria de a procurar.
- Entretanto acho esquisito que a procure num lugar onde não há vegetação.
- Dessa maneira, não há quadro que resista.
- A crítica deve investigar tudo, esmerilhar, esmiuçar...
- Pois esmiucemos. Não se dirá que deixamos de contribuir para o engrandecimento da arte nacional!

Platão

## Crônica 37

3 de setembro de 1895

### DIÁLOGOS

- Vamos lá a saber: você furtou ou não furtou as jóias?
- Eu... mas...
- Não mastigue. Comigo é preciso falar com toda a franqueza. Na qualidade de seu advogado, devo saber tudo. É segredo de confissão... Imagine que eu sou o seu confessor.
- Homem, Sr. doutor, franqueza, franqueza, eu não furtei as jóias...
- Mau!... mas as jóias estão com você?
- Estão, sim, senhor.
- E não foi você que as furtou?
- Foi um companheiro meu...
- Um colega! Como se chama ele?
- É o Juca *Benzinho*.
- Ah! esse tem nome na polícia!
- É vivo como o açougue. Não, não é por dizer: quem me dera ser esperto como ele. Dou um doce à polícia se o apanhar!
- Bem. Estando as jóias com você, restituí-las é confessar um delito que você não cometeu...
- Não senhor. Foi o *Benzinho*...
- Bolas! Falemos sério. Você furtou as jóias...
- Furtei.
- Bem. Já tenho o meu processo de defesa: As jóias desaparecem misteriosamente, mas você nada tem com esse desaparecimento.
- Acho isso muito simples como explicação. Não se poderia empurrar a culpa para cima de outra pessoa?...
- Contra a minha consciência? Tendo eu plena certeza de que é você o ladrão!... nunca!
- Ah! é verdade: o doutor tem a sua consciência!
- O mais que lhe posso fazer é lançar algumas insinuações vagas sobre outros... procurar chamar suspeitas... mas acusar, nunca!
- Então continuo a negar?...
- Peremptoriamente e com calor, como um homem de brio, puro de toda a ladroeira, que se vê ferido no que têm mais precioso: a sua honra! Chore mesmo lembrando-se de sua mãe, uma pobre velhinha, uma santa, que sucumbirá decerto ao desgosto de ver o seu filho infamado e perseguido como um ladrão vulgar, essa pobre velhinha que jaz num leito entrevada há doze anos...
- Há quinze anos que minha mãe morreu...
- Não vá dizer isso! Convém que ela ressuscite para todos os efeitos da defesa.
- Isso é o menos! Se fosse preciso mesmo arranjar um irmãozinho...
- Não, dispensa-se. Uma mãe velhinha, entrevada, e só, é mais comovedor...
- Posso chorar todo o tempo da sessão.
- Também não deve abusar do choro! Chore só quando eu falar da velhinha... Agora, uma vez ou outra, finja enxugar disfarçadamente uma lágrima...

— Perfeitamente. Mas se os jurados forem como o delegado da minha circunscrição, posso eu chorar em bica que não arranjo nada.

— Você está garantido. A causa é boa. Não há provas... hei de patentear a toda a luz a sua inocência.

— Obrigado, Sr. doutor!

— Bem, adeus. Veja lá se vai dizer alguma coisa em contrário do que está combinado.

— Descanse. Eu sou capaz de enganar o diabo!

— Quanto aos meus honorários, trataremos depois.

— Está levando metade na transação.

Platão

## Crônica 38

4 de setembro de 1895

### DIÁLOGOS

- É a sua vez. Pode vir.
- Já? Há apenas meia hora que espero.
- Hoje foi feliz. Olhe que ser tão prontamente servido num dia como este... um sábado...
- Dou graças à minha fortuna. Agora você, para ser gentil, vai fazer-me a barba com a possível presteza...
- Descanse.
- Respeitando cuidadosamente a integridade do nariz e das orelhas.
- Que tal a navalha?
- Ui!... é um veludo!
- Sabe que isto também vai da mão... Que se diz de novo por aí?
- Nada, que eu saiba. Cuidado, que tenho aí uma espinha!
- Não há dúvida!
- Ai!... Como não há dúvida, depois de me haver cortado!...
- Isso é uma coisa à toa! Então diz que veio um telegrama do sul, muito grave...
- Boatos!<sup>82</sup> não sabem já que hão de inventar...
- Hum! olhe que as coisas não vão nada boas. Ouvei dizer que houve ontem uma conferência muito importante com o ministro inglês.
- Qual história!... Ui! deixe ficar o nariz!
- Não há novidade!
- Estou convencido de que você não o faz de propósito; mas é desagradável, desagradável e nocivo...
- Os jornais disseram que a ilha já foi entregue.
- Já, está acabada a questão.
- Mas que os ingleses ficam lá por causa do cabo submarino.
- Isso é invenção. Bonito! cá estou eu a escorrer sangue.
- É da espinha, não há novidade...
- Bem sei, mas você tem necessidade imprescindível de me cortar as espinhas?
- Para que se mexe tanto? Não tem razão de se queixar...
- Pudera! se você me segura a cabeça como um torno!

---

<sup>82</sup> Muitos boatos sobre a política eram levantados naquele período. Uma nota publicada n' *A Notícia*, no dia 5 de agosto, mostra como esses fatos eram veiculados no jornal: "Um indiscreto viu hoje na pasta de um Sr. deputado que está com a palavra no orçamento da viação as seguintes notas: Impressões sobre o relatório do ministro o parecer da comissão de orçamento. — Considerações sobre a decadência da lavoura de cana de açúcar em alguns Estados do norte; engenhos centrais. — Serviço telegráfico submarino; monopólio inglês. — Navegação subvencionada; cabotagem nacional. — Viação férrea; garantia de juros; projetos instantâneos. — Melhoramentos de portos; obstrução geral. — Imigração e colonização; desastre completo. — Necessidade de se benzer a estrada de ferro central do Brasil antes de ser votado o crédito de mais de 15 mil contos.[continua]."

— Um bocadinho mais, e está livre... Também no Amapá os negócios continuam na mesma, hein?

— Não, senhor. Tudo vai bem encaminhado, deixe lá!... Mas para que diabo me põe sabão na língua?

— Escapou... Se os presos continuam presos, como é que as coisas estão encaminhadas?

— Homem! querem ver que você pensa que eu sou o ministro!... Com a breca! sabe fazer perguntas!

— Interesse-me pelos negócios do país! Porque eu, apesar de não ter nascido aqui, como vim para o Brasil muito pequeno, sou brasileiro de coração...

— Isso não é razão para que me meta pelo olho o cabo da navalha.

— Foi o cotovelo!

— Vem a dar no mesmo... Pronto!

— Vou penteá-lo.

— Não quero óleo.

— Faz mal, porque o cabelo está muito seco.

— Deixe o estar...

— Que pressa! Até parece assustado!...

— Com certeza! Não gosto de brincadeiras com a sua navalha...

— Pois ela é bem macia!

— Sim, é um veludo, repito, mas para outra vez hei de trazer pontos falsos.

Platão

## Crônica 39

5 de setembro de 1895

### DIÁLOGOS

- Está paga a sua passagem, comendador!
- Ah! o Sr. Barros! Não o tinha visto... Obrigado.
- Não há de que... Estamos muito longe um do outro.
- É.
- O que me obriga a levantar a voz. Como vai sua senhora?
- Bem, muito obrigado!
- E os meninos?
- Todos bons. A sua gente também vai bem de saúde?
- Sem novidade, graças a Deus! O mais moço é que teve há dias uma febre palustre, mas está melhor. Mande-o para casa da madrinha, na Tijuca.
- Ah! com licença: vou ler o jornal.
- Não há nada interessante. Já li todas as folhas de hoje... Schiu, ó Sr. condutor, a passagem desse moço também está paga... Sim, é esse mesmo, da ponta... Ah! não receba também daquela senhora que está no terceiro banco... [Que me]<sup>83</sup> diz a este friozinho, comendador?
- Não há temperatura mais variável do que a nossa!
- Um horror! imagine que esta noite, apesar de três cobertores, cheguei a bater o queixo... Ó Sr. condutor, não viu o sinal daquele cavaleiro! Mande parar o bonde... Então, comendador! O Sr. comendador!...
- Ah! Sr. Barros!...
- Como está atento à leitura!... Sempre venceu aquela sua questão?
- Qual questão?
- A dos cinco metros nos terrenos da Fábrica... Aqui entre nós que ninguém nos ouve, quer que lhe fale com franqueza? parece-me que o comendador não tinha muita razão...
- Ora muito obrigado!... Atentam contra o meu direito de um modo que até brada aos céus!... mas compreende que não posso discutir estas coisas num bonde...
- Ah! bem, desculpe-me. Era cá uma opinião... Ó senhor, olhe essa carroça, ao lado. Ui! pisou-me o melhor calo...
- (Que insuportável falador!) Faça favor de mandar parar!
- Já se vai, comendador?
- Já. Vou à rua D. Luiza!
- Nesse caso, salto aqui também. Como tenho de ir à rua Santo Amaro, já fico perto.
- É verdade: agora me lembro de que preciso antes falar com o Tavares.
- Não salta?
- Não. Já agora sigo até Botafogo. Adeus. Estimei vê-lo.
- Não. Eu também sigo. Ó Sr. condutor: pode seguir... A propósito: o meu troco?... Ah! tem razão: paguei cinco passagens, a minha, a do comendador, a daquela senhora do terceiro banco, a daquele moço da ponta e a do... Quem foi mais? ah! sim, o Dr. Tiburcio! Não

---

<sup>83</sup> Anotações do editor.

receba dinheiro dele!... Schiu! mande parar! Que é do meu homem? Não o vi saltar! Mas então este bonde não pára?... Minha senhora... Sr. Siqueira... até outra vez! Recomendações...

- A senhora salta ou não salta?
- Salto já. Deixe-me tirar estes embrulhos... Pronto: a caixa de chapéu, o dicionário e as duas escovas! A caixa vai aqui na mão direita, o dicionário...
- Mas, senhor, queira apear-se. Os passageiros não podem estar ao seu dispor...
- Bem, bem. Pronto! ... Não receba essas passagens...

Platão

## Crônica 40

6 de setembro de 1895

### DIÁLOGOS

— Não há sorte para um homem de bem. Hás de acreditar que há quinze anos jogo todos os dias na loteria<sup>84</sup>, e nunca apanhei mais do que um prêmio de 40\$000?

— Quem sabe lá! Não desanimes, e quando menos o esperares talvez te saia a sorte grande ou qualquer outra que valha a pena.

— Quando menos o esperar... Mas eu espero sempre. Lá de vez em quando, por escárnio da Fortuna, acerto na terminação, salvando a entrada. E é só. Decididamente não jogo mais.

— Havia de ter graça que deixasses de jogar quando a Fortuna estivesse disposta a sorrir-te. Tens número certo?

— Já o tive, mas agora compro o primeiro que me agrada. Pois se levei seis meses a fio, com exceção de um dia só, a jogar no 1313, e quando o 1313 deu, nesse período, a sorte grande, foi no dia em que eu não o comprei!

— É azar!... Mas isso acontece a todos os jogadores.

— A mim o que me acontece é ser vítima do mais tremendo caiporismo que já desabou sobre um homem... Em todo o caso hei de lutar até ao fim.

— Sim, fazes bem. Insiste!

— Qual faço bem nem qual nada. Eu hei de baixar à sepultura correndo atrás da sorte, e, quando muito, obterei sempre o mesmo dinheiro!

— Então não insistas!

— Pensas que é só na loteria que eu jogo? Atiro-me a tudo que é jogo de azar, com frenesi, com febre, com verdadeiro delírio. Fui um dos maiores fregueses do Zoológico; ainda o sou...

— Como! o Jardim acabou com a loteria...

— Mas os jardineiros continuaram. Haja dinheiro, que os bichos estão aí! Um dia destes por um triz deixei de ganhar um cento e tanto no veado. À noite fui à roleta, e quando ia pôr dez cartões em pleno n. 22, um maldito gato da vizinhança começou a miar descompassadamente. Cismeí com a história, e recolhi os cartões. Escuso de acrescentar que deu o 22.

— Ai!

— Em vão insisti nesse desgraçado número até perder a última ficha. Mal deixei de jogar, o maldito gato voltou a miar com o mesmo desespero e imagina o meu, vendo dar o 22 três vezes a seguir.

— Realmente!

— Está decidido: não jogo mais. Quero que me dês um bofetão se me vires arriscar um vintém mais em qualquer jogo.

— Queira Deus que mantenhas tão bela resolução. Eu cá por mim, menos viciado do que tu, vou-me contentando com o meu bilheteinho de vez em quando.

— Que horas tens?

---

<sup>84</sup> Representava-se, no Teatro da Avenida, a peça *Loteria Infernal*, uma adaptação da antiga mágica *Loteria do Diabo*.

- Onze e vinte e cinco.
- Vinte e cinco! Ora espera: vinte e cinco é a vaca! Eu que esta noite sonhei com um boi...
- Naturalmente. Preocupado como andas...
- Está dito: vou jogar firme na vaca... Adeus!
- És incorrigível, como todos... Aparece lá por casa. Sabes onde moro! Aposto que já não te lembras...
- Não.
- Rua de S. Leopoldo 150.
- 150! ... Boa centena! Vou comprar dez mil réis no 150.
- Dá lembranças minhas à tua senhora... Ouviste?
- Sim, lembranças à Chiquitota!... Será mesmo vaca?... pode também ser touro!...

Platão

## Crônica 41

7 de setembro de 1895

### DIÁLOGOS

- Como é formosa!
- Não se engrace comigo!
- Onde mora, tetéia?
- Não é da sua conta!
- Para que há de ser tão má? Abra-me o seu coração.
- Eu abria-lhe agora... bem sei o que. Deixe-me senhor!
- Cruel! Parece impossível que, tendo esse rostinho de anjo, tenha uma alma de pedra.
- Tenha a bondade de passar adiante, ou deixar-se ficar atrás. Ao meu lado é que não o quero.
- Porque, minha flor? Descanse, que não lhe vou tirar um pedaço...
- Mas eu não o conheço...
- Passa à conhecer-me agora. Uma vez havia de ser.
- Não sei quem o senhor é. Pode ser muito boa pessoa...
- Creia que o sou.
- Não duvido... e pode ser um tratante, um malfeitor! Devo zelar a minha reputação e intimo-o a que me deixe em paz.
- Intima-me!... Não há que ver: é uma rocha. Fique sabendo que é uma rocha.
- Serei o que o senhor quiser; mas afaste-se...
- A rua é pública, e o direito de locomoção é garantido a todos pelas leis fundamentais do país.
- Não sei disso!
- Pois que! não conhece a Constituição, a lei básica, o código dos nossos direitos e liberdades?...
- Faça o favor de largar a minha mão.
- Que macia! que perfumada! Se eu pudesse beijá-la...
- Olhe que eu grito...
- Para quê? A esta hora, não se vê ninguém na rua da Quitanda.
- E a polícia?
- Ainda menos! Também não conhece a nossa polícia!
- O senhor abusa cruelmente de uma pobre senhora indefesa.
- Não me diga isso, por piedade! Eu, que me prezo de ser um cavalheiro!...
- Demais! Não sabe a raiva que me está fazendo. De bom grado o espancaria!
- Que felicidade! Bata-me! Ser espancado por essas mãozinhas seria a suprema ventura...
- Ultraja-me assim porque, infelizmente, estou só; não tenho um homem que me defenda!
- Defendê-la de mim! Mas por amor de Deus!
- Sou casada! Vou contar tudo a meu marido.
- Um protetor!...
- Protetor?

— Quero dizer, um defensor! É sério?  
— Se meu marido é sério! Verá.  
— (Dizem todas o mesmo.) Pensar eu que há um mortal venturoso, o mais venturoso dos mortais, que tem a dita inefável de possuir este anjo!  
— Senhor!  
— Mande-o à fava... Oh! perdão, foi um grito d'alma que me escapou.  
— Agora retire-se. Estou à porta de minha casa.  
— Ah! mora aqui?... Não me convida a entrar?  
— Vá-se embora!  
— Depois de a ter acompanhado até aqui! Será tão pouco... tão pouco...  
— Vá-se embora!  
— (Ora adeus! eu entro! nem ela quer outra coisa.)  
— Então isso é à força?...  
— Pois se me endoidece!...  
— Chico, apresento-te um cavalheiro que quis por força acompanhar-me e me disse que te mandasse à fava.

Platão

## Crônica 42

9 de setembro de 1895

### DIÁLOGOS

— Minha filha, agora que está marcado o dia do teu casamento<sup>85</sup>, é necessário que comeces a aprender certas coisas de que depende a tua felicidade. Guia-te pela minha experiência, que só te pode aconselhar para o bem.

— Fale, mamãe.

— Para que o casamento possa aproveitar-te quanto deve é preciso partires deste princípio: a mulher é quem faz o homem.

— Sempre ouvi dizer que era o contrário.

— Puro engano! O homem só é aquilo que a mulher quer que ele seja...

— À mulher inteligente...

— Para o caso, não há mulheres estúpidas. Há as que compreendem e as que deixam de compreender a sua missão.

— Eu quero compreender.

— Então ouve. Os deveres principais, essenciais (porque são a essência própria do matrimônio) do marido para com a mulher são dois: fidelidade e obediência.

— Sim, senhora.

— A fidelidade é dever que se não discute, está claro. Impõe-se ao espírito de todas as mulheres. Teu marido deve ser como a esposa de César: inteiramente livre da mais leve suspeição nesse particular... Infelizmente não o será.

— Como?

— É a triste verdade. Todos os maridos são infiéis...

— Oh!... Mas Eleutério ama-me tanto... é impossível que se lembre de me trair...

— Tola!... O amor não impede a traição... Conformar-te com a situação de uma esposa fiel (porque, seja dito de passagem, a esposa tem de ser fiel), amada talvez pelo marido, mas seguramente traída por ele, com duas, três e meia dúzia...

— Mas isso é uma desigualdade revoltante, uma injustiça dos homens e da sorte!...

— É, e não tem remédio! Convém pois, que te resignes desde já, para que não sofras mais tarde com um desengano...

— Eleutério, tão ardente, tão apaixonado!...

— Há de ser como os outros, minha filha. Não fugirá à regra... Passamos ao outro dever essencial: obediência. Ah! neste ponto deves ser de uma severidade feroz. É preciso que seja sempre real o que ele agora te diz, sem o sentir, entre muitas coisas bonitas que o homem diz à mulher antes do casamento.

— Que é?

— Sou teu escravo humilde, tu serás sempre a minha senhora bem amada, etc., etc. Ora, é indispensável que isto não fique só em palavras, que, sobretudo continue a ser um fato depois da lua de mel.

— Eleutério é tão dócil...

— Não te fies nas aparências. O tigre encobre as garras para mais segurança no ataque. Prepara-te, portanto, para inutilizar a sua força.

---

<sup>85</sup> Discutia-se no congresso e na imprensa a lei do divórcio.

- Minha mãe exagera...
- Se não me queres ouvir, é outro caso. Mais tarde o teu arrependimento há de provar que eu tinha razão.
- Deixe estar que esta lição não me esquecerá.
- Ainda bem. Afirmas que o teu Eleutério é muito dócil, muito apaixonado... Todos os Eleutérios são apaixonados e dóceis enquanto não casam... Uma vez casados, não estão mais com cerimônias, vão logo mostrando o que deveras são. Acautela-te, pois, antes que o teu futuro ponha as maguinhas de fora.
- Descanse.
- O homem deve ser levado pelo nariz. Não deixes teu marido pôr pé em ramo verde. Porque é que eu vivi sempre tão bem com teu pai? Porque soube afeiçoá-lo aos meus princípios e gostos e direitos, cortando-lhe as garras em tempo, dominando-o enfim. A mulher é que faz o homem. Hoje é isto que tu vês: teu pai e eu chegamos à mais perfeita afinação conjugal, de tal maneira eu soube acomodar a sua vontade à minha.
- Papai não tem vontade.
- É isso mesmo. Olha e medita esse exemplo.
- Deixe estar, que farei como mamãe e seguirei à risca os seus conselhos.
- Muito bem, minha filha. Vejo que reúnes todas as condições para fazer a felicidade do homem que vai ser teu marido.

Platão

## Crônica 43

10 de setembro de 1895

### DIÁLOGOS

O ATOR NACIONAL. Até que enfim! Fechou-se o meu teatro. Era o último onde ainda funcionava uma companhia de artistas cá da terra<sup>86</sup>. Agora, sim, a nossa situação está definida. Eis-nos literalmente na miséria.

A ATRIZ NACIONAL. Tu, afinal, ainda és homem...

O ATOR. Ainda? Certamente!

A ATRIZ. Quero eu dizer: tu ainda tens sobre mim a vantagem de ser homem. Agora eu, pobre mulher, que nunca tive outro trabalho, outro emprego senão o teatro, que hei de fazer? que vai ser de mim?

O ATOR. Pois, senhores, triste é afirmá-lo, mas afirme-mo-lo para espanto e indignação do universo: e até onde pode chegar a decadência da Arte! A Arte, a grande deusa que...

A ATRIZ. Não comeces a declamar no meio da rua, que chamas a atenção...

O ATOR. É o que eu quero. Nunca o consegui no palco; vamos ver se agora...

A ATRIZ. Que vai ser de mim?

O ATOR. Que vai ser de nós?

A ATRIZ. Nunca fui senão atriz...

O ATOR. Hum!

A ATRIZ. Nunca tive jeito senão para representar...

O ATOR (entre dentes). Isso mesmo não era lá para que digamos...

A ATRIZ. Mas que mais queria o público além do que nós lhe dávamos?

O ATOR. Confessemos que não era grande coisa. Sempre as mesmas peças...

A ATRIZ. Lá isso é verdade... Sempre as mesmas caras...

O ATOR. As mesmas pernas... Ora, a Arte, a grande deusa que ilumina os povos...

A ATRIZ. Não declames!

O ATOR. É preciso tomá-la a sério. Ninguém a toma a sério!

A ATRIZ. Alto lá! Deus dê saúde a quem sempre fez da sua um sacerdócio...

O ATOR. Tu? Ora adeus! Nas revistas de ano!

A ATRIZ. Tinha sempre os papéis na ponta da língua...

O ATOR. O que não quer dizer que os compreendesses. Filha, a verdade, a dolorosa verdade é que o público já não quer nada conosco, e nós não sabemos ou não temos vontade de o atrair para nós. Aqui está ao que ficou reduzida, no Brasil, a Arte, a grande deusa que...

A ATRIZ. Não declames!

O ATOR. Bolas! Deixe-me desabafar. Já no teatro era a mesma coisa de não quererem que eu desse à frase o vigor e a pompa que deve ter!

A ATRIZ. Em escudeiro de mágica ou compadre de revista, a tua ênfase era bem ridícula...

---

<sup>86</sup> As companhias estrangeiras ocupavam os principais teatros do Rio de Janeiro: Companhia Equestre Frank Brown (Teatro São Pedro), Companhia Sousa Bastos (Recreio Dramático) e Companhia Ópera Cômica Portuense Taveira (Teatro Apolo)

O ATOR (*com desdém*). Oh! cérebro mesquinho! Eis aí porque o teatro acabou! Com tais artistas que não compreendem a Arte, a grande Arte!...

A ATRIZ. Vou coser vestidos para fora, ou arranjar um lugar no correio!

O ATOR (*vendo alguma coisa no chão*). Uma ponta de charuto! Apanhemo-la! Ó Arte!

F.C.

## Crônica 44

11 de setembro de 1895

### DIÁLOGOS

— Tenho viajado muito! Não há como viajar, meu caro. A gente recreia-se, instrui-se, tonifica-se... A viagem é a verdadeira higiene da alma.

— Nem todos podem usar disso, ainda que o desejem muito.

— Eu, se não pudesse viajar, matava-me! O que se vê, o que se aprende, o que se goza, percorrendo e admirando as terras alheias! É então que nos convencemos de que nada temos visto e que a nossa terra...

— Não presta para nada?

— Não digo tanto. Mas, enfim, que diabo temos além da natureza? Febre amarela e credores! Por falar nisto, uma vez em Londres, em Regent-Street... Ah! Londres, meu caro! que cidade! que capital! É um mundo! a Babilônia moderna! quatro e meio milhões de habitantes, caminhos de ferro aéreos e subterrâneos, trinta e quarenta mil pessoas passando ao mesmo tempo pela mesma rua... que rua!... cinco ou seis mil veículos cheios, a par dessa gente toda... que veículos!...

— Deve ser de atordoar!...

— Fica-se atônito, maluco!...

— Mas deixa lá que a nossa natureza... O Brasil tem muito que ver... Aqui também se pode gozar... A Tijuca, o Corcovado, o Itatiaia... Outro gênero, bem sei, mas enfim...

— Qual história! Isso é nada ao pé da Suíça!... E o Monte Branco! os Alpes!... A propósito: lembra-me que nos Alpes, certa manhã...

— Há aqui também os passeios de bote, ao luar, na praia de Botafogo!

— Muito divertidos, pois não! Fala-me em Veneza com as suas gôndolas... isso sim... as venezianas...

— Dizem que estão sempre à janela!

— A pilhéria é velha. E os doges!

— Ainda há doges?

— Não, mas a recordação... Uma noite, na praça do S. Marcos, meti-me numa gôndola com uma condessinha... Não te conto nada! Como deslizava!

— A condessinha?

— Não, a gôndola!

— Em assunto de beleza feminina, creio que o Brasil pede meças...

— Tolices! Mulheres bonitas, meu caro, na Espanha... Oh! Madrid!... a Andaluzia!... É de pôr um homem aparvalhado para o resto dos seus dias.

— Bem o vejo.

— Que *salero!* que graça! E as touradas! não imaginas o que é uma tourada na Espanha! Touros verdadeiros, bravios, ferozes, e não esses bois mansos que vemos aí pelas nossas ruas. Numa dessas touradas sucedeu-me um caso muito interessante...

— Não me falas de Paris?

— Oh! Paris! a França... o Louvre! o *Folies-Bergère*...

— Momentos esplêndidos, hein!

— O *Folies-Bergère* é outro gênero...

— O gênero feminino?

— Pouco mais ou menos. Uma noite, no *Folies-Bergère*, eu estava com uma pequena...

— A vida em Paris é deliciosa, mas caríssima...

— Qual caríssima! Só no Brasil é que se não pode viver... Olha: em Portugal...

— Sucedeu-te também uma bem boa?

— Oh! Lisboa! os Jerônimos!

— Que família é essa?

— Um claustro famoso! Uma ocasião, nos Jerônimos...

— A mim também já me aconteceu um caso célebre numa das minhas viagens. Eram duas horas da madrugada. Fazia um luar soberbo! A noite convidava a um passeio no mar. Junto à praia serena, na água serena, um bote; dentro do bote, um pescador, que dormia: — Olá! ó patrão! gritei eu para o do bote... — Que quer V.S.? — Quero dar um passeio ao luar... O homem voltou-se, estremunhado, no fundo do bote, exclamando: — Vá dormir, que isso é sono!

— Onde foi isso? Em Nápoles?

— Não, no Saco do Alferes<sup>87</sup>.

F.C.

---

<sup>87</sup> Região litorânea do Rio de Janeiro, atualmente conhecida como Santo Cristo.

## Crônica 45

12 de setembro de 1895

### DIÁLOGOS

A ALMA. — Amor, engenho, — nobre coragem para as grandes conquistas que elevam o homem! É belo! Que dizes tu?

A BESTA. — Digo que cada vez sinto maior a necessidade de gozar a vida pelo seu lado bom, o único verdadeiro!

A ALMA. — O dos gozos materiais?

A BESTA. — De certo. Como apreciar a existência se não pelo deleite dos sentidos? Quando tu falas de amor, eu replico-te vantajosamente com amores, mas amores como eu entendo...

A ALMA. — Bem sei. Esse plural disfarça, como um eufemismo *chic*, a brutalidade da idéia que queres exprimir.

A BESTA. — Entretanto, nesse ponto sempre te faço uma concessão. Quantas vezes a alma não entra vencedora pelos meus domínios, quando parece triunfar apenas a carne?

A ALMA. — Sempre que eu quiser, hei de bater-te em todos os terrenos.

A BESTA. — Há felizmente alguns que te são expressamente vedados.

A ALMA. — É porque está escrito que a alma deve permitir à besta alguma coisa, quanto baste para que se acredite em dois poderes superiores.

A BESTA. — Tens graça com os teus ares de generosa soberania! Vai-te para as profundas da tua metafísica.

A ALMA. — Escuso de te mandar para as tuas cevadeiras, porque nunca saís de ti mesma. Como é vil o barro que te formou!

A BESTA. — Não faças frases. Bem sei que és engenhosa, mas agora estás de uma vulgaridade, de uma chateza...

A ALMA. — Que entendes tu por engenho?

A BESTA. — O meio seguro de gozar melhor, mais demoradamente, todos os prazeres da vida.

A ALMA. — Os prazeres únicos de que não te fartas...Achas que são todos?

A BESTA. — Sem dúvida. Falaste em nobre coragem para as grandes conquistas que elevam o homem. Também eu sinto em mim essa coragem e sei mostrá-la quando convém. Entretanto as minhas conquistas são bem diferentes dessas a que te referes.

A ALMA. — Não me dás novidade. Tudo que dizes, tudo que fazes, tudo que pensas tende sempre para o mesmo fim.

A BESTA. — Com os demônios! não estou eu a perder tempo contigo, a fazer filosofia barata?

A ALMA. — A filosofia perde mais com a atenção que porventura lhe possas dar.

A BESTA. — Vais dizendo o teu desaforo muito honradamente... mas não importa: eu quero humilhar-te com a minha generosidade...

A ALMA. — Pateta! Como podes humilhar-me com aquilo que me pertence?

A BESTA. — Uma última questão, e acabemos. Não admities que a besta possa amar com o coração e com o espírito, quando lhe apraza?

A ALMA. — Admito. Pois se eu estou sempre contigo. Se não fosse eu, não terias consciência para me fazer tal pergunta!

A BESTA. — Estou satisfeita. Vai sonhar!

A ALMA. — Ao pasto!

*(A alma recolhe-se ainda mais dentro da besta, que abana as orelhas, gloriosamente, inclinada sobre o capinzal da vida).*

F.C.

## Crônica 46

13 de setembro de 1895

### DIÁLOGOS

- Muito galante é esta menina! É sua filha?
- Sim, minha senhora.
- Que *bijou!* Tem uns olhos tão meigos, uns cabelos de ouro tão anelados...
- É o retrato vivo do pai.
- O senhor seu marido também tem os cabelos anelados?
- Sou viúva.
- Ah! desculpe-me: fui talvez reavivar-lhe alguma dor...
- Não, minha senhora. Não há dores que resistam ao tempo.
- Se [...] Também eu sou viúva, e declaro-me inconsolável.
- E a menina parece-se muito com seu pai, principalmente [...] cabeça. A cabeça é a mesma, e devo fazer-lhe [...] não só por fora como por dentro.
- [...] nem de grande engenho o seu defunto[...]
- [...] espíritos mais lúcidos e mais cultivados [...] e do nosso país.
- [...] menina sai, pelo cérebro, a seu pai? [...] Há de enchê-la de orgulho.
- Assim espero.
- Agora reparo que ela não é só formosa, mas também tem no rosto uma tal expressão de inteligência, de vivacidade, que deve impressionar quantos a vêm.
- Todos me dizem que ela virá a ser uma grande mulher.
- Deus o queira.
- O seu nome já anda pelas folhas coberto de aplausos. Mais de um poeta já lhe celebrou o talento e o crítico Z..., que é de uma severidade terrível, não hesitou em lhe vaticinar um brilhante futuro.
- Que glória para a senhora! que alegria para um coração de mãe!
- Ah! com franqueza: não conheço nenhuma que se possa comparar à de ter uma filha tão protegida das fadas!
- É um verdadeiro tesouro! Que idade tem?
- Onze anos! E já tem cinco livros publicados.
- Que me diz? Mozart<sup>88</sup>, que foi um gênio tão precoce, aos onze anos ainda não tinha livro nenhum! É verdade que já tocava piano como ninguém!
- Oh! a música... não é a mesma coisa...
- E está no colégio essa menina?
- Está, sim, senhora, é muito adiantada no estudos.
- Naturalmente.
- Para o que ela não dá é para os trabalhos domésticos .... essas histórias de bordar, fazer tapeçarias e outras coisas com que hoje em dia atrofiam a inteligência das meninas.
- Nem todos nasceram para as letras.
- Pois não quiseram até que minha filha aprendesse para dona de casa?
- Seria muito útil, deixe lá! O saber nunca é demais e tem sempre boa aplicação.

---

<sup>88</sup> Wolfgang Amadeus Mozart (1756–1791) compositor austríaco.

- Esta menina já sabe muito.
- Então tire-a do colégio.
- É o que vou fazer, mesmo porque já mal lhe chega o tempo para as suas obras e para as encomendas que recebeu dos diversos jornais e revistas.
- Há de ter a bondade de me dar um livro seu para apreciar...
- Aqui está justamente o último. Empréstimo-lhe o.
- *A emancipação da mulher sob o ponto de vista político e social.*

F.C.

## Crônica 47

14 de setembro de 1895

### DIÁLOGOS

- Amo-a, minha senhora.
- Estou farta de o saber há muito tempo.
- Como?
- Os seus olhos não me dizem outra coisa.
- Fazem mal. Que indiscrição! Em todo o caso folgo com isso.
- Pudera!
- É que se os olhos são o espelho da alma, a minha alma está agora bem de frente para a divina criatura que dela se fez senhora.
- E quem lhe afirma que ela não é inoportuna?
- O fato da senhora estar sempre a olhar para o espelho.
- Não haverá nisso um bocadinho de pretensão da sua parte?
- Há muitíssima pretensão, mas o amor é porventura outra coisa?
- Então, ama-me?
- Sou capaz de imaginar que o não sabe ainda, para ter a ventura de lho repetir mil vezes.
- Admitamos que seja sincero. E daí? Que faria se eu lhe correspondesse?
- Tudo.
- Acho demais.
- Em amor nada é demais. Se eu lhe disser que o mundo não basta aos meus desejos, e que pretendo o céu para lhe justificar o nome, levando-a para lá...
- Verei nisso uma frase nova vestindo uma idéia velha.
- Porque há de responder ao espírito, quando é o coração que lhe fala?
- Simplesmente porque o coração se exprime muito mal...
- Mas a senhora entende-o muito bem.
- Diz que os seus olhos são indiscretos, e não cuida [...] os seus lábios serão impertinentes.
- Porque só penso que os seus ouvidos são cruéis. Está aqui um coração de fogo que, há longo tempo, lhe bate à porta, pedindo-lhe a esmola de um agasalho. Por que o deixa assim exposto à noite fria que o matará?
- Um agasalho! Hum! Vou apostar que ele prescinde uma pensão vitalícia.
- A verdadeira caridade não mede nunca o que dá...
- Mas também não pode dar o que já lhe não pertence.
- De modo que o pobre viandante, transido de frio...
- Perdão! E o seu fogo?
- Ficarà toda a longa noite da vida cá fora, morrendo aos poucos, sob a neve...
- Mas se eu não tenho onde acomodá-lo.
- O viandante chega muito tarde!
- Muito!
- Uma água-furtada... o corredor... o sótão...
- Isso seria o mesmo que meter um ladrão em casa, a desoras, na ausência do seu dono.

- O dono! Como arranjar que ele se mude?
- Será difícil, porque tem contrato.
- Uma desapropriação!... Impossível... Pois bem, cumpra-se o meu destino; morrerei aqui à sua porta, flor de gelo, que tão bem te aclimas ao trópico ardente... mas não para meu proveito. Amanhã, de manhã encontrarás o meu cadáver.
- Ali defronte há uma casa que o receberá hoje.
- Manda-me para um hotel! Seja!... Mas devo esperar?...
- Consulte o seu coração, e faça o que ele disser... Até amanhã!
- Até amanhã, meu amor!... Esperarei! Uma noite má passa-se depressa...

F.C.

## Crônica 48

16 de setembro de 1895

### DIÁLOGOS

- Excelentíssimo!
- Como vai você?
- Bem, muito obrigado... Não me dá uma noticiuzinha?
- Não há nada.
- Seriamente?... Ouvi falar em negócios muito importantes de que se tratou ontem na conferência.
- Boatos sem fundamento. Fique certo de que não há nada.
- Ou V.Ex. não me quer confiar... Por quem é, faça-me esse favor. Ajude um pobre repórter.
- Não é falta de confiança, e se eu tivesse alguma notícia dá-la-ia, não só a você como a todos os seus colegas; realmente não há nada.
- Então o despacho de hoje não tem importância?
- Não digo isso.
- Quer V. Ex. saber as novidades que ocorrerem? Posso comunicar-lhas.
- Se você as sabe, para que me interroga?
- Para saber mais.
- Não há mais!
- Exm., por quem é!
- Tenha paciência, é segredo de estado.
- A nomeação do...
- Ah! já sabia?...
- Então sempre é exato...?
- Já agora não tenho remédio senão responder que sim.
- Mas o outro negócio muito sério?
- Que negócio?
- O da... aquele que interessa muito de perto a República...
- Também? Não sei a esse respeito; nada se discutiu nem resolveu.
- Com toda a franqueza?
- Homem, você é dos diabos! Acredite que não sei coisa nenhuma.
- Permita-me a liberdade de lhe dizer uma coisa ao ouvido.
- O quê?
- Caso importantíssimo! Isto é só para mostrar que V. Ex. é muito mau para comigo; não favoreço um pobre repórter, e o pobre repórter, apesar disso, está na ponta!
- Vá lá. Fale ao ouvido.
- .....
- !
- .....
- !!
- .....
- !!!

- Então. Exm. !
- Não há segredos para você.
- Quando eu quero... Estou ou não estou habilitado a dar um furo<sup>89</sup> amanhã nos colegas?
- Um furo!
- Vou *tapeá*<sup>90</sup>-los.
- Tapeá-los!
- Ah! A maior parte deles são tão *salchicheiros*<sup>91</sup> ...
- Salchicheiros!
- Os *esfrias*<sup>92</sup> não podem comigo!
- Esfrias!
- Posso mostrar que ainda sei muita coisa de que V. Ex. faz mistério. Quer ouvir?
- Não, basta! Você sabe mais do que o governo. Vá-se embora!
- Honrado chefe!
- Quando eu quiser ter alguma novidade em relação cá ao ministério, dirijo-me a você.
- Sempre às ordens... Apliquei-lhe o vomitório!

F.C.

---

<sup>89</sup> No dia 7 de setembro de 1895 é publicado um artigo, de autoria de Ernesto Senna, com o título “Os repórteres”. Nesse texto há indicação de várias gírias usadas pelos jornalistas da época, entre elas Furo, que seria “dar uma notícia que o outro não deu”. O termo ainda é recorrente em nossos dias.

<sup>90</sup> Tapeia = entreter os colegas. (A notícia, 7/09/1895, p. 2)

<sup>91</sup> Salchicheiro= repórter que dá notícias sem importância. (A notícia, 7/09/1895, p. 2)

<sup>92</sup> Esfria= auxiliares do gabinete do ministro. (A notícia, 7/09/1895, p. 2)

## Crônica 49

18 de setembro de 1895

### DIÁLOGOS

— Em que estado te vejo! Tens a roupa despedaçada, o chapéu num bolo e estás coberto de pó!...

— Não te admires: venho de um trem dos subúrbios<sup>93</sup>.

— Explica-se então porque chegas tão tarde. O batizado já se fez; cuidando que não viesses, arranjamos outro padrinho.

— Consequências da atual desorganização da Central. Não é a primeira que me acontece, causada pelo serviço daquela estrada.

— Não será a última. Teimas em morar no subúrbio.

— Mal rompe a aurora eis-me na estação: — Um bilhete, senhor! — Ainda não há bilhetes; espere. — Não se pode andar mais depressa... Tomo o trem um século depois; no longo caminho o trem descarrila cinco ou seis vezes e outras tantas se enche de passageiros, que se arrumam como sardinhas em tigela. Não obstante, vêm todos muito satisfeitos; eu, de pé junto a uma porta pesada que de vez em quando me bate nas costas, não sou dos mais constrangidos; tenho apenas o nariz sobre a cabeleira cor de rapé de uma respeitável sexagenária e uma ponta de guarda-chuva sobre um calo do dedo mínimo do pé esquerdo. Afinal chegamos, porque tudo chega neste mundo; mas passou a hora do negócio ou do divertimento a que vimos.

— Exageras!

— Em compensação trazemos o pó dos séculos que atravessamos na estrada de ferro e a roupa inutilizada para assinalar a memorável viagem.

— Que dirias então se ficasses no caminho vítima de algum desastre?

— Não diria nada, com certeza, pela razão simples de estar comendo espinafres pela raiz. Pensando bem, ainda fui feliz em chegar.

— Olha que já é sorte!

— Se eu te contasse os transtornos que me tem causado o tal serviço...

— Imagino-os.

— Se ele já me fez perder um casamento...

— Como assim?

— Uma morena adorável, cinquenta contos para começar, muito boa, grandes prendas de coração e de espírito...

— Uma *avis rara*. E tu?

— Eu, muita disposição para aproveitar os estimáveis dotes da minha futura. Estava quase apaixonado.

— Quase? Disseste que ela era adorável!

— Sim, mas eu ainda não a adorava senão com a cabeça; o coração ia falar...

— Concordando?

— Mas não falou por causa do trem do subúrbio. Como eu me demorasse a aparecer, porque havia três meses que morava em Cascadura, minha noiva preferiu fugir com um primo, e com certeza foi pela estrada de ferro, porque nunca mais tive notícias

---

<sup>93</sup> Nesse dia é publicado n'A Notícia, um relato sobre uma viagem dos subúrbios nos trens, em que quase ocorre um acidente, deixando os passageiros em pânico. (Cf 18/09/1895).

dela. Ora, pergunto: se o trem chegasse à hora, não estaria eu marido da morena adorável, cinquenta contos para começar, muito boa, grandes prendas de coração e de espírito?

— Não te queixes. *A'quelque chose malheur est bon.*<sup>94</sup> O casamento é uma terrível coisa, e decididamente o trem do subúrbio pode ser desastrado, mas não é inútil.

F. C.

---

<sup>94</sup> Expressão francesa que quer dizer “há males que vêm para bem”.

## Crônica 50

19 de setembro de 1895

### DIÁLOGOS

Nos fundos de uma taverna da Cidade Nova, às dez horas e meia da noite.

O PATRÃO (*despejando os bolsos das calças de brim pardo, donde sai uma multidão de papeluchos ensecados*).— Vamos lá a tomar nota do que foi hoje. Que é das suas contas?

O CAIXEIRO (*despejando por sua vez as algibeiras, donde saem muitas notas em papel pardo*). — Estão aqui.

O PATRÃO. — Então escreva. N. 53... espere lá: enganei-me... n. 62; é o Tavares.

O CAIXEIRO. — N. 62...

O PATRÃO. — Um quilo de batatas... dois litros de farinha... uma garrafa de espírito de vinho...

O CAIXEIRO. — É verdade: tem também uma lata de azeitonas, que eu tinha esquecido...

O PATRÃO. — Mau! mau! esses esquecimentos contra mim é que são o diabo! (*Vendo outro papelinho dos pardos*) Hein! tudo isto foi para a casa do Venâncio?

O CAIXEIRO. — Foi. Ele manda buscar à larga...

O PATRÃO. — Muito à larga! Vou começando a desconfiar desse freguês. Ainda não pagou o fornecimento do mês passado, mas não cochila para mandar buscar-me o armazém todo. Vá lá, escreva: cinco litros de feijão... Cinco litros, viu você! De três em três dias!

O CAIXEIRO. — Pudera! A casa está sempre cheia de visitas! Nunca vi uma coisa assim.

O PATRÃO. — Mas eu é que não estou para lhe pagar as diferenças. Se me não der dinheiro até o fim da semana, suspendendo-lhe a cesta... Uma lata de paio!... Oh! O Sr. fidalgo passa a paios e presuntos!... Fica entendido que para o Sr. Venâncio não há mais paios.

O CAIXEIRO. — Eu já lhos tinha negado, mas, não sei como, ele os descobriu... Ah! por falar em paio... agora me lembro de que a Maria da estalagem mandou buscar um quilo de açúcar...

O PATRÃO. — Fiado?

O CAIXEIRO. — Sim, senhor... de 3ª...

O PATRÃO. — E você mandou-lho?

O CAIXEIRO. — Não, senhor. A rapariga está ali está com os ossos no Caju... não tem real...

O PATRÃO. — De mais a mais, com o seu homem desempregado! Nada, nada! Não tem açúcar!... Corja de tratantes! Não avezam cheta<sup>95</sup> e querem comer à tripa forra<sup>96</sup>!... No fim quem paga as favas é o pobre do taverneiro, que é sempre vítima!

O CAIXEIRO. — E o caixeiro que os ature, quando não é ele que responde pelos prejuízos do patrão!

---

<sup>95</sup> Avezam cheta = acostumar com pouco dinheiro.

<sup>96</sup> À tripa forra = à larga.

O PATRÃO. — Fica esta conta do Venâncio para depois... amanhã vou dar um golpe! Vamos à do Pinto, do n. 36.

O CAIXEIRO. — Essa é modesta.

O PATRÃO. — Hum! Ele que manda buscar tão pouco, é que não pode mesmo com a trouxa!... Mais um, que será preciso suspender. Vá lá, escreva: meio quilo de bacalhau... Meio quilo de bacalhau! Ora isto!... Cebolas, 80 réis!... Uma caixa de fósforos... Até fósforos, que miséria!... Como é isto? e vinho?

O CAIXEIRO. — Não mandaram buscar.

O PATRÃO. — Não mandaram buscar! Mas vai todo o dia!... bote vinho... Uma garrafa de vinho. Ora esta!

O CAIXEIRO. — Olhe, patrão, que há muito caloteiro por aí, mas o que vale ao patrão é que o patrão sabe fazer as contas aos outros.

F.C.

## Crônica 51

20 de setembro de 1895

### DIÁLOGOS

— Eu cá não sou de brincadeiras. Gosto de brigar, não levo desaforo para casa. Quando há pancadaria, estou no meu elemento<sup>97</sup>.

— Para apanhar?

— Para dar. Não, que cá o rapaz não apanha assim com duas razões. É homem até dormindo!

— Pois eu sou infenso à luta. Nada de brigas! A mais simples alteração põe-me doente...

— Doente fico eu quando perco ocasião de fazer um tempo quente. Ah! como é bom a gente armar um sarilho e espalhar<sup>98</sup> povo!

— Não me diga isso que até me faz nervoso. Tudo é tão bom com paz e sossego, tudo se resolve com boas maneiras...

— Qual o quê! O homem pacato é pior do que a mulher; não deve andar de calças. Chi! eu nem posso ver gente assim!

— Mais tarde o senhor será menos belicoso.

— Pode ser, mas duvido. É verdade que já fui mais danado do que sou hoje. Olhe, de uma vez, no antigo teatro de Pedro 2<sup>o</sup>, este que o senhor está vendo aqui, fez um salseiro<sup>99</sup> tão grande que pôs a polícia doida. Não lhe conto nada: eu sozinho fiz frente a vinte homens com uma cadeira de braços e dei mais bordoadas em todos eles, durante vinte minutos, que tanto durou o rolo, do que eles me poderiam dar se eu fosse mole.

— E o senhor, não apanhou?

— Nem um cascudo! Era só cabeçada para aqui, pontapé para acolá, rasteira, soco e navalhada até o diabo dizer basta! Sou muito homem!

— É admirável!

— Pois então eu não dei uma sova no célebre *Boca de Sapo*. Conheceu-o?

— Não.

— Não conheceu o *Boca de Sapo*? Era um cabra decidido, bom mesmo no jogo e valente como as armas! Pois apanhou de mim até no céu da boca.

— Muito me conta!

— Ah! isso foi também um pagode! Por causa da *Maricota Pintinha*... Conheceu a *Maricota Pintinha*?

— Não!

— Não conheceu nada! Uma alta, que assobiava os *ss*<sup>100</sup>, de Macaé... Que mulher! Pois por causa dela quase matei o *Boca de Sapo*, que era, aliás, meu amigo... Veio tomar-me satisfações por me ter visto com a *Maricota* bebendo uma cajuada no largo da Carioca. Eu não estive cá com explicações: passei-lhe os grampos no pescoço e o pé à boca do estômago. O cabra caiu como um boneco, mas endireitou-se logo e cresceu para mim... Eu,

<sup>97</sup> “Estar no seu elemento” = Estar no meio que lhe convém; estar como quer, a seu gosto.

<sup>98</sup> Espalhar = dispor-se a briga.

<sup>99</sup> Salseiro = desordem, confusão, motim.

<sup>100</sup> A mania de “assobiar os SS” era uma marca para identificar as mulatas.

zás: cabeçada para aqui, rasteira para acolá, quase lhe dei cabo do canastro. Sou muito homem!

- E não apanhou ainda dessa vez?
- Nem uma arranhadura! Eu não sei o que é medo! Venham quantos quiserem; o senhor mesmo se duvida, pode vir...
- Eu não! Que idéia!
- Venha, se é homem!
- Está doido! Tinha que ver... Não lhe disse que sou homem de paz?
- Deixe de conversa fiada, borra-botas! Você não vale nada!
- E então? Deixe-me em paz.
- Quem é você? Se é homem, encoste!
- Schiu, ó meu amigo, basta! está ouvindo?
- Hein?
- Se continua nesse tom, quebro-lhe esta bengala nos ossos !...
- Oh!
- Digo-lhe isto baixinho, porque não quero fazer escândalo; porém, se persiste na brincadeira apanha como boi ladrão!
- Está bom, está bom! Largue-me, por favor! Que moço desconfiado! Não se pode brincar com ele...

F.C.

## Crônica 52

21 de setembro de 1895

### DIÁLOGOS

- Ditas-me os telegramas da Agência Havas?
- Com a breca! São muitos!
- Então, basta que me leias os mais importantes.
- “Paris, 10. Comunicam de Madagáscar que as tropas francesas continuam a sua marcha triunfante sobre Tananarive. Os hovas<sup>101</sup> fogem em todas as direções; o seu exército está inteiramente desmoralizado...” Desmoralizado! não é para menos<sup>102</sup>!
- Onde está *desmoralizado* entenda-se *desanimado*, que, não sendo tão bom francês, é mais compreensível.
- “Londres, 10. Telegrafam da China que horrorosa matança se tem feito nas pessoas de muitos europeus por parte de fanáticos e bandidos chineses. Algumas famílias inglesas e americanas foram vítimas do *massacre*...”<sup>103</sup> Que diabo é massacre?
- *Massacre* é uma bonita palavra com que os jornais da nossa terra usam dizer morticínio.
- “Bruxelas, 10. Verificaram-se hoje em todo o reino as eleições para os cargos...” Como é que se verificaram as eleições?
- Verificaram-se aí é como quem diz realizaram-se. Para não repetir a mesma palavra, que toda a gente conhece e já é tão batida, dá-se a outro vocábulo sentido diferente do que ele tem.
- É bom isso, porque enriquece a língua, hein!
- O que eu sei é que a torna pitoresca, forçando-lhe a índole. Ainda não reparaste que todos os telegramas da Havas são redigidos à francesa, o que é *chic*, apesar de parecer a alguns exigentes um pouco monótono.
- Ainda não reparei. Como é?
- É assim: dada uma oração, invariavelmente os seus termos são colocados na ordem natural: o sujeito precede o verbo e este os complementos. Exemplo: Um grande meeting se realizou hoje... Uma grave colisão de trens se produziu esta tarde... A construção francesa acentua-se mais em frases como esta: O ministério francês pediu demissão esta noite, a Câmara tendo votado uma moção de desconfiança... Entendes?
- Não entendo, não!

---

<sup>101</sup> Conforme Maurício Waldman os Hovas “constituem uma das muitas etnias da República Malgache, estabelecidos no planalto central de Madagáscar, os hovas são considerados de raça malaia, habitantes de Malaca, Molucas e outras ilhas da Insulíndia. As circunstâncias pelas quais esse grupo se transplantou para Madagáscar não são conhecidas de todo. Os hovas resistiram bravamente ao imperialismo francês, sendo submetidos apenas após décadas de duros enfrentamentos” (WALDMAN, Maurício. *Meio Ambiente & Antropologia*. São Paulo: SENAC, 2006. p. 93).

<sup>102</sup> A matéria publicada no dia 23 de setembro de 1895 n’A *Notícia* diz o seguinte: “Em Madagascar a coluna do general Metzinger derrotou os hovas perto de Tananarive”.

<sup>103</sup> Os telegramas do dia 23 de setembro afirmam “Em Londres receberam-se telegramas noticiando a continuação dos morticínios de europeus na China”.

— A meu ver, a agência Havas, tantas vezes injustamente censurada por causa de seu serviço de informações, precisa...

— De um tradutor que lhe ponha em português os telegramas?

— Não. Cada jornal a que ela serve pode ajudá-la traduzindo-os para si, como se faz com o folhetim romance. A seção telegráfica, passando por vários tradutores, oferecerá em cada folha uma novidade.

— É bem lembrado, mas acredita que com isso se conseguisse ler esses telegramas em português?

— Não, porque o folhetim romance não é, como tu vês, um modelo de pureza gramatical e de correção; mas sempre se lucraria uma certa variedade de estilo. Não podendo endireitar, variemos ao menos...

F.C.

## Crônica 53

23 de setembro de 1895

### DIÁLOGOS

O DOENTE ESPERTO. — Aí vem o Dr. Garcia. Que encontro providencial! Vejamos se disfarçadamente consigo apanhar-lhe uma receita grátis... Sr. doutor, V.S. passa bem?

O MÉDICO. — Vai-se vivendo, Sr. Raposo. Obrigado.

O DOENTE. — Não há de que. O Sr. doutor é feliz. Já eu não posso dizer o mesmo, eu que nem sei como vivo com os meus achaques.

O MÉDICO, *aparte*. — Sentido! (*Alto*) Isso é que é lamentável!

O DOENTE. — Então, agora, a moléstia tem-me atacado de rijo e com uma regularidade que parece um relógio. Todos os dias, ao cair da tarde...

O MÉDICO, *aparte*. — Não há que ver: é uma consulta disfarçada. (*Alto*).Sr. Raposo...

O DOENTE, *segurando-lhe a mão com força*. — Todos os dias, ao cair, da tarde...

O MÉDICO. — Com licença. Vou-me chegando...

O DOENTE, *continuando a segurar-lhe a mão*. — Ao cair da tarde, são favas contadas: dor de cabeça, pernas moles, ou antes, prostração<sup>104</sup> geral, e muitas vezes até suores frios...

O MÉDICO. — Ah! é verdade, Sr. Raposo! Tem visto o Eduardo?

O DOENTE. — Não. Há mais de um mês que não o vejo... Suores frios... sem falar nas contínuas náuseas, que são infalíveis depois do jantar...

O MÉDICO. — É o diabo! Eu precisava tanto falar com o Eduardo. Sabe onde poderei encontrá-lo?

O DOENTE. — Não, senhor... Estive a pensar se seria do fígado, e experimentei as taurinas do Erba... mas qual! não consegui nada.

O MÉDICO. — Ao menos o irmão dele, que é empregado na alfândega... Onde posso encontrar o irmão dele?

O DOENTE. — Talvez na alfândega... Seja fígado ou seja lá o que for, o que é certo é que estou muito doente.

O MÉDICO. — Quando mais se precisa de alguém, é quando menos se encontra. Todos os dias era certo ver aquele demônio, porque não tinha necessidade de o ver, agora que a tenho...

O DOENTE. — E se fosse coração! Ah! Sr. doutor, que medo me fazem as tais moléstias do coração!

O MÉDICO. — São graves, são... Mas, com licença...

O DOENTE. — Acha que eu esteja seriamente afetado do coração?

O MÉDICO. — Eu não acho nada, nem sequer o Eduardo, o que me causa transtorno.

O DOENTE. — Mas enfim estas náuseas, estes suores frios... Deve ser alguma coisa...

---

<sup>104</sup> “Prostração” = Grande debilidade, resultante de doença ou cansaço; enfraquecimento, abatimento.

O MÉDICO. — Por força! Não imagina como estou aborrecido... Bem, até mais ver, Sr. Raposo!

O DOENTE. — O Sr. doutor está com muita pressa, hein!

O MÉDICO. — Pudera! Tantos negócios urgentes a aviar! Só as visitas que tenho de fazer hoje... Com licença!

O DOENTE. — Ah! as visitas!

O MÉDICO. — E as consultas!

O DOENTE. — As consultas! A propósito: eu queria mesmo pedir-lhe...

O MÉDICO. — Adeus Sr. Raposo...

O DOENTE. — Uma palavra só: no estado em que me acho, que me aconselha fazer?

O MÉDICO, *conseguindo escapar*. — Procure um médico.

F.C.

## Crônica 54

24 de setembro de 1895

### DIÁLOGOS

- Sr. Anselmo já viu a Exposição<sup>105</sup>?
- Já, sim, minha senhora. Pois eu podia lá faltar a esse dever?
- Porque não? Há tanta gente que lá não vai nem por passatempo...
- Mas eu tinha de ir por força. Sou um artista.
- Um artista! como?
- Com certeza; pelo menos de coração. Tenho a alma de um Ticiano<sup>106</sup>...
- Pena é que não tenha o resto.
- Sim, é pena. Mas olhe que em criança revelei muita vocação para a pintura, tanto assim que frequentei a Academia. Depois vieram azares, contratempos...
- Pois eu ainda não pude ver a exposição, mas aproveitarei o primeiro ensejo para isso. O Dr. Nunes disse-me maravilhas de alguns trabalhos que há lá.
- O Dr. Nunes é entendedor! E bom médico! Aí está a carreira que me convinha. Para médico é que eu dava! Quando entrei para a Faculdade...
- Ah! esteve na Faculdade?
- Cursei dois anos, nada menos. Deixei os estudos por causa de uma paixão amorosa. Foi uma grande asneira.
- Acredito.
- Eu seria hoje um grande médico, porque aptidão e gosto não me faltavam. Minha mãe queria ver-me advogado... era o seu sonho!
- Mas o senhor não tinha queda para a advocacia?
- Pelo contrário: tinha queda pronunciadíssima! E se havia carreira que me entusiasmasse, era essa! Parece que nos homens formados em direito, quandooram ou quando arazoam, o talento mais se evidencia. Mas quis a fatalidade que eu deixasse os estudos no 4<sup>o</sup>. ano...
- Também estudou direito?
- Sim, senhora. Fiz em S. Paulo quase todo o curso em ano e meio. Eu seria hoje um grande advogado, se não fosse a Lúcia...
- *A Lucia de Lamermoor*<sup>107</sup>?
- Não, senhora, a Lúcia Pires, uma aventura... Só me faltava um ano para obter o meu diploma. É verdade que nos últimos tempos eu andava arredio das aulas, seduzido pelo jornalismo, que sempre me fascinou. Tive sempre muito gosto e muita vocação para a vida da imprensa. É bela, é atraentíssima, com a sua agitação e a sua publicidade, não acha?
- De certo. O jornalista, quando tem talento... Agora, quando o não tem...
- Perfeitamente! Era o que não me faltava, digo-o sem modéstia...
- Bem o vejo.

---

<sup>105</sup> A Exposição que começaria no dia 25 de setembro, foi noticiada n'A Notícia pela seguinte nota: "Amanhã ao meio dia, realiza-se no Hospício Nacional a exposição dos trabalhos dos alienados".

<sup>106</sup> Tiziano Vecellio (1490?-1576) pintor italiano.

<sup>107</sup> Ópera em três atos de Gaetano Donizetti.

— Em São Paulo escrevi em quase todos os jornais. A minha colaboração era bem disputada... Mas sobrando-me a vontade, minguava-me o tempo; eu não chegava para as encomendas. O violoncelo tomava-me duas horas por dia.

— O violoncelo?

— Sim. Tinha começado a estudar violoncelo. É o instrumento da minha paixão! A música sempre me seduziu, estou certo de que nasci para ser um grande músico...

— É realmente singular! Nunca se viu um homem errar tantas vocações! Tendo nascido para os mais nobres e variados papéis.

— Diz muito bem.

— Acabará sendo o que é, simples procurador de causas? Que mais procura, se já teve onde tanto achar?

F.C.

## Crônica 55

25 de setembro de 1895

### DIÁLOGOS

- Onde vais com tanta pressa?
- Deixa-me, homem. Ando a espalhar convites para uma grande reunião literária<sup>108</sup>.
- Bravo!
- É agora!... Trata-se de um alto movimento que, segundo se espera, aproveitará largamente a nossa literatura. Eu ando a espalhar os convites.
- Muito bem. É mais um serviço que as letras te ficam devendo.
- Vou daqui a vários negociantes, começando pelo Cardoso, da rua Sete...
- Que vais fazer?
- Convidá-lo, já se vê.
- O Cardoso é homem de letras?
- Não, mas é muito nosso camarada, está sempre conosco...
- Então, sim.
- Compreendes que se trata de uma reunião literária, puramente literária, no sentido rigoroso da palavra. Já vêes que não se pode esquecer o Cardoso...
- Da rua Sete. Está claro. Ouve cá: eu posso convidar o meu barbeiro?
- Não, por ora não. Apesar de que se pensa em popularizar o mais possível a reunião, por enquanto fazemos ainda uma certa seleção, tão cuidadosa quanto baste para não desvirtuar o caráter do movimento.
- Entendo.
- Depois do Cardoso, vou procurar o maestro X...
- Para quê?
- Para o concerto, pois então? Um pequeno concerto instrumental, artisticamente [...] programa *chic* e nome [...]
- Mas esse concerto [...]
- Oh! meu amigo, se [...] trata de uma reunião literária...
- Ah! sim. Uma vez que se trata de uma reunião literária!
- Puramente literária!... Depois vou aos Zoes...
- Aos Zoes! Que vem a ser isso?
- Os Zoes, do S. Pedro, filho, os célebres voadores. São exímios no trapézio, no duplo salto mortal...

---

<sup>108</sup> A reunião literária foi convocada por Aluísio Azevedo, realizada no dia 24 de setembro no salão principal do edifício em que funciona a companhia Fotográfica Brasileira. Segundo nota do dia 25 de setembro n' *A Notícia*, as conferências literárias tinham caráter de *matinéés* artísticas. Na reunião presidida por Machado de Assis, criou-se as seguintes comissões:

De convites: Machado de Assis, Dr. Ferreira de Araújo, José Veríssimo, Drs. Bandeira e Graça Aranha.

De aquisição do local e organização das *matinéés*: Armando de Araújo, José Carlos de Carvalho e João Bruno.

Nas *matinéés* tomaram parte Alberto Nepomuceno e Lima Braga.

Na primeira conferência ocupou a tribuna para falar de *O livro de uma sogra* de Aluísio Azevedo, o Dr. Fausto Barbosa. O fato do primeiro palestrante não ser um homem de letras, deu ensejo à crítica de vários autores, como Valentim Magalhães, que apontavam que a reunião não era "totalmente" literária.

— Ah! o duplo salto mortal... o trapézio!... Realmente são extraordinários... Isso também faz parte do programa!

— Pudera! Uma reunião literária! Com que se havia, então, de organizar uma reunião literária, puramente literária?

— Tens razão, porém...

— Não me faças objeções. Duvidas acaso do êxito da nossa idéia?

— Ao contrário, estou certíssimo de que será enorme.

— E então com o atrativo dos prêmios.

— Também há prêmios?

— Por sorteio... certamente! Pois que supunhas, tratando-se de uma reunião literária?

— Não supunha nada. Vejo que estão reunidos os melhores elementos para o brilhantismo da reunião, mas não se teria esquecido nenhum?

— Qual?

— A literatura, por exemplo!

— Que lembrança!... É verdade que eu, pela minha parte, não me oponho a que se faça um bocadinho de literatura; porém, tratando-se de uma reunião literária...

— Dou as mãos à palmatória.

— Adeus, que tenho muita pressa. Vou correndo, para chegar antes que morra a idéia.

F.C.

## Crônica 56

26 de setembro de 1895

### DIÁLOGOS

— A discussão calma tudo esclarece e resolve. Prezo-me de ser sempre cortês no debate.

— O senhor é um homem bem educado.

— Respeito as opiniões alheias, por mais contrárias que sejam ao meu modo de pensar, o que não impede que seja inabalável nas minhas.

— Apesar de tudo?

— Apesar de tudo.

— Nesse caso, para que discute? Se o senhor está resolvido a nunca reconhecer que errou, a nunca dar razão ao antagonista, o debate mais calmo e mais cortês será sempre trabalho perdido.

— Não. Quando discuto, estou sempre seguro de chamar o adversário para o meu lado, e ele vem à força.

— Mas se a razão não estiver com o senhor?

— Isso não é possível! Eu tenho sempre razão.

— Ah!

— De sorte que, quando quero convencer o meu contendor de que ele vai errado, hei de necessariamente consegui-lo.

— Oh!

— E respeito todas as opiniões, por mais tolas que sejam. Respeito-as, mas bato-as; bato-as e venço-as. Assim, por exemplo: diga-me o seu modo de ver sobre esse tema palpitante: qual foi maior: César ou Napoleão?

— Acho que foi César.

— Pensa mal: foi Napoleão.

— Por quê?

— Porque foi.

— Ah! assim...

— Perdão! ou isto é uma discussão séria ou não o é! Se é uma discussão séria, foi Napoleão.

— Estamos apenas conversando...

— Estamos trocando idéias, senhor, e eu vejo que as suas não prestam para nada. As minhas são ótimas... Por conseguinte, quem perde na troca sou eu...

— São modos de ver.

— Sou positivamente roubado.

— Senhor!

— Respeito todas as opiniões, mas o que o senhor afirma é uma asneira do tamanho deste mundo. Napoleão foi maior do que César.

— Mas por quê? Prove-me que eu sustento uma asneira. Por quê?

— Porque sim.

— Se é de tal modo que o senhor convence sempre o seu contendor...

— Naturalmente. Só se o meu contendor é uma besta...

— Oh!

— Há por aí tantas aos coices na humanidade...  
— Admiro agora a sua cortesia no debate.  
— Entendamo-nos: não me refiro ao senhor. Seria incapaz...  
— Aceito a explicação.  
— Porque o senhor vai declarar-se convencido, como homem de espírito que é. É sábio reconhecer que se deu uma patada.  
— Ah!  
— Falo em tese. O senhor não é positivamente uma besta!  
— Obrigado.  
— Por conseguinte, Napoleão foi maior do que César.  
— Mas por quê?  
— Com os diabos! O senhor, sobre ser de uma ignorância supina, é teimoso como um jumento. Respeito muito todas as opiniões alheias, mas a sua persistência num erro tão estúpido traz-me o receio bem fundado de que o meu amigo se não levante mais, no caso de cair ao chão com os quatro pés. Diga o que quiser, nunca me convencerá de que o senhor é outra coisa além de um formidável dromedário e de que César foi maior do que Napoleão.

F.C.

## Crônica 57

27 de setembro de 1895

### DIÁLOGOS

- Como estás pálido! Tens o rosto cor de cera.
- Cor de cera! Não me parece. Estou com a cara de todos os dias.
- É impossível que não estejas doente. Não sentes nada?
- Nada absolutamente.
- Que celebreira<sup>109</sup>! Nunca te vi assim, de face macilenta, olhos encovados, nariz afilado...
- Basta! Não sinto nada, mas as tuas observações dão-me que pensar. Sou muito impressionável.
- Não te falo assim para te assustar; porém, como sou teu amigo, devo fazer-te sentir o que noto e recomendar-te cuidado. Dize lá o que quiseres, tu não estás bom.
- Oh! diabo!
- Tens as pernas inchadas?
- Não!
- É impossível que não tenhas as pernas inchadas.
- Por quê?
- Cá por uma coisa
- Sê franco.
- Não te quero assustar. Sou teu amigo... Trata-te.
- Mas de quê? Que moléstia tenho eu?
- Sei lá! Vai ao médico... Entretanto não acho difícil acertar com a doença. Está a saltar aos olhos!
- O quê?
- Isso mesmo. Tu dormes bem?
- Ainda esta noite dormi regaladamente de um sono só...
- Não quer dizer nada. A moléstia é traiçoeira... Cautela, muita cautela!
- Acordei forte e bem disposto, são do corpo e do espírito. Agora tu é que vens incomodar-me.
- Para teu bem. Se não queres seguir os meus conselhos, é outro caso. Quem me avisa meu amigo é.
- Mau! mau! que já não me sinto bem. O coração palpita-me acelerado...
- Então? tenho ou não tenho razão?
- Já sinto as pernas vacilantes e uma espécie de tonteira na cabeça. Mas és tu que me fazes doente.
- Eu? Bonito! Acusas-me da tua moléstia! É verdade que isso é também natural, no teu estado...
- Mas qual estado?
- Um estado mórbido, terrível, poucas vezes remediável. Não te falo assim para te assustar.
- Dá-me o braço.

---

<sup>109</sup> Celebreira = extravagância, esquisitice, mania.

— Que tens?  
— Parece-me que vou desmaiar. Tenho uma névoa diante dos olhos, vêm-me náuseas, dores nas costas...  
— Hein! acertei ou não? os sintomas não falham. Ah! meu amigo, eu conheço muito isso.  
— É muito grave? corro perigo de vida?  
— Talvez não. Em cem casos desses, salvam-se dois ou três. Podes salvar-te.  
— Ah! meu Deus!  
— Também estás um pouco nervoso, mas não é só o nervoso que urge combater. Não te falo assim para te assustar... Então? ânimo! Um homem é um [...]  
— Estou morto! Felizmente és meu amigo, e [...] dar-me coragem. Não me deixes, peço-te!  
— Descansa. Acompanhar-te-ei até ao fim...  
— Até ao fim!  
— Os amigos são para as ocasiões... Mas não percas o ânimo! Ainda há esperanças...  
— Ah! falas assim para me confortar. Obrigado.  
— Sou teu amigo.  
— Leva-me a uma farmácia... Mas antes, francamente, dize-me a verdade inteira, por mais terrível que seja. Preciso sabê-la, terei a coragem de a ouvir.  
— Bem. Queres toda a verdade? Lá vai. Não te falo assim para te assustar: estás muito mal do coração e...  
— E...  
— É um caso perdido.

F.C.

## Crônica 58

28 de setembro de 1895

### DIÁLOGOS

- Passei a noite a reler o *Othelo*. É realmente a melhor coisa de Shakespeare<sup>110</sup>.
- O divino Shakespeare! O gênio dos gênios! o maior poeta dramático de todos os tempos!
- Não vou tão longe na minha admiração. Asseguro mesmo que é muito limitada...
- Como! não admira com entusiasmo, com loucura, o prodigioso Shakespeare?
- Não, acho-o simplesmente um escritor dotado de algumas qualidades...
- Oh!
- Conhecedor de certas paixões...
- Diga antes: o maior, o mais profundo analista do coração humano.
- Prefiro-lhe Ésquilo<sup>111</sup>.
- Não conheço Ésquilo.
- Também não é o meu homem...
- Victor Hugo<sup>112</sup>, talvez?
- Qual Victor Hugo! Um simples poeta... alguma imaginação e mais nada!
- Pois que! o poderoso espírito dos *Châtiments*<sup>113</sup> e das *Vozes Interiores*<sup>114</sup> só lhe merece esse elogio negativo?
- Decerto. Ah! eu sou muito exigente. Não acompanho a massa nas suas admirações insensatas, não penso como os outros, tenho idéias próprias.
- Mas de um pessimismo atroz.
- Tenho grandes afinidades com Schopenhauer<sup>115</sup>, posto que este filósofo esteja longe de me merecer um culto extraordinário. Um simples fazedor de frases!
- Schopenhauer!
- Sim, eu tenho idéias próprias, não vou com a multidão, não ando a repetir boçalmente o que todos dizem.
- Que tal acha Musset<sup>116</sup>?
- Um lírico piegas... com algumas qualidades...
- Há quem lhe dê o primeiro lugar entre os líricos deste século.
- É a tal coisa. Razão de mais para que eu o admire menos. Não encarregarei o cérebro alheio de pensar pelo meu. Então lá porque toda a gente afirma por exemplo que Gladstone<sup>117</sup> é o primeiro estadista dos tempos modernos, eu hei de dizer o mesmo?
- Que diz então?
- Digo que Gladstone é um homem de estado... sim... com algumas qualidades...

---

<sup>110</sup> Shakespeare (1564-1616) dramaturgo e poeta inglês.

<sup>111</sup> Ésquilo (525 a.C. – 456 a.C.) poeta trágico grego.

<sup>112</sup> Victor Hugo (1802-1885) escritor e poeta francês.

<sup>113</sup> Coleção de poemas de Victor Hugo publicada em 1853.

<sup>114</sup> *Les Voix intérieures* – coletânea poética de 1837.

<sup>115</sup> Arthur Schopenhauer (1788 – 1860) – Filósofo alemão.

<sup>116</sup> Alfred de Musset (1810 – 1857) – poeta, romancista e dramaturgo francês.

<sup>117</sup> William Ewart Gladstone (1809 – 1898) – político liberal britânico.

- Ainda bem que lhe reconhece valor.
- Sim, também não posso negar-lhe tudo; mas não vou com a multidão. Tenho idéias próprias.
- Originais, não. Quem quiser saber o que os outros não pensam, deve consultá-lo.
- Orgulho-me de estar só nas minhas opiniões.
- É a melhor maneira de se distinguir. Mas eu tenho esperança de que sobre um homem notável ou uma obra de vulto, pelo menos hei de vê-lo fazendo coro com a multidão.
- Pode ser. Em alguma [...] os outros nos havemos de encontrar.
- Leu Schiller<sup>118</sup>?
- Certamente.
- ?
- Gosto muito... Tem qualidades, porém...
- Não é o seu homem!
- Não.
- Ah! vou apanhá-lo, tenho certeza de que o vou apanhar agora.
- Duvido.
- Qual é a sua opinião sobre o *Zé do Capote*<sup>119</sup>?

F.C.

---

<sup>118</sup> Friedrich Schiller (1759 – 1805) – poeta, dramaturgo, filósofo e historiador alemão.

<sup>119</sup> Referência à peça *O senhor José do Capote, assistindo a representação do Torrador*, do dramaturgo português Paulo Midosi (1821-1888), que foi publicada em 1855. A peça era uma “paródia burlesca” da ópera *Trovador* de Verdi, de 1853.

## Crônica 59

2 de outubro de 1895

### DIÁLOGOS

— Estive ontem em casa do conselheiro Miranda. Uma reunião agradabilíssima! O jantar fora excelente, regado de generosos vinhos, menos generosos, aliás, do que o anfitrião...

— Mas talvez mais espirituosos.

— Asseguro-te que não. O conselheiro é um dos melhores palestradores do Rio de Janeiro, dispõe de sólidos e variados conhecimentos, é jovial e sabe mudar de assunto quando convém.

— Uma boa palestra é um prazer verdadeiramente raro. Mas vamos ao que importa: sabes que me interesso pela eleição de...

— E queres o meu voto?

— Quero mais: os votos que poderes arranjar entre os teus parentes e amigos.

— Sinto não te poder servir. O teu candidato não é o deputado que me sorri. Demais, estava resolvido a não votar agora, mas o conselheiro obteve a minha promessa em favor de...

— Trabalhas por um candidato de feição oposta às tuas idéias?

— Que queres? o conselheiro... Sou intransigente em política, mas nada posso recusar ao conselheiro.

— Paciência! passarei sem o teu concurso, que, aliás, tinha como certo. Que te parece a próxima eleição? O movimento político é grave...

— Gravíssimo! Ainda ontem o conselheiro dizia...

— Há uma ansiedade nos espíritos, uma falta de confiança nas resoluções, umas apreensões inexplicáveis...

— Tal qual! Palavras do conselheiro. Uma ansiedade de espíritos...

— Mas tão grande é o privilégio de fortuna deste abençoado país, que esses receios, estou certo, não se confirmarão. Com um pouco de juízo podemos sem medo encarar o futuro.

— Isso mesmo: um pouco de juízo... Juízo! Juízo! é o que se quer! exclamava o conselheiro ao estudar a situação. Ah! que grande espírito! que notável bom senso! que superior critério!

— Não é preciso ser um pensador para exprimir tal conceito.

— Acho-o de uma rara sabedoria, tanto mais quanto o vi hoje repetido numa folha da manhã. Foi num artigo magnífico, que se diria escrito pelo conselheiro.

— Sim, senhor! Em grande apreço tens esse homem e ele absorve-te os pensamentos. Admiro a tua admiração.

— Isto não é força de entusiasmo, porque eu não tenho ídolos. Como bem diz o conselheiro: não há cegueira pior para a razão do que a do fanatismo.

— Julgo que ele não descobriu isso... Mas basta! contigo não arranjo nada...

— Não vais zangado?

— Ora essa!

— Sempre amigos! A divergência não exclui a amizade...

— Como diz o conselheiro?

- Vai amanhã jantar comigo. Minha mulher pergunta-me sempre por ti. Já ninguém te vê, que diabo!
- Hei de aparecer! Os meus respeitos...
- Amanhã, às horas do costume, isto é... não! porque o conselheiro...
- Pois seja quando ele quiser, mas não deixes de apresentar à tua senhora os meus respeitos [...] o permite...
- Quem?
- O conselheiro.

F.C.

## Crônica 60

3 de outubro de 1895

### DIÁLOGOS

O PESSIMISTA. O país está à beira de um abismo.

O OTIMISTA. Perdão! o Brasil progride como nunca.

O PESSIMISTA. A crise está em toda a parte; o futuro mostra-se nos pavoroso.

O OTIMISTA. A pouco e pouco se vão resolvendo as nossas dificuldades; os horizontes são cor-de-rosa.

O PESSIMISTA. O dia de amanhã será terrível.

O OTIMISTA. Confiemos no dia de amanhã.

O PESSIMISTA. Não há para que apelar; não há segurança em coisa nenhuma; nada mais nos resta.

O OTIMISTA. O patriotismo é uma força invencível; caminhamos seguros na estrada do progresso; temos enormes recursos naturais.

O PESSIMISTA. A desorientação é geral; andamos positivamente às aranhas, e talvez não nos valha a divina Providência.

O OTIMISTA. Entramos definitivamente no bom caminho; guia-nos um alto critério patriótico, e Deus nos protege sempre.

O PESSIMISTA. O senhor contraria-me com um espantoso desembaraço. Muito se compraz em dizer com ares de convicção precisamente o oposto daquilo que eu digo e que é a dolorosa verdade.

O OTIMISTA. É boa! O senhor é que mostra especial empenho em me contradizer previamente a minha opinião, que, por fim de contas, é a de toda a gente, por ser a mais razoável.

O PESSIMISTA. De sorte, que, a seu ver, tudo vai bem. O país progride, os horizontes são cor de rosa...

O OTIMISTA. Sim, senhor, o céu é azul, a branca pomba da paz...

O PESSIMISTA. Muito há que notar sobre essa alegre combinação de cores, mas eu não quero discutir o íris do seu otimismo...

O OTIMISTA. Nem eu a negrura dos seus óculos de besta. O senhor deve padecer muito do fígado.

O PESSIMISTA. E o senhor deve ser um namorado feliz.

O OTIMISTA. O seu fígado não está em estado de deliberar.

O PESSIMISTA. O seu coração torna-o verdadeiramente idiota.

O OTIMISTA. Um homem que é todo bÍlis.

O PESSIMISTA. Um homem que é todo melúrias<sup>120</sup>.

O OTIMISTA. Com franqueza: eu [...] dancia em modos de ver, mas a tal [...]preende. O senhor vai logo às [...] tão pouco o seu país...

O PESSIMISTA. Pelo contrário. É exatamente [...]teresse apaixonado da minha pátria que me [...]claro os perigos. Ao passo que o senhor... a [...] quer enganar com as suas falaciosas profe[...]. Quer saber o que me vale? é que ninguém [...] seus olhos.

O OTIMISTA. Ninguém sente pelo seu fígado[...]

---

<sup>120</sup> Melúria significa “1.Pop. Lamentação habitual; queixa astuciosa. 2.Ato ou palavra manhosa, untuosa. 3.Bras. S. Agrado, lisonja. Substantivo de dois gêneros. 4.Pop. Pessoa dissimulada”.

O PESSIMISTA. Não adiantamos idéia. O gov[...] sempre...  
O OTIMISTA. A oposição combate às [...]  
O PESSIMISTA. Tudo vai muito mal...  
O OTIMISTA. E o país caminha!

F.C.

## Crônica 61

4 de outubro de 1895

### DIÁLOGOS

- O AUTOR. À sua abalizada<sup>121</sup> apreciação venho submeter este meu trabalho.
- O CRÍTICO. *Ondulações tépidas*... poesias de Bernardo Guedes. *Tépidas* por quê?
- O AUTOR. Para exprimir um estado d'alma. Nem o calor tropical nem a frieza siberiana... entende?
- O CRÍTICO. Perfeitamente: com que um meio termo: *In medio consistit virtus*<sup>122</sup>. Pois muito bem: vou ler atentamente o seu livro, e conte que darei sinceramente a minha opinião.
- O AUTOR. Nada mais desejo. O meu empenho é ser lido; não venho pedir elogios.
- O CRÍTICO. Falece-me competência, mas sobra-me boa vontade.
- O AUTOR. Não lhe venho pedir elogios, não peço elogios a ninguém. Estou, porém, certo de que há de gostar.
- O CRÍTICO. Assim o espero. O senhor não é um desconhecido; já fez com êxito as suas primeiras armas e é natural que tenha realizado as promessas que deu.
- O AUTOR. Obrigado. Verá... Tudo que eu desejo é ser lido. Sei que é uma grande maçada ler obras para as criticar; faça por mim tal sacrifício!...
- O CRÍTICO. Oh! senhor! não é sacrifício, é obrigação... obrigação e devoção.
- O AUTOR. Os nossos críticos têm o mau costume de não ler os livros sobre que falam... não digo isto pelo senhor, que é consciencioso, tão consciencioso como autorizado...
- O CRÍTICO. Autorizado não serei, mas consciência tenho-a!
- O AUTOR. Leia as *Ondulações*; há de gostar... Digo isto sem modéstia...
- O CRÍTICO. Estou vendo... Quase posso antecipar o meu juízo a respeito dos seus versos. Sempre lhe achei alguma inspiração.
- O AUTOR. Nós somos homens de espírito, não é verdade?
- O CRÍTICO. De nós ambos, um, pelo menos, o é.
- O AUTOR. Obrigado. Falemos como homens de espírito: deixemo-nos dessas ridículas partes burguesas de um homem negar ou disfarçar o seu mérito os meus versos têm muita inspiração.
- O CRÍTICO. Mas a sua forma não era bastante cuidada...
- O AUTOR. Desafio a quem a apresente mais caprichosa, mais bela!
- O CRÍTICO, *sorrindo*. Então, está feita a crítica.
- O AUTOR, *com simplicidade*. Sim, quer-me [...]cer... Eu não venho pedir elogios... desejo apenas [...] lido, mas não me surpreenderá que algum crítico pretensioso, algum tolo, deixe de achar nos meus versos grandes belezas de forma.
- O CRÍTICO. Poderá ser uma opinião ruim, mas sincera.
- O AUTOR. Qual sincera! eu lá acredito na sinceridade desses críticos?
- O CRÍTICO. Não a teme?
- O AUTOR. Estou muito acima dos Zoiles, que não conseguem morder-me o calcanhar! Sei o que vale. Em suma: aí tem o meu livro. Não venho pedir elogios, quero apenas ser lido; mas quem não achar inspirados e perfeitos os meus versos, não passa de um idiota!

F.C.

<sup>121</sup> Abalizada: De grande competência; idôneo, notável, competente.

<sup>122</sup> Expressão latina que significa "No meio está a verdade".

## Crônica 62

5 de outubro de 1895

### DIÁLOGOS

O JORNALISTA, *entrando no camarim da distinta atriz.* — Boa noite, menina! Tu dá licença, não?

A ATRIZ. — À vontade. Há quanto tempo não aparece!

O JORNALISTA. — Por não poder... Muitas ocupações. O meu desejo é estar sempre a teus pés.

A ATRIZ. — Como é gentil!

O JORNALISTA. — Não é de hoje que tenho um fatcaz por ti... e tu trata-me com uma crueldade!

A ATRIZ, *ficando séria.* — É injusto! Parece-me que sempre o tratei bem, e não faço mais do que o meu dever, correspondendo à sua amabilidade. Você é tão bom para comigo...

O JORNALISTA. — Tu bens sabes o que eu quero dizer. Há muita maneira de tratar bem; a tua não é a que eu queria.

A ATRIZ. — Pois não tenho outra.

O JORNALISTA. — Tens, tens... e tens principalmente um gostinho especial em te fazer arisca.

A ATRIZ. — Arisca!... Ah! Sim... Você há de reconhecer que eu sou uma rapariga séria, e, ainda que o não fosse, o Magalhães não me deixaria por pé em ramo verde...

O JORNALISTA. — Ora vamos! Aqui entre nós que ninguém nos ouve. Coração nas mãos: seria a primeira vez que...?

A ATRIZ. — Que o quê?

O JORNALISTA. — Pretendes por força fazer-me crer que o teu Magalhães está mais consolidado do que parece.

A ATRIZ. — Com certeza: eu seria incapaz de lhe fazer isto assim...

O JORNALISTA. — Serias ou és?

A ATRIZ. — Serei... enquanto ele se portar bem. Gosta de mim... não é como você, que faz a corte a todas as artistas... até coristas...

O JORNALISTA. — Dever de ofício. Tenho obrigação de conversar com todas...

A ATRIZ. — Mas creio que não tem obrigação de abraçar aquela corista gorda, que tem perna de bilhar! Você chama a isso conversa!

O JORNALISTA. — Eu abracei a corista gorda!

A ATRIZ. — Bem o vi... e olhe que não o ando espiando... Importa-me lá! Como se eu não o conhecesse!...

O JORNALISTA. — Viste mal. Eu estava a abotoar-lhe o corpinho, porque ela tinha as mãos ocupadas...

A ATRIZ. — O corpinho!... O diabo da baleia!... Olha se eu tivesse a franqueza de lhe dar ouvidos... Pobre Magalhães!

O JORNALISTA. — Deixa lá o Magalhães. Sei que só falas dele para me contrariar. Política feminina!

A ATRIZ. — Não consinto que ninguém...

O JORNALISTA. — Guarda isso para a cena... Ingrata! (*Abraça-a com segurança e impunidade*).

A ATRIZ. — Você dá amanhã uma notícia do meu benefício... a 27?

O JORNALISTA. — Isso, nem se pergunta, minha flor! Tomo nota. (*Escreve numa carteirinha*).

A ATRIZ, *olhando por cima do ombro dele; com meiguice*. — Você escreve benefício com dois ss?

F.C.

## Crônica 63

7 de outubro de 1895

### DIÁLOGOS

O CANDIDATO. — Posso então contar com o seu voto?

O ELEITOR. — Pode, mas o doutor saberá que muito esperamos do seu zelo. Falo por mim e pelo meu distrito, onde tenho alguma influência.

O CANDIDATO. — Eu ouço o distrito pela sua voz. Tudo pelo povo, é a minha divisa!

O ELEITOR. — Tudo pelo distrito!

O CANDIDATO. — Sim, viva a República! Trabalharei incansavelmente para a tornar forte, grande e próspera. A República acima de tudo!

O ELEITOR. — Sim, certamente; mas tudo pelo distrito. As suas idéias são conhecidas, e, como são boas, a toda a gente é simpática a sua candidatura; mas, aqui entre nós, há mais de dez anos que o senhor as prega sem resultado. Não estarão elas muito vistas? O meu amigo não terá mais alguma coisa nova que nos dê?

O CANDIDATO. — Ora essa! O senhor suporá por acaso que um homem como eu, um político de princípios e sobretudo um intransigente, deve apresentar novidades todos os dias, como os programas das companhias de cavalinhos?

O ELEITOR. — Não compreendeu bem as minhas palavras: não me fiz entender. O que eu queria dizer é que, sem incoerência com o seu passado, o doutor poderia trazer agora mais alguma coisa.

O CANDIDATO. — Veremos. O meu passado é garantia do meu futuro.

O ELEITOR. — Perfeitamente. Isso fortalece a minha confiança... mas eu estimaria mais que o doutor me declarasse o que vai fazer.

O CANDIDATO. — Nada...

O ELEITOR. — É pouco.

O CANDIDATO. — Republicano conservador, pretendo ser o mais moderado possível. Sustentarei a República em todos os terrenos, mas com moderação. O maior perigo que pode correr o grande regime de 15 de novembro é o excesso de zelo em o defender. O meu programa é não fazer nada; a República irá por si.

O ELEITOR. — Isso quanto à República, e quanto ao distrito?

O CANDIDATO. — Tudo, já o declarei. Creio que ninguém seria mais franco, mais largo de vistas e de princípios.

O ELEITOR. — Ninguém. Otimamente. O senhor compromete-se, pois, a não fazer nada?

O CANDIDATO. — Também estou certo disso; mas creia que sempre acho estranhável essa pretensão do eleitorado, interrogando inquisitorialmente o candidato.

O ELEITOR. — Inquisitorialmente!

O CANDIDATO. — Ora, é preciso que os senhores eleitores se convençam de que num caso tão insignificante não posso absolutamente fazer um exame de consciência...

O ELEITOR, *convencido*. — Não pode não!

F.C.

## Crônica 64

8 de outubro de 1895

### DIÁLOGOS

- Parto amanhã. Viajarei quase toda a Europa.
- Viagem de recreio?
- De recreio e de estudo. Estudar em viagem é para mim um prazer extraordinário.
- Deveria começar pelo seu país. O Brasil, este colosso que constitui uma das maravilhas do mundo, oferece muito mais que ver do que toda a Europa. Não sou contra a excursão ao estrangeiro; mas acho que se deve principiar pela terra própria.
- Deixo o Brasil para depois. Estou em minha casa; e ela a todo o tempo acha-se às minhas ordens.
- Não a despreze por isso.
- A minha viagem será, pois, demorada, principalmente na Itália.
- A bela Itália, a artística...
- Mas a Alemanha, com a sua grave ciência e a sua política de ferro, ter-me-ia como um dos seus hóspedes mais afeiçoados.
- Faz bem. A Alemanha, a sisuda Alemanha...
- A França, com a sua eterna alegria e os seus passatempos contínuos, vai prender-me também alguns meses.
- Compreende-se bem. A alegre e espirituosa França!...
- A Inglaterra, com a sua indústria portentosa, há de merecer-me consideração muito especial...
- Certamente. A industriosa e industrial Inglaterra...
- Portugal, a pátria dos nossos maiores, o país nosso irmão, atraindo-me também, principalmente pelos seus movimentos e pelas suas tradições...
- O velho e glorioso Portugal, berço dos nossos avós!...
- Dos nossos pais!
- Não, os meus eram filhos de Minas.
- De cada um desses países trarei uma lembrança útil e agradável.
- Da França uma rica biblioteca...
- Ou um belo quadro, ou um sortimento de modas.
- Da Inglaterra uma máquina nova, aperfeiçoada...
- Sim, um aparelho para qualquer função doméstica...
- Da Itália já eu adivinho o que trará: a bela ópera moderna, ou um objeto de Pompéia em ruínas.
- Sim talvez um vaso etrusco.
- Um vaso etrusco de Pompéia! Há de ser difícil...
- Da Alemanha tratados de filosofia, a filosofia sã e austera dos grandes mestres alemães.
- Também há por lá boa música... E de Portugal virá o belo vinho que é sem rival...
- De Portugal trago o que absolutamente não há por aqui, de que eu necessito muito.
- O que?
- Um homem de letras.

F.C.

## Crônica 65

9 de outubro de 1895

### DIÁLOGOS

O TRIBUNO. — Eis-me cá em cima, na mais elevada tribuna. Sentado ao braço do fundador, daqui lançarei ao povo o meu verbo inflamado<sup>123</sup>.

A ESTÁTUA. — Quem és tu, que assim ousas cavalgar-me? Um poeta lírico? Um bêbado vulgar? Um padre reacionário? Ou simplesmente um candidato à deputação?

O TRIBUNO. — Simplesmente. Vê lá como falas à.... As estátuas estão agora de um atrevimento... E quando eu fosse um candidato?

A ESTÁTUA. — Não seria este o lugar mais próprio para deitares o teu programa.

O TRIBUNO. — Um cidadão pode fazer ouvir a sua voz em qualquer lugar que lhe convenha. Tenho por mim a Constituição...

A ESTÁTUA. — Cuidado com ela, que a vais quebrar...

O TRIBUNO. — Não me refiro à tua Constituição, à de 25 de março, que foi abolida; refiro-me à de 24 de Fevereiro.

A ESTÁTUA, *com desdém*. — Ah! Sim, a moderna...

O TRIBUNO. — Cautela com a língua... Onde pões os teus chinelos velhos?

A ESTÁTUA. — Ouve, meu filho. Neste negócio de Constituições tu me vês a cavalo, e eu falo de cadeira. Em 1825 dei a este país uma Constituição liberalíssima, de que ninguém fez caso, a começar por mim. Sucedeu o que era fatal: rasgaram-na

---

<sup>123</sup> A personagem é baseada em Domenico, cuja história foi narrada no dia 8 de outubro n' *A Notícia*, p. 2: "EVASÃO DE UM LOUCO – O interrogatório de hoje – Às onze horas da noite de ontem, o Largo do Rocio foi teatro de uma cena muito original. Entrara, ali, pelo jardim, um tipo de homem vigoroso, descalço, em manga de camisa e sem chapéu. Este personagem não tinha aspecto vulgar de gente descalça e pela vivaciada com que andava atraía a atenção de quantos o viam. Muito desembaraçado, muito alegre, lépido, risonho, foi direitinho à estátua do fundador do império.

Já então, acompanham-no um bando de curiosos, que impertinentemente o troçavam, ao que ele, sempre em italiano, respondia ainda com maiores troças, num dialeto cantado de bom latino.

Estes curiosos foram à estupefação, quando, como um íntimo dos caboclos da estátua, viram o nosso personagem, cujo nome é Domenico Marucci, galgar a grade e, atravessando a turma de índios, subir ele até junto de D. Pedro, em cujo braço de bronze sentou-se cavalgando-o.

O povilêu então rompeu numa vaia estrondosa, misto de gargalhadas e assobios, ao que Marucci respondia sempre com outras risadas, ligando muito pouco causo a tudo aquilo.

Finalmente populares e um sargento do exército fizeram descer o herói do dia, e deram-lhe pancadas, sendo ele entregue à autoridade local, que o interrogou hoje às 10 ½ horas da manhã.

DOMENICO MARUCCI – Vimo-lo, pouco antes do interrogatório e tivemos o prazer de trocar algumas frases com este bom e simplório rapaz. É hortelão e não sabe em que vapor veio para cá. É também marinheiro. Não tinha domicílio. Fez esse escândalo de ontem à noite por estar com fome, pois não come há três dias e ao mesmo tempo muito alegre, por estar em liberdade.

O INTERROGATÓRIO – O Sr. Bartolomeu, delegado da 4ª circunscrição, em nossa presença interrogou Domenico. Soube apenas dizer que saíra há três dias do *hospital* (o Hospício) e que ia dormir com D. Pedro I, quando o povo o viu e perseguindo-o fé-lo refugiar-se em cima, no braço do imperador.

A digna autoridade deu-se por satisfeita, pois ali estava a explicação de todo o escândalo de ontem à noite no Rocio e mandou apresentar o simpático Domenico Marucci ao Dr. chefe de polícia com a nota de evadido do hospício da praia Vermelha."

finalmente a 15 de Novembro de 1889. Não me rasgaram a mim por ser de bronze. Que prova isso? Que as constituições passam, e as estátuas ficam.

O TRIBUNO. — Porque são necessárias como elemento decorativo.

A ESTÁTUA. — Acreditas, meu filho, que valia a pena arranjar uma constituição nova para lhe fazer o mesmo que à outra?

O TRIBUNO. — Ó sebastianista!

A ESTÁTUA. — Enganas-te, já não tenho crenças nem convicções políticas. Sou completamente neutro na luta dos partidos. Suponho que ainda estou qualificado nesta freguesia do Sacramento, mas já não voto.

O TRIBUNO. — Sempre a maldita abstenção!...

A ESTÁTUA. — Também nada pretendo do meu país. O maior benefício que espero alcançar no Brasil é uma aposentadoria honrosa, e o esquecimento completo do passado. Este monumento será muito maior e mais útil quando eu deixar de ser estátua para ser chafariz!

O TRIBUNO. — São palavras essas de um verdadeiro patriota. Ser útil ainda fundando... que benemerência e que glória! Dizem que sou louco, porque eu vejo mais do que os outros. Da monarquia, que era de cera, apenas tu resististe por ser de bronze.

A ESTÁTUA. — És doido? Vai! Entra para o Congresso..... entra para o Congresso... E desce do meu braço, que sinto dormente. Uma Constituição ainda aguento, mas um doido tem muito peso.

O TRIBUNO, *descendo*. — Já não preciso falar de massas, pois venho de fazer nobre papel de opinião pública.

F.C.

## Crônica 66

10 de outubro de 1895

### DIÁLOGOS

- Até que enfim!
- Abracemo-nos!
- Parabéns pelo grande dia!
- Dia inefável!
- Dia grandioso!
- 10 de outubro de 1895!
- Esta data ficará perpetuamente gravada na nossa memória...
- No nosso coração!
- Sinto-me tão comovido!
- E eu! O meu coração pulsa desordenado...
- As minhas pernas vacilam!
- Nunca imaginei experimentar uma impressão tão forte.
- Ah! não se morre de alegria!
- No Brasil não se morre assim com duas razões!
- Há suas crises.
- Passageiras. Ao fim de algum tempo tudo se resolve bem.
- Tudo se resolve otimamente...
- Como agora.
- É verdade!
- Quem diria?
- A satisfação nossa é tanto maior quanto é absolutamente inesperada.
- Não se deve descrever em absoluto...
- Confiemos sempre no dia de amanhã.
- Agrada-me de preferência confiar no de hoje.
- Dia grandioso!
- Dia inefável!
- Tenho notado que a este mês de outubro estão ligadas as lembranças mais fagueiras da minha existência.
- E da minha!
- Neste mês já apanhei um prêmio na loteria...
- E eu perdi minha sogra há hoje precisamente dois anos.
- Nos meus braços!
- Com todo o prazer!
- Acordando de tão mau humor, mal poderia crer na alegria que me esperava.
- Eu despertei cheio de bÍlis.
- Fui ler o *País*, como faço todas as manhãs...
- Exatamente como eu...
- E oh! delícia!...
- Oh! ventura!...
- Lá estava no *País*, de um modo claro, expresso...
- Categórico, formal...

- A grande nova!
- A nova sobre todas sublime!
- Não te descrevo o que senti.
- Não imaginas o que experimentei!
- Até parece um sonho!
- Um caso das *Mil e uma noites*!
- Ei-la aqui, a nova abençoada!...
- Cá está a deliciosa notícia!
- “Parabéns aos empregados municipais...”
- “Pagam-se hoje as seguintes folhas...”

F.C.

## Crônica 67

11 de outubro de 1895

### DIÁLOGOS

- Que lhe parece o Fabrício?
- Um bom rapaz.
- Uma pérola! Um coração de anjo, um caráter imaculado, e mesmo um talento de primeira ordem!
- Oh! um talento!...
- Certamente. Afirmando-lhe que é uma cabeça privilegiada. O senhor não o conhece bem.
- Morei muito tempo com ele; devo conhecê-lo.
- Isso não é razão. Eu sou amigo do Fabrício há quinze anos...
- Não é mais amigo do que eu!
- Não parece!
- Por quê?
- Nega-lhe todas as qualidades.
- Eu? Quando reconheço que é bom rapaz, serviçal...
- Serviçal, bom rapaz... Está aí, está a meter-lhe as botas!
- O que eu não tenho são essas admirações exageradas, de cuja sinceridade é lícito duvidar...
- Homem essa! É a inveja que o faz falar assim.
- Inveja de quê? Lá por que não me desentranho em elogios destemperados ao Fabrício, não deixo de o apreciar como ele o merece.
- Então há de confessar que é um coração de anjo...
- Um bom rapaz...
- Um caráter nobilíssimo...
- Nunca tive ocasião de o pôr seriamente à prova, mas não hesito em declarar que é um moço direito...
- É tudo que acha para dizer desse homem extraordinário, cujos merecimentos causam assombro!
- Assombro!
- Desse rapaz cujo talento colossal brilha como estrela de primeira grandeza no firmamento da nossa pátria!
- Isso é um chavão e por sinal bem ruim!
- Ah! é chavão ruim a homenagem ao talento e à virtude! Incomoda-o?
- Que me importa a sua homenagem, desde que não queira obrigar a minha a igualá-la, contra a minha consciência?
- O senhor é, então, de uma exigência...
- Pelo contrário: o exigente é o senhor.
- Nada o satisfaz.
- Mas se eu repito que o Fabrício é um bom moço, inteligente, sisudo, serviçal...
- Bonito elogio!
- Bolas! Quer que eu o ponha nas nuvens?
- Não seria demais!

- É verdade que o senhor já o pôs no firmamento.
- E ele merece-o! Pobre Fabrício! Se soubesse o amigo que tem no senhor...
- Duvida da minha amizade?
- É fresca! Deixe estar que o Fabrício há de saber o que o senhor diz dele na ausência...
- Hein!
- Vou contar-lhe tudo, que o Sr. Viegas afirmou que ele é um pedaço de asno e que não tem caráter.

F.C.

## Crônica 68

12 de outubro de 1895

### DIÁLOGOS

- Que é isto? Madrugaste?
- Para não perder o bonde.
- Que bonde?
- O de Vila Isabel. Ignoras que se reabre hoje o Jardim Zoológico<sup>124</sup>?
- Ah! isso explica a romaria considerável que encontrei pelas imediações do Rocio. Vai povo assim.
- Estou a ver que ainda acordei tarde.
- Que entusiasmo! Não consigo compreender porque o público fluminense corre assim para um lugar onde não há jogo.
- Não há jogo, mas há jogos: frontão livre, tiro aos pombos, tiro ao alvo, tiro de galinha, tiro de marreco...
- Acho que são mais tiros no Jardim do que na Phenix Dramática, aos domingos. Se houvesse cá em baixo uma agência...
- Para quê?
- Para a venda de *poules*. Não vendem *poules*?
- Não, decerto. Os jogos de azar estão proibidos...
- Nos dias úteis. Aos domingos vai-se ao frontão...
- E às corridas. Divertimentos são estes tão úteis como agradáveis, porque provocam grandes comoções ao mesmo tempo que melhoram as duas raças: a nossa e a cavalaria.
- A nossa, principalmente.
- Mas asseguro-te que não se faz jogo de azar nos atuais bichos do Jardim. Isto é, ninguém impede que particularmente os frequentadores apostem entre si, conforme os seus palpites, sobre o marreco ou sobre o coelho.
- Particularmente! Ah! isso é diverso... Mas se todos começam a jogar particularmente, não parece que viremos a ter, afinal, o jogo antigo?
- Isso é uma sutileza. Que diabo de azar público pode haver na bagatela ou no pau de sebo?
- Oh! o pau de sebo!...
- Moralíssimo, o pau de sebo! Acho-o até familiar...
- Quanto à bagatela...
- Não vale nada. Entretanto tem as dezenas e centenas, como a loteria.
- Em suma: joga-se sobre tudo. O jogo não está no jogo, está no jogador, que é capaz de apostar entre dois grãos de areia. Não duvido da inocência do Jardim...
- Eu lá vou como iria a uma igreja.
- Como vai todo o mundo, com a condição, porém, de arriscar qualquer coisa sobre a missa, que se celebra ou simplesmente sobre as velas do altar.

F.C.

---

<sup>124</sup> O Jardim Zoológico era aberto das 8 da manhã em diante, nele se encontravam “jogo da péla e outros divertimentos” (*A Notícia*, 21 out. 1895).

## Crônica 69

13 de outubro de 1895

### DIÁLOGOS

- Você amanhã almoça comigo.
- Obrigado. Não sei se poderei...
- Pode, pode. Vamos combinar uma coisa. Às 9 horas você me espera no botequim do largo de São Francisco de Paula. Às 9 e um quarto, o mais tardar, eu aí estarei. Saímos juntos, e como eu voto ali atrás da Escola Politécnica, despacho-me num pronto...
- Mas almoçar tão cedo...
- Não. Uma vez despachado, convido-o para o sacramental *vermouth* na antiga casa Paschoal.
- Nunca tomo *vermouth*, de manhã, para não perder o apetite.
- Então, vinho do Porto, ou Madeira, o que quiser. Palestramos, etc. e às onze — serve às onze?
- Sim, serve.
- Às onze marchamos impavidamente para o bife, no hotel que você quiser.
- Faz questão de que seja amanhã esse almoço?
- Faço. Há quanto tempo espero esta ocasião de passarmos algumas horas agradavelmente... isto é falo por mim...
- Por isso mesmo acho esquisito que seja precisamente amanhã, um dia de eleição<sup>125</sup>...
- Pois se não fosse isso... quero dizer: em qualquer dia tenho satisfação de almoçar com você, mas especialmente amanhã. A ocasião não poderia ser melhor escolhida.
- Um domingo. Raramente saio de casa ao domingo.
- Mas amanhã...
- Amanhã não faltarei...
- O cumprimento do dever, sim, porque a gente quando tem um dever a cumprir...
- Um dever de amizade!
- Um dever cívico!
- Oh! cívico! Aceitar um almoço que um amigo me oferece não creio que tenha essa importância social.
- Porém, quando concorre com o regalo do gastrônomo a soberania do votante...
- Do votante?
- Quando antes se sentar à mesa restauradora — restauradora das forças, entendamo-lo — o homem tem de ir à mesa eleitoral...
- Isso não é comigo!
- Você não é eleitor?
- Sou, mas há dois anos que voto no 1<sup>o</sup>. distrito.

F.C.

---

<sup>125</sup> Ocorreu nesse dia as eleições para deputado no 2<sup>o</sup> distrito. Competiam Timóteo da Costa, Henrique de Carvalho e José do Patrocínio. O deputado eleito foi Timóteo da Costa.

## Crônica 70

14 de outubro de 1895

### DIÁLOGOS

- José Epifânio Lameira!  
— Pronto!  
— É o senhor mesmo?  
— Ora essa! Toma-me por algum fósforo?  
— Não seria o primeiro.  
— Veja como fala. Aqui está o meu diploma.  
— O diploma está em ordem; resta saber se é seu. Se não me engano, já o conheci com outro nome.  
— Ao diploma?  
— Não, ao senhor.  
— Pode ser... Ah! sim também já fui José Epifânio Salgado. Mudei o Salgado para Lameira por haver um gatuno de igual nome.  
— Ah! Desde que havia outro de igual nome...  
— Mas repare que conservei o José Epifânio...  
— Ainda bem. Mas acho estranhável que mudasse justamente o apelido, naturalmente de seu pai.  
— Eu lhe explico; meu pai era Borges, o Lousada Borges, que tinha uma refinação na rua do Itapiru... Conheceu?  
— Não, mas vou admirando cada vez mais as suas complicações de nomes...  
— Ora, meu pai foi Borges, Louzada Borges, até um certo tempo...  
— E depois?  
— Depois, passou a assinar-se Nunes, por haver outro que se assinava como ele.  
— Outro refinador?  
— Não senhor. Eu estou falando sério. Acaso quererá impedir-me de votar? Protesto.  
— Pode votar. A mesa não o conhece, tem desconfianças a seu respeito, mas não tem prova que anule a sua qualidade de eleitor... pode votar.  
— Ora graças!  
— Uma só vez, hein!  
— Está visto! Então eu ia votar duas vezes... aqui?  
— Vá com Deus, e ele permita que não apareça por cá outro de igual nome.  
— (Os mortos não ressuscitam!)<sup>126</sup>

F.C.

---

<sup>126</sup> Alberto Torres comenta nesse dia sobre o alistamento incorreto dos eleitores. Segundo ele “O alistamento foi feito no Distrito Federal em virtude do decreto que mandou compor o corpo eleitoral para a Constituinte, tomando naturalmente por base os qualificadores nas relações anteriores a lista dos jurados, acrescidas com os nomes dos eleitores que espontaneamente requereram. Daí por diante as revisões eleitorais continuaram a aumentar as listas deixando de ter lugar quase totalmente a eliminação dos nomes de falecidos e mudados.” (A. T. *A Notícia*. Rio de Janeiro, 14 out. 1895).

## Crônica 71

16 de outubro de 1895

### DIÁLOGOS

— Leitor constante do seu jornal, que muito aprecio, magoou-me bastante a injustiça que ele me fez acusando-me de uma violência que eu nunca seria capaz de praticar.

— Ah! vem pedir-me uma retificação...

— Sendo possível. Em homenagem à verdade e para não fazer carga a um funcionário que se esforça para ser o mais correto possível no desempenho do seu cargo...

— Bem, bem. Tenha a bondade de dizer do que se trata.

— O seu jornal, no número de ontem, afirmou que eu, tendo prendido um ébrio só por suspeita de ser um perigoso anarquista, o espancara brutalmente no xadrez da delegacia.

— E então? foi o ébrio que o espancou ao senhor?

— Quase. O ébrio não estava ébrio. É um vagabundo e desordeiro bem conhecido da polícia, e foi preso por ter furtado um relógio de prata numa estalagem, delito provadíssimo. Somente deu-se a circunstância de um pequenino engano...

— O objeto furtado passou por bomba de dinamite.

— Tal qual. Indo o delinquente à minha presença, portou-se inconvenientemente, dizendo-me os maiores impropérios...

— Oh!

— E chegou a atirar-se a mim com um revólver carregado...

— Deviam tê-lo revistado, pela suposição de que era um anarquista perigoso.

— E foi o que se fez, mas o revólver estava bem oculto.

— Onde?

— Na cava do colete. De modo que os meus auxiliares tiveram de intervir, diante de uma investida tão insensata e imprevista, para me salvar das garras desse facínora...

— Mas afirmam que ele ficou muito maltratado, que o seu estado é grave.

— Porque teve a infelicidade de cair...

— Debaixo dos rifles?

— Pode crer que procedi com toda a prudência como sempre faço, porque me prezo de ser calmo e severo cumpridor da lei.

— Bem: a sua retificação está feita: “Fomos mal informados em relação ao fato que ontem noticiamos [...] brutal espancamento de um preso. A verdade é que o agredido e espancado não foi o preso, mas o delegado que o prendeu, e que escapou milagrosamente à [...] que sabemos ser um terrível anarquista [...] do Rio da Prata. Estas informações que hoje acrescentamos são tanto mais fide[...] nos foram trazidas pela referida autoridade [...] Sabemos mais que o estado do preso continua [...]”<sup>127</sup>

F.C.

---

<sup>127</sup> A crônica pode estar relacionada com a seguinte notícia publicada no dia 15 de outubro; “TENTATIVA DE ASSASSINATO – Há dias, na estalagem da rua do Senador Pompeu n. 26, houve uma troca de palavras violentas entre o gerente da mesma estalagem Antonio Gomes, português de 46 anos, casado, e o soldado da 4ª companhia do 1º batalhão da guarda nacional José da Silva Lessa. Essa troca de palavras deu-se por causa de uma repreensão de Gomes a Lessa, por estar este jogando pelotas e encomodando a vizinhança.

Lessa disse que havia de vingar-se. E de fato, ontem às 10 horas da noite, armado de uma faca, agrediu Gomes e fez-lhe dois ferimentos, ao lado esquerdo e ao lado direito do tronco, na parte inferior, entre as costelas.

Gomes ainda pode lutar com o seu agressor, que ficou com algumas escoriações.

Foi feito corpo de delito em ambos. É grave o estado de Gomes. O inquérito prossegue, tendo sido interrogadas hoje ao meio dia as testemunhas.

Gomes está recolhido à Misericórdia. A faca foi encontrada hoje pela manhã, perto da estalagem. Compareceu ao lugar o delgado da circunscrição.” P. 2.

No dia 18 de outubro é publicado na página 2: “Na delegacia da 2ª circunscrição, houve hoje o interrogatório da praça da guarda nacional, José da Silva Lessa, que no dia 15 do corrente, na rua do Senador Pompeu, tentou assassinar a Antonio Gomes, que ainda se acha em estado grave na Santa casa de Misericórdia.

Lessa confessou o crime, mas contesta ter sido ele o agressor, como depuseram algumas testemunhas, e sim o agredido, tendo praticado o crime em alucinação defesa.”.

## Crônica 72

17 de outubro de 1895

### DIÁLOGOS

- Como há de ser isto agora? Então sucede na monarquia<sup>128</sup> o mesmo que sucedeu na república? Continua a música?
- Qual música?
- A dualidade do governo não se limita à simples presidência de Sergipe<sup>129</sup>; vai até ao trono.

---

<sup>128</sup> A crônica se refere à seguinte notícia: “Um telegrama diz que os monarquistas de S. Paulo celebraram em um banquete o aniversário natalício do filho mais velho dos Condes d’Eu, que houve discursos congratulatórios, e brindes, e entre estes um à imperatriz do Brasil.” (ARAÚJO, 17 out. 1895). Alberto Torres comentou o fato no dia 17 de outubro: “Se o jornal de S. Paulo que noticiou o banquete monárquico não consta entre os redatores algum discípulo de Albert Millaud, o falecido *blagueur* do *Figaro*, temos, enfim, mouros na costa: o partido restaurador deu o primeiro vagido na terra dos bandeirantes. Mais de cem cavalheiros julgaram chegado o momento de fazer em comum a afirmação das suas opiniões monárquicas e de confabular sobre a organização do partido que há de levar o efeito aquela restauração infalível que há dias anunciava o Dr. Afonso Celso Júnior. Foram mais de cem os convivas, informa o correspondente do *País*, e projetam formar clubes, fundar jornais, talvez mesmo um órgão de grande formato, para demonstrar os benefícios do regime decaído.

Para começar banquetearam-se em honra ao príncipe D. Pedro e beberam a saúde de D. Isabel, imperatriz do Brasil. Estou a ver daqui a cena final dessa conjuração: em torno da mesa em ferradura os cem leais varões legitimistas, as taças solenemente empunhadas, escutam absorvidos discurso convictos e ardentes. O Dr. Vieira de Carvalho, com a sua figura de pastor evangélico e a sua voz de *harmonium* demonstra, citando Maclerod e Micone, que o Brasil ou será monarquia ou será a Barataria. Por ora não se pode dizer que a campanha comece com extraordinário vigor. Conheço o valor dos banquetes na ação dos partidos políticos, mas não posso esquecer que os primeiros atos inspirados pelo ideal republicano a patriotas brasileiro não foram banquetes.

Desde Tiradentes, o sonhador clássico da democracia nacional, até Silva Jardim, o intrépido agitador dos últimos tempos, é sabido que os propagandistas arriscaram passos mais graves antes de festejar em banquetes os seus triunfos, estimulando-se em festas fraternais para novos combates. Os monarquistas de S. Paulo preferiram inverter a ordem dos fatos. Começam por onde os outros acabaram. Pelo menos, o jantar da *Rotisserie Parisienne* tem uma vantagem, que é tornar pública a deliberação de vários cavalheiros de agir praticamente em prol da restauração. Quem desejar convencê-los que me guia um pensamento desinteressado, ousa fazer votos para que não se limitem a banquetes os atos dos novos conjurados. Se a República está carecendo de alguma coisa, é exatamente de uma oposição radical e definida, para que os seus homens evitem com mais cuidado erros em que têm caído e precedam com mais tento e harmonia. Estes defeitos da política republicana estão longe de levar o Brasil a restauração, mas podem levá-lo a desastre igual.

O destino dos homens é servir de instrumento às idéias e ao progresso, muitas vezes inconscientemente. Prestam-se restauradores brasileiros à República o serviço de robustecê-la e ao Brasil o de contribuir para evitar talvez a anarquia e a ruína.”.

<sup>129</sup> Ferreira de Araújo comenta o fato no editorial *d’A Notícia* do dia 19 de outubro: “Dizem notícias telegráficas que o Sr. Coronel Valadão, presidente de Sergipe declarou que está disposto a submeter-se à decisão do Congresso, na questão que ora se discute da legitimidade do seu governo. Não sabemos que fundamento tem a notícia, nem a sua procedência; mas a ser verdadeira a declaração, é uma opinião insuspeita em relação ao princípio da intervenção dos poderes federais em negócios políticos dos Estados. Por outro lado, um boato corre que a opinião dominante na Câmara é contrária à intervenção não só no caso especial desse Estado, mas em todos os outros. A ser assim, a Câmara nem deve discutir o projeto que lhe é remetido

- Ao trono?
- Sim, quem nos governa: sua majestade a imperatriz D. Izabel I ou sua majestade o imperador D. Pedro III, seu filho?
- Que diabo de brincadeira é essa?
- Oh! pois não leste os últimos telegramas de S. Paulo?
- Que houve lá?
- Fez-se a restauração!
- Onde?
- Num restaurante, está claro! Festejando o aniversário de D. Pedro, que completava vinte risonhas primaveras, os partidários da monarquia reuniram-se em banquete na *Rotisserie Parisienne* e à sobremesa, não estiveram com cerimônias: proclamaram o restabelecimento do império.
- À sobremesa!
- Sim, mas é bom notar que todo o trabalho de solapar a República se fez aos poucos, durante o jantar. À sobremesa ela não pode mais resistir, ruiu fragorosamente aos golpes da eloquência de um dos seus maiores inimigos: morreu em dois brindes.
- Temos, pois, a monarquia *au champagne*?
- E vê tu: tendo caído após um baile, restabelece-se ao fim de um banquete. Como a sorte do império está ligada a grandes festas!
- Hoje em dia não há que fiar em folganças. A semana passada fui a um pagode na Praia Formosa e lá para as tantas, no meio de uma polca, uma senhora deu à luz...
- Quando se dizia que a República precisava acautelar-se, que a obra do seu aniquilamento ia progredindo, na sombra, a inércia, a cega confiança dos nossos correligionários não queriam dar ouvidos aos conselhos da bem avisada experiência. Eis aí as lamentáveis consequências.
- Deixemo-nos de discursos. O mal está feito, é irremediável.
- Talvez não o seja. Alente-nos esta esperança derradeira. Já há divergência profunda [...], na nova situação: a dualidade, de que te falei. Querem uns que o trono seja de D. Pedro e outros que a coroa pertença a D. Izabel. Ambos os partidos sustentam a sua causa com energia e nenhum está disposto a transigir.
- Então, divide-se a coisa ao meio. Sempre ouvi dizer: dividir para reinar. Haja dois chefes de estado: meia coroa para cada um.
- O país é grande.
- E as adesões?
- Ainda se não pronunciaram, por não haver certeza absoluta do triunfo. Em havendo certeza do fato consumado, quinze milhões de homens, pelo menos, aderem logo. Eu já aderi, do mesmo modo porque se fez a restauração: com flores. Longe vão os dias

---

do Senado. Se tem idéias tão assentadas, se entende que a autonomia dos Estados deve ser respeitada a tal ponto, que aqueles que sofrem preterição em seu direito por violências de quem se apodera da força e a maneja a seu capricho, não podem esperar corretivo de ordem alguma, escusa de perder tempo examinando este caso e os outros, e firmar desde logo o princípio de que cada um se arranje como puder, e que nós somos união para nos unirmos quando temos a força contra quem não dispõe desse supremo argumento em favor do seu direito.

É curioso que esta Câmara que, tão justamente se indigna contra o mal que no sul nos fez o Sr. Silveira Martins, esteja pondo em prática a máxima que ele tão claramente no tempo do império, cujos usos e costumes a República se propôs a reformar. Quando o tribuno republicano disse que o *poder é o poder*, mal sabia que não falava só do império, mas que falava do Brasil, em todos os tempos, sob todos os regimes.”

negros da barbaria. Tudo é riso, prazer e música. A monarquia está feita; o que falta agora é consolidá-la.

— Então, até outra festa!

F.C.

## Crônica 73

18 de outubro de 1895

### DIÁLOGOS

— Traduzi uma opereta cujo único merecimento é a música, realmente bonita, além de originalíssima. Entretanto, a peça vai à cena justamente sem esse elemento essencial.

— Como?

— Fui obrigado a fazer versos para outra música.

— Não tinhas a partitura da peça?

— Tinha-a, mas não me era lícito aproveitá-la.

— Por quê?

— Homem essa! música de igreja!

— Música de igreja e música de opereta<sup>130</sup>?

— Com certeza. Agora já se toca opereta nas solenidades religiosas. Ainda anteontem ouvi uma distinta amadora, cantar, na festa de Santa Umbelina, a Ave Maria do *Periquito*.

— É verdade. Agora me lembro de ter ouvido também um *Kyrie-Eleison*<sup>131</sup> obrigado ao coro dos conspiradores da *Mme. Angot*.

— Pois já vês que eu não tinha outro remédio senão meter na minha opereta música sacra.

— Deve ser de um efeito esquisito.

— Não calculas o que é um *couplet* brejeiro que eu lá tenho com a *Missa de Requiem*, de Verdi. Trata-se de uma pequena que saiu de noite, furtivamente, com um primo, para ver o cometa...

— É ela mesma quem o diz no *couplet*?

— Sim, o estribilho é este:

Pra mim foi caso estranho...

---

<sup>130</sup> Comentário de Ferreira de Araújo sobre as músicas, publicado no dia 22 de outubro, n' *A Notícia*: “O competente escritor que, no *Jornal do Comércio*, se ocupa de belas artes, iniciou uma interessante campanha em favor da música sacra, que terá pelo menos a vantagem de fazer com que a gente não ouça na igreja de S. Francisco a mesma música com que se delícia no teatro de Santana. Se a música se propõe a traduzir e despertar emoções, transmiti-las do espírito privado do compositor ao espírito do público, não parece razoável supor que o artista tenha tido a pretensão de compor ao mesmo tempo qualquer coisa que sirva para fornecer aos ouvintes estímulos para a pandega, e incitamentos para a salvação da alma. No caso especial do Rio de Janeiro, além de inconvenientes desta maneira de embrulhar o profano com o sagrado, e de desatender às condições de meio, confundindo os teatros com as igrejas, talvez não fosse injusto dizer que a música que se toca nas igrejas sobre ser imprópria de lugar é mal tocada. E a razão é simples. Destina-se a esse serviço somas ridículas, que não podem retribuir suficientemente os artistas, obrigados a um trabalho insano, dia e noite, para conseguirem ganhar o indispensável para não morrer à fome; e nestas condições, as orquestras são organizadas como Deus quer e é servido, e tocam sem os necessários ensaios. [...]”

<sup>131</sup> Segundo o Dicionário Houaiss “*kyrie*/'kyrie/ [gr.] *s.m.2n.* [...] 1LITUR.CAT parte da missa que tem início com as palavras *Senhor, tende piedade* 2 MÚS composição ou cântico sobre o texto dessa seção do ordinário da missa [...] ETIM red. da. loc. gr. *Kúrie, eléēson* ‘Senhor, tende piedade’, pelo lat. ecl. *Kyrie (eleison)*, dito na parte da missa em que se iniciam as litânias [...]”

Que garbo e que tamanho!  
Não é peta!  
Meu Deus, com que prazer  
Eu tornaria a ver  
O cometa!

A palavra *cometa* tem que ser dita com uma profunda expressão de tristeza... Os instrumentos de corda gemem...

- Mas achas que meter o sagrado na opereta seja artístico e próprio?
- Não acho nada. Sei que é moda, e acabou-se.
- É uma profanação horrível!
- Será, mas não me compete a mim impedir o uso. Se meteram a *Mascotte*<sup>132</sup> no *Gloria in excelsis*, onde diabo queres tu que eu meta o *Te-Deum* do Francisco Manoel?

F.C.

---

<sup>132</sup> Peça que estava sendo representada no Teatro Apolo.

## Crônica 74

19 de outubro de 1895

### DIÁLOGOS

— Explicar-me-ão esta celebreira? Vivemos a falar da tradicional meiguice do caráter brasileiro e os jornais agora inserem constantemente notícias horrorosas de crueldades, barbaridades e atrocidades praticadas contra crianças indefesas!<sup>133</sup>

— São casos isolados. O povo brasileiro é doce.

— Para casos isolados acho que se repetem muito a miúdo, e, quanto à doçura do povo, creio que vou ficando inteirado.

— Julga por ti. Não tens bom coração?...

— Lá isso tenho.

— Não tens maneiras afáveis para com todos?

— Sim.

— Pois eu sou tal qual. E como nós, salvo a diferença do gênio e das maneiras, é toda a gente.

— Mas essa diferença parece nada e é um abismo.

— O que não impede a bondade de coração. Todos nós temos bom fundo.

— Como queiras; mas agora diz-me: não te faz estranha impressão que, na maioria dos casos, as barbaridades noticiadas pela imprensa sejam cometidas por mulheres? Pois que! é o sexo gentil e frágil, que tem todas as delicadezas e todas as ternuras, é o sexo amoroso e amável pelas mil seduções do carinho, da generosidade, da formosura da alma e do corpo, é o anjo, enfim, que se caracteriza pelos mais ferozes requintes de perversidade, e justamente em relação a seres inconscientes que, por terem todas as fraquezas, lhe merecem incondicionalmente tesouros de piedade e de afeição? Ah! o belo sexo como me vai saindo feio!

— Repito que se trata de casos excepcionais. Não são cruéis nem perversas as nossas mulheres, esposas, mães, filhas ou irmãs! O que há é o seguinte: se a alguma dá na cabeça — na cabeça, simplesmente — ser severa na aplicação de um castigo ou num desagravo qualquer, excede-se, deixando-se arrebatado por um gênio que é o seu único inimigo!

— Reconheço também que há as vezes motivos para certos rigores...

— Sobretudo há crianças insuportáveis.

— Oh! a criança é sagrada! Pobre entezinho, que tanto precisa de ternura e proteção!... Tenho em casa um órfãozinho a quem trato como um filho!... É muito bom, coitadinho! muito dócil e obediente. Também se assim não fosse havia de tomar caminho à força de palmatória e vara de marmelo!

F.C.

---

<sup>133</sup> N'A Notícia do dia 19 de outubro, publicou-se o seguinte artigo, intitulado "Monstro": "Hoje pela manhã um dos nossos companheiros de trabalho foi ao hospital da Misericórdia, onde está recolhida a desgraçada criança Honorata cuja mãe, Rufina Ribeiro de Mendonça, moradora na estalagem da Rua Silva Manuel n. 39, depois de tê-la castigado barbaramente durante muito tempo terminou com um requinte de perversidade, por meter-lhe dentro da boca um ovo quente!". A mãe afirmou que fez isso, porque a criança comeu duas bananas que estavam encima da mesa. O ensejo foi propício para que surgissem outras notícias sobre maus tratos a menores. Há uma imagem da criança publicada no dia 21 de outubro, no periódico *A Notícia*.

## Crônica 75

21 de outubro de 1895

### DIÁLOGOS

— De todos os meios postos em prática pelos ladrões para se apossarem do alheio, nenhum me impressiona mais do que a narcotização<sup>134</sup>.

— O narcótico vai tendo uma extração terrível no roubo.

— Perigosíssima! Não é raro que o agente escolhido para auxiliar a rapinagem, seja um veneno sutil que põe em risco a existência do paciente.

— Como preveni-lo?

— É difícil, muito difícil. Quem pode lá adivinhar o que lhe vai entrar pelo nariz, insensivelmente, quando se trata de coisa que se não vê e, a narcotização é estranha à vontade da vítima?

— Como, geralmente, são mulheres as pessoas encarregadas de executar esse processo, porque mais facilmente se insinua no seio das famílias incautas, devemos pôr-nos de sobreaviso com toda a senhora desconhecida que nos entre em casa, por mais simpática e inofensiva que nos pareça.

— A polícia deveria vigiar cuidadosamente essas mercadoras ambulantes que andam por aí, bem vestidas, de sorrisos nos lábios, oferecendo à venda coisas esquisitas.

— Flores?

— Flores... de toda a natureza, e outras mercadorias fora da mesma.

— E a liberdade de comércio?

— Tem limite. De outro modo, repetir-se-á sempre o que me sucedeu há dias: Apareceu-me uma senhora de aspecto quase distinto, uns trinta anos, nada feia, a oferecer-me roupa branca. Eu estava sozinho em casa...

— Ah!

— A senhora tinha trinta anos...

— Nada feia...

— E muito amável, muito condescendente. Comprei-lhe duas camisas...

---

<sup>134</sup> Os casos de narcotização eram comuns na capital. No dia 29 de outubro, n' *A Notícia* publicou-se um relato sobre os narcotizadores, com o título: "Gravíssimo – Ainda os narcotizadores?": "Ontem a 1 hora da tarde o distinto engenheiro Dr. Samuel Gomes Pereira, depois de ter conferenciado com o Sr. marechal Jardim, no gabinete de S. Ex., saiu em direção à rua. No pavimento térreo, ao atravessar o saguão, um indivíduo deu-lhe um forte encontrão; o Dr. Gomes Pereira não fez no caso maior reparo, dirigindo-se apressadamente para tomar um bonde que passava. Ao chegar ao bonde, porém, caiu sem sentidos. Do seu paletó saíam pequenas nuvens de fumo; a fazenda estava queimada em diversos lugares, e dela desprendia-se um cheiro acre entontecedor. O Dr. Carlos Gross, que ia no referido bonde, prestou os primeiros socorros ao Dr. Gomes Pereira, que seguiu para a casa de sua residência experimentando ainda durante o resto do dia os estranhos efeitos que havia sentido. Presume-se que na ocasião em que encontrou-se com o indivíduo a que nos referimos, este lhe atirasse às roupas alguma substância que por uma circunstância qualquer se inflamasse, queimando as roupas; mas a vertigem de que foi atacado o Dr. Gomes Pereira faz presumir que se trata ainda dos terríveis narcotizadores. É preciso que a polícia desenvolva o máximo cuidado, a maior vigilância contra estes malfeitores da pior espécie, entre os quais a população aponta geralmente uns célebres vendedores de morins e linhos que por aí andam até talvez sem a devida licença. O Dr. Gomes Pereira seguiu hoje pra Belo Horizonte."

- De quê?
- De linho... para homens, e paguei-lhas com o acréscimo de um beijo...
- Estou a ver a cena.
- Quando acordei, a mulher tinha desaparecido, e as minhas jóias tinham feito o mesmo. Quem poderia imaginar que uma senhora de aparência honesta...
- Abusasse do teu beijo!
- Cuidado com os narcotizadores! Procuremos evitar tudo que nos possa adormecer. Fora com certas mercadoras e com certas literaturas!

F.C.

## Crônica 76

22 de outubro de 1895

### DIÁLOGOS

- Em que estado me apareces! Foste agredido?
- Venho de um ágape fraternal, em que reinou sempre, com a maior cordialidade, a mais completa alegria.
- Tens um olho esmurrado, e a sobrecasaca rota. Rasgaram-te a gravata.
- Filha, tu não sabes o que é um ágape fraternal.
- Como fraternal?
- No sentido de serem os convivas irmãos pelo espírito, pela classe ou pela posição.
- E essa fraternidade dá para as despesas de farmácia e outras que ela custa?
- Algumas vezes dá. Mas não calculas as horas agradáveis que passamos. O que nós falamos da vida alheia! Não escapou um conhecido. Depois começamos a dizer mal de nós mesmos, e olha que o fizemos com uma convicção...
- Uma justiça...
- Não digo isso... mas, enfim, fomos inexoráveis. Era tocante ver a unanimidade com que a assembléia concordava com qualquer de nós que deixava um colega a escorrer sangue.
- Figuradamente.
- Em todos os sentidos da locução, porque, como é natural, fomos da fala à taponal! Compreendes que ninguém podia escapar, porque eram sempre todos contra um.
- Apanhaste como os outros!
- Já se vê. Percebendo que ia chegar a minha vez, quis fazer uma saída airosa e disfarçada e cheguei mesmo a esboçar o gesto clássico da separação; mas os malditos tolheram-me a retirada sob o fundamento de que ainda não se comera a sobremesa. Ah! divertimo-nos muito.
- É de crer, pelo que me contas. Há homens assim para apreciar as maiores extravagâncias.
- Filha, não é só uma questão de prazer, é uma questão de princípios. Se não existisse o ágape fraternal, seria preciso inventá-lo. Nós outros habituados à luta, que é a nossa vida, adoramo-lo. Porque — toma bem nota desta verdade que solenemente enuncio nesta grande noite memorável — o ágape fraternal é a perfeita união das almas no mesmo sentimento, é toda a harmonia de idéias e de vistas que possa existir no universo, é a suprema ordem das coisas, é o fundamento indestrutível de todas as sociedades bem organizadas, é e será eternamente o princípio, o meio e o fim da nossa existência!

F.C.

## Crônica 77

23 de outubro de 1895

### DIÁLOGOS

A CASTELÃ. — Toca, toca sempre, meu gentil menestrel. O teu violino mágico inebria-me: ao ouvir-te, uma estranha sensação me possui. O teu arco delicadíssimo, produzindo estas harmonias celestiais, é como uma pena de galinha que me faz cócegas atrás da orelha!

O MENESTREL. — Luz dos meus olhos! o meu humilde talento de rabequista faz-te deveras essa impressão única e decisiva? Repete que sim, e eu tocarei eternamente, como o quarteto do *Papagaio*!

A CASTELÃ. — Sim, meu amor; isto é gozo, isto é arrebatamento, isto é a delícia inefável por excelência!

O MENESTREL. — Ó querubim formoso que à terra baixaste para especial ventura deste teu escravo fiel! O meu violino que te eletriza, sensível e melodioso como é, que vale junto à tua voz que é o desespero dos anjos? Ah! estrela adorada das minhas noites inarráveis, tu poderias cantar na rua do Espírito Santo, a um conto e tanto por mês, porque a tua voz é a música das músicas!

A CASTELÃ. — Que trecho inspiradíssimo é esse a que dás uma incomparável execução? A quem honram neste instante os teus sublimes talentos de virtuose? Wagner, Gounod, Verdi, Carlos Gomes ou o profundo e assustador Mendelssohn, que nos derreia?

O MENESTREL. — Não sei qual o gênio obscuro que compôs este bombocado. Sei que é música do *Abacaxi*!

A CASTELÃ. — Ah! Para com isso. Supus ser o *Tannhauser*. Falemos antes do nosso amor sem fim...

O MENESTREL. — Sim, arcangélica Maricota! o nosso amor é sem fim. Amo-te e amar-te-ei além desta vida, além de todas as vidas possíveis, com embriaguez, com frenesi, com delírio; amo-te como homem, e amo-te como artista. Como homem vejo em ti a suprema criação, no esplendor da formosura e da graça; como artista, em ti vejo uma das onze mil virgens!... que digo eu! tu és, minha densa, as onze mil virgens todas!

A CASTELÃ. — Oh! Fala... fala-me sempre assim... Mas, Deus meu, que é isto que eu sinto? Tenho dores... pontadas... vacilo... vou desmaiar...

O MENESTREL. — Jesus! que ela vai morrer. Que será? Sempre a conheci tão dispéptica... Oh! Meu amor, luz da minha alma, meu, serafim!... eterna poesia dos meus sonhos e das minhas realidades!...

A CASTELÃ. — Passou... felizmente passou. O mal que faz comer à noite chouriço com repolho!

F. C.

## Crônica 78

24 de outubro de 1895

### DIÁLOGOS

- Quando o Sr. Pedro foi demitido....
- É verdade! que tremenda injustiça! Um homem tão honesto e tão bom!...
- Mas se ele não convinha ao serviço público...
- Tão generoso! coração aberto a todos...
- Mas se a sua retirada se impunha como necessidade urgente...
- Como ele ia triste ao separar-se de nós! Tão bom! tão honesto!...
- Certamente! era um funcionário como dizes; mas não havia remédio senão mandá-lo embora. As circunstâncias o exigiam.
- E que nobre correção soube sempre manter! Negarás que ele se portasse com toda a dignidade?...
- Não. E daí?
- Nem uma palavra de queixa contra os seus perseguidores.
- Perseguidores?
- Ingratos e maus!
- Meu amigo, o coração é uma bela coisa, mas, como guia dos nossos atos em família ou em sociedade, é inferior ao *Novo Método*.
- Pobre Sr. Pedro! Tão generoso, tão honesto e tão bom!
- Que prova isso?
- Ah! Deixa estar que ele voltará.
- Duvido muito.
- O que nos vingará, a ele e a mim, é o estado a que chegou isto depois da sua saída.
- Quando se convencerem do mal que fizeram...
- Recordá-lo-ão com saudade?
- Havemos de tirar uma desforra terrível, asseguro-lhe a devida reparação.
- Já o deviam ter feito. Vocês têm levado o tempo a manifestar-se...
- Somos legião, uma legião invencível; temos por nós a justiça, a opinião pública...
- Com tais elementos, admira que hajam sido tão pacientes.
- Mas agora vamos agir, agir com energia, com a fé que merece uma nobre causa, agir sem descanso, dia e noite!
- Bom proveito!
- Oh! o triunfo é certo! não trabalharemos para o rei da Prússia.
- Para qual, então?
- Isso é conosco! Pobre Sr. Pedro! Tão generoso, tão honesto!...
- Se é com essa eterna lamúria que pretendes atestar a firmeza e a virilidade da tua fé e dos teus atos...
- Digo o que sinto.
- Também nós o dizemos, com a breca! sem choradeiras de espalhafato! Acredita, Jeremias, que em vão buscas dar importância ao papel de uma vulgar carpideira!

F.C.

## Crônica 79

25 de outubro de 1895

### DIÁLOGOS

- V.S. é que é o redator da folha?
- Um dos redatores. Queira sentar-se.
- Venho apresentar a V.S. uma reclamação
- Ao seu dispor.
- V.S. vai ficar espantado.
- De quê?
- Eu moro na rua da Real Grandeza há quinze anos.
- Não me espanta isso. Tenho visto mesmo fatos mais extraordinários, sem me espantar.
- É que eu sou constante, detesto as mudanças. Penso como o provérbio: uma mudança equivale a três incêndios.
- É o contrário.
- Como? Três incêndios equivalem a uma mudança?
- Não senhor. Três mudanças equivalem a um incêndio.
- Ou isso. Pois, ia eu dizendo, sou muito bom inquilino, tanto assim que, em quinze anos, o meu senhorio, apesar das últimas crises, só três vezes me aumentou o aluguel. Mas também eu conservo-lhe a casa como um brinco; tenho despendido contos de réis em benfeitorias...
- Se nós fossemos diretamente à questão?
- Ah! bem! Aqui está: moro na rua da Real Grandeza há quinze anos, porque, como já sabe, detesto...
- Sim, sim. Adiante.
- Acontece que foi agora morar na minha vizinhança um homem calvo, maduro, ou melhor, já velho... deve ter os seus 60... Daí, talvez tenha mais... Há naturezas fortes, que se conservam muito... se bem que este, com a vida que leva...
- Perdão: tenho bastante que fazer. Peço-lhe o favor de abreviar.
- Enfim, digamos 60 anos. Não gosto de questionar à toa. O sujeito calvo tem um ar sério, respeitável...
- Um chefe de família?
- Vá atrás dele!
- Não vou, não, senhor!
- Quem se fiar naquela cara, está arranjado! Com os seus modos de sisudez, o tal velhote... sim, porque ninguém me tira da cabeça que ele tem os seus 65... daí talvez não os tenha, porque os excessos...
- Por amor de Deus!
- Eu continuo!
- Basta! já adivinho: o homem velho incomoda e escandaliza a vizinhança com os seus desregramentos.
- V.S. não calcula. É uma algazarra infernal, dia e noite, na casa do tal sujeito, e cada palavra que se ouve!... Juntam-se ali homens e mulheres de condição... de condição...
- Suspeita?

— Não, senhor, muito certa, e é por isso que não convêm aquelas reuniões. Quando chegam às janelas, as famílias têm de sair das suas... Não se pode dormir com o barulho de gargalhadas e sapateados que fazem. Há, então, um deles que passa dez horas por dia a tocar piston. Só para à hora da refeição!... Ora veja isto, senhor; piston!

— É horrível!

— Como todos se queixam desse instrumento, apareceu também agora um trombone, que felizmente só toca às mesmas horas do outro. Ora, V.S. compreende que este inquilino de dois meses não pode e não deve incomodar moradores de quinze anos!

— Queixe-se à autoridade local. O mais que me compete fazer é constituir-me eco da sua reclamação.

— Obrigadíssimo. V.S terá a bondade de acrescentar que há também uma grande matilha de cães danados.

— Danados...

— Ou quase. Não cessam de ladrar e atiram-se sem cerimônia às pernas dos transeuntes.

— Bem, bem. Estamos entendidos. Até mais ver.

— Mais uma vez obrigado. Ah! esquecia-me: se pudesse fazer-me também uma reclamação sobre a falta d'água. Às vezes não há uma gota. Felizmente agora sempre temos alguma.

— Nesse caso, para que reclamar?

— Para prevenir. Ah! outra coisa: V.S. querendo honrar amanhã a nossa choupana e tomar uma chávena de chá...

— ?!

— Festejo o aniversário de minha filha Raimunda, que faz doze anos. Peço-lhe também o favor de dar uma noticiuzinha...

— Ah! por que não disse logo?

F.C.

## Crônica 80

26 de outubro de 1895

### DIÁLOGOS

- Os tempos são maus! A polícia não nos deixa trabalhar.
- Sim, mas aqui entre nós, com o coração nas mãos: não é justo que nos queixemos, porque ainda assim, apesar da perseguição, sempre se faz alguma coisa, e o que mais é, uns dias pelos outros, sempre se está solto.
- Lá isso é verdade. Também se assim não fosse já eu teria mudado de freguesia.
- Em todo o caso às vezes a gente não tem remédio senão ir tomar fresco lá fora, quando há excesso de trabalho.
- Vai-se vivendo, em suma. Já por diversas vezes tenho tido vontade de abandonar esta profissão. Estou cansado, filho. Vinte anos de amor à propriedade alheia estrompam um homem.
- Que direi eu, então? Fiz uma estatística dos meus trabalhos, compreendendo: cento e dois arrombamentos, cento e quatro subtrações simples, duzentos e vinte e seis trancinhas e trezentos e noventa e oito contos do vigário. O conto do vigário é ainda o que mais dá.
- Admira que haja ainda quem se deixe engazopar com essa história.
- Não creias que é por ingenuidade, pateta; é por malandragem, é por velhacaria dos roubados.
- Eu tenciono passar mais um. Se for apanhado, não sei se poderei tentar amanhã o tal negócio do Engenho Velho. Em todo caso, fica para depois d'amanhã. Domingo quero descansar.
- A semana foi cheia.
- Pudera! Segunda-feira, um broxe e três anéis; fui preso. Terça-feira, um relógio e uma carteira com cento e vinte mil reis; não fui preso. À noite, assalto na Tijuca, com bom exílio; fui preso; mas salvou-se o lucro. Quarta-feira, conto do vigário; escapei. Quinta-feira, que é hoje, já fui preso por ter empalmado uns brincos na rua da Carioca... Logo mais veremos.
- Vou jantar. Queres vir?
- Não, almocei há pouco, ao sair do xadrez.
- Então, até logo.
- Se Deus quiser. Se não me encontrares na Estrada de Ferro, estou na polícia. Espera-me então onde sabes.

F. C.

## Crônica 81

28 de outubro de 1895

### DIÁLOGOS

— Eu não ia ao teatro, há cerca de um ano. Ontem tirei-me dos meus cuidados e fui a uma das casas de espetáculo da rua do Lavradio, o Apolo ou o Éden, não tenho certeza.

— Essa é boa. Não estás certo do lugar onde foste.

— Não. Há cerca de dois anos que não vou a espetáculo. Que mudança!

— Para melhor ou para pior?

— Também não sei. Só te posso afirmar que fiquei surpreendidíssimo com o programa.

— Sim?

— Para começar, apareceram três graciosas meninas que cantaram numa língua desconhecida versos que pareciam picantes. Até aqui, nenhum motivo de espanto; cantar em língua desconhecida é coisa que se faz correntemente nos teatros nacionais.

— Sobretudo nos de declamação.

— Mas depois as meninas puseram-se a dançar. Que graça e que proficiência! Como, em relação a estas, são inábeis e desenxabidas as bailarinas da terra! Depois vieram os japoneses...

— Japoneses?!

— Sim, homem! Na peça<sup>135</sup> entravam japoneses autênticos, que faziam trabalhos de ginástica e equilíbrio a valer. Há por aí muito drama com chins e turcos, que, por mais que se disfarcem, logo se vê que são portugueses e brasileiros; os japoneses que eu vi são genuínos.

---

<sup>135</sup>Comentário na seção “Theatros e etc” d’A *Notícia*, de 21 de outubro: “APOLO. A novidade do dia, ou antes, da noite, é a estréia neste teatro, de uma companhia internacional de variedades fantásticas, do empresário H. Schumann. O elenco é de 20 artistas, entre os quais bailarinas, acrobatas, cantoras ligeiras, patinadoras, figuras para quadros vivos, cantor bufo e equilibristas japoneses. Divide-se em 3 partes o programa da função de hoje, sendo a 1ª e a 3ª preenchidas pela companhia Schumann com 10 números, e a 2ª pela companhia Mattos & Machado, com o 2º ato da *Mascotte*. No gênero quer-nos parecer que a novidade é completa”. O espetáculo é comentando no dia 22 de outubro: “Estreou ontem, com bom êxito, a companhia, ultimamente chegada do norte, que se anuncia de variedades fantásticas. É um grupo internacional de 20 artistas, ingleses, japoneses e chilenos todos muito aceitáveis no seu gênero. A sua função de estréia foi deveras curiosa. Abriu a 1ª parte um bailado *sui generis* executado por três interessantes meninas, La Regaloncita e suas irmãs Preciosa e Graciosa, das quais a mais velha não terá ainda dez anos. Esse bailado caprichoso, em que há coreografia, acrobacia e deslocação, foi pelas meninas executado com um *entrain*, uma presteza, uma precisão de movimentos, uma resistência e agilidade notáveis. O público, logo seduzido, aplaudiu com entusiasmo esta introdução.

Em seguida foram apreciados os jogos malabares, já bastantes conhecidos, em que, no geral, são exímios os japoneses, e o que ontem vimos não constitui exceção. Mas o trabalho mais notável desta parte foi o de um funâmbulo, também japonês, que atravessou com assombro geral, a sala do teatro sobre uma corda, que, partindo do tablado junto ao regulador, ia terminar numa coluna da galeria superior, o que quer dizer, uma ascensão perigosíssima, sem a rede protetora do artista e tranquilizadora do público. Este funâmbulo, cujo nome não sabemos, por que o anúncio o não diz e a companhia não faz programas, depois de subir pela corda até um dos pontos mais altos do teatro, desceu, rapidamente de costas e tornou a subir de costas com o mesmo desembaraço e a mesma segurança. [...]”.

— Que cantam eles?  
— Nada, não dizem palavra.  
— Devem adiantar pouco ao enredo...  
— Ora! numa revista-de-ano!  
— Ah! era uma revista?  
— Com toda a certeza! Diante daqueles passos e cantorias, daquela ação sem nexos, daqueles personagens que entravam e saíam sem dizer porque, percebia-se imediatamente que se estava representando uma revista. Sabes que o Peixoto é exímio nas revistas; pois os japoneses deixam-no largamente distanciado. Nos jogos malabares, são perfeitíssimos; no equilíbrio, não têm rival, e nos saltos, fazem o desespero do nosso câmbio.  
— Ouvi contar que há lá um funâmbulo que sobe por uma corda, desamparado, até grande altura, e daí desce de costas com uma rapidez...  
— Justamente: tal qual como o câmbio, com a diferença de ser muito mais limpo. Depois vêm duas moças inglesas.  
— Inglesas!  
— Que, por sinal, são filhas do Chile. Cantam umas modinhas de meio caráter, assim como quem diz: entre a gravidade britânica e o *salero* espanhol; mas, para ser verdadeiro, devo afirmar que esta parte é inferior aos quadros vivos. E há quem afirme que já não temos artistas!

F.C.

## Crônica 82

29 de outubro de 1895

### DIÁLOGOS

- Dez horas. Não há tempo a perder. Marcho para o bife. Vens?
- Eu? Deus me livre! Almoçar às dez horas... Já se viu coisa mais vulgar, mais banal?
- A que horas, então, almoças?
- À uma e meia, nunca antes. É o *chic*...
- Hum! em matéria de originalidade não acho que seja essa das maiores.
- E não como bifés, peixes e outros pratos com que se arruína o estômago e que são de uma terrível banalidade.
- Ovos, já se vê!
- Nada... Ervas, meu filho, ervas. Sou vegetariano!
- Como S. João Batista. Não creio que se engorde muito com tal regime.
- Aí é que está o engano. Os vegetais são eminentemente nutritivos...
- Não digo que não... em época de jejum, no deserto...
- Depois a carne chega a ser atroz à força de banal!...
- Eu, se a acho atroz, é no preço!
- Vós, rapazes do Rio de Janeiro, sois todos uns entes comuns, e só conheceis e apreciáis as trivialidades. Eu, educado nos grandes centros europeus, habituado à vida *chic*, absolutamente nova, originalíssima, cheia de imprevisto em tudo, no salão luxuoso, na alcova perfumada ou na opulenta sala de jantar, não compreendo que se possa levar essa existência tão prosaica e tão chata. Oh! abomino a banalidade.
- Acredita que tenho muito gosto em ser um ente comum, se consideras isso fazer o que toda gente faz, desde que me agrade ou que me convenha. Levanto-me com a aurora...
- Oh! eu conheço a aurora de nome apenas.
- Pois eu, de vista e pessoalmente. Uma vez de pé, preparo-me, leio os jornais, tomo o meu chocolate...
- Chocolate! horror!
- Qual horror! muito bom cacau!... Saio a começar a vida, trabalho até esta hora, e vou, como vês, restaurar as forças com um belo bife e uma esplêndida *omelette*.
- *Omelette* é a tintura do banal em não sei quantas dinamizações!... Admito esses almoços uma ou outra vez, por extravagância!
- Quando quiseres dar-te a ti mesmo o escândalo de almoçar assim comigo, não faças cerimônias.
- Pode ser, tudo é possível. Ninguém deve dizer: deste almoço não comerei.
- Então, se quiseres amanhã...
- Amanhã não almoço.
- Por ódio à banalidade!
- Não, porque tenho às três horas uma feijoada completa.

F.C.

## Crônica 83

30 de outubro de 1895

### DIÁLOGOS

- O senhor traiu a fé conjugal.
- Eu, filhinha! Que loucura!
- Máscara abaixo! Sei tudo.
- Que sabes?
- Que o senhor me engana vilmente com uma certa Eufrásia!
- É uma calúnia indigna e mesmo absurda!
- Tenho provas.
- É impossível!
- O senhor é muito esperto, não há dúvida; toma bem as suas precauções para não ser apanhado; mas o diabo as arma.
- Tenho a consciência tranquila, estou inocente como um cordeirinho.
- Como um cordeirinho! Descarado! Faça favor de me dizer como se explica então esta carta do seu amigo Bandeira, que encontrei no bolso do seu paletó.
- Tu encontraste o meu amigo Bandeira no bolso do meu paletó?
- Faça-se de engraçado! Eu conheço o estratagema. Quando os homens não têm que dizer... Está procurando uma explicação, mas não a encontra. Nem sempre acode uma mentira aceitável.
- Que mentira, minha jóia! Tu fazes-me uma grande injustiça.
- Sim, vá ganhando tempo. Talvez descubra alguma coisa, mas eu é que não me deixarei enganar. E tenha a bondade de não me chamar sua jóia.
- Mas si o és, e si eu te adoro... Tu bem estás convencida de que eu te adoro.
- Libertino! Vá, explique-se, seu amigo Bandeira pergunta-lhe na carta que tal é essa Eufrásia. Ora já viram isto?
- A Eufrásia... a Eufrásia... não é má...
- Não é má, hein!
- Decerto! Que pensas tu que seja a Eufrásia?
- Alguma sirigaita, alguma desavergonhada...
- Engano, minha jóia, puro engano!
- Faça favor de não me chamar sua jóia, e tire para lá as mãos.
- Que rigor! Já não há liberdade de gesticulação, agora que há todas as liberdades!
- E o senhor ainda vai tomando mais algumas. Mas venha de lá essa explicação...
- A Eufrásia... a Eufrásia é um personagem... um livro...
- Não mastigue.
- Como! Não conheces a *História de uma mulher que amou*?
- Que vem a ser isso?
- É um romance, a última grande novidade literária de Paris. A tal Eufrásia é a protagonista do livro, que o Bandeira me emprestou. Aqui está explicada a carta. Ele pergunta-me se gostei da obra!
- Afinal, achou, hein!
- Oh! juro-te...
- Juras?

- Sim, minha jóia!
- Não me chame sua jóia. Onde está o livro?
- No meu escritório!
- Há de trazer-mo logo. (Lei-o-ei com o primo Ernesto... que não é nenhum romance.)

F.C.

## Crônica 84

31 de outubro de 1895

### DIÁLOGOS

— A dualidade<sup>136</sup> do governo que se vê em alguns estados reflete bem a situação geral no Brasil, o que, aliás, é naturalíssimo, porque o poder deve ser o reflexo do povo.

— Mas não acha você que nesse reflexo abundante haja minguada reflexão?

— Não, trata-se de uma época especial. Há períodos *sui generis*; se este que atravessamos tivesse a duração de um século, seria o século dos pares.

— Faz-me lembrar uma comédia que vi há muitos anos, onde havia um sujeito que tinha a mania dos pares e o horror aos ímpares. Para que o namorado da filha desse homem pudesse desposá-la, era indispensável seduzir o velho ostentando a sua mania. Assim, apresentava-se-lhe com duas bengalas, dois chapéus...

— Dois pares de botas?

— Não, o dois já estava no par.

— O diabo é que ele só tinha uma filha.

— Sim, mas uma vez casada...

— Comprometiam-se eles a ter uma prole de acordo com a mania do velho?

— Isso é o que a história não diz. Pois o pretendente à mão da pequena é o povo brasileiro, que usa tudo a dois: política, bengalas, amores, lenços, governadores de Estados e guarda-chuvas. Tudo se explica e se resume no princípio filosófico da dualidade ou duplicidade. Há de você encontrá-lo em tudo, e quando não seja à primeira vista, depois de um leve estudo dos homens e das coisas. Desconfie daquilo em que mesmo depois de muito procurar, só vir um; haverá outro, escondido, para fazer o par, ainda que o gênero ou sexo seja diferente.

— Perdão! na vida particular, no lar conjugal...

— É verdade! Não me lembrava de que aí às vezes há três...

F.C.

---

<sup>136</sup> Na época dois barões disputavam o governo da Bahia. A situação conflitante era que os dois se diziam governadores do respectivo Estado.

## Crônica 85

1 de novembro de 1895

### DIÁLOGOS

- Sim, senhor! estás numa bonita casa. Quanto é o aluguel?
- 300\$000.
- Misericórdia! Que exorbitância! Um casebre destes!
- Perdão! acabas de dizer e com um certo entusiasmo, que a casa é bonita!
- E não me desdigo. Mas a minha admiração é relativa: si a casa fosse de 100\$ ou 150\$ era esplêndida; mas desde que é de 300\$000...
- Vê lá: eu ainda a acho barato, no estado atual das coisas, com as exigências enormes dos senhorios...
- Lá isso é verdade, mas 300\$ é dinheiro. Com esse aluguel poderias morar numa chácara em Botafogo ou nas Laranjeiras...
- Estás brincando!
- Falo sério.
- Conforme a chácara! Até mesmo um palacete, hein?
- Aquele quadrinho é presente?
- Presente? Já viste alguém no Brasil fazer presente de obras de arte! Comprei-o com o meu dinheiro.
- Quanto custou?
- Hum!... 400\$000.
- Livra! Um quadrinho que não tem um palmo! Foste roubado!
- Se aprecias os trabalhos artísticos como se dá valor aos burros nas feiras...
- 400\$000 por um quadrinho insignificante, é uma ladroeira!
- São modos de ver.
- Esse é o preço de um grande móvel de luxo e moderno gosto. A propósito: quanto deste por esta mobília, que é bem *chic*?
- Hum!... 800\$000!
- Safa! Sempre és muito fácil em gastar mal o teu dinheiro.
- E tu em achar caro os objetos alheios, pelo gostinho perverso de desfazer...
- Não é desfazer, homem! Falo-te com franqueza, que a nossa intimidade autoriza. Agora, se isso te desagrada...
- Não, à vontade!
- Creio que não vamos brigar por causa de uma reles mobília de jacarandá... Que desses por ela 800\$ ou 800 contos, isso é lá contigo; foi com o teu dinheiro, e o teu dinheiro podes até deitá-lo pela janela afora...
- Pela janela afora!
- Certamente! Um homem que gasta 400\$000 com quadrinhos daquele tamanho!... Mais, muito mais vale este espelho, e eu não daria por ele mais de 200\$000...
- Custou-me o triplo.
- Foi caro, foi muito caro. Aí está: diante destas loucuras eu não posso conter-me. Um espelho desses, na rua do Senhor dos Passos...
- Basta! Por tua vez, dize-me: Quanto te custou esse terno?
- 180\$000.
- Oh! que porcaria! Por 60\$ podias comprar um quase novo na rua da Carioca...

- Oh!
- E, o que é mais, já o terias pago!

F.C.

## Crônica 86

2 de novembro de 1895

### DIÁLOGOS

— 2 de novembro! É o dia dos mortos, mas eu não visitarei os meus cadáveres, mesmo porque o dia inteiro não me chegaria.

— Deixe-se de pilhérias, que são de mau gosto. Porque não havemos de ser sinceros? A verdade é que por mais que se procure aparentar alegria ou despreocupação, sempre se é dominado neste dia por uma saudade pungente e doce, por uma imensa tristeza, de que também participam as coisas.

— A hora está para essas filosofias de algibeira; mas eu asseguro-lhe que sinto hoje a saudade e a tristeza dos outros dias.

— Não tem mortos queridos?

— Tenho-os, e daí? As minhas mágoas não podem ser reguladas pelo calendário. Não hei de chorar no dia de hoje, só porque foi marcado o dia de hoje para os homens chorarem!

— Então, é de parecer que se não deveria fixar uma data para a comemoração dos mortos?

— Não penso nada; limito-me ao protesto silencioso. Agora, francamente não vou ao cemitério, porque está um calor impossível.

— Vou eu, que por tão pequeno inconveniente não deixaria jamais de cumprir o meu dever. Cá levo uma coroa e uma empada!

— Uma empada!

— Certamente, visto que vou passar o dia no Caju e lá não há hotéis!

— Ah! é convescote! Que diabo faz o senhor quando vai ao Corcovado?

— Não meta a ridículo atos sérios!

— Meter a ridículo o seu piquenique é chover no molhado. E o vinho? não leva também coisa que se beba?

— Sim, meia garrafa de Porto — Rocha Leão. Está aqui no bolso de dentro.

— Ah! é bem cordial, que se faz indispensável. Eu ia jurar que essa garrafinha de farmácia era de óleo de rícino. Honra aos mortos, mas cuidemos também dos vivos.

— Assim, o meu dia está tomado. Voltarei à noitinha, satisfeito do dever cumprido. O diabo é não haver à noite espetáculo!

F.C.

## Crônica 87

4 de novembro de 1895

### DIÁLOGOS

O ATOR X. Ora porque razão você me há de querer tanto mal? Não tenho sido sempre seu camarada?

O CRÍTICO Z. Não o compreendo. Em que se baseia para dizer que eu lhe quero mal?

O ATOR X. Chega até a parecer uma perseguição! Quem o não conhecer suporá que você me trata assim por despeito, que me tem ódio antigo.

O CRÍTICO Z. Mas por quê?

O ATOR X. Não faço um papel em que você não encontre motivo para algum reparo, quando não alguma censura acre, e até já me chamou bufão! Ora eu, que sempre fui seu camarada!

O CRÍTICO Z. Também eu, fique certo, sou seu camarada, como, em geral, dos artistas; mas isso...

O ATOR X. Eu, que presto homenagem a você como a um dos maiores talentos desta imprensa...

O CRÍTICO Z. Oh! por amor de Deus!

O ATOR X. Não, falo sinceramente. A verdade diga-se. Admiro você como um dos maiores talentos que... apesar de que você é meu inimigo...

O CRÍTICO Z. Por fazer alguns reparos!

O ATOR X. É cruel e injusto com o seu camarada! Quer aniquilar-me, cortar-me a carreira, tirar-me o pão!

O CRÍTICO Z. Ora que destempero! Você atribui-me sentimentos mesquinhos.

O ATOR X. Não, porque sempre fiz justiça ao seu caráter nobre. Você é um dos caracteres mais nobres desta imprensa que... Por isso mesmo, a mim próprio me perguntei, revoltado e de lágrimas nos olhos, que lhe tinha eu feito para lhe merecer as palavras severas com que se referiu ao meu último trabalho.

O CRÍTICO Z. Você tem bastante espírito; não pode ter feito semelhante pergunta.

O ATOR X. Que lhe fiz eu, meu amigo, eu, que sempre fui seu camarada, para você dizer aos seus leitores que fui infeliz no meu papel?

O CRÍTICO Z. Nada, a mim não me fez nada.

O ATOR X. Não sou um dos seus maiores admiradores?

O CRÍTICO Z. Sim, mas que tem...

O ATOR X. Não faço sempre as mais entusiásticas referências à sua pessoa?

O CRÍTICO Z. É exato, mas...

O ATOR X. Não tenho mesmo procurado, obsequiá-lo muitas vezes?... Não quero lançar em rosto...

O CRÍTICO Z. Eu não oculto as finezas que lhe devo.

O ATOR X. Então, porque é que você disse no seu jornal que eu não tinha sido feliz no papel, eu, que sou seu camarada?

O CRÍTICO Z. (*perdendo a paciência*). Sebo! porque o meu camarada é um tolo, não estuda coisa nenhuma e mete sempre os pés pelas mãos!

F.C.

## Crônica 88

5 de novembro de 1895

### DIÁLOGOS

— Constatou-me que o tigre do Jardim Zoológico, tendo-se escapado da jaula, andava às soltas por Vila Izabel, espalhando o maior terror por onde passava.

— O caso não era para menos.

— Acrescentavam que já havia devorado cinco pessoas, entre as quais uma criancinha de peito que ele arrancara aos braços de sua mãe.

— Horror!

— Parti imediatamente para lá.

— Bravo! que coragem!

— O cumprimento do dever... Um repórter é um lutador que mil vezes se expõe à morte.

— Nobre ofício!

— Ao chegar o meu bonde à rua do Senado, esquina da do General Caldwell, fui informado de que o fato se dera efetivamente em Vila Izabel, mas que o tigre já andava pelo Rio Comprido.

— Com a breca! que ligeireza!

— Não esperei ouvir mais, saltei imediatamente do bonde e tomei um tálburi que a providência justamente me deparou na ocasião. Toca para o Rio Comprido!

— Imagino a ansiedade!

— Mas na praça da República, esquina da rua do Areal, vi um grande ajuntamento de povo. — Que será aquilo? perguntei aos meus botões. Rolo? incêndio? assassinato?... Não estive com uma nem com duas, saltei imediatamente do tálburi para ver de que se tratava.

— Que era?

— Um *book-maker* clandestino, que funcionava pagando *poules*. Fora um tiro!

— Ora!

— O fato não tinha importância, e eu, desapontado, ia a prosseguir o caminho, quando me lembrei de pedir a um dos circunstantes informações sobre o tigre, e disseram-me então que não fora um tigre, mas um urso, que fugira para as matas da Gávea, tendo mordido três pessoas.

— Não tinha então, havido mortes?

— Ainda não! Compreende que, o animal, acossado como devia estar sendo, não tinha tempo para maiores atrocidades.

— Sim, mas, afinal, a nova versão pouco diferia...

— Perdão, e quanto ao local, diferia fundamentalmente, obrigando-me a andar de Herodes para Pilatos. Tornei a entrar para o tálburi, fazendo-o voltar apressadamente na direção apontada. Ao entrar na rua do Catete vi uma grande correria de soldados de polícia e homens do povo, que gritavam com desespero: Pega! Pega!

— Calculou logo que fosse o bicho?...

— Tal qual! Saltei imediatamente do tálburi e incorporei-me à massa popular, gritando também. Apurado o caso, nada mais insignificante: um bonde elétrico passara sobre as pernas de um ganhador!<sup>137</sup>

— Ó decepção!

— E incomoda-se um homem por semelhantes bagatelas! Voltei para o tálburi e prossegui o meu caminho, chegando à Gávea sem maior novidade. Mas aí é que experimentei mesmo a mais perfeita sensaboria que me poderia estar reservada. Na Gávea não constava coisa nenhuma, nunca tigre ou urso por lá andara, e quanto a sustos, era uma paz d'alma como no seio de Abraão. Apenas ouvi dizer a um preto que tivera realmente uma vaga notícia de que uma onça passeava livremente para os lados do Andaraí Grande, mas sem fazer mal a ninguém.

— Bolas!

— Enfim, caminhei algumas horas de tálburi sob um sol de rachar, corri todos os bairros e finalmente só consegui saber tudo na rua da Prainha.

— Então! então? que foi? que foi?

— Fora um cãozinho felpudo que tinha sido atropelado por uma carroça.

F.C.

---

<sup>137</sup> O jornal *A Notícia* publicou no dia 5 de novembro, o seguinte: “No Largo da Lapa, hoje, foi pisado por um bonde da companhia Jardim Botânico um passageiro que, ao subir no carro, falseou um pé, caindo entre dois carros que passavam.” E também relatou outro acidente: “Manuel Silvano, que apresentava mão direita esmagada, por ter sido pisado por uma carroça no largo da Segunda Feira.”

## Crônica 89

6 de novembro de 1895

### DIÁLOGOS

- Aos meus braços, velho amigo! Quando chegaste?
- Agora mesmo. Desembarquei no cais Pharoux.
- Como estás gordo e corado!
- Pudera! Passei seis meses de regalada existência sem nada ter que me incomodasse e comendo como se come em viagem, ainda que seja dispéptico.
- Ah! assim, compreendo que tenhas remoçado. Estás até mais bonito!
- E satisfeitíssimo! Nas minhas condições, quase [...] Não há mal que me chegue.
- Bem! Bem!
- Vamos a saber: qual é o meu quarto?
- O teu... oh! sim!... vou dar-te um quarto bom, espaçoso, arejado...
- Não podia esperar de ti senão o melhor acolhimento.
- Um quarto dos fundos, com janela para o jardim, duas janelas...
- Ótimo! ótimo! Sabes que não te incomodarei muito tempo; isto é apenas por dois dias. Parto quinta-feira para S. Paulo.
- Oh! um mês que fosse!
- Bem sei, bem sei que em tua casa estaria sempre à vontade o tempo que quisesses. Declaro-te que estou a morrer de fome.
- Ó diabo! já almocei! Mas não faz mal. Vamos a um hotel.
- Não, estou fatigado, não quero sair agora. Basta que me mandes preparar uns ovos quentes, com uma boa chávena de café com leite.
- Oh! como eu sinto chegares em tão má hora!
- É o mesmo! Não se pode prever... Mas eu não me queixo... Tudo se arranja bem. E como vão os teus?
- Bem. Vais vê-los já; entra. Põe-te à vontade. Vou mandar preparar o teu quarto.
- Ainda está isso por fazer?
- Um telegrama! Dá licença.
- “Chego 17. Espera-me”
- Ah! sim. É o meu telegrama, que te mandei de Pernambuco, há quatro dias!

F.C.

## Crônica 90

7 de novembro de 1895

### DIÁLOGOS

LULU, *menino de 7 anos*. — Tenha modos, Lili! A menina já está em idade de ter juízo<sup>138</sup>.

LILI, *menina de 6 anos*. — Você não se enxerga! O menino Lulu, em vez de pretender ensinar as pessoas sensatas, devia tomar delas ensinamento e conselho.

LULU. — Que tal está a pequena! Desde quando a formiga tem catarro?

LILI. — Desde que o menino toma a liberdade de acender um cigarro à minha vista. Além do mais, é falta de educação atirar-me para o nariz as suas baforadas.

LULU. — Deixe-se de partes. Como se eu não soubesse que a menina Lili também fuma...

LILI. — É falso!

LULU. — Falso! Deixe-me ver os seus dedos. Olhe.

LILI. — Pois seja, mas, ao menos, fumo às escondidas.

LULU. — Também seria galante que uma pessoa da sua condição fosse fumar para a sala de visitas.

LILI. — Vamos lá ao que interessa. O menino desempenhou a minha incumbência?

LULU. — Sim, senhora. Diga antes: as suas incumbências. Ainda se há de queixar de mim, chamando-me de preguiçoso e imprestável!

LILI. — Reconheço que o menino tem algum préstimo.

LULU. — Devo comunicar-lhe que papai, que me acompanhou, só me permitiu fazer estas compras, supondo-as para mim.

LILI. — É o mesmo.

LULU. — Aqui estão elas no meu quarto. Um revólver Schmitwess, de 6 tiros.

LILI. — Uma mulher precisa fazer-se respeitar em todos os terrenos.

LULU. — Um monóculo, um guarda-chuva inglês, de mola, duas barras de ferro, para exercícios musculares, uma garrafa de Pepsina Boudaulte.

LILI. — Para a minha dispepsia. Ando cada vez pior.

LULU. — E finalmente, a *Filosofia do Matrimônio*, de Debay.

LILI. — Muito bem. O menino merece um beijo. Deixe estar que nos havemos de casar.

LULU, *com importância*. — Olhe, menina Lili, deixe-me dizer-lhe com franqueza: só me caso depois de passar a lei do divórcio.

F.C.

---

<sup>138</sup> Sobre a situação da mulher, publicou-se no dia 9 de novembro um artigo, assinado por Medeiros e Albuquerque: “A situação social da mulher está mudando com tal rapidez que, dentro em poucos anos, deve estar inteiramente transformada. A concorrência desabrida que a luta pela existência torna no nosso tempo quase feroz, não permite mais à mulher de classe média esperar apenas do casamento o bem estar do futuro. Não só o número de casamentos vai diminuindo, como ainda para manter a família não basta o esforço único do chefe a fim de conquistar-lhe o pão.[...]”

## Crônica 91

8 de novembro de 1895

### DIÁLOGOS

A ESTRADA CENTRAL<sup>139</sup>. — *Enfoncée*<sup>140</sup> a Febre Amarela! Minha cara amiga, fui eu quem te suplantou!

A FEBRE AMARELA. — Triste verdade é essa, que eu não ousarei contestar. Fui miseravelmente derrotada. Eu era o flagelo nacional e hoje sou apenas uma sombra do passado.

A ESTRADA CENTRAL. — Despovoar pela morte, era o teu largo programa; o meu programa é dizimar a população. Entretanto, fui mais longe do que tu; os meus fins são consideravelmente mais amplos. Tu escolhias de preferência os estrangeiros na tua fúnebre colheita; eu mato indistintamente estrangeiros e nacionais.

A FEBRE AMARELA. — Não és jacobina, não és patriota!

A ESTRADA CENTRAL. — Ó vós que entraís nos meus vagões, deixai lá fora as ilusões, e sobretudo não compreis bilhete de ida e volta, porque é despesa perdida!

A FEBRE AMARELA. — Foi humilhante a minha aposentação! Nem por isso eu era tão velha; poderia ainda prestar serviços relevantes.

A ESTRADA CENTRAL. — Mas quando e em que se poderiam comparar aos que eu presto, dando a última palavra do progresso? Pelo menos, há de convir comigo em que sou mais limpa e mais pronta!

A FEBRE AMARELA. — Mais pronta serás; agora quanto à limpeza, só concordarei contigo se te referes à das algibeiras!

A ESTRADA CENTRAL. — Comigo não há necessidade de médico nem de confessor. Quem me escolhe, não tem que se enganar: vem à morte certa. E olha que me devem agradecer de mãos postas, porque a todos levo muito mais longe do que o seu destino: levo-os para o céu. Vê lá se conduzir à eterna bem-aventurança quem apenas deseja ir a Cascadura, não é exceder miraculosamente os maiores desejos e expectativas?

A FEBRE AMARELA. — Reconheço-me vencida. Sou uma pobre moléstia repelente, que nem sempre mata, e que todos odeiam; ao passo que tu és um brilhante

---

<sup>139</sup> No dia 6 de novembro ocorreu um grande desastre na Estrada de Ferro Central. Publicou-se no dia 7, o seguinte: “A notícia do grande desastre ocorrido com o encontro dos trens S1 e M13, e do qual resultou a morte do virtuoso bispo de Trípoli e de mais seis pessoas, temos a acrescentar o telegrama que abaixo publicamos. [...] É culpado o agente do Mariano Procópio, mandando seguir o M14, tendo uma hora antes mandado licença escrita par o S.1, atrasado de 2-20 minutos, segundo circular recebida. O culpado foi preso e vai ser processado pelas autoridades locais.” A partir do dia 9 de novembro, *A Notícia* começou a “publicar uma série de artigos em que será analisado o mecanismo administrativo da E.F.Central, sendo feita a crítica e apontadas as reformas de que carece esse importantíssimo próprio nacional. Os artigos são de profissional de grande competência e que já responsabilidades na administração dessa estrada, cujos interesses ele conhece em todos os seus detalhes.” Os funcionários da estrada entraram em greve no dia 13 de novembro.

<sup>140</sup> *Enfoncée* verbo francês que quer dizer derrotada, vencida.

ramo de viação, que todos procuram e apreciam! Eu sou um foco de ruína e de misérias; tu és uma fonte de riqueza e prosperidade.

A ESTRADA CENTRAL. — Pobre vagabunda, que, no carácter de calamidade, nem ao menos sabias ser completa! Fica-te para aí; sucumbe à tua ignóbil e merecida lazeira<sup>141</sup>.

A FEBRE AMARELA. — Vai, próspera, sê feliz, mas não rias da minha decadência irremediável! Olha o castigo do orgulho insensato!

A ESTRADA CENTRAL. — Assim como assim, uma vez que estás liquidada, por que não tomas um dos meus trens?

F. C.

---

<sup>141</sup> Qualquer casta de males; desgraça, miséria

## Crônica 92

9 de novembro de 1895

### DIÁLOGOS

O CAFÉ. — Quem me viu e quem me vê! Já liguei o meu nome a um grande país; cheguei a imaginar-me soberano perpétuo da minha terra e hoje estou, pouco mais ou menos, proscrito. Eu era talvez a maior glória nacional; era, pelo menos, a maior força!

O VINHO. — Que direi eu então? Se assim te queixas na tua generosa terra, onde, segundo o rifão, não poderás jamais ser profeta, eu, o belo e sedutor produto estrangeiro que justamente por ser estrangeiro deveria ter a máxima aceitação, posso arrancar desesperado, os meus cachos!

O CAFÉ. — Já não há, então, patriotismo?

O VINHO. — Já não há, então, amor ao que vem de fora?

O CAFÉ. — Eu, tão puro, tão benéfico, tão agradável!...

O VINHO. — Tão agradável, tão benéfico, tão puro que sempre fui! Ah! é esse o nosso mal, é essa mesma a causa da nossa perda!

O CAFÉ. — Substituíram-me pelo milho!

O VINHO. — Mataram-me com o pau campeche<sup>142</sup>!

O CAFÉ. — Hoje existo miseravelmente em algumas casas pobres que ainda me fabricam!

O VINHO. — Já nem os ricos e potentados me querem. Ó cúmulo da irrisão!

O CAFÉ. — Desprezam-me por ser genuíno!

O VINHO. — Duvidam da minha identidade!

O CAFÉ. — Não me admira isso. No tempo em que eu estava no galarim<sup>143</sup>, procuravam encobrir a minha individualidade, supondo que eu não tinha importância bastante. Chamavam-me o Moca<sup>144</sup>!

O VINHO. — Que desgraça! Quando, por acaso, me encontram, já me acham detestável! Pudera! Habitados ao falso...

O CAFÉ. — E contudo eu valho tesouros, não é assim?

O VINHO. — Sem dúvida. E eu poderia ser medido a puro, não é verdade?

O CAFÉ. — Com certeza.

AMBOS, *numa consternação suprema*. Ninguém nos quer!

O CAFÉ. — Choro lágrimas de sangue, neste desterro, tão longe dos botequins!

O VINHO. — Mil angústias me despedaçam, expulso das refeições!

O CAFÉ. — Como vegetar, neste abandono e neste desprezo?

O VINHO. — Eu definho, mirrado na minha uva!

O CAFÉ. — Ainda se o milho aceitasse uma aliança honrosa...

O VINHO. — Se eu pudesse fazer uma transação com o pau campeche...

---

<sup>142</sup> Campeche significa: Bot. Árvore da família das leguminosas (*Haematoxylon campechianum*), cujo tronco, espinhoso, fornece um cerne vermelho-escuro de que se extrai um corante, a hematoxilina, que, oxidando-se, passa a emateína, e é usado em tinturaria e nos laboratórios para corar preparações histológicas; pau-campeche, hematóxilo.

<sup>143</sup> Galarim significa: o dobro da parada; o ponto mais alto; a posição de maior evidência; cúmulo, fastígio, fausto, valimento.

<sup>144</sup> Moca: palavra dicionarizada, que designa café superior originário da Arábia.

O CAFÉ. — Seria indigno! Não há honra em trabalhar com o veneno!  
O VINHO. — Seria infame! Não descerei a colaborar com o tóxico!  
AMBOS. Se nos pudéssemos aliar, nós ambos?..  
O CAFÉ. — Numa aliança pela verdade e pela justiça!  
O VINHO. — Infelizmente não é possível!  
O CAFÉ, *muito triste*. Não é possível! Não nos combinamos tão bem como os  
nossos inimigos!  
O VINHO. — Como sou impotente, eu que subo às cabeças sem as dominar!  
O CAFÉ. — Como sou pequeno, eu que sou grão.  
O VINHO. — Só um recurso nos resta: o suicídio!  
O CAFÉ. — Sim, um termo a esta vil existência!  
O VINHO. — Bate-me com o meu rival, e deixe-me [...]  
O CAFÉ. — Atire-me sobre o meu inimigo, para que ele me liquide.  
(*O Vinho mete-se num barril suspeito e o Café numa saca de milho. Pequena luta,  
de consequências naturais.*)  
O CAFÉ, *reaparecendo, com os nervos muito excitados*. — Cá tenho o papo cheio.  
Podem moer-me à vontade.  
O VINHO, *reaparecendo, extremamente alcoólico*. — E viva o mano! Vou  
engarrafar-me!

F.C.

## Crônica 93

12 de novembro de 1895

### DIÁLOGOS

MENINO ZECA. — Inventei uma brincadeira muito engraçada. Vamos fazer de gente grande.

MENINO JUCA. — Uê! Tu inventaste isso? Sempre se brincou assim...

MENINO ZECA. Que asneira! O que tens visto é o contrário: gente grande fazer de criança, e não é a brincar.

MENINO JUCA. — Então, conta como é a tua brincadeira.

MENINO ZECA. — Eu sou o presidente...

MENINO JUCA. — Presidente de quê?

MENINO ZECA. — Presidente da República.

MENINO JUCA. — Eu também quero ser! eu também quero ser!

MENINO ZECA, *sentenciosamente*. — Não podes. Não é só a gente querer...

MENINO JUCA. — Então não presta.

MENINO ZECA, *com severidade*. — Menino, não seja ambicioso. Parece já um homem.

MENINO JUCA. — E tu também pareces, pela maneira porque já vais passando a perna nos outros...

MENINO ZECA. — Está bom. Vamos fazer outra coisa. Tu és governador...

MENINO JUCA. — Não há mais presidente?

MENINO ZECA. — O presidente é um só; tu não queres que eu seja...

MENINO JUCA. — Não podem ser dois?

MENINO ZECA. — Juca, deixa de molecagem!... Tu és o governador, e eu sou o senado.

MENINO JUCA. — Uê! o senado é muita gente!

MENINO ZECA. — Pateta! o senado não tem número: quem faz o senado é o governador...

MENINO JUCA. — Então, bem. Eu sou o governador, mando mais do que tu.

MENINO ZECA. — Conforme, porque quem faz o governador é o senado...

MENINO JUCA. — Não entendo. Assim não dá certo.

MENINO ZECA. — Dá, tolo. Escuta: governador e senado, tudo isso é o povo governando...

MENINO JUCA. — E se o povo não quiser governar assim...

MENINO ZECA. — Quer por força; quer sempre, tanto assim que ninguém lhe pergunta nada.

MENINO JUCA. — Mas como é que o povo entra nesse negócio?

MENINO ZECA. — O povo não entra; é fingido; por isso é que é engraçado. Nós dois governamos; vamos buscar o Manduca para fingir de povo. Nós dois fazemos um palavreado bonito: o Manduca põe-se de quatro pés e bate palmas.

MENINO JUCA. — Como é que ele bate palmas, estando de quatro pés?

MENINO ZECA. — Com a cabeça! Bate palmas é como quem diz: gosta. Ele gosta sempre.

MENINO JUCA. — Foste tu que inventaste esta brincadeira?

MENINO ZECA. — Verdade, verdade, não. Foi papai quem leu isso nos jornais.

F.C.

## Crônica 94

13 de novembro de 1895

### DIÁLOGOS

- Laura, minha querida, atende-me, pelo nosso amor! Vê que morro aos teus pés.
- Vejo, mas não há perigo. Desde que você me falou pela primeira vez, desde que eu o desenganei de me levar assim, sendo você um rapaz sem ofício nem benefício, você começou a morrer aos meus pés. Isso é moléstia sem gravidade: o que é grave é você querer casar comigo sem ter emprego.
- Mas, meu bem, eu sou um poeta!
- Razão de mais para que adquira um emprego que compense tão grande defeito. Ser poeta não é um meio de vida que decentemente se possa alegar. Eu perdôo-lho só pelo fato de que todos têm as suas fraquezas, e é lícito ser indulgente com os maiores vícios quando haja esperança de encontrar ao lado deles qualidades apreciáveis.
- Oh prosaísmo fim de século! Nunca me tiveste amor!
- Lá a rebentar de paixão por você, isso confesso que não estou. Sou franca. Gosto de você, agrada-me desposá-lo, nas condições que já lhe disse tantas vezes. Se isso não for possível, procurarei outro que mais me convenha para marido. Por conseguinte entendo que o meu namorado faz mal em morrer aos meus pés, porque se arrisca a ficar insepulto, visto não ter onde cair morto.
- Fala o cálculo, a razão fria e desesperadora, quando é o coração que se expande nos arrebatamentos da mais louca paixão! Criatura de mármore!
- Criatura de juízo! Você está bem convencido de que se não vive de poesia; porém supõe que eu não o estou. Eis o seu mal. E como sou uma viúva agradável — permita-me a imodéstia que por malícia, se louva nas suas próprias palavras —...
- Louva-te, louva-te nelas, que partem cá bem do fundo da alma, desta alma que é uma noite iluminada pelo suavíssimo luar dos teus olhos...
- E como eu tenho alguns recursos que me deixou o meu defunto, o Meirelles, você não se preocupa de me conquistar senão pelos seus versos. Ora — para ser franca até à rudeza — convém que o meu namorado o saiba: se me apraz aceitá-lo por esposo nas condições que etc., não é porque a sua poesia me fascine, não é porque eu esteja louca de admiração pelo seu talento...
- Oh! é cruel! esmaga-me o orgulho, o amor próprio...
- Sou sincera. Simpatizo muito com o seu ar atrevido, e, posto que o não ache bonito, acho-o engraçado. Enfim, há em você qualquer coisa pela qual eu o distingo dos outros. Mas esta preferência não me escraviza ao ponto de me levar a desposá-lo com o seu talento e mais nada. Empregue-se e volte. Eis a minha última palavra.
- Ah! se me fosse possível roubar-te!...
- Não pode!
- E a narcotização, que está em moda?
- Só assim... mas eu fico prevenida contra os seus versos.

F.C.

## Crônica 95

14 de novembro de 1895

### DIÁLOGOS

O RADICAL. — Paz! Esqueçam-se paixões mesquinhas e trabalhem todos pelo engrandecimento da pátria.

O MODERADO. — Qual! Isto só endireita a pau e picareta. Vamos de mal a pior! Precisamos demolir, arrasar tudo.

O RADICAL. — Como vai longe, meu caro! Para que ser assim extremado? A situação não é desesperadora. Devemos ter confiança nos recursos do país e sobretudo devemos ter juízo, muito juízo. Com juízo e com calma...

O MODERADO. — Deixe-se de histórias. Está o senhor a falar como o Sr. Proudhomme<sup>145</sup>, repetindo boçalmente as banalidades das gazetas...

O RADICAL. — Boçalmente! O termo parece-me duro!

O MODERADO. — Não encontro outro mais expressivo para o caso. Qual calma nem qual juízo! Acha pouco o que temos tido, acha que eu não tenha sido calmo até hoje?

O RADICAL. — Não me parece que mostre uma serenidade extraordinária. Entretanto eu, que sou o radical, prego a moderação e a paciência, porque não há motivo para desesperar...

O MODERADO. — Está tudo perdido! Isto só a dinamite! A dinamite é o camartelo da civilização atual, fora dela não há salvação. Se eu algum dia me fizer eleger deputado, porei a Câmara em polvorosa, mas asseguro-lhe que o país há de progredir.

O RADICAL. — Não sei como, se o senhor começa destruindo-o com a sua dinamite.

O MODERADO. — E então? Destruir para reconstruir!

O RADICAL. — Eu acho preferível conservar para melhorar. Demais, não vês que já há muita destruição...

O MODERADO. — Ah! o bom enxofre bíblico de Sodoma! ah! A bela granada regeneradora! ah! O humanitário Krupp 7 e meio!

O RADICAL. — Mas, senhor, como é esquisita a sua mania de entender o patriotismo!

O MODERADO. — E a sua? Julgará acaso que a sua é algum modelo de sabedoria?

O RADICAL. — Eu quero a paz, o trabalho comum de irmãos, a solidariedade geral obedecendo a um mesmo sentimento; quero a cessação de todas as lutas, a união de todos os pensamentos para um só ideal, o respeito absoluto de todos os direitos; quero a ordem e a justiça; a confiança e a reflexão; a atividade tranquila e bem aplicada à restauração.

O MODERADO. — À restauração! O senhor é sebastianista!

O RADICAL. — À restauração das nossas forças econômicas e financeiras!

O MODERADO. — Pois eu quero a agitação, a luta, a febre patriótica de atirar tudo isto de pernas para o ar, numa liquidação de fim de século. Destruamos, destruamos, para dar aos nossos filhos uma pátria nova e grande!

O RADICAL. — Pois, meu senhor, jamais nos entenderemos.

---

<sup>145</sup> Pseudônimo de José de Patrocínio.

O MODERADO. — A impaciência Radical d'água morna, viva!  
O RADICAL. — Passar bem conservador da bomba!

F.C.

## Crônica 96

15 de novembro de 1895

### DIÁLOGOS

- O senhor é quem aluga a casa n.157?  
— Sim, senhor.  
— Quanto é o aluguel?  
— Duzentos e cinquenta mil réis.  
— Safa! Um cochicholo<sup>146</sup>! Duas salinhas e dois quartinhos, com um quintalzinho...  
— A casa está pintada e forrada de novo, e o senhorio, apesar de ter feito essas obras, não aumentou o aluguel.  
— Pudera! também daí para cima...  
— Duzentos e cinquenta era quanto pagava o Portela, o da viúva Manso...  
— Ah! o Portela morava ali?  
— Há que anos! Desde que se casou pela segunda vez, com a Manso, a viúva Manso...  
— Sei.  
— Ela também casou pela segunda vez.  
— É bem de crer, visto que era viúva. Que faz ele agora?  
— Nada.  
— Isso é pouco.  
— Se lhe parece! Comer os rendimentos de toda aquela dinheirama da viúva. Verdade é que ela tem sofrido uma grande baixa.  
— Quem? a viúva?  
— Não, a dinheirama. O maroto gasta à larga, e diverte-se à tripa forra, o que é natural na sua idade.  
— Mas ele não é muito moço!  
— Sim; em compensação ela é muito velha, e daí...  
— Viva a pândega!  
— Tem havido entre os dois, cenas horrorosas; ela lança-lhe em rosto o dinheiro que ele não tinha, porque era, antes de casar, um pinga<sup>147</sup>, e que esbanja agora com tal semcerimônia; ele em resposta alega a mocidade com que pagou os tesouros da apaixonada velha. De uma vez pegaram-se; a polícia interveio e os jornais por engano, dando conta do fato, chamaram ao Portela filho desnaturado que atentara contra a sua própria mãe.  
— E depois?  
— Depois... ele não retificou a notícia... por vergonha. Agora foram ambos lá para o Engenho Novo.  
— Esse Portela não tinha um irmão?  
— Tinha, e tem. A família é das melhores; mas o rapaz é dos piores. Acabará mal.  
— Por quê?

---

<sup>146</sup> Casinhola ou aposento muito apertado; cochicho, cochichó, cachichola:

<sup>147</sup> Bêbedo, ébrio.

- Ainda não reparou que ele tem cara de assassino? Não me admiraria nada que desse cabo da velha para lhe ficar com o cobre!
- Que mau juízo!
- Eu sou fisionomista. As caras não me enganam.
- Nem a sua?
- Como?
- Bem, obrigado pelas informações. Está fazendo muito calor!
- Está quente, está... Olhe lá: e a casa?
- Quer oitenta mil réis?

F.C.

## Crônica 97

16 de novembro de 1895

### DIÁLOGOS

O PAÍS. — Eu não quisera receber o *Brasil*<sup>148</sup> com más palavras; o *País* está farto de sofrer a injustiça de lhe atribuírem prevenções mesquinhas.

O BRASIL. — Teria graça que você me maltratasse! Não somos ambos a mesma coisa?

O PAÍS. — Menos essa! É certo que *Brasil* e *País* é o mesmo como nacionalidade; mas, como jornal, a você separa-o de mim um imenso abismo.

O BRASIL. — Eu sou monarquista, o Brasil é todo monarquista...

O PAÍS. — O *Brasil* em grifo. O País é republicano intransigente. Há um ou outro despeitado, um ou outro adversário sincero da República; mas a grande massa, o povo, por todas a suas classes não quer outra forma de governo.

O BRASIL. — Isso é o que contesto e provarei ser falso. Nasci mesmo para esse fim.

O PAÍS. — Veremos se o consegue realizar. Ponho-o em dúvida, principalmente à vista dos processos da sua propaganda.

O BRASIL. — Que processos?

O PAÍS. — Veja. O seu 1º. número está ótimo, apesar de que o preço<sup>149</sup>... enfim, havia grande expectativa... e cada um tem o direito de taxar a sua mercadoria como lhe aprouver...

O BRASIL. — Certamente. Há ou não há absoluta liberdade de comércio? Já me censura você até o preço?

O PAÍS. — Eu não censuro nada. Que lhe preste. Digo que o seu 1º. número está ótimo, à parte as zumbaias à rainha da Inglaterra, com quem estamos quase de mal e umas referências entusiásticas a D. Carlos, de Portugal... referências que não se sabe a que vêm... isto é, eu sei...

O BRASIL. — Mau! mau! dessa maneira de fazer crítica, decerto ninguém escapa.

O PAÍS. — Gostei muito da sua seção *Ridendo*.

O BRASIL. — Afinal sempre achou o que elogiar...

O PAÍS. — Mas *Ridendo* é também uma seção minha, há algum tempo...

O BRASIL. — Que tem isso?

O PAÍS. — Também não está má a sua seção *Diálogos*.

O BRASIL. — Vai-se chegando... vai-se chegando...

O PAÍS. — Porém, na *Notícia*, vai para seis meses, há uma seção de igual nome.

O BRASIL. — E então?

O PAÍS. — Então achei excelente a sua *Carta de Bichas*.

O BRASIL. — Também lhe agradou isso?

---

<sup>148</sup> O Jornal *O Brasil* surgiu na capital no dia 15 de novembro e, propagava a restauração da Monarquia. O jornal copiava as seções *Diálogos* d'*A Notícia*, "*Ridendo*" d'*O País* e "*Carta de Bichas*" da *Revista Ilustrada*. Esse fato deu ensejo a diversas críticas. Mas, o jornal foi amplamente ironizado e criticado pelos jornais republicanos, por causa de sua propaganda de restauração do antigo regime.

<sup>149</sup> Os jornais do Rio cobravam no máximo 100 réis, enquanto que *O Brasil* cobrava 200.

O PAÍS. — Muito; entretanto aprecio ainda mais a seção do mesmo título da *Revista Ilustrada*.

O BRASIL. — E daí?

O PAÍS. — Daí!... mais nada. Eu não quisera receber o meu colega com más palavras; mas o meu colega, que se propõe reivindicar direitos e liberdades conculcados, propagando o único regime que nos pode felicitar...

O BRASIL. — Sim, o único, possível, a monarquia!

O PAÍS. — Tem uma esquisita maneira de cumprir tal programa. Olhem que pano de amostra! Pois quê? a monarquia começa logo por tirar tudo aos republicamos?

F.C.

## Crônica 98

18 de novembro de 1895

### DIÁLOGOS

— Há três dias que preciso falar contigo sobre negócio urgentíssimo. Hoje procurei-te como um doido.

— Tem graça. Quantas vezes nos encontramos anteontem e ontem?

— É verdade; muitas. Mas não me lembrei. Esta minha cabeça!

— Hás de ser sempre o mesmo.

— Não há ninguém tão esquecido como eu. Chego às vezes a pensar que isto é moléstia. Esqueço-me de tudo, o que me tem acarretado graves prejuízos e transtornos, e até desgostos sérios.

— Vê lá agora se te esqueces ainda uma vez do tal negócio.

— Não; é o caso: minha mulher tem um afilhado que estava empregado no correio como... como... enfim, não me lembro.

— Não importa o lugar; o essencial é a repartição.

— A repartição é o Correio... isto é, já não me lembro bem se ela disse Correio ou Alfândega.

— Mau!

— Mas isto apura-se daqui a pouco. Vamos ao que mais importa: O rapaz, que tem 19 anos e é o arrimo da mãe viúva, foi demitido não sei porque... Minha mulher disse-mo, mas esqueceu-me. Enfim, o que é certo é que foi uma grande injustiça.

— Desse modo, a injustiça não se pode afirmar que esteja provada à plena luz.

— Sim, mas hás de reconhecê-la.

— Como se chama o pequeno?

— Januário... isto é, Januário ou Belisário... ele é assim um nome em ario.... talvez Apolinário.

— Nem o nome sabes?

— Não tenho certeza; mas com essas indicações...

— São positivas, vejo.

— Tu estás muito ligado com F., que é primo de um íntimo da situação. Reconhecida a injustiça, com boa vontade, sem ofensa da lei, poderias obter uma reintegração....

— Mas de quem? de quê? onde? como? em que repartição? Nada disso ainda sei, porque não há meio de te apanhar uma informação exata...

— Que queres? esta minha cabeça!... Trata-se de reintegrar Belisário ou Apolinário, ou Januário, de tal, num lugar que se saberá qual é, de que ele foi injustamente demitido, não sei porque, nem como, numa repartição que deve ser a alfândega, se o não for correio...

— Pois, meu filho, o mais que eu posso fazer é o seguinte: Prometo-te pedir a alguém que tenha influência política, para se interessar sobre a readmissão de um empregado demitido dos que andam por aí... Este anda por aí, não?

— Oh! com a fortuna! agora me lembro: o rapaz foi reintegrado ontem... São 10 horas e minha mulher espera-me desde às 8 para irmos ao teatro.

F.C.

## Crônica 99

19 de novembro de 1895

### DIÁLOGOS

O MÉDICO. O doente está mal, mas, quem sabe lá! pode haver uma crise benéfica que o salve.

O AMIGO DA CASA. Deveras? ah! o senhor não calcula a satisfação que me dá com essas palavras. Sou tão amigo desse pobre Freitas!

O MÉDICO. Note, porém, que eu nada afirmo nem prometo. O estado do seu amigo, não o oculto, é gravíssimo.

O AMIGO. Sim, mas há esperanças, não?

O MÉDICO. Certamente. Porque desanimar de todo? A esperança é a última coisa que nesta vida nos abandona. Vai até a morte.

O AMIGO. Convém, então, não dizer nada à mulher. O seu desespero seria extremo.

O MÉDICO. Desenganar positivamente, não convém; contudo é bom que ela se vá preparando para um possível desastre...

O AMIGO. Eu preparo-a, eu preparo-a. Pobre moça! Tão nova, tão dedicada ao marido! Viveram sempre como Deus com os anjos. A sua felicidade até fazia felizes os outros que os viam sempre juntinhos, muito meigos um para o outro, muito ternos... Ah! tudo acaba!

O MÉDICO. No caso de um desenlace fatal, há de chorar muito, terá grandes explosões de dor; mas isso passará. É a lei do mundo: não há dores que resistam ao tempo.

O AMIGO. Sim, é o que vale; porém neste caso a morte será um golpe dos mais rudes. Um casal de oito meses, vivendo na melhor harmonia, ambos ricos, romper-se pela mais cruel das separações, quando tudo lhe parece sorrir...

O MÉDICO. Ambos são ricos? Pensei que o dinheiro era somente dele.

O AMIGO. Está enganado. Ela trouxe-lhe mais do dobro do que ele tinha.

O MÉDICO. Eu não deixarei o seu leito enquanto o não vir salvo ou morto!

O AMIGO. Pobre Freitas! Sou muito amigo dele. Se fosse seu irmão, não o estimaria mais!

O MÉDICO. Há circunstâncias em que o médico por coisa nenhuma deve arredar pé da cabeceira do enfermo!

O AMIGO. Pobre moça! Tão nova, tão gentil!

O MÉDICO. Nem recuar diante do sacrifício da alimentação ou do sono.

O AMIGO. Doutor, com a mão na consciência: seja franco, eu prometo ser forte. Não me disse tudo. O meu amigo não escapa?

O MÉDICO. Não chega à noite!

O AMIGO. Isso! Oh! que esplêndida viúva!

F.C.

## Crônica 100

20 de novembro de 1895

### DIÁLOGOS

- 1º. JORNALISTA. — Vou provar-lhe, colega, que você não sabe gramática.
- 2º. JORNALISTA. — E sabe-a você porventura? Um homem que escreve: Peço-lhe que deixe-se enternecer!
- 1º. JORNALISTA. — Ora! Quantas asneiras não leio eu no seu jornal? Ainda hoje lá vi um “SEGUE amanhã para a Europa...”
- 2º. JORNALISTA. — Que tem isso?
- 1º. JORNALISTA. — Tem que é asneira e grossa. Você quis dizer PARTE e escreveu SEGUE; *seguir*, quando se trata de viagem, é continuá-la.
- 2º. JORNALISTA. — Isso é uma nuga ao passo que os seus erros são sempre graves. Que tremenda cincada aquele seu “NOS comunicou o Sr. Fulano!...”
- 1º. JORNALISTA. — Aí errei propositalmente para evitar uma perigosa junção...
- 2º. JORNALISTA. — Mudasse o verbo. Salve-se ao menos a gramática, nesta débâcle geral! Nem se salva as aparências!
- 1º. JORNALISTA. — Também isso é asneira! Diz-se: nem se SALVAM as aparências!
- 2º. JORNALISTA. — Ora pelo amor de Deus!
- 1º. JORNALISTA. — Outra incorreção! Diga: por amor de Deus, que é uma locução, como: por intenção de... por causa de... etc.
- 2º. JORNALISTA. — Mas perdão; essas emendas dogmáticas, sem prova, nem justificativa, não são do ajuste.
- 1º. JORNALISTA. — Não há tempo para explicações. Aceite as emendas sem as discutir. Eu passaria a minha vida no trabalho de explicar a razão das corrigendas que lhe fizesse. Tome nota delas e consulte as autoridades, mestres e livros...
- 2º. JORNALISTA. — Consultemos nós ambos... porque de março a abril... Se o Dr. Laet não metesse a colher sebastianista na panela gramatical...
- 1º. JORNALISTA. — Se o Dr. Castro Lopes não andasse tão ocupado com os outros e os espíritos... A falar a verdade, não é gênero de primeira necessidade...
- 2º. JORNALISTA. — Schiu! Agora foi você quem disse asneira. *Falar a verdade* é erro grave; porque o verbo falar não tem aí complemento direto; diz-se *falar verdade*, com forma adverbial, o que é o mesmo que *falar com verdade*, ou então: dizer a verdade. Falar a verdade, nunca!
- 1º. JORNALISTA. — Não venha com essa descoberta...
- 2º. JORNALISTA. — Descoberta é galicismo. Diga descobrimento.
- 1º. JORNALISTA. — Sabe que mais? Vamos aos mestres.
- 2º. JORNALISTA. — Talvez conosco aprendam também alguma coisa.

F.C.

## Crônica 101

21 de novembro de 1895

### DIÁLOGOS

- Ah! Cá está esse perigoso malfeitor que tentou assassinar uma família inteira?
- Perdão, senhor doutor...
- Silêncio! Não admito réplicas. Fale apenas quando eu o interrogar.
- Sim, Sr. Dr. delegado, mas eu não quis assassinar ninguém.
- Como se chama?
- Manuel Villela da Boa Morte.
- Da Boa Morte e da má vida, hein?
- Não, Sr. doutor; não tenho outro nome: Boa Morte só.
- Silêncio! Vai contar-me como se deu o crime...
- Saberá V.S. ...
- Cale a boca.
- Então como é que eu hei de contar?...
- Você entrou violentamente numa casa de família e depois de uma troca de palavras com o chefe da casa, sua esposa, um cunhado e dois filhos maiores, puxou de um revólver e disparou seis tiros contra os seus contendores.
- Perdão, Sr. doutor. Saberá V.S. que eu não puxei revólver nenhum, porque não tinha essa arma...
- Ah! Tome nota, Sr. escrivão. Boa Morte declara que só porque não tinha revólver é que deixou de se servir de tal arma; foi uma faca...
- Perdão, Sr. doutor...
- Silêncio. Fale quando eu o interrogar. Era uma faca de ponta, não?
- Não, Sr. foi com uma bengala...
- Ah! Confessa?... Tome nota, Sr. escrivão: Boa Morte, armado de uma tremenda bengala de estoque..
- Perdão, Sr. doutor...
- Silêncio! Ninguém lhe pergunta nada.
- Mas ele é que estava com a bengala.
- Ele quem?
- O Sr. Nunes, o dono da casa.
- E você arrancou-lha das mãos para o matar...
- Não, Sr. doutor; eu apanhei com ela. Veja V.S. que estou ferido na cabeça.
- É verdade. Mas então como é que você quis assassinar uma família inteira?
- Não, senhor; foi ele que me quis assassinar a mim...
- Mau! mau! esta gente faz uma tal embrulhada nos interrogatórios mais simples...
- Não há remédio senão ouvi-lo. Conte o caso como se passou. Não minta hein! você está muito perto da Correção. Fale.
- Saberá V.S. que eu fui procurar o Sr. Nunes por causa de uma conta que ele me devia, de uns consertos no quintal. Há mais de seis meses que ando em cima dele para que me pague e o homem nada! Sempre a fugir de mim, quebrando esquinas, mandando dizer que não está em casa, essas coisas de caloteiro. Ora hoje, como eu o bispei à janela, o homem não pôde negar-se e recebeu-me

- Então você não forçou a porta da casa?
- Eu não, Sr. doutor; nunca forcei nada.
- Diabo! temos de recomeçar...
- Ora o homem virou valente porque estava dentro de sua casa e tinha companheiros.
- Mas para que o insultou você?
- Não, Sr. doutor; não insultei. Foi ele que me disse muito desaforo, chegou até a chamar-me... a chamar-me... uma coisa muito feia...
- Diga lá.
- Só se for no ouvido do Sr. doutor.
- Diga baixinho.
- ...
- Ah! Isso não tem gravidade.
- E cresceu para mim com a peroba. Eu então não tive remédio senão... sim, o Sr. doutor compreende... mandei-lhe uma cabeçada. Aí todos, o cunhado, a mulher e os filhos, caíram de cacete em cima de mim apitando...
- Com quem estava o estoque?
- Que estoque? Não tinha estoque, não, senhor.
- Ainda mais essa! Você, *seu* vagabundo, anda a fazer desordens, deixa-se ferir com um pau, incomoda uma família respeitável e ainda me vem incomodar a mim, com uma trapalhada que ninguém entende! Praças, recolham-no.
- Mas, Sr. doutor, eu é que sou o ferido...
- Não tenho nada com isso. Para outra vez você será mais esperto.

F.C.

## Crônica 102

22 de novembro de 1895

### DIÁLOGOS

A LETRADA. — Escreva alguma coisa no meu álbum. Faço questão de possuir um autógrafo seu.

O POETA. — Oh! minha senhora, não vale nada. Quem sou eu?...

A LETRADA. — Como! um dos nossos mais ilustres poetas!... Sabe que a sua modéstia é escandalosa, se assim me posso exprimir. Quero o autógrafo.

O POETA. — Pois bem, minha senhora, tê-lo-á, já que tanto insiste na sua nímia gentileza, porque nada mais é do que gentileza...

A LETRADA. — Eu não sei lisonjear ninguém. Tenho-o na conta de uma das águias da nossa literatura, um dos luminares da poesia. Os seus versos encantam-me, deliciam-me!

O POETA. — Oh! muito obrigado! por quem é!... realmente, estou confuso... Que lhe hei de escrever?

A LETRADA. — Um pequenino conto, uma poesia, um pensamento... Não tem nenhum pensamento?

O POETA. — Tenho... tenho mesmo mais de um.

A LETRADA. — Pois é isso, contanto que seja uma coisa nova e bonita. Isto não é recomendação que se faça a um espírito original e encantador como o meu amigo...

O POETA. — Oh! minha senhora! eu só tenho velharias...

A LETRADA. — Não importa! isso mesmo. Nada mais exijo.

O POETA. — Não cultivo essas novidades de agora, que parecem soberbas, porque cantam no ouvido, mas nada significam.

A LETRADA. — Tudo que o senhor fizer será bem feito e por mim guardado como mimo de inestimável valor.

O POETA. — Está bem. Empréstimo-me o seu álbum, que lho trago daqui a três dias.

A LETRADA. — O quê? Vai levar todo esse tempo para me dar um autógrafo? Nada! nada! Demais, o meu álbum não sai de casa. É uma questão de princípio... Faça favor de escrever já.

O POETA. — Já? oh! diacho!

A LETRADA. — Sim, qualquer coisa. Um homem do seu talento faz num minuto uma obra prima.

O POETA (*modestamente*) — Não é tanto assim... não é tanto assim. Vou pensar; amanhã trarei um pensamento para o copiar no álbum.

A LETRADA. — Não, senhor; tenha santa paciência. Eu sou muito caprichosa. Quero o autógrafo hoje mesmo. Só lhe faço uma concessão: dou-lhe duas horas para pensar e escrever. Deixo-o sozinho nesta sala; daqui a duas horas virei admirar o produto do seu talento.

O POETA. — Obedeço. Que remédio!

.....

A LETRADA (*ao fim de duas horas, lendo no seu álbum*). — “Bonifácio Fortinho cumprimenta a Exma. Sra. D. Generosa Bezerra e deseja-lhe muitos anos de vida e felicidade.”

F.C.

## Crônica 103

23 de novembro de 1895

### DIÁLOGOS

- O LEITOR CONSTANTE. — O Sr. dá-me uma palavra?  
O REDATOR. — Duas até. Estou às suas ordens.  
O LEITOR. — Venho trazer-lhe um presentinho...  
O REDATOR. — Ah! obrigado! obrigado!  
O LEITOR. — Está aqui neste embrulho: café<sup>150</sup>, café superior...  
O REDATOR, *um pouco desapontado*. — Ah! meio quilo de café...  
O LEITOR. — Não, um quilo.  
O REDATOR. — Pois agradeço-lhe muito, ainda que não possa saborear o seu produto. Estou em uso de homeopatia.  
O LEITOR. — Mas pode dar uma notícia?  
O REDATOR. — Lá por isso não seja a dúvida.  
O LEITOR. — Recomende bem o meu café. Creia que não há igual no Rio de Janeiro. Pode dizer isso mesmo.  
O REDATOR. — Conforme.  
O LEITOR. — A fábrica tem o nome de Vésper; é no Rio Comprido.  
O REDATOR. — A questão aí é evitar que o café seja como o rio. (*Escrevendo.*)  
“Provamos o café *Vésper*, de que nos foi oferecido um pacote, e podemos afiançar aos nossos leitores que é puríssimo, de excelente aroma e muito agradável ao paladar. Em pouco tempo ele será afamado não só no Rio de Janeiro como em todo o Brasil.”  
O LEITOR. — Perfeitamente.  
O REDATOR. — Isto, como vê, vai na fé dos padrinhos.  
O LEITOR. — Fico-lhe imensamente grato. Lá na fábrica terá sempre um criado à sua disposição para tudo que quiser.  
O REDATOR. — Pego-lhe na palavra. O senhor vai anunciar aqui o seu café...  
O LEITOR. — Sim, mais tarde... um destes dias...  
O REDATOR. — Hoje, seria melhor, porque coincidiria o anúncio com a notícia.  
O LEITOR. — Mas a notícia é bastante...  
O REDATOR. — Não me parece. Então o senhor faz questão de um miserável anúncio?  
O LEITOR. — Oh! não, senhor! Quanto é?  
O REDATOR. — Isso trata-se lá em baixo. Compreende que nestas coisas o anúncio é o essencial.  
O LEITOR. — Bem. Até mais ver.  
O REDATOR, *com muita amabilidade*. — Pode levar o embrulho.

F.C.

---

<sup>150</sup> Propaganda de café, n.º A Notícia do dia 29 de outubro de 1895: “ Os Srs. Laranjeira & C., com estabelecimento de café moído, remeteram-lhe duas amostras do seu produto, uma de cor clara e outra de cor escura, conforme a demora sob o maior grau de calor no processo de torração. O café dos Srs. Laranjeira & C, pela experiência que fizemos, pareceu-nos puro e bem preparado, sendo de agradável sabor e perfume. Agradecemos a obsequiosa remessa.”

## Crônica 104

25 de novembro de 1895

### DIÁLOGOS

- Obrigada, D. Joaquina. Agora peço licença para me retirar. Tenho muita pressa.
- Demore-se, mais um bocadinho...
- Mas eu sai apenas por meia hora. O Chico está à minha espera.
- Esperará um pouco mais...
- Não é possível. Há duas horas que estou aqui. O tempo voa quando a gente se entretém a conversar. Adeus.
- O Sr. Chico não vai agora zangar-se porque a senhora se demora mais alguns minutos...
- Ah! não, decerto! Mas é que eu tenho muito que fazer lá em casa. Não há um momento a perder.
- Não vai ficar aqui à porta da rua! Entre um pouco...
- Outra vez?
- Quero mostrar-lhe uma coisa, que me tinha esquecido.
- Vá lá, mas olhe que não lhe dou mais de dez minutos.
- Uma idéia: porque não janta comigo?
- Nossa Senhora! Isso é que não é possível de modo nenhum.
- Já mandei pôr a mesa. Está entendido: janta aqui.
- Não posso, D. Joaquina. Estou com muita pressa. Tenho muito que fazer...
- Ora! mais minuto menos minuto. É só o tempo de chegar o João. Justamente aí vem ele.
- Muito obrigada! Mas isto é uma loucura!
- Tira a sopa, Venância! Demais, o Sr. Chico, sabendo que a senhora veio cá e não a vendo chegar à hora, compreende logo que janta comigo.
- Está bem. Vá lá. Mas olhe que, terminando o jantar, saio logo. Desculpe-me, mas estou com muita pressa.
- Bem sei o que é isso: os muitos afazeres, as preocupações, os negócios... A gente não tem um instante de seu. Vamos jantar.
- .....
- Está vendo? Passamos à mesa hora e meia! Nossa Senhora! O Chico hoje me come!
- Qual! Vou apostar que já ele jantou muito bem... Talvez esteja a dar o seu passeio.
- Ele não sai à tarde senão comigo. Bem, agora despeço-me deveras. Adeus, obrigada. Tenho muita pressa.
- Espere. Eu ainda não lhe mostrei o trabalho da Nenê, que foi premiado no colégio...
- Fica para outra vez. Não há um momento a perder...
- Não, senhora! Ora essa! Dois minutos!
- Enfim, vá lá! Mas olhe que são só dois minutos...
- .....
- Quantas horas deram?
- Dez, mas creio que o relógio está um pouco atrasado.

F.C.

## Crônica 105

26 de novembro de 1895

### DIÁLOGOS

- Foi a senhora que anunciou precisar de uma criada?
- Sim, senhora. Para serviço de pequena família...
- Isso é o menos; eu faço todo o serviço para quantas pessoas a senhora quiser...

Mas que fosse!

- Ah! é a senhora?... Queira sentar-se.
- Obrigada, a demora é pequena.
- Assim vestida, não pensei que se propusesse...
- Quantas pessoas são?
- Eu, meu marido, um filho, que raras vezes come em casa, e uma criança

agregada.

- Bem, serve. São 60\$000!
- Oh! mas eu mando lavar e engomar a roupa fora...
- Boa dúvida! Está visto que não havia de ser eu...
- Porém não disse que fazia todo o serviço?...
- Quando me convenha, não digo que não, com ajuste.
- Queira desculpar-me. Entendi mal.
- Pois eu fui bem clara. Então, estamos entendidas?
- Para cozinhar só, acho muito... Demais, eu ajudo na cozinha; o trabalho é leve...
- Isso é que já não me serve. Não gosto de que se metam no meu serviço.
- Vou ao mercado...
- Cada vez pior. A senhora é quem faz as compras? Nem por 100\$ me convém...
- Como! quer tirar-me esse trabalho? Pois bem, como quiser...
- Entrada às 9 horas da manhã, porque é escusado acrescentar que durmo fora.
- Sim, não faço questão disso; o que me parece inconveniente é a hora da entrada.

Não poderia ser um pouco mais cedo?

— Vá lá: às 8 ½. Não se dirá que não sou condescendente. O que eu quero entretanto — e nisto não cedo uma linha — é sair às 6 horas da tarde.

— Se o jantar se prolongar e houver necessidade imprevista...

— Não admito que o jantar se prolongue além das 5. Esteja ou não esteja acabado o serviço, às 6 horas, sou uma sua criada.

— Isto é, deixa de o ser.

— Olhe que ainda lhe faço muito em aturar a tal criança agregada. Não gosto de servir em casas onde há crianças. Mas, enfim, como tenho três que hão de vir para aí, mais uma menos uma...

— Ah! tem três filhos?

— Sim, pequenos.

— Isso é que é mau. Eu já me imponho o sacrifício de os não ter em atenção às minhas criadas...

— Nesse caso, não me aceita?

— Falando com toda a franqueza: eu fazia-lhe todas as concessões menos essa, mas a senhora só me concede uma coisa: livra-me à força do incômodo de ir às compras.

Ora, por conseguinte, — desculpe-me a liberdade — é a senhora quem me deve dar os 60\$000.

F.C.

## Crônica 106

27 de novembro de 1895

### DIÁLOGOS

- Aquela senhora que valsa com o cavalheiro das luvas amarelas é bem bonita.
- Sim.
- Eu seria capaz de a considerar a rainha do baile, se não temesse fazer injustiça a outras moças que aqui estão igualmente belas e elegantes; não posso avançar tal propósito em absoluto.
- Não.
- Dizem que se chama Felícia. É pena, porque este nome é muito feio.
- Sim.
- Ao que me informam, tem ela grandes prendas intelectuais. Sabe alguma coisa a tal respeito?
- Não.
- Sabe se é casada?
- Sim.
- Logo vi. Tem filhos?
- Não.
- O senhor é de poucas palavras, ou, para dizer melhor, só tem duas.
- Hein!
- Desculpe-me. Isso não impede que seja homem de palavra.
- Sim.
- Mas não gosta de conversar.
- Não.
- Comigo dá-se justamente o oposto: morro por uma palestra. Às vezes reconheço que sou um tanto importuno, impertinente...
- Sim.
- Mas que diabo há de a gente fazer num baile estúpido como este, não jogando nem dançando? Conversar...
- Não.
- E mesmo falar um pouco da vida alheia...
- Oh!
- Por exemplo, apraz-me tratar daquela moça que dança com o cavalheiro das luvas amarelas, porque segundo as más línguas...
- Hum!
- Segundo as más línguas o seu par está com ela em muito boas relações.
- Ah!
- E interessa-me agora acompanhar-lhes todos os gestos e movimentos.
- Ui!
- Há pouco no jardim, surpreendi dois vultos que se beijavam furtivamente. Não eram pessoas do mesmo sexo.
- ?
- Sabe quem era a mulher?
- Não.

- Era ela, D. Felícia.
- Chi!
- Ah! já se vai interessando pelo caso! Sabe quem era o homem?
- Hum!
- Nem eu.
- Sei.
- Quem era o homem?
- Eu!
- Com a breca! o senhor é de poucas frases, mas de muita ação!
- Meu caro amigo em duas palavras vai compreender tudo. Amo aquela mulher que me corresponde.
- E o cavalheiro das luvas amarelas?
- É o marido.

F.C.

## Crônica 107

28 de novembro de 1895

### DIÁLOGOS

- Esse alfinete de gravata é meu. Com que direito mo toma?
- Com o direito de absoluta propriedade, porque meu é que ele é.
- Não há tal! Protesto.
- Pode protestar à vontade. Esse direito ninguém lhe nega!
- Tenho provas suficientes de que esse objeto me pertence, e por conseguinte o senhor se apropria dele abusivamente.
- Digo mais: criminosamente!
- Oh! Ah!
- Não me mete medo com as suas exclamações. O seu desembaraço não me fará recuar. Quer escândalo? pois bem! teremos escândalo.
- Ouça cá. Discutamos isto amigavelmente. Calma! É conversando que os homens se entendem. Havemos de entender-nos, creia.
- De conversas estou inteirado. O alfinete é meu, tenho provas disso, ao passo que o senhor não pode provar que o alfinete lhe pertença. Nada mais tem a fazer senão restituí-lo. Isto é claro como água. Para que conversas?
- O alfinete é seu...
- Ora graças! Confessa!
- Mas eu preciso dele para tirar o retrato.
- Dissesse-o antes! Não me pede licença para andar com as minhas jóias, e depois diz e sustenta que são suas. Que tal o da rabeça? Pois agora, por desaforo, não tem alfinete para retrato. Passe-o para cá.
- Isso é que não!
- Como!
- Nunca! Reconheço o seu direito sobre o objeto, mas aprez-me ficar com este, e não lho restituo.
- Isso é que se chama tratar amigavelmente?
- Pois então? Não gosto de violências, nem de gritos, nem de pancadas...
- Ah! não gosta de violências! As palavras na sua boca têm uma significação muito especial. É verdade que o senhor não me espanca... por ora...
- Oh! esteja certo...
- Já o estou, e também estou certo de que me faz [...] agora o apito.
- Para quê?
- Para apitar. Usa-se, nestes casos. Não dá resultado, bem sei; mas, enfim, a gente fica sempre com a consciência descarregada.
- Mas de que se queixa, afinal? Pois não lhe resta o relógio?... Com o senhor dá-se o mesmo que com tantos outros: possui belas jóias, porém não as trazem, porque as depositaram em mãos de estranhos. Imagine que pôs o seu alfinete no prego.
- Está feito! Mas olhe que o vou tirar, e é o senhor quem me pagará os juros.

F.C.

## Crônica 108

29 de novembro de 1895

### DIÁLOGOS

- 1º. MENDIGO. — Que descalabro!  
2º. MENDIGO. — Que calamidade!  
1º. MENDIGO. — Já se não pode viver no Rio de Janeiro?  
2º. MENDIGO. — Onde vamos parar por este caminho?  
1º. MENDIGO. — Oito mil contos por ano, apenas!  
2º. MENDIGO. — Essa miséria, que não chega para a cova de um dente!  
1º. MENDIGO. — Eis o que a população fluminense nos dá.  
2º. MENDIGO. — Segundo autorizadas estatísticas<sup>151</sup>.  
1º. MENDIGO. — De sorte que ganhamos, na média, dois mil réis por dia!  
2º. MENDIGO. — Isso lá dá para coisa alguma?  
1º. MENDIGO. — Um homem como eu, com mulher e filhos a sustentar e educar...  
2º. MENDIGO. — Eu não tenho filhos nem mulher e nem por isso deixo de me ver em apertos.  
1º. MENDIGO. — Dois mil réis!  
2º. MENDIGO. — É irrisório!  
1º. MENDIGO. — É revoltante!  
2º. MENDIGO. — Eu nem sei o que seria de mim se não fossem algumas apólices que me restam do tempo do encilhamento!  
1º. MENDIGO. — E eu, se não fosse ter três casas alugadas a bom preço lá em S. Cristovão, estaria a esta hora na mais negra miséria!  
2º. MENDIGO. — Confessemos que essa senhora que se chama Caridade Pública está fazendo conosco uma figura tristíssima!  
1º. MENDIGO. — Se isso assim continua, sou capaz de não mais lhe estender a mão.  
2º. MENDIGO. — Mas, senhor, onde é que esta gente mete o dinheiro?  
1º. MENDIGO. — Sei lá! O que é verdade é que com este maldito câmbio não se pode pedir esmola, e entretanto é o que nos resta fazer.  
2º. MENDIGO. — Schiu! aí vem um freguês meu.  
1º. MENDIGO. — Vamos ver quanto dá.  
2º. MENDIGO. — Um tostão! e dizer que é este um dos mais generosos!  
1º. MENDIGO. — Que pinga!  
2º. MENDIGO. — Adeus! Vou dar este níquel ao primeiro pobre que encontrar.

F.C.

---

<sup>151</sup> As estáticas foram organizadas por Favilla Nunes e comentadas por G.M. d'A *Cidade do Rio*. Bilac também comenta a estatística no dia 29 de novembro de 1895. É revelado que pelos “pobres do Rio de Janeiro se distribuem anualmente oito mil contos de réis, ou pouco mais de vinte contos por dia.” (BILAC, 1895, p. 1). Há no Rio 10 mil pessoas que vivem da caridade pública.

## Crônica 109

30 de novembro de 1895

### DIÁLOGOS

- Tens um bonito chapéu. Elegantíssimo e sobretudo muito apropriado à estação!
- Ah! certamente. Quem pode suportar na cabeça uma cartola ou um castor, sob este sol que abrasa e derrete? O meu ideal é um chapéu do Chile!
- Oh! um chapéu do Chile!
- Mas um bom chapéu do Chile custa um dinheirão e os meus cobres andam curtos!
- Eu já tive um chapéu do Chile que custou um conto e quinhentos!
- Oh!
- Foi-me dado por uma senhora formosíssima, que me adorava, no dia dos meus anos...
- Adorava-te no dia dos teus anos?
- Não, sempre; isto é, naquele tempo. Fomos bem felizes... Ela era casada.
- Sedutor!
- Não sei como isso foi; conquistei-a sem esforço nem propósito, afianço-te... Mas não admira; uma mulher moça com um marido de setenta e seis anos...
- Ah! não podia escapar!
- Tinha vinte mil contos!
- Safa!
- Em casa deles havia um luxo doido! A baixela era só prata e ouro. Os talheres da sobremesa tinham incrustações de diamantes...
- É fantástico! Onde foi isso?
- Na Espanha! O marido era um duque!
- Fidalgo, de mais a mais!
- Infelizmente durou pouco a minha ventura! Sempre caprichosa e ardentíssima, a minha duquesa apaixonou-se por um toureiro e com ele bateu a linda plumagem.
- E tu, coitado!
- Eu consolei-me logo, travando as melhores relações com uma condessa polaca, a quem desde muito trazia de olho...
- Não perdes tempo!
- Essa condessa, também riquíssima, era aparentada com uma das famílias reinantes da Europa! Vê tu a figura que pode fazer um brasileiro inteligente no estrangeiro!
- Tu o que tens principalmente é muita sorte! E a condessa?
- Aborreci-me dela, ao fim de um mês, trocando-a por uma grande cantora italiana, celebridade européia, a Lipparini, do Scala... Conheces a Lipparini, do Scala?
- Não.
- Ah! que voz! Um canário! Por isso mesmo voou dos meus braços para um diplomata austríaco, um plenipotenciário...
- Com a breca! Que existência variada num meio de ouro!
- Bati-me em duelo com o diplomata e dei-lhe uma estocada sobre o coração...
- Ui! Uma complicação internacional! Mataste o plenipotenciário?
- Não, o diabo foi mais feliz que o Facadas. Salvou-se numa taboinha... Mas, ainda que morresse, nada me sucederia, porque eu era protegido por uma grande fidalga da casa imperial da Alemanha...

— Ah! Pois, meu filho, quanto a mim, é isto que vês: comprei este chapéu na rua da Carioca, por seis mil réis...

F.C.

## Crônica 110

2 de dezembro de 1895

### DIÁLOGOS

- Até que enfim! Louvado seja o Senhor!
- Amável recepção!
- Está claro! Devia ser assim mesmo. Há quanto tempo não tenho a satisfação de o ver!
- Porque não quer.
- Porque não quero? Homem! essa é boa! De três em três dias mando-lhe a casa um bilheteinho, e, um dia sim um dia não, passo por lá à sua procura, mas não o encontro.
- A culpa não é minha.
- Pode ser, mas afinal não me admiraria nada que se escondesse de mim.
- Oh! que juízo faz a meu respeito!
- O senhor autorizou-me a pensar da sua pessoa todo o mal que é possível. Levar oito meses de subterfúgio e manhas para pagar uma miserável conta de oitenta e dois mil e quinhentos, com franqueza, não é sério!...
- Que quer? Absoluta impossibilidade... Os negócios tem andado tão mal... Contava com uns dinheiros que não vinham, estava também no desembolso de grandes quantias. Já vê que eu não tinha a coragem de lhe aparecer.
- Finalmente apareceu hoje. Posso mandar repicar os sinos...
- Sim... não há dúvida...
- Vou passar-lhe o recibo.
- Sim, sem dúvida, o recibo. Mas... não... não é necessário...
- Como assim! Nada, meu caro senhor, negócios querem-se bem claros. No comércio não se dispensa o papel nem a assinatura; é tudo muito explicado e documentado. Além disso, não custa nada...
- O senhor seria incapaz de me exigir duas vezes o pagamento de uma conta.
- Agradeço-lhe o conceito, que sem modéstia, é justíssimo. Sim, eu seria incapaz...
- Portanto, não é preciso o recibo...
- Não, senhor. Tome lá.
- Primeiro quero fazer-lhe um pedido...
- Fale; se estiver nas minhas mãos servi-lo...
- Desculpe, Sr. Martins... é um grande favor... se soubesse... nem sei que fazer...
- Diga.
- A minha situação é horrível...
- Oh! Oh! querem ver que ainda o senhor não me vem pagar a conta?
- Não, senhor. Eu venho pedir-lhe cinquenta mil réis emprestados até o fim do mês.

F.C.

## Crônica 111

3 de dezembro de 1895

### DIÁLOGOS

— O nosso filho José já tem 12 anos, e não mostra jeito para coisa nenhuma. Que lástima!

— Não sei que havemos de fazer dele.

— Nunca vi um pequeno tão imprestável, tão nulo! Olha que não saiu ao pai! Deus me livre!...

— Tu também não podes falar muito...

— Não posso falar! essa é galante! Na idade [...] senhora, já eu trabalhava para mim, ajudando os meus velhos pais...

— Deixa de conversa, Militão! A quem é que tu vens contar essas prosas! Ainda hoje, bem pouco préstimo é o teu!

— Como? então eu sou algum estúpido, algum inútil?

— Não é tanto assim, mas afinal com os teus grandes escritos, as tuas grandes habilidades, nunca passaste da [...]

— Por caiporismo! Eu não tenho culpa de ser caipora!

— Sim, reconheço que o nosso José é vadio, e um [...] curto de inteligência...

— Esse pouco!...

— Quem sabe? É talvez dessas naturezas que se desenvolvem devagar e tardiamente! Quem sabe se dentro em pouco não terá ali uma grande revelação?

— Hum! não o creio. Aquela fronte estreita, aqueles olhos pequenos e sem mobilidade, aquele nariz rombudo...

— Também agora estás exagerando. Pintas o nosso filho como um tipo de estupidez!

— Pensas que tenho prazer em pintar assim o herdeiro do meu nome?

— Há exemplos de grandes talentos que se manifestaram muito tarde, de modo imprevisto, e com estupefação geral!

— Sim, contam-se casos de sujeitos que em criança nada prometiam — e ninguém dava nada por eles — e entretanto foram mais tarde vultos notáveis.

— Portanto, não desanimes!...

— Sem ir mais longe, o Pacheco. Aqui está um exemplo que nos serve, o Pacheco. Era, em pequeno uma verdadeira azêmola; mas, muito esforçado em procurar a vida, tanto fez, tanto fez, que se arranjou: meteu-se a aprendiz de farmácia e hoje tem prédios em todos os bairros. É verdade que ainda não chegou a ser vulto notável, mas isso não impede que tenha sido muito notado.

— Se o José desse para a farmácia...

— Nada! na farmácia a sua carreira daria em droga. É o diabo! o pequeno nem sequer descobriu a direção dos balões!

— Oh! isso!...

— Qual isso! qual nada? Uma coisa que toda a gente tem descoberto! Estás visto que não há remédio senão deixar-lhe a carreira para a qual é fatalmente arrastado, e que eu abomino, porque nunca tem futuro, e muitas vezes não tem presente.

— Qual?

— A das letras.

F.C.

## Crônica 112

4 de dezembro de 1895

### DIÁLOGOS

- Faz-me o obséquio?...
- Não lhe posso dar atenção. Queira desculpar-me.
- Uma palavra só!
- Tenho agora mesmo uma conferência das mais importantes.
- Mais uma palavra só...
- [...] <sup>152</sup>
- Senhor, sou paupérrimo, porém tenho muitos meios de ganhar a vida...
- Ainda bem, mas com esse exórdio...
- Serei breve. Preciso viver e não tenho um vintém nem quem mo dê. Vou propor-lhe um negócio.
- Depois... Agora não há tempo.
- Eu digo-lhe já o que é. Possuo um notável espírito inventivo; há mil idéias aqui dentro. Associe-se a mim para a realização de uma delas, e ganharemos muitos contos de réis.
- Neste momento não me é possível o que pede e, demais, para que quer um sócio? Se as suas idéias são boas...
- São ótimas, e de resultado infalível...
- Realize-as sozinho. A glória e o proveito delas serão exclusivamente para o senhor.
- Não sou ambicioso. Entretanto, se desejo um sócio, é porque sozinho nada posso fazer; é preciso capital e eu repito que não tenho vintém.
- Até mais ver.
- Faça favor...
- Não posso fazer-lhe favor nenhum.
- Tenha a bondade... Ouça; talvez lhe agrade o negócio. Vamos fundar um grande jornal...
- Oh! Não me agrada absolutamente nada!
- Sem redatores, uma idéia nova, originalíssima, de êxito colossal! um jornal feito pelos leitores!
- Até mais ver...
- Ou então, se não lhe inspira confiança o jornal, vamos tentar a exploração dos ventiladores vegetais para o verão. Sabe o que é isso? A aplicação de benefício das árvores aos lugares quentes ou não arejados... Venha cá, ouça.
- Ouvirei, mas largue a mão.
- As árvores plantadas em salas e gabinetes, por maior que seja o calor, proporcionarão sempre agradável temperatura...
- É exato, é exato! Bem, até mais ver.
- Quando não haja vento, será provocado artificialmente por meio de outros ventiladores...
- Compreendo: é soberbo!

---

<sup>152</sup> Trecho ilegível.

- Não acha?
- Mas eu não posso... Sinto muito, mas não posso... Até mais ver...
- Se essa idéia não lhe convém, tenho outras. Que diz aos criados automáticos, servindo perfeitamente os seus donos, como se fossem de carne e osso? Por meio de uma grande mola, bastando apenas uma indicação escrita...
- É admirável! Mas agora tenha paciência...
- Meio minuto só e estou certo de que nos entenderemos.
- Ponho-o em dúvida.
- Inventei um elixir que, ao mesmo tempo, extirpa os calos e conserva os cabelos, servindo também para dar lustre e suavidade ao calçado...
- Sebo!
- Não é sebo, não, senhor! É um líquido.
- Vá para o inferno!
- Irei, mas responda-me só a esta pergunta: se nós criássemos um alfabeto lotérico?...
- Mas com todos os demônios! O senhor então ainda não percebeu que eu o detesto, que não o posso ver, que estou morto por me livrar da sua presença, que não quero nada com o senhor, nada, nada, nada, pela palavra nada?
- E o senhor ainda não percebeu que eu não quero perceber isso?

F.C.

## Crônica 113

5 de dezembro de 1895

### DIÁLOGOS

O GUARDA. — Você parece-me um rapaz sério e bom, e, portanto, vou merecer-lhe um obséquo.

O PRESO. — Fale. Terei prazer em lhe ser útil ou agradável.

O GUARDA. — Está um calor dos diabos, e eu preciso tomar alguma coisa. Enquanto vou ali defronte, você guarda-me esta sala?

O PRESO. — Pois não, com muito gosto.

O GUARDA. — Promete-me não fugir?

O PRESO. — (*com altivez*) Por quem me toma? Então eu sou desses?...

O GUARDA. — Não, bem sei; desculpe-me. Longe de mim a intenção de o ofender com um mau juízo.

O PRESO. — (*com bondade*) Aceito as suas desculpas.

O GUARDA. — Mas, por muita confiança que me inspire a sua seriedade, não posso deixá-lo sozinho sem a promessa de não se escapar. É uma fórmula, uma simples fórmula.

O PRESO. — Perfeitamente.

O GUARDA. — De outro qualquer a promessa não me satisfaria; mas você merece-me toda a confiança. Você não é um criminoso, é uma vítima da má sorte.

O PRESO. — Certamente. Está provada a minha inocência: só não a reconhecem por má fé, por ódio, por uma mesquinha perseguição, porque sou de uma grande família, porque tenho uma grande riqueza, e é preciso aniquilar-me...

O GUARDA. — Sim, sim, compreendo. Pobre vítima.

O PRESO. — Condenaram-me no máximo por um estelionato que eu não cometi. É verdade que se as provas me acusavam...

O GUARDA. — Sim, as provas e as testemunhas...

O PRESO. — Tudo falso! Sou um homem honrado: perseguem-me, porque me querem inutilizar gratuitamente.

O GUARDA. — Eu também já uma vez fui vítima de uma perseguição: mas foi por causa de uma mulher... compreende!... uma mulata, a Quitéria, uma lavadeira... que boa lavadeira! O diabo dum ilhéu, que vivia com ela, tomou-me tal raiva que, onde quer que me encontrasse, tinha eu a minha conta de boas cacetadas no lombo. Era carneiro o maldito! Tinha aprendido a bater no boi.

O PRESO. — Isso é nada, ao pé do que eu tenho sofrido, eu, nascido em berço de penas, eu, que comia em pratos de ouro.

O GUARDA. — Com licença: faz-se tarde e eu não quero perder a minha pinga. Então tenha a bondade de guardar a sala, não?

O PRESO. — Sim, vá descansado.

O GUARDA. — Muito bem. Isto é num pulo. Quando eu voltar, irá você<sup>153</sup>.

F.C.

---

<sup>153</sup> No mês de dezembro de 1895 ocorreu uma evasão de presos da Detenção.

## Crônica 114

6 de dezembro de 1895

### DIÁLOGOS

A MULHER (*olhando para o espelho*). — Sempre sou muito bonita!

O ESPELHO. — És muito bonita, sim; sou eu quem to afirma, e olha que não falo sem refletir.

A MULHER. — Que homem poderá resistir a este rosto feiticeiro, desde que eu o queira seduzir?

O ESPELHO. — Nenhum... isto é... há um, mas um somente...

A MULHER (*inquieta, um pouco despeitada*). — Qual?

O ESPELHO. — Teu marido!

A MULHER (*tranquilizando-se*). — Ah! esse não se conta! É tão natural!...

O ESPELHO. — Sim, o marido não é um homem...

A MULHER. — Ao fim de três anos de casada... sem desgostos, é verdade, mas também sem as grandes alegrias da paixão... ao fim de três anos de uma existência prosaicamente tranquila e fria, não seria por causa do homem a quem a devo que te consultasse agora com tamanho interesse.

O ESPELHO. — Isso percebe-se logo! É por causa do belo Dr. Ernesto, o do bigode sedoso e perfumado, o formoso, o amável, o inteligente, e sobre todos gentil Dr. Ernesto...

A MULHER. — Sim, é por causa do Ernestinho... do Ernestinho e dos outros! porque eu adoro esse encantador, quero que ele só goste de mim, mas também quero parecer bem, melhor do que todas as outras, a quantos me virem.

O ESPELHO. — Essa preocupação é muito da mulher. Estás irresistível, e nem precisas de tantos arrebiques para arrebatar os pobres mortais em transportes de admiração e de amor!

A MULHER. — Não me embonecaria tanto se não receasse ficar sempre um pouco menos formosa e sedutora do que o posso ser... e é principalmente o medo de que outra tenha aos olhos do Ernestinho alguma beleza que eu não possuo... (oh! que medo e que raiva sinto ao pensar em tal!) que me leva a exagerar o trabalho do toucador.

O ESPELHO. — Descansa. Ele só pensa em ti e não vê ninguém mais. Ah! minha filha, quando o teu Ernestinho se lembrar de pôr os olhos em outra, poderás ser a mais bela, ainda que passes todo o dia a [...] -te diante de mim, não valerás para ele mais do que o comum das mulheres. E acredita-me todo esse trabalho de toucador é magnífico, completa com admirável ciência os teus esplêndidos dotes naturais, mas, se bem estudares a razão porque o teu rosto impressiona tão agradavelmente, porque te fazes desejar tanto, porque podes inspirar afeições profundas e paixões violentíssimas, irás encontrar talvez, entre mil qualidades, que não cessas de apurar para que cheguem ao extremo requinte, um senão, um defeitozinho, de que não cogitas, porque te passa despercebido e que os outros notam perfeitamente, e é esse defeitozinho, erro proposital da natureza, que decide da tua supremacia estética, que te faz mais bela, muito pequenino, muito pequenino, mas não a ponto de desaparecer no conjunto de belezas que o seu destaque faz realçar primorosamente.

A MULHER. — Pensando bem, dou-te razão. Já me pareceu notar que tenho o nariz mais comprido.

O ESPELHO. — Pois é talvez o teu nariz que mais concorre para a tua peregrina formosura. Pergunta-o ao Ernestinho!

A MULHER. — Ah! o querido da minh'alma! Mas que é isto? (*Ouvem-se passos*) Quem é? (*Vendo entrar o marido*). Antonico! (*Sorrindo, enleada*) Estava a enfeitar-me... (*Falando-lhe ao ouvido num súbito fogo artificial de rubor.*) Era por tua causa, meu bem!...

F.C.

## Crônica 115

7 de dezembro de 1895

### DIÁLOGOS

— Tu que escreves para o teatro e andas à procura de tipos e cenas pitorescas da vida real, porque não metes numa revista o Valério, com o seu ar de peru, a fingir-se gente e a correr atrás de todas as mulheres?

— Não conheço esse Valério. O público sabe que ele existe?

— Não, mais sei-o eu, que lhe tenho um ódio de morte.

— Ah! por isso entendes que eu devo servir as tuas paixões, metendo-o a ridículo num palco?

— Que diabo! tu não exploras o ridículo; não copias as extravagâncias e fraquezas da sociedade para divertir o povo? não castigas os maus costumes pela ironia ou pela gargalhada?

— Sim, mas não sou instrumento de alheios desagravos.

— Desculpa-me: eu lembrei-te o Valério para uma revista como lembraria qualquer outro. É um bom tipo para o teatro. Para te provar que não é a animosidade que fala em mim, vou contar-te uma boa cena, que deves aproveitar, e podes fazê-lo sem receio porque o caso se deu com um amigo meu. Já vês...

— Com um amigo! Conta lá!

— Imagina que o herói da aventura [é]<sup>154</sup> até meu parente afastado. Um belíssimo rapaz, 26 anos, algum talento, bonito e alegre como um canário. Mas não faz nada, e vive sem ofício nem benefício. Isso não o impede de viver à larga à custa dos outros.

— É teu amigo?

— Já te disse que sim, e eu estimo-o imenso... Não sei por que artes do diabo, o rapaz consegue passar otimamente de casa e barriga, sem gastar um vintém. Mas há dias viu-se em algum embarço para fugir da casa de pensão, onde já tinha uma conta calada de quatro meses de boa morada e tripa forra. Como salvar a mala, onde se resumem todas as suas propriedades? O dono da casa, por si ou por seus serviços, não o deixava de olho, já muito desconfiado de que o rapaz lhe queria pregar mesmo na menina.

— Na menina do olho?

— Exatamente. Pois, meu velho, ouve e admira: no dia marcado para a escapula, o nosso pândego recebeu no seu cômodo, à vista de um dos criados, a visita de um íntimo que, tendo de partir no dia seguinte para S. Paulo, lhe ia pedir emprestada a tal mala. Não era favor que se recusasse.

— Vou percebendo: deixara que saísse o criado...

— Isso mesmo... arrumaram todos os objetos dentro da mala e o camarada de viagem retirou-se naturalmente levando-a consigo, acompanhado até à porta pelo amigo obsequioso, que estava sem chapéu, como quem devia ficar. Foi mesmo o dono da casa que deu volta à chave da grade preventiva que põe um forte obstáculo à evasão dos caloteiros. À porta da rua abraços, etc., e o da viagem desapareceu. Mas não tinha dado

---

<sup>154</sup> No original não há esse verbo.

dez passos quando foi chamado pelo outro: Psiu! psiu! esqueceu-me uma coisa... E o outro por sua vez, desapareceu, de cabeça nua, na calçada que conduz à impunidade.

— E o chapéu?

— Estava dentro da mala... Não sabes que a cena é boa para uma revista? Mas há de ser com os próprios nomes das pessoas.

— E é teu amigo esse rapaz?

— Sim, sim. Já vês que não é a animosidade...

— A propósito: como vão os teus?

— Mal? Pois não sabes o que me sucedeu? Minha mulher fugiu-me de casa!

— Com a mala?

— Com tudo e com o Oliveira, aquele canalha que parecia ser tão meu amigo! Que miseráveis! E fizeram-me a partida justamente quando eu tratava de traspasar a esse patife a minha Lola, que aturo há dois anos!

— É boa! Hei de por isso numa revista.

F.C.

## Crônica 116

9 de dezembro de 1895

### DIÁLOGOS

- Ah! é o senhor!
- Sim, sou eu, contentíssimo por ter afinal ocasião de lhe pôr a vista em cima.
- Hum!
- Se lhe parece! Há três meses que lhe procuro falar. O senhor esconde-se.
- Perdão!...
- Falemos com toda a franqueza: eu sou cacete, convenho, mas tenho razão para o ser.
- Conforme.
- Dei-lhe o manuscrito de uma comédia que, (não é por ser produção minha) me parece admirável. O senhor não a põe em cena, e está no seu direito, mas porque motivo evita declarar-me o seu juízo a respeito?
- Eu não evito coisa nenhuma. A sua comédia é bonita...
- Graças!
- Tem os seus defeitos...
- É natural.
- Que são numerosos... sim, olhe que realmente são numerosos...
- Ah!
- A comédia está cheia de defeitos...
- Oh!
- Mas é bonita, é mesmo muito bonita!
- Então, fa-la-á representar com as devidas correções?
- Não ponho dúvida nisso.
- Fala seriamente?
- Muito seriamente. Que necessidade tenho eu de o enganar?
- Nenhuma, é verdade; e desde que a comédia é bonita...
- Como idéia, é linda e, deixe-me dizer-lhe, um tanto original. Para o teatro o senhor tem queda...
- Deus queira que se não possa dizer o mesmo das minhas peças...
- Ah! ah! é boa!... Os defeitos do seu trabalho são remediáveis. Vê-se que lhe falta o conhecimento dos segredos do palco, dos processos de armar ao efeito, de ter sempre o público interessado pela ação do que se representa. Mas isso é naturalíssimo em quem agora começa.
- Decerto. Então a peça vai?
- Sim, faça as correções...
- Aconselhe-me, indique-me o que devo modificar, alterar ou suprimir, e como o devo fazer...
- Oh! assim...
- Mais ou menos...
- A peça tem três atos, não?
- Tem.

— No teatro, como sabe, tudo está em reunir estes três elementos essenciais: animação, clareza e concisão. É preciso refundir inteiramente o 1º. ato.

— Bem.

— O terceiro é muito arrastado e sem calor. Convém reduzi-lo à metade, e nesta metade, ainda assim fazer uma transformação radical, que o seu critério lhe ensinará.

— Ahn. E quanto ao 2º. Ato?

— É inútil, suprima-o.

F.C.

## Crônica 117

10 de dezembro de 1895

### DIÁLOGOS

- Psiu!
- Pronto, patrão!
- Você faz carretos?
- Faço tudo, patrão.
- Diga-me cá: quanto quer para carregar uma caixa da rua da Alfândega para o largo da Lapa?
- 3\$000.
- Safa. Não temos nada feito.
- O patrão acha muito?
- Três mil réis para levar uma caixinha...
- Perdão, patrão é caixinha ou caixa? é levar ou carregar?
- Uma caixa que não pesa nada... É até leve como uma pena.
- Então, leve-a o patrão.
- Faz questão de palavras. Que importa levar ou carregar?
- Importa muito, patrão. Não faço caso do peso... mas preciso saber antes se ele vai às costas ou à mão.
- Vai às costas. Você já esteve na alfândega?
- Já, patrão. Deixei o lugar, porque me cansava muito o peito.
- Ah!
- Ando a tomar agora remédios contra a fraqueza... Está bem, o patrão dá dois mil réis, se é coisa de levar à mão.
- Você julga que dinheiro é capim?
- Olhe que se o é, patrão, há muita gente que o come mais do que eu. É pegar ou largar. Mais barato não encontra.
- Talvez!
- Se o patrão supõe que, estando as coisas como estão, cá os ganhadores não devem aumentar como os outros...
- Quem me dera ganhar o que vocês ganham! Não tem necessidade de aumentar a sua tabela.
- Vá com essas, patrão! Sabe por quanto estão as libras?
- As libras!
- O papel já não vale nada. E impostos e mais impostos! Um par de botinas inglesas custa hoje um dinheirão...
- Um par de botinas inglesas... você usa disso?
- É como diz! É um chapéu mais assim... leva-nos o cobre todo. Já vê o patrão...
- Chapéu! calçado!
- E o alfaiate, heim, patrão?... Cá um homem, para andar vestido assim... com mais aquela, tem de suar como um burro, salvo seja!
- Você veste-se na rua do Ouvidor?
- Isso! o patrão tem coisas... Isso é lá para o patrão, que anda todo janota... Perdão, deixe-me tirar esta manchazita... ah! não sai! é o uso...
- Não lhe dou mais de dez tostões.
- Ai o patrão!... Está a mangar!...

- Agora sou eu quem diz: é pegar ou largar... Serve-lhe?
- Ó patrão, tenha paciência: para que é que vocemecê foi fazer a República?

F.C.

## Crônica 118

12 de dezembro de 1895

### DIÁLOGOS

- Leste o conto do Valentim?
- No rodapé da *Notícia*... li-o.
- E então? achas que se deve contar ao marido enganado a traição da esposa?
- Nunca!
- Perfeitamente de acordo.
- Para quê?
- Para quê? como bem diz um dos personagens do conto. Ao homem que vive feliz ou, pelo menos, tranquilo na cega, imprevidente e ilimitada confiança em sua mulher, tirar, com uma revelação dessas que amarguram para sempre toda a existência, a felicidade ou o sossego que ele desfrutava, é simplesmente a maior das brutalidades. Não há razão de amigo que justifique a denuncia do íntimo ao esposo traído.
- É exatamente o que eu penso e poderia até usar das mesmas palavras. Já fui vítima de uma dessas revelações que me azedaram a existência durante uns três ou quatro dias.
- Como?
- Sim, eu vivia tranquilo e confiante, amando como sei amar, coração impetuoso e ardente cheio de mocidade, primavera eterna de corpo e de espírito...
- Tu o dizes; acredito-o sob palavra.
- E vem o raio do Proença tirar-me do olho a catarata que me fazia tão venturoso! Como me pareceu abominável esse oculista familiar a quem eu não encomendara o sermão! De sorte que eu tive de dar um golpe, menino, para não ficar mal, e isso contrariou-me tanto!...
- Como! tua mulher? eu não sabia...
- Quem é que te fala de minha mulher? A Maricota... uma ligação de seis meses... um rosto de serafim, um corpo de sílfide, um fogo abrasador e delicioso nos olhos, nas palavras, nas maneiras, nas ações... um encanto! Com todos os diabos! para que vem aquele maldito contar-me coisas que eu não precisava saber? Os demônios levem quem anda assim a destruir a felicidade dos outros!
- Deveria haver no Código uma pena bastante forte para esses oficiosos zeladores da honra de seus amigos, verdadeiros ursos que andam a esmagar os nossos corações a paralelepípedos...
- Oh! o legislador foi muito imprevidente. O denunciante de traições conjugais é propriamente um assassino!
- Pior, muito pior! Por consequência eu não me limitarei a perguntar, como no conto: Para quê? eu repetirei com todas as forças da minha alma: Nunca!
- Nunca!
- Não se deve jamais contar essa desgraça ao homem a quem ela interessa!
- Jamais!
- Principalmente porque pode suceder que isso o vá colocar na situação mais embaraçosa.
- Como!

- Se ele já o souber!...
- É verdade. Confessemos amargamente que, nestes casos tristes da vida, nós os estranhos é que somos quase sempre os últimos a saber!

F.C.

## Crônica 119

13 de dezembro de 1895

### DIÁLOGOS

O DEPUTADO. — Boa noite, dona!

A DAMA. — Boa noite, Sr. doutor? Por onde tem andado? Não o vi ontem aqui no Recreio?

O DEPUTADO. — Ontem estive no Éden.

A DAMA. — Já não aparece como d'antes...

O DEPUTADO. — Que quer, minha filha? Os negócios políticos, o estudo das questões que dizem respeito ao governo da nação, ocupam-me tanto...

A DAMA. — Mas dizem que o senhor não vai ao Congresso?

O DEPUTADO. — Todos os dias faço número, e voto sempre...

A DAMA. — Eu até pensei que já tivesse partido...

O DEPUTADO. — Não, senhora. Então eu ia abandonar os negócios públicos, dos quais tantos pendem ainda de decisão, por amor do meu interesse particular? Fico aqui até encerrar-se a sessão.

A DAMA. — Faz bem. Isso é que é cumprir fielmente o seu dever.

O DEPUTADO. — Lisonjeia-me sobremodo a sua opinião...

A DAMA. — Sabe que, apesar de não ser política, me interesse muito pelos negócios do Congresso... Que há de novo? Quando se votam os orçamentos?

O DEPUTADO. — Por todo este mês; estamos a dar a última demão...

A DAMA. — Fala-se numa nova prorrogação... é indispensável, não lhe parece? Faltam tão poucos dias até o marcado para o encerramento.

O DEPUTADO. — Veremos. Mas se nós mudássemos de assunto? Falar de política aqui, no jardim do Recreio! Se soubesse, minha filha, como ando farto dessa história... Preciso distrair-me!...

A DAMA. — Falemos do que quiser, mas eu sempre ia dizer que não gostei do último discurso do seu colega...

O DEPUTADO. — (*aparte*) Estas raparigas, porque lhes damos alguma atenção, vão tomando umas liberdades!... (*alto*) Que tal a peça?

A DAMA. — O discurso?

O DEPUTADO. — Não, o drama que se representa.

A DAMA. — É uma revista! O senhor doutor perguntar-me pelas peças que eu não vejo é o mesmo que eu perguntar-lhe pelos projetos que o senhor doutor estuda...

O DEPUTADO. — Hein!

A DAMA. — Tem graça, não tem?

O DEPUTADO. — Decididamente devemos mudar de conversa.

A DAMA. — Aquele seu colega que o acompanha sempre, não é tão suscetível como o senhor.

O DEPUTADO. — Então converse com ele. Não faltava mais nada: um adversário!

A DAMA. — E o conagraçamento geral de que falam os jornais?

O DEPUTADO. — Minha filha, eu vou dormir.

A DAMA. — Então, não esteve hoje na Câmara!!

O DEPUTADO. — Se quiser conversar comigo à vontade, esperá-la-ei daqui a uma hora...

A DAMA. — Na tribuna parlamentar?

O DEPUTADO. — No Stadt Munchen<sup>155</sup>.

F.C.

---

<sup>155</sup> Cervejaria de renome, localizada na Praça Tiradentes, no Rio de Janeiro.

## Crônica 120

14 de dezembro de 1895

### DIÁLOGOS

- Acorda, José! É dia claro!
- Han?... que é?
- Acorda! Não me disseste que tinhas hoje muito que fazer e devias estar de pé às 5 horas da manhã?
- Sim. Que horas são?
- São cinco e meia.
- Deixa-me dormir mais meia hora. Às 6 em ponto chama-me!
- Então, se podias dormir mais tempo, porque me pediste para te chamar tão cedo?
- Quanto mais cedo, melhor... mas... han...
- Não parece! Sempre me saíste um mandrião.
- Cala a boca! não perturbes o meu sono!
- Isso não tem jeito nenhum. Que lucras em dormir mais meia hora? Mais te custará despertar depois!
- Deixa-me dormir; eu não quero conversas.
- É isto! é o que tu sabes fazer: dormir como um porco!
- Ó mulher! calas-te ou não?
- Não me calo! não posso ver certas coisas a sangue frio. E depois eu sempre queria saber que diabo de negócio é esse tão urgente que te faz levantar de manhãzinha?
- Sebo! tu o que queres é pretexto para me incomodares...
- É verdade que não te levantas! Daqui até que estejas desperto e de idéias claras... vai uma campanha como a de Tróia.
- Que inferno! Tu fechas ou não fechas essa boca!
- Anda, acorda! olha que assim estás prejudicando talvez os teus interesses...
- Deixa lá os interesses e dorme tu também...
- Pois não! tinha graça! Não vê mesmo que sou mulher para me transformar em lençol...
- Então, vai-te embora!
- Sou capaz de apostar que o tal negócio não passa de alguma sirigaita...
- Um beliscão! Que raio de mulher!
- O que! queres dar-me com o chinelo? Dá, anda, assassino! de ti eu devo esperar tudo. Sacia o teu furor, carniceiro! mata de uma vez a tua desgraçada mulher! Só te falta isso!
- Mulher, vai-te embora! não me faças perder o juízo; não me faças desesperar já de madrugada!
- De madrugada! É boa! Eu vou-me embora, porque não quero mais expor-me à sanha de um tigre. Sei do quanto és capaz e se não fosse ter filhos...
- Vai, desaparece da minha vista. Já me envenenaste o dia todo!... Bonito! lá está ela a passear na sala e a derrubar os móveis!... Hein! que foi isso que se quebrou?
- Não foi nada! Dorme!
- Bate com a cabeça, que é melhor! Decididamente preciso levantar-me e fugir daqui quanto antes...
- .....
- Sim, meu bem, se eu não brigasse contigo, tu não acordarias!

F.C.

## Crônica 121

16 de dezembro de 1895

### DIÁLOGOS

— A herança de Alexandre Dumas Filho<sup>156</sup> é avaliada em três milhões de francos. Que dizes a isto?

— Não digo nada. Estou aparvalhado.

— Isso em ti não é grande transformação! Três milhões, hein? Já se pode escrever em Paris... ao passo que nós aqui... hein?

— Aqui é difícil viver da pena, pelo menos viver com certas comodidades...

— Imagina que eu tivesse nascido francês, parisiense, trabalhando lá, no grande foco, no cérebro do mundo... hein?

— Deixarias três milhões?

— Talvez mais!

— Hum! meu caro!... Também não são todos... Há também os que toda a vida lutam debalde com a miséria, há os que sucumbem na penúria sem nunca terem tido um momento de abundância... Depois, é preciso ser Alexandre Dumas<sup>157</sup> ou Zola<sup>158</sup> ou Sardou<sup>159</sup>... E quantos de superior talento e enorme reputação não viveram e morreram pobres?

— Meu amigo, eu não serei talvez Alexandre Dumas Filho... O meu talento é diverso...

— Muito diverso!

— O meu espírito consagra-se a outro gênero de produção, a minha escola é outra...

— Distingo. Em matéria de escola eu conheço a dos que têm talento e a dos que o não têm. O mais é conversa!

— Creio que não seria nada de outro mundo um homem dotado como eu, e como eu amando apaixonadamente a sua profissão, ganhar milhões em Paris.

— Mas se no Rio de Janeiro, onde podemos fazer figura, não ganhas na proporção de um simples rabiscador de amenidades fúteis...

— Ora o Rio de Janeiro, este arraial povoado de analfabetos! Queres comparar uma tapera?...

— Eu não quero comparar coisa nenhuma! Não me torças o sentido das palavras. Estabeleço uma relação... mais nada! Digo-te que não fazes dinheiro aqui como escrevinhador, e no Rio de Janeiro os escrevinhadores também ganham para viver; ganham pouco, mas ganham. Ora, como quererias enriquecer em Paris na proporção dos grandes escritores, se te faltam outras coisas além do meio?

— Dá-me o meio e dar-te-ei os meios.

— Isso é apenas um mau trocadilho! A verdade, meu amigo, a triste verdade, que devemos confessar com o heroísmo de quem aplica sobre uma chaga própria um ferro em brasa, é que o Rio de Janeiro não é Paris...

— Jamais o será!

---

<sup>156</sup> O dramaturgo francês faleceu no dia 27 de novembro.

<sup>157</sup> Alexandre Dumas (1802-1870) dramaturgo francês.

<sup>158</sup> Émile Zola (1840-1902) escritor francês.

<sup>159</sup> Victorien Sardou (1831-1908) dramaturgo francês.

— E que nós dois, distintos escritores de extraordinário talento, tal como nos consideramos, não passamos de dois insignificantes pedaços d'asno!

F.C.

## Crônica 122

17 de dezembro de 1895

### DIÁLOGOS

A MULHER. — Se demoram muito tempo a converter em lei essa idéia sublime do divórcio, declaro desde já que a dispenso.

O MARIDO. — Isso não modificará o procedimento dos legisladores. Com ou sem a tua dispensa, a lei há de fazer-se, porque é um caso de salvação pública!

A MULHER. — Mas então para quando a guardam? Querem deixá-la para os meados do século futuro?

O MARIDO. — Se assim for, não se dirá que é uma lei fim de século!

A MULHER. — Que idade terei quando a votarem? E estarei ainda viva?

O MARIDO. — Ah! aí é que é... O que te importa sobretudo é que a lei não se demore para que não venha encontrar-te decrépita!

A MULHER. — Decrépita! Cuidado com a língua!...

O MARIDO. — Falemos sério. Tu já não és da primeira mocidade...

A MULHER. — Sim, mas estou bem conservada...

O MARIDO. — Não o contesto: há conserva e conserva. Tens resistido porque estás muito avinagrada, e deveria ser o contrário!

A MULHER. — Que é lá isso?

O MARIDO. — Uma reflexão passageira. Ora, tu já não és da primeira mocidade...

A MULHER. — Já o disseste.

O MARIDO. — Pois repito-o para acrescentar: nem da segunda!

A MULHER. — Atrevido!

O MARIDO. — Mas, enfim, nisto de idade, a gente tem à que parece.

A MULHER. — Oh! que novidade!

O MARIDO. — A observação é quase tão velha como tu, mas isso que tem, se é verdadeira?... Ora, tu podes ter sessenta anos...

A MULHER. — Sessenta anos!

O MARIDO. — É uma hipótese!

A MULHER. — Acho-a disparatada. Escolha outra!

O MARIDO. — Não é tanto assim. Tu podes ter sessenta anos, mas se pareces ter apenas cinquenta e oito...

A MULHER. — Como?

O MARIDO. — Não te deve importar ser um pouco mais velha.

A MULHER. — E tu, meu pinhão chocho?

O MARIDO. — Chocho!

A MULHER. — És velho, muito velho, e pareces sê-lo ainda mais!

O MARIDO. — Deixemos isso. Pela primeira vez nos achamos de acordo, plenamente de acordo, numa questão. Só o divórcio estabeleceria entre nós tão perfeita harmonia. É celebre, não achas?

A MULHER. — Praza a Deus que seja para os meus dias essa grande lei!

O MARIDO. — Oxalá possamos colher-lhe os abençoados frutos! Porque, digam o que disserem, o divórcio...

A MULHER. — É uma coisa soberba, quando vem a tempo!  
O MARIDO. — É, em qualquer circunstância, o que há melhor no casamento.

F.C.

## Crônica 123

18 de dezembro de 1895

### DIÁLOGOS

- A casa é boa, tem acomodações para uma família regular. Por quanto a aluga?
- Por cem mil réis!
- Oh! é baratíssimo! Pego-lhe já com ambas as mãos. E dizem que no Rio de Janeiro os senhorios exploram os inquilinos! Não há nada menos verdadeiro!
- Somos vítimas da implacável maledicência, principalmente dos gazeteiros.
- Pois está feito o negócio: fico-lhe com a casa, posso até pagar-lhe já... É minha, não a alugue a mais ninguém.
- Decerto. Uma vez que lhe serve...
- Quer já os cem mil réis?
- Espere. O aluguel é de cem mil réis, porém as luvas...
- As luvas! que luvas?
- As luvas do prédio, está visto! Agora usa-se dar luvas...
- Eu dispenso...
- Sim, o senhor pode dispensá-las, mas eu...
- Mas dar luvas a quem, se a casa está desabitada? Ao senhor?
- Está claro!
- Ah! E quanto quer de luvas?
- Cento e cinquenta mil réis.
- Mais do que o aluguel!
- Como todas as luvas!
- Todos os meses?
- Decerto.
- Relativamente são as luvas maiores que eu tenho visto.
- O aluguel hoje é nada. Toda a gente se queixava de que ele era excessivo; pois bem, fizemos a vontade a todos, reduzindo-o consideravelmente; mas aumentamos por outro lado...
- Essa maneira de reduzir está a pedir privilégio!
- Desse modo nada perdemos!
- Oh! pelo contrário!
- E até lucrámos uma redução enorme no imposto...
- Uma redução a valer!
- Porque, como sabe, pagamos ao fisco na proporção do aluguel.
- É sutil!
- Perfeitamente sutil!
- Mas não é honesto!
- Ora!
- Digo-lhe mais: é uma velhacaria! E com a agravante de tosquiarem ainda mais o carneiro do inquilino! De modo que nós, que já não temos camisa, nos damos ainda ao luxo de pagar luvas!
- Que remédio!
- Tem razão! Mantenho a minha palavra. Entretanto, não lhe pago adiantado.

— Nem me convém. Quero carta de fiança.  
— É justo.  
— De comerciante abonado...  
— Tenho um abonadíssimo, que é também senhorio.  
— Às [...] maravilhas!  
— Pudera!  
— Certidão de idade!  
— Também?! Mas a carta de fiança acautela tudo...  
— É indispensável que o senhor vá ao médico para ser examinado...  
— Como nas companhias de seguro? Mas a carta...  
— Se tem crianças, não me serve! Não admito crianças, posto que haja algumas encantadoras.  
— Bondade sua. A única criança que eu tenho é minha mulher, mas já está com 43 anos...  
— Ah! essa pode ser!  
— Obrigado pela sua condescendência.  
— Prefiro que faça a sua cozinha a gás.  
— Tratarei de satisfazer tão louvável desejo! E [...] mais? Quer também atestado de pároco?  
— Do pároco! para quê?  
— Atestado de pobreza!...  
— É inútil. Preenchidas todas essas condições, entregar-lhe-ei a chave do prédio... no caso de não haver mais lanço.

F.C.

## Crônica 124

19 de dezembro de 1895

### DIÁLOGOS

— Respeito muito o nobre colega, mas não posso de maneira nenhuma eximir-me de declarar que o nobre colega não tem brio.

— Inspiram-me igual acatamento as qualidades do digno cavalheiro com quem falo; porém, afirmo que o digno cavalheiro se acha literalmente bêbado!

— Por conseguinte, se alguém quisesse ter a caridade de aplicar ao nobre colega o corretivo que merece, talvez o brio lhe aparecesse, ao nobre colega, [...] que tarde!

— Seria conveniente que espremessem um limão ao ouvido do digno cavalheiro ou lhe despejassem sobre a cabeça muita água gelada!

— Não deverá queixar-se de que o não trato com a devida consideração. Note a maciez das minhas palavras.

— São de veludo. Do mesmo modo V. Ex. não terá o direito de dizer que não lhe dispenso toda a diferença. Veja a suavidade dos meus termos...

— São de arminho. Ah! é um gosto entenderem-se de tal maneira dois homens que tomaram chá em criança.

— Sinto unicamente que o precioso líquido, tão grato aos ingleses, lhe tenha tirado completamente o senso moral.

— O que é apenas para lastimar é que a V. Ex. o chá, complicado com grandes misturas nocivas, lhe subisse à cabeça e lá ficasse até hoje.

— Porque, enfim, V. Ex. é muito boa pessoa, não há dúvida nenhuma; mas eu tenho relógio de ouro e preciso abrir bem os olhos com V. Ex. a quem julgo muito capaz de mo empalmar.

— As suas maneiras, meu nobre colega, são as de um perfeito cavalheiro; porém, acho necessário que ponha uma cortina vermelha diante dos seus vícios de homem!

— Acrescentarei que muito me admira o fato de V. Ex. gozar de tanta saúde e ostentar as belas cores que todos lhe gabam, não tendo absolutamente sangue nas veias!

— Não menos me surpreende o milagre de ainda não haver morrido envenenado pela própria peçonha quem outra coisa não tem nos órgãos da circulação.

— V. Ex. confunde-me realmente!...

— O meu nobre colega penhora-me deveras!...

— Se em alguma coisa eu puder ser agradável a V.Ex... creia que será completa a minha satisfação.

— Se ao meu nobre colega me for dado prestar qualquer serviço, terei, asseguro-lhe, o maior contentamento.

— Dê-me o seu braço. Muito me orgulhará que vejam todos essa prova de intimidade.

— Perdão! Será toda minha a legítima ufania?

— Saíamos deste lugar viciado, onde não nos compreendem.

— Não nos conhecem. Mas onde vamos?

— À um ponto onde encontraremos ar puro, a um meio adequado aos nossos temperamentos...

— Qual?

— A praia do Peixe!

F.C.

## Crônica 125

21 de dezembro de 1895

### DIÁLOGOS

— Estou cansado de esperar o pagamento do par de botas que fiz para o senhor representar o seu papel de príncipe na tragédia que vai no seu teatro.

— Perdão, bom homem. Não é tragédia, é revista... coloquemos as coisas no seu lugar.

— Seja lá o que for. Para mim tudo é o mesmo. O que importa é que me paguem.

— Isso é lá com a empresa.

— Com a empresa! Eu não tenho nada com a empresa! O senhor é quem me encomendou as botas...

— Mas é a empresa que as paga. Vestuário ou calçado de fantasia, fora da atualidade, quem o paga é o empresário. É do contrato.

— Eu não quero saber do contrato. O empresário diz-me que quem paga as botas é o senhor, agora o senhor manda-me para o empresário. Isso é um jogo de empurra!

— Mas, bom homem...

— Vou para a imprensa!

\*\*\*

— A senhora lá do primeiro andar mandou dizer ao senhor que não feche mais o registro da água: senão, vai queixar-se nas Obras Públicas.

— Bem! Cá está o raio da mulher a implicar outra vez comigo. Quem é que fechou o registro, moleque?

— Eu não sei, não, senhor; minha ama disse que o senhor andava sempre a mexer no ladrão da água, só pra bulir com ela...

— Ora o estupor da velha!

— Que o senhor quer que ela morra de sede...

— Que a leve o diabo!

— Que não toma banho quando ela precisa tanto refrescar-se...

— Ah! refrescar-se!... Ora a baleia! Tanta gente morre afogada!...

— Mas que o senhor está enganado, porque ela vai para as impensas!

\*\*\*

— Viste o desaforo do Pedrosa?

— Qual?

— Não foste ao baile que ele deu anteontem?

— Fui.

— Pois não me convidou, o maldito! Só quer saber de mim para eu lhe prestar algum favor... Tratante!

— Se não foi esquecimento, tens razão para estar zangado.

— Estou furioso! Não é pelo baile! Que me importava o seu baile! Havia de ser fresco o seu baile!

— Não, esteve bem bom!

— Mas é um desaforo... Rompo com ele, vou dizer-lhe as últimas, hei de pô-lhe os podres na rua!

— Deixa lá! Uma coisa tão insignificante!...

— Não, filho! Isto é questão de dignidade. Vou para a imprensa!

\*\*\*

— Mas como quer a senhora que eu intervenha numa questão particular dessa natureza?

— Como! Então para que serve a polícia?

— A polícia nada tem que ver com isso.

— Ora essa é nova! Então a sirigaita da *Caninha Doce* rouba-me o meu homem.

— Caninha Doce?

— Sim, é a alcunha dessa peste... E a polícia deixa que eu seja roubada no meu homem, nos meus direitos!...

— Esses roubos, minha senhora, escapam à alçada policial...

— Pois então não sei qual é o préstimo da tal alçada se ela não me pode valer! Isto nunca se viu. Aqueles patifes!...

— Tenha paciência! A senhora mesma é quem pode, com bons modos, arranjar as coisas.

— Com bons modos! Verá os bons modos... Hei de pô-los mais rasos do que o chão. Vai ver o que eu faço.

— O quê?

— Vou para a imprensa!

\*\*\*

— Vêm todos para cá!

— E daí? Não há higiene nas ruas!

F.C.

## Crônica 126

23 de dezembro de 1895

### DIÁLOGOS

- Tens uma lida bengala! De que é?
- De junco! Isto tem um valor enorme. É da Índia... e trabalhada primorosamente!
- Sim!
- Não há no Rio de Janeiro quem possua outra igual.
- É assim tão rara?...
- Rara e preciosíssima! Quem me fez presente disto foi um capitão de navio, um inglês, o Walker, um milionário, que servia na Mala Real...
- Sendo milionário?
- Sim, por divertimento...
- Era milionário por divertimento!
- Não, servia na marinha mercante porque lhe aprazia muito viajar. Fantasia, excentricidade!
- Realmente! Poderia ter o seu *yacht*...
- Foi também ele que me trouxe este relógio.
- De presente?
- Não; isso também seria melhor! Paguei-lho muito bem pago. Ele apenas me fez o favor de aceitar a encomenda e executá-la. Pedi-lhe que me trouxesse um bom relógio da melhor fábrica inglesa... não olhando o dinheiro. Assim fez.
- E deste esse dinheiro, hein?
- Surdo! Mas aqui no Rio de Janeiro ninguém tem um relógio igual. Na Inglaterra mesmo não há melhor.
- Creio. Eu possuo este de prata, bem modesto. Custou-me vinte e cinco...
- Estás vendo esta bolsa?
- Não há igual no Rio de Janeiro...
- É exato. Sou eu a única pessoa que tem uma bolsa destas, no Brasil... Vê o trabalho.
- Rico trabalho!
- Vê a delicadeza destas malhas de prata.
- Malhas delicadíssimas!
- E o fecho? Como é original!
- Originalíssimo fecho!
- Calca-se o dedo neste [...] cordões...
- Os cordões à bolsa!
- E está fechada!... Pois esta bolsinha mandei-a vir de Paris.
- Pelo tal capitão?
- Não, por um diplomata belga que esteve aqui de passagem.
- Naturalmente, tiveste de a esvaziar depois, para pagar a sua importância.
- Não. Saiu-me baratíssimo! Oitenta mil réis!
- O diplomata não te esfolou. Onde mora ele?
- Está na Rússia.

— Manda-lhe pedir couro da mesma... Enfim, eu não posso ter as preciosidades que tu possuis; mas posso também mostrar a minha curiosidade. Vê isto?

— Um pedaço de chifre...

— De veado... Legítimo, filho! o que há de autêntico!

— É curioso, mas...

— Curiosíssimo e acrescentarei... (olha que isto é dizer tudo!) não há igual no Rio de Janeiro!

F.C.

## Crônica 127

24 de dezembro de 1895

### DIÁLOGOS

- Que tal te parece o caso?
- Perdido. Não há nada a fazer.
- Também assim penso. Vamos ser francos com a família, para que tome as medidas necessárias.
- Sim, mas não há pressa. Uma conferência médica que não durar pelo menos meia hora, que importância poderá ter aos olhos dessa gente?
- Dizes bem. Então conversemos.
- Está um calor diabólico!
- Sufocante!
- Parece-me que este ano vamos ter muito que fazer.
- Deus o queira. Haja moléstias, que não falta quem as cure.
- Quem as cure ou quem as não cure.
- Sim. A concorrência é enorme. Como vai a Ernestina?
- Assim. Mal restabelecida de uma séria enfermidade...
- Ainda?
- Ah! meu filho, não é uma companheira, é uma cliente! Já não sou seu bom amigo; sou exclusivamente seu médico.
- Não há gosto em descansar da profissão não saindo da mesma.
- E, demais a mais, ciumenta como um tigre.
- Que diabo quer?
- Ela tem e não tem razão. Eu não sou o casto José e há tanta rapariga jeitosa... A propósito: queres tomar parte numa ceia de rapazes?
- Com elas?
- Decerto. Quando se fala de uma ceia de rapazes, já fica subentendido que haverá raparigas.
- Vamos a isso.
- Amanhã. Encontrar-nos-emos no Eldorado.
- Sim. Um bocadinho de arte em primeiro lugar...
- Eu gosto muito do drama, mas prefiro, em matéria de teatro, um bom jardim...
- Alegre, com boa companhia... Como estará o doente?
- Deixa-o lá! Deve estar a despachar-se.
- A mulher está aflitíssima. Parece adivinhar o desenlace e mostra ter ao marido uma grande afeição.
- Coitada!... O nosso encontro pode também ser no Recreio...
- Sim, o Recreio... é talvez o melhor... Parece gente abastada.
- Se não me engano, ele foi negociante... Hei de apresentar-te à Joaninha.
- Que há?
- Vieram dizer-me que o homem já morreu.
- Já? Com a breca! Antes de acabada a conferência!
- Vamos! Vou passar o atestado.
- Eu vou fazer o mesmo a outro que tenho a decidir...

- Pois estamos combinados. A Joaquina não me escapa...
- Como os nossos doentes!

F.C.

## Crônica 128

25 de dezembro de 1895

### DIÁLOGOS

- Oh! a poesia do Natal!
- A bela consoada succulenta e inofensiva!
- A alegria ingênua e simples do povo!
- A missa do galo tão bonita e tão festival! Demônio! este bacalhau está duro de roer!
- Em compensação o polvo não presta para nada.
- Enfim, haja castanhas e vinho verde...
- Lá verde é ele, mas só de cor.
- Perdão: esverdeado!
- Mas cheira-me a rascante dos mais ordinários.
- O cheiro é o menos, mas o gosto...
- Oh! a poesia do Natal! Que recordações! Na roça, em pequeno, esta noite era a mais feliz da minha vida! Ia-se à igreja, que luzia no alto, em carro de boi...
- Como se acomodava a igreja no carro?
- Não, era na colina. O carro chiava cá embaixo... Sebo! que bacalhau duro!... lá dentro a música... uma música muito alegre...
- A propósito: manda cessar aquela guitarra e aquele baixo *habituê* das papas...
- E era uma festa!... moças assim!... risos, cantatas, gritos, uma confusão prazenteira com os mil acidentes da viagem, no escuro... e lá dentro sempre a música alegre, muita luz, muita flor em honra do menino Jesus... que já sorria na sua caminha de palha...
- E a bela consoada!... Realmente este vinho sabe ser detestável!...
- E quando soavam as campainhas anunciando a festa! Que movimento! Que atenção!
- Aqui seria preciso o sino grande.
- Que nome dão a isto?
- Rabanada!
- Ah! mas por que lhe põem azeite doce?
- Não é azeite, é mel!
- Que mel!... Safa! o calor está impossível! Oh! a poesia do Natal!
- Ora graças! sempre consegui!...
- O quê?
- Partir esta posta do bacalhau...
- Se eu não apanhar hoje uma indigestão...
- Mais um copo... Pois, meu filho, é isto... onde estava eu?... ah! à volta era uma grande ceia...
- Tal qual está!
- Leitão, peru, o diabo! E baile, e fogueira toda a noite para assar batatas...
- Duvido de que pudesse assar estas...
- Tudo em honra do menino Jesus... Sim, o menino... a missa... Cá está a mesa a andar à roda...
- É o vinho! Também eu me sinto um pouco tonto!... Vamos tomar ar...

- Oh! a poesia do Natal!
- A bela consoada inofensiva...
- Tenho a minha conta com o bacalhau!
- A alegria ingênua e simples do povo!... Com a breca! que náuseas!
- Não fomos à igreja, mas é força ir à botica.

F.C.

## Crônica 129

26 de dezembro de 1895

### DIÁLOGOS

— Os jornais andam todos cheios da doutrina de Monroe<sup>160</sup>. Não falam de outra coisa. Que vem a ser isso?

— Que! pois não o sabes ainda?... Vou explicar-te...

— Sim, põe-me essa doutrina em pratos limpos, porque ando muito intrigada com o caso.

— Figuro um exemplo para tua melhor compreensão, um exemplo vulgar, tirado da vida real, da vida doméstica, um exemplo que tu conheças bem.

— Pois sim. Figura lá.

— Imagina que somos casados...

— Não é preciso imaginá-lo, porque é fato.

— Um com o outro!

— Ora!

— Eu sou teu dono; tu és minha propriedade...

— Não quero imaginar tal coisa...

— Que tem isso? Demais, é verdade... Ora, eu posso não gostar nada de ti, estar farto de tua companhia, até aos olhos, porque tu sabes ser desagradável...

— Perdão: isso é imaginado?

— Não me interrompas, quando procuro exemplos da vida real. Sabes ser desagradável e estou cansado de te aturar. Não posso, porém, admitir que alguém atente contra a minha soberania e propriedade roubando-te. Faço empenho em te conservar por uma questão de princípio; defendo a tua posse não porque valhas muito, mas porque a minha dignidade impõe tal defesa contra qualquer ladrão que me queira privar de ti.

— Ora adeus! isso nunca foi doutrina de Monroe. É coisa muito diferente...

— Então conheces a doutrina?

— Sem dúvida. Queria ver o que dizias. Monroe pregou: A América para os americanos...

— Ai está. Tu és a minha América, o meu continente, eu defendo-te com unhas e dentes contra qualquer estrangeiro que venha roubar-te um pedaço.

— Logo, é como se dissesse: Minha mulher é minha!

— Que dúvida!

— Esse princípio é justo, lógico, fundado na razão e na moral?...

— Na mais pura moral, na mais sã razão, na mais absoluta justiça...

— Nunca a admitirias a hipótese de que tua mulher, a tua América, se deixasse roubar pelo estrangeiro.

— Isso seria contra a natureza. Tal não concebo!

— Apanhei-te cavaquinho!

---

<sup>160</sup> No dia 19 de dezembro, publicou-se n' *A Notícia*, com o título "A doutrina de Monroe", o seguinte: "A 1 ½ hora da tarde colhia-se, na câmara, assinaturas para a seguinte moção: 'A câmara dos deputados da República dos Estados Unidos do Brasil felicita a câmara dos representantes da grande União Americana do Norte pela digna mensagem do presidente Cleveland, que tão nobre e altivamente defende os direitos à soberania e à liberdade das nações americanas, consagrada nas doutrinas do imortal Monroe.'"

- Como!
- Agora responde: se a América é dos americanos, se tua mulher é tua, porque é que os americanos querem fazer conquistas em outros continentes...
- Os americanos? em que continentes?
- Porque é que tu andas atrás das outras mulheres?

F.C.

## Crônica 130

27 de dezembro de 1895

### DIÁLOGOS

- Fiz bem em não ir à última tourada.
- Por quê?
- Porque decerto tomaria parte no sarilho, e eu, quando entro numa desordem, sou medonho. Não olho a quem está de guarda! Seria capaz de matar um homem!
- Oh! que gênio! que entranhas!
- Demais, tourada com boi manso é coisa que não suporto. Tourada é tourada!
- Sim: aí tens razão. O público estava no seu direito manifestando desagrado; mas do modo porque o fez...
- Adeus! Devia escangalhar tudo. Abusaram dele, enganaram-no...
- Os empresários também foram enganados. Estavam de boa fé.
- Qual história! Fizeram crer a toda a gente que nunca tinham aparecido no Rio de Janeiro bichos tão ferozes; puseram os seus touros nos chifres da lua, e afinal foi o que se viu. À hora de mostrarem a sua ferocidade, os bichos portaram-se com uma mansidão, uma covardia indignas de um coelho!
- Ninguém podia prever...
- Fez bem o público, e eu fiz bem em lá não ir. Só compreendo touradas com muitos perigos, muito sangue... mortes...
- Horror!
- Cavalos estripados!
- Jesus!
- Cavaleiro de pernas para o ar.
- Ui!
- Bandarilheiros em postas!
- Nossa Senhora!
- E toureiros *liquidados*!
- Mas a quem saíste com tais instintos?
- Um homem é um homem! O sangue atraindo-me, encanta-me; o perigo fascina-me; e uma tourada é um jogo de coragem e destreza. Desde que destreza e coragem não são postas à prova na luta do homem com o boi, que interesse pode haver na luta!
- Sim, porém daí a querer sangue e mortes...
- Maricas!
- Hein! que é aquilo? Um cão estendido na calçada, morto...
- Não, ainda se mexe...
- Está agonizante. Naturalmente, foi pisado por um carro. Vamos vê-lo de perto.
- Não. Tenho pressa.
- Vem, anda! Um instante!
- Não posso...
- Por quê?
- Porque sou muito nervoso e não posso ver um cão a morrer assim.

F.C.

## Crônica 131

28 de dezembro de 1895

### DIÁLOGOS

- É o senhor mesmo o Sr. Fábio Queiroga?
- Um seu criado.
- A recomendação que me traz é ótima. Quem mo apresenta é um dos meus mais íntimos amigos e colega distinto. Estou às suas ordens.
- Obrigado. Vejo que fui feliz recorrendo ao valimento do meu apresentante.
- Com certeza. Conte com minha boa vontade; nada posso recusar ao meu colega e amigo. Diga.
- Sou muito pobre, tenho família a sustentar e preciso de um emprego.
- É justo.
- Tenho algum preparo, estudei no Caraça, frequentei duas academias...
- Ah! é formado?
- Não, senhor. Abandonei a Faculdade de Medicina, julgando ter errado a vocação, para cursar a de Direito; deixei o curso jurídico...
- Verificando ter-se enganado...
- Não, senhor. Uma paixão contrariada. Foi logo no 2º ano...
- São muitos os rapazes que deixam a academia no 2º ano.
- Perdão; eu frequentei a Academia a valer...
- Não o ponho em dúvida. Assinalo apenas um fato. Mas vamos ao seu negócio.
- Julgo que estou no uso de [...] a um emprego decente, de vencimentos razoáveis.
- Está muito [...], pois não! Que deseja o senhor? Tem algum cargo em vista? Há vaga que lhe sirva?
- Parece-me que há.
- Então, se estiver na minha mão colocá-lo nessa vaga, será o senhor o preferido.
- Está na sua mão e por isso venho pedir-lhe que ma dê.
- A vaga?
- A mão. O senhor é cunhado de um íntimo da pessoa que me pode arranjar!
- Há muitos candidatos ao lugar?
- Duzentos e quinze.
- Diabo! Repito que a recomendação que me traz é ótima. Não poderia ter melhor apresentante... mas à vista de tantos candidatos... e eu pouco valho...
- Oh! vale muito, que eu sei. Cunhado de um íntimo do... Na qualidade de cunhado, é uma boa cunha!
- Mas qual é o emprego?
- Eu desejo um lugar numa casa bancária...
- Numa casa bancária?
- Sim, dessas de comissões e descontos!
- Ah! um *book-maker*?
- Sim, senhor!
- Oh! o senhor sabe pedir! Por um pouco mais, queria ser presidente dos Estados Unidos!
- Então, não é possível?...

— Nem pense mais em tal! A sua recomendação é ótima, não há dúvida; mas não está na minha mão servi-lo. Pensei que pretendesse uma coisa fácil; por exemplo: um lugar na Câmara...

— Como deputado?

— Não, como contínuo!

F.C.

## Crônica 132

30 de dezembro de 1895

### DIÁLOGOS

— Recebendo os meus vencimentos deste mês, fiquei um pouco folgado de finanças, o que não me sucedia há muito tempo. Tudo o que ganho é para pagar dívidas; o dinheiro não me chega para nada, e não o aqueço na algibeira.

— Do mesmo me queixo eu. Nós, pobres funcionários não somos donos de nosso dinheiro; somos apenas depositários...

— Ordinariamente, pagas as minhas dívidas mais sérias...

— A maior parte?

— A menor. Falo daquelas que não posso deixar de satisfazer; as outras ficam em aberto...

— Comigo é o mesmo.

— Ficam em aberto invariavelmente; mas que hei de fazer? livre das dívidas que hão de ser pagas por força, fico apenas com uns magros cinco ou seis mil réis que não servem para nada.

— Então, a gente gasta esse dinheiro à toa...

— Deita-o fora; é o que eu faço. Por pouca saúde mais vale nenhuma.

— Apoiado!

— Ora, este mês fiquei um pouco folgado e com oitenta e tantos mil réis disponíveis, resolvi tirar o relógio do prego.

— Bravo!

— Um bonito relógio de ouro, que regula na perfeição e dá sessenta mil réis no Samuel.

— Que bom relógio!

— E que saudades eu tinha dele! Dirigi-me pois à casa aonde ele estava pendurado, contentíssimo à idéia de o resgatar.

— Nobre e dulcíssima comoção!

— Mas em caminho lembrei-me de que precisava de um par de botinas. Apertando um pouco a despesa do imprescindível calçado, eu apanharia as botinas e o relógio.

— Sem dúvida. Apertando um pouco...

— Mas não havia almoçado, era meio-dia e eu tinha uma fome de palmo. Nem um amigo ou conhecido que me desse almoço! Passada a hora da minha pensão, não tenho outro remédio senão comer no hotel.

— Ou na casa alheia.

— Sim, mas à hora própria. Na casa alheia ao meio dia já se tem almoçado; eu não podia esperar a hora do jantar e sem comer ninguém vive. Saco vazio não se tem de pé; passa-se sem relógio, mas não sem almoço.

— Tens razão.

— Fui, pois, a um restaurante cujo nome não digo para não lhe fazer reclamo. Tanto mais quanto a essa casa fatídica devo o desastre que me aconteceu.

— Um desastre?

— Pavoroso! Logo à entrada, estava sentado a banquetear-se o Rogério: — Bravo! pensei eu comigo. Estou convidado! — Assim foi: — Senta-te e almoça, disse o Rogério. E eu, já se compreende, não me fiz de rogado.

— Pudera!

— Para encurtar razões, descansando na amabilidade do patife, comi como se come à custa alheia, escolhendo os melhores pratos e os melhores vinhos. Imagina a minha cara quando o Rogério, terminado o seu almoço pagou a *sua* despesa e saiu depois de um adeus malicioso e irônico. Epílogo: gastei no restaurante 16\$000, inclusive a gorjeta.

— Safa!

— O meu mau humor não durou muito tempo, porque eu tinha almoçado bem e o vinho me dera idéias amenas. Que diabo me havia ele de sugerir?

— Um passeio com uma rapariga alegre?

— Qual história! Comprar todos os bilhetes de loteria que restavam num quiosque fronteiro ao hotel. Os bilhetes que se arrematam assim a torto e a direita são às vezes os felizes!

— Mas salvaste o dinheiro das botinas?

— Não salvei nada. Foi-se tudo, e os bilhetes saíram brancos.

— Que caiporismo! De modo que desta vez ainda não pudeste levar a cautela...

— Ah! a cautela! Vendia-a por 10\$ ao meu charuteiro.

F.C.

## Crônica 133

31 de dezembro de 1895

### DIÁLOGOS

1895. — Salve, esperançoso menino! Vens substituir-me? Acabada a minha missão, não calculas o prazer com que te cedo o lugar.

1896 (*desdenhoso*). — Substituir-te, eu! Não, não sou, não quero ser teu substituto!... Deus me livre de semelhante vergonha!... Quando muito, sou o teu sucessor.

1895. — Cospe para o ar, insensato! Também eu fui bom, bonito e querido, como és hoje, mas a Fatalidade não me permitiu realizar as promessas e esperanças que trouxe o meu nascimento! Também eu fui *Ano Bom*, como tu; todos me queriam e festejaram a minha chegada... Agora sou o vil, o execrado, o abominado 1895, que todos anseiam por ver pelas costas. Despedem-me com um pontapé no lugar destinado especialmente para receber os supremos ultrajes.

1896. — Ah! não deixas saudades, não! Porque foste tão mau, ano bom de há 365 dias?

1895. — Não fui tão mau como dizem, bom ano infantil de 1896. Poderia ser muito pior! A humanidade é ingrata; não esquece pequenos desgostos que lhe dei, mas tem atrofiada a memória do coração para os grandes benefícios que lhe fiz e as horas de felicidade que certamente lhe proporcionei, sem lhe pedir outra recompensa além do empenho de as lembrar sempre, com o reconhecimento ou a simpatia que devemos a quem nos é útil ou agradável.

1896. — Serviços? falas de serviços que ninguém conhece ou recorda; não te limitaste a ser útil, foste pernicioso... Fizeste mal a muita gente, desalmado! Ao passo que eu, ano bom, criança sorridente, sadia e feliz, nascida para ventura do gênero humano, eu trago o bem para todos; venho cheio de amor para os mortais, a converter-lhes a existência num sonho de perpétuo gozo e de perpétua maravilha...

1895. — Louco! Sabes lá o que estás dizendo! Podes de algum modo garantir a realidade do que com tal estouvamento asseguras? És bom? também eu o fui! Nascestes com as melhores disposições em favor dos homens? também eu trouxe esses bons desejos, que nunca pude transformar em bons ofícios!... Imaginas, porventura que, fazendo o bem e o mal, obedeci apenas à minha vontade e que os anos são felizes ou desgraçados, na medida do seu propósito? A mesma lei fatal do Destino que governa os homens, tem-nos sob o seu irresistível império. Que podes afirmar? que podes prometer?

1896. — Tudo. Vê-lo-ás. Não nego a força suprema que tudo rege e determina; mas Deus permite que a nossa vontade firme, bem encaminhada e servida, seja capaz das maiores conquistas. Quem nasce com ânimo tão puro e tão forte será completamente feliz ou, sendo-lhe o Destino adverso, poderá conjurar os perigos que o ameaçarem; mau, o mal que pela Fatalidade for impellido a fazer, será capaz de o diminuir e remediar; bom, todo o bem que lhe for permitido, há de ser completo, absoluto, incondicional.

1895. — Falas como um bacharel verboso...

1896. — Não é isso um pleonasma?

1895. — Talvez. Falas como um bacharel, e mal nasceu! Não admira isso, depois das Faculdades Livres!... Pois, elétrico infante meu sucessor, daqui a 365 dias terei notícias tuas bem diferentes daquilo que me anuncias.

1896. — Daqui a 366 dias, (porque eu sou bissexto)...

1895. — Ah! é verdade! Ainda mais essa! Cuidado! Ignoras que os anos bissextos são fatídicos?

1896. — Daqui a 366 dias desaparecerei na voragem do Tempo, coberto de bênçãos por todo o universo reconhecido.

1895. — Fia-te no Universo reconhecido! Uma Abissínia<sup>161</sup> intolerável, contra a qual não há soldado italiano que possa, este mundo ingrato e perverso! Sim, porque o mundo é que é mau: recebe-nos invariavelmente com sorrisos e com afrontas invariavelmente nos manda embora! Já te constou que houvesse grata memória de algum ano dos decorridos até hoje em tantos séculos e séculos?... Vai, criança louca, vai cumprir a tua missão e fica certa de que, quando a terminares, não deixarás ninguém satisfeito.

1896. — Cessa, ave de mau agouro, e desaparece de vez nas profundezas do Nada!

1895 (*sarcástico*). — Pronto! Morto por isso estou eu!... Olha: toma esta ventarola! É fresco o mundo, mas agora reina aí um calor dos diabos!

1896. — Nos países tropicais!

1895. — Em toda a parte. O calor está nas almas... Leva a ventarola... (*Aparte*) A aragem aviva a chama...

F.C.

---

<sup>161</sup> Atuais Etiópia e Eritréia.